



UMA PONTE
PARA TEREBIN

Leticia Wierzchowski

ROMANCE



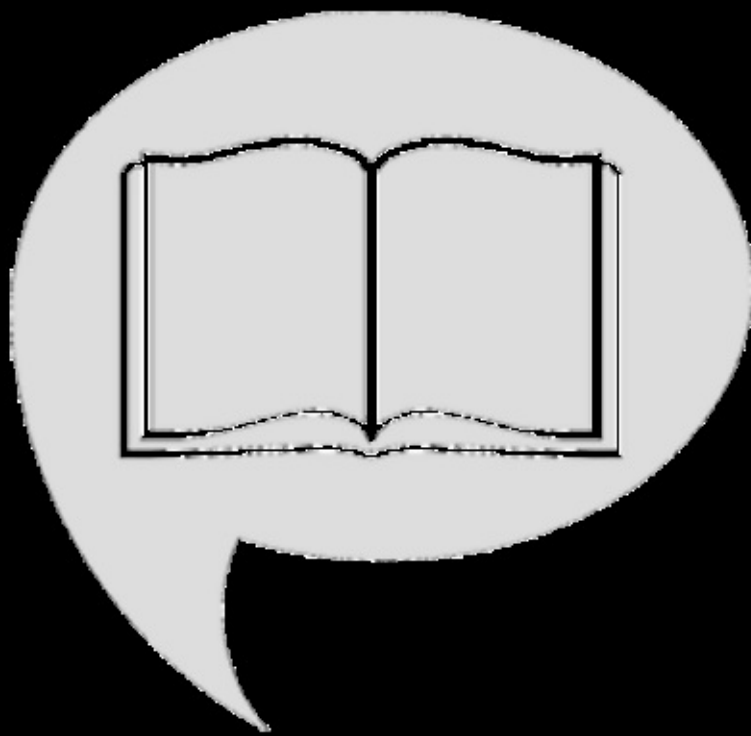


UMA PONTE
PARA TEREBIN

Leticia Wierzchowski

ROMANCE





M

esclando fatos históricos com a vida dura de um imigrante no início do
s século XX, ela descortina a chegada do avô ao Brasil, a adaptação a um

n

ovo mundo, uma nova língua, outros costumes. A busca por uma

e esposa: a serena e forte Ana. A força feminina que alinhava o romance. O

l livro conta as andanças desse personagem fascinante. Um homem capaz

d

e abandonar a segurança de uma nova pátria para cair de cabeça em

u

ma das guerras mais sangrentas da história. Sim, o jovem

W

ierzchowski voltou à Europa para combater Hitler e, segundo as

pesquisas da neta, conquistar um ou outro coração.

“Pois os homens não são somente eles; são também

a região onde nasceram, a fazenda ou o apartamento da cidade onde aprenderam a andar, os brinquedos que brincaram quando crianças, as lendas que ouviram dos mais velhos, a comida de que se alimentaram, as escolas que freqüentaram, os esportes em que se exercitaram, os poetas que leram e o Deus em que acreditaram.

Todas essas coisas fizeram deles o que são, e essas coisas ninguém pode conhecê-las somente por ouvir dizer, e sim se as tiver sentido.”

O fio da navalha, William Somerset Maugham

JEDEN

1.

Quando exatamente ele decidiu partir da Polônia e tentar a sorte na América, eu jamais saberei. E como todos aqueles que me poderiam esclarecer este fato já morreram há muitos anos, esta história se inicia de um mistério infundável.

O caso é que, no dia 6 de agosto do ano da graça de 1936, Jan Wierzchowski compareceu perante um funcionário do Estado Civil e fez registrar, para fins burocráticos, o seu casamento, ocorrido seis anos antes, no dia 26 de novembro de 1930, às doze horas, numa paróquia da cidade de Ozarów, diocese de Sandomierz, Decanato de Zawichost, onde tomou em matrimônio Feliska Aniella Larkonska, nascida em 1912, no mesmo ano que ele, e sua prima em segundo grau, linha à parte.

Um mês depois, como um dos muitos preparativos para a imensa, misteriosa e aterradora viagem que ele efetuará com o intuito de mudar sua vida, Jan Wierzchowski solicitou e recebeu dois passaportes, um para

si, outro para Feliska, e com eles (mais o pagamento de um pedaço de terra adquirido em Guarani das Missões, Distrito de São Luiz Gonzaga, no interior do Rio Grande do Sul) estavam concluídas as disposições para atravessar o mundo. Apenas alguns meses antes disso, um seu tio de nome Alexandre havia tomado um navio e seguido para essas terras a fim de melhorar uma vida que eu imagino duríssima; ou então, por fruto de uma incomensurável percepção, o tio fugia da sombra aterradora de uma Alemanha que se rendia às ambições de Adolf Hitler — naquele mesmo ano de 1936, de Chanceler, Hitler passara a ocupar simultaneamente os cargos de chefe de Estado e primeiro-ministro da Alemanha.

Jan, como a maioria dos poloneses, tinha ficado muitos anos servindo no exército. A Polônia, depois de diversas partilhas, durante 113 anos havia desaparecido do mapa; mas naqueles tempos vivia um período de recalcitrante paz e unidade. Porém, o rearmamento da Alemanha, as suas constantes quebras de cláusulas do Tratado de Versalhes sem que a França ou a própria Inglaterra tomassem medidas enérgicas, a invasão da Etiópia pela Itália de Mussolini (amparado em Hitler e contando com a sua ajuda) eram terríveis indícios de que uma catástrofe estava prestes a se abater sobre a Europa. A Polônia, sendo vizinha da Alemanha de um lado e do outro tendo fronteiras com a Rússia, seria uma das primeiras nações a sentir os respingos da ambição alemã.

Não sei se o próprio Jan levava todas essas considerações muito a sério quando resolveu ir embora da sua pátria, que ele amou com incansável fervor até o último momento da sua vida, ou se viajava para se afastar da sombra de um pai rígido, cujo legado, uma pequena granja em Terebin, era o que lhe caberia como destino final, mesmo que dividida com os outros quatro irmãos — e Jan jamais teve talento para a vida rural.

Enfim, até aquele ano de 1936, quando deixara por opção pessoal o trabalho nos escritórios do exército (o que lhe facilitava um conhecimento da situação política talvez maior que o dos poloneses que viviam de outras

profissões), Jan Wierzchowski, meu avô, não tivera uma vida fácil. Desde menino seu temperamento forte se fez salientar e, talvez por isso, o pai, também de nome Jan (pois sempre houve e sempre haverá um deles em

cada geração da nossa família), tinha para ele uma palavra sempre mais dura, mais inexpugnável, e talvez mais cruel.

Entre as histórias que me contaram sobre a sua infância, apoiei-me em

algumas para criar a sua figura, o menino que ele foi e o homem que, num

mês de setembro, de braço dado com a esposa, aos vinte e quatro anos abandonava a terra natal para seguir no rumo da América, com um

punhado de zloty no bolso e uma determinação na alma que certamente o

levaria, como de fato o levou, a uma vida de sucesso e de fartura — de felicidade não sei, pois desde que comecei a imaginá-lo, há tantos anos, até

hoje, não pude assegurar que Jan tenha sido verdadeiramente feliz.

Assim foi que me contaram: tinha uns oito anos quando vieram os

bolcheviques sob o comando de Kamieniów. Invadiram a Polônia para atacar

Varsóvia. Tal invasão foi violentamente rechaçada pelo povo polonês, sob o

comando de Józef Pilsudski. (Depois deste episódio, Pilsudski haveria de governar o país por muitos anos sob regime totalitário, paradoxalmente protegendo o sempre sofrido povo judeu.) Enfim, o pai de Jan foi convocado

e lutou contra os bolcheviques — que perderam a batalha e foram

perseguidos de maneira violenta pelos poloneses até a fronteira russa, causando este evento uma série de lutas e invasões, tanto no avanço quanto

no recuo, e num desses sucessos, contaram-me que a aldeia onde a família

do meu avô vivia foi violentamente atacada.

Minha bisavó, que aqui chamarei apenas de Aniela, tratou de recolher os

dois filhos que tinha naquele tempo, Jan e Helena, e fugiu com eles para a

floresta, escondendo-se no alto de uma árvore. Ali, os três permaneceram

por um dia inteiro e uma noite, com fome e com frio, vendo ao longe arder a

aldeia. Ali, Jan permaneceu por muitas horas, pensando sabe-se lá que coisas — não seria aquela a

última catástrofe de fogo e medo que sua família viveria, mas Jan, sendo um menino, decerto apenas ansiava por segurança e um prato de sopa quente. Desconheço os traumas que desse episódio lhe ficaram, com exceção de um, por sinal muito curioso.

Quando por fim as chamas se extinguiram, Aniela mandou que o filho fosse até a casa onde viviam e tentasse encontrar cobertores e alguma coisa

de comer, recomendando-lhe que fugisse a qualquer sinal de presença

humana. Jan foi sem reclamar. O que viu lá deve ter-lhe deixado grande impacto na alma, pois a casa fora destruída e a horta, queimada. Jan revirou

e revirou, armários já não havia — só conseguiu encontrar, enterradas lá no fundo do terreno, e insignificantes demais para serem notadas, umas raízes conhecidas como “cenouras de cavalo”. Jan recolheu um punhado e,

voltando à floresta, apresentou-as à mãe. Com elas, os três viveram por algum tempo. Quando a provisão de raízes estava por acabar, Jan tratava de

se esgueirar até a granja novamente. Como Aniela logrou sobreviver com os

filhos e em que circunstâncias pôde retornar à aldeia, eu não imagino.

Sobreviveram os três, e a casa foi reconstruída no devido tempo. Quanto ao

meu avô, jamais haveria de comer cenouras outra vez. Muitos anos mais tarde, já em Porto Alegre, se por um descuido Anna servia cenouras à mesa,

era com grande cólera que ele mandava que a esposa as jogasse no lixo.

Aos 14 anos, Jan fugiu de casa. Nessa época, tendo o pai retornado à vida

cotidiana e ao seu trabalho de professor e diretor de uma escola agrícola,

viviam eles em Terebin, uma pequenina aldeia não muito distante da

cidade de Cracóvia, em cuja igreja Jan havia sido batizado. Fugiu uma noite

sem deixar adeus ou avisos, tomando a estrada no rumo que supunha ser o

da capital. Andou durante dias em improváveis condições, até que logrou meter-se sob o vagão de um trem e, não tendo morrido nessa perigosa empresa, chegou a Varsóvia imundo, exausto e sem uma pessoa a quem

pedir auxílio ou guarida — mas tinha vencido 300 quilômetros sem gastar

tostão. De seu, possuía a roupa do corpo e umas moedas que trazia num bolso interno da roupa. Confiante nelas, seguiu até um bar e postou-se no

balcão; havia ali muita gente e talvez entardecesse, pois o lugar estava repleto de homens que descansavam do longo dia de trabalho. Jan se

achegou e, chamando o garçom que ali atendia, derramou umas moedas sobre o balcão e quis saber:

“O que se pode comprar aqui com isto?”

Não sei se o garçom teve pena daquele menino de rosto sério e sujo que jamais guardara ares infantis, mas respondeu simplesmente:

“Um chá açucarado ou dois chás sem açúcar.”

Ao que Jan retrucou: “Quero dois chás sem açúcar, por favor.”

Este diálogo foi acompanhado por um senhor que bebia em pé ao

balcão, e pela sua estranheza, pela sua dureza, pelo que as palavras, tão poucas, deixavam perceber de misterioso e de real, foi que o homem se virou para o jovem Jan e perguntou: “Você vem de onde, meu rapaz?”

“De Terebin”, respondeu Jan.

“E por que está aqui, e acompanhado de quem?”

Respondeu-lhe o avô que estava ali em busca de trabalho, e que viera sozinho, pois tinha saído de casa havia cerca de três dias.

“E você tem um teto onde passar a noite?”

“Não”, respondeu Jan, para quem o simples fato de haver chegado a

Varsóvia, onde ele jamais pusera os pés antes, era, em si, um motivo de contentamento, e um final feliz.

Ignoro o que pensava aquele senhor que se pôs de assuntos com um

jovem pobre e desconhecido; não sei se era bom demais da conta ou se hoje

é que mudaram as gentes. Mas sei que ofereceu a Jan um emprego de vigia

de obra. Era engenheiro e estava justamente buscando uma criatura que fosse viver no terreno da construção que ele estava erguendo, e que

tomasse conta de tudo ali durante a noite, quando cessavam os trabalhos.

Talvez Jan, com sua obstinação e sua coragem, inspirasse confiança; talvez

tenha sido o fato de que, em casa, no calor e no conforto de um lar rico, aquele homem tinha um filho da

mesma idade do meu avô, e que esse filho,

tendo tudo, mostrava-se fraco e desgostoso, e aquele outro ali na sua frente, malvestido, cansado e faminto, parecia-lhe capaz de tanta coisa.

Assim Jan encontrou quem lhe pagasse um jantar, e mais ainda: saiu do

bar com um teto sob o qual se abrigar. Depois daquele dia, o senhor cujo nome eu jamais soube (e em nenhuma carta ou papel ficou registrado), foi

para Jan como um outro pai e mais ainda: um exemplo. À sombra dele, Jan

aprendeu uma profissão e ganhou confiança em si. Crescendo na pequena

hierarquia daquela empresa, passou de vigia a auxiliar de pedreiro, e daí a

pedreiro, e assim por diante. Não tenho dúvidas de que meu avô

abandonou assim a infância: jogando-a sobre os trilhos daquele trem no qual foi rumo ao seu futuro. E mais: o que aprendeu com aquele homem que lhe deu a mão foi um exercício que jamais deixou de praticar até o último dos dias da sua vida — o auxílio ao outro.

Em Varsóvia, Jan se tornou o arremedo do homem que viria a ser, e

voltou a estudar nas horas livres, e conheceu o gosto de uma profissão que

lhe aprazia, pois nele não estava o dom de lavrar a terra, mas o de erguer

sobre ela quatro paredes e um teto.

2.

Meu avô trabalhava havia já alguns meses naquela obra; era pedreiro

durante o dia e, nas horas da noite, vigia. Um dia, o tal engenheiro chamou-

o ao escritório para uma conversa em particular. Imagino meu avô com seus grandes olhos vívidos, tomando lugar na cadeira, limpando

desajeitadamente as mãos na roupa suja de poeira.

“Tenho uma proposta a fazer-lhe”, disse o engenheiro.

Jan concordou; estava ali para obedecer, pois tinha plena consciência do

quanto devia àquele homem. E qual não foi o seu espanto quando ele o convidou a ir viver no bairro elegante onde ocupava uma casa confortável

juntamente com a esposa e o filho único. Lá havia um quarto vago, disse o

engenheiro. E Jan era a pessoa ideal para ocupá-lo.

“Você poderá trabalhar durante um turno e estudar no outro. Ou mesmo à noite. Você é um jovem inteligente, e não há motivo para desperdiçar esta inteligência num eterno trabalho braçal.”

“Motivo há”, respondeu Jan. “O senhor se esquece de que trabalho aqui para sobreviver e que não tenho meios para pagar os meus estudos.”

O engenheiro sorriu e acrescentou: “Você viverá em minha casa, junto à minha família, e eu o tratarei como a um filho. Eu mesmo pagarei parte dos seus estudos, a outra parte descontarei do seu salário conforme me parecer justo.” Inclinou-se para a frente e concluiu: “É uma proposta irrecusável. Um trato de cavalheiros.”

Imagino como seria a aparência deste personagem: um homem alto, um pouco magro, nem velho, nem moço. Algumas cãs estariam escondidas entre seus cabelos castanhos, seus olhos seriam azuis e fleumáticos. Sua voz teria uma entonação límpida, modulada. Levava um nome influente e vivia com fartura num país onde a maioria passava por graves sacrifícios,

mas não poderia ser considerado um homem rico. Era, isso sim, um humanista. Acreditava na gente e por isso resolvera apostar suas fichas naquele jovenzinho do interior. Porque havia alguma coisa de especial nele.

Na sua cadeira, sentindo o corpo pinicar de dúvida, Jan não ousava dar uma resposta ao patrão. Tudo aquilo lhe parecia irreal. O que o engenheiro lhe propunha era um presente, não um trato de cavalheiros, e Jan estava acostumado a pagar com seu trabalho por quaisquer benefícios recebidos.

“Eu não vejo, senhor, onde entra a minha parte nesse acordo”, disse ele por fim. Era um tipo orgulhoso desde muito jovem.

“Não é complicado de entender, meu amigo”, concluiu o outro. “Em troca do que lhe darei, você há de ensinar certas coisas ao meu filho... Meu filho, caro Jan, tem medo da vida. Ou a ignora completamente.” Sorriu outra vez,

um sorriso tímido: “Eu teria um imenso prazer se meu filho se tornasse parecido com você. Mas talvez a têmpera seja algo que não se aprenda. Isso

nós vamos descobrir.”

Não era uma situação usual. Jan tinha discernimento para compreender

que o tal rapaz haveria de odiá-lo. Um estranho em casa, recebendo do pai

afeto e educação, não era um bom começo para qualquer amizade.

Escolhendo bem as palavras, pois não queria ofender o único homem que o

ajudara em Varsóvia, Jan se explicou. Aquele plano tinha tudo para dar errado, era praticamente um convite para que o jovem o desprezasse; era

até compreensível que não gostasse dele.

“Eu mesmo”, disse Jan, “se tal coisa se passasse comigo...”

O engenheiro tornou a esboçar um sorriso: “Deixe estar, meu amigo.

Confie em mim. Meu filho é um rapaz solitário. Ele vai gostar de você.

Miejmy nadzieje”, concluiu ele. “Tenhamos fé. O que seria de nós sem ela,

afinal de contas? Um bando de bichos empurrando os dias para a frente, sem esperança de nada.”

Jan acabou por se render. Acreditava que a vida guardava, no fim do caminho, algum tesouro para ele, e não era à toa que estava sentado naquela cadeira, em frente àquele homem justo e bom. Desse modo, e com

a ajuda do destino, o arranjo funcionou. Em troca de cuidar de Jan e patrocinar seus estudos, o engenheiro de Varsóvia exigiu apenas que meu

avô lhe permitisse escrever aos seus pais, dando-lhes conta de que o filho

estava bem, vivendo com conforto e estudando numa boa escola. Assim foi.

3.

Iniciou-se então um período bastante nebuloso na vida de Jan. De fato,

ele se mudou para a casa do seu benfeitor, lá sendo tratado como uma pessoa da família. Logo o avô percebeu que seus receios não se

concretizariam: o filho do engenheiro e ele tornaram-se bons amigos, e Jan

passou a estudar no mesmo colégio que o rapaz.

Assim que acolheu meu avô, o dono da casa se embrenhou numa

honesto correspondência com o professor Wierzchowski, e conseguiu

convencer Jan a reatar laços com o pai. A primeira carta que ele enviou para Terebin em dois anos foi escrita para Aniela, sua mãe. Depois disso, escreviam-se mensalmente, até que, a um determinado tempo, Jan foi para

a fazenda passar umas férias com a família. Devia ter então uns dezesseis

anos e, depois da primeira visita, Jan passou a ajudar nas colheitas. Apenas

uma vez ele não ceifou o trigo junto com os irmãos, em função de uma viagem de estudos que fez à Alemanha com o filho do engenheiro, onde passaram quatro meses vivendo na casa de um jovem alemão de nome

Alfred e estudando na mesma escola que ele. Depois, foi a vez de Alfred ficar alguns meses em Varsóvia, na companhia de Jan — até que ele voltou

para a Berlim do nacional-socialismo, e os dois colegas passaram a manter contato apenas por carta. Foi uma amizade que haveria de marcar para sempre a vida do meu avô, pelo seu desenrolar e, mais ainda, pelo seu desfecho.

Depois da sua estada na Alemanha foi que Jan se apaixonou por Feliska.

Era época da colheita e ele estava em Terebin. Então, já tinha entrado para

o exército e servia regularmente, pedindo licença sempre que chegava a época de colher o trigo. Por serem primos, Feliska e Jan já se haviam encontrado em outras ocasiões; mas o tempo passara, e naquele ano de 1929 ele reencontrou a prima distante, espantando-se ao vê-la crescida e bonita, uma moça de cabelos negros e grandes olhos de um pálido tom esverdeado.

Iniciaram os dois um namoro, e Jan voltou a Varsóvia para continuar seu serviço. Para cumprir suas obrigações com a pátria, abandonara os estudos de engenharia, mas guardava um diploma de técnico em construção civil, e creio que tencionava cursar a faculdade tão logo tivesse meios para tanto.

Apaixonado pela prima, Jan encontrou motivos para retornar a Terebin

mais seguidamente do que antes. Um ano mais tarde, casava-se com

Feliska. Tinha dezoito anos e uma vida pela frente, e nos primeiros tempos

o casal tomou um arranjo que lhes convinha: Feliska ficava na granja ajudando os sogros e os cunhados na lavoura e Jan vivia em Varsóvia por

causa do exército. Equilibrando-se num amor de conta-gotas, viam-se

mensalmente, e quando o dinheiro sobrava, Feliska tomava o trem até

Varsóvia para estar uns dias com Jan. Certa vez, em Terebin, numa das ausências do marido, num dia qualquer de um rigoroso inverno polonês, Feliska caiu num lago semicongelado que ficava nos limites da granja, e certamente teria morrido se Józek, um dos irmãos de meu avô, não a

tivesse salvado a tempo. Esse acidente haveria de marcar a vida de Feliska

— depois de uma longa convalescença, a moça recebeu a notícia de que não

poderia ter filhos. Aos dezoito anos, ainda com os cabelos curtos por causa

da boda (naquele tempo, as noivas polonesas tinham seus cabelos cortados na noite das núpcias, marcando assim a sua entrada na vida adulta), Feliska

mergulhou em profunda tristeza.

Sobre Feliska Larkonska Wierzchowska, pouca coisa encontrei: um

retrato tirado na sua chegada ao Brasil e ainda com o carimbo da

imigração, e daí supus que devia ter sido mulher de rara beleza, pois mesmo na fotografia gasta seus olhos ainda se iluminavam: a certidão do seu casamento com meu avô, redigida em polonês, e algumas referências de

rodapé na própria certidão do casamento de Jan com aquela que viria a ser

minha avó, na qual aparecia inclusive a data de falecimento de Feliska.

Partindo desses dados, além da óbvia conclusão de que teve vida muito curta, pois morreu aos vinte e cinco anos, creio que Feliska Wierzchowska

foi uma mulher triste.

O período do primeiro casamento de Jan e o tempo em que ele esteve no

exército (quase seis anos) quedaram-se talvez como o maior vácuo de

todos na esfumaçada vida de meu avô. Nada sei desse tempo, além do

acidente sofrido por Feliska. E se Jan ainda encontrava o seu protetor de Varsóvia, e com que freqüência isso acontecia, não achei o que me desse garantias disso.

O tempo passava ao largo na pequena Terebin, enquanto tanta coisa

acontecia na Alemanha e Adolf Hitler ganhava mais e mais prestígio, e os judeus alemães perdiam mais e mais a sua liberdade. Em 1935, morreu na

Polônia o marechal Pilsudski; em março de 1936, Hitler reocupou a Renânia, provocando os franceses a tal ponto que a guerra só foi evitada à custa de muito sangue-frio e uma boa quantidade de poltrone por parte dos países que compunham a já desacreditada Liga das Nações, entre eles a Grã-Bretanha. Formava-se naquele ano o eixo Roma—Berlim.

4.

Foi por esta época que Jan teve algum sério desgosto que o fez abandonar o serviço que cumpria no setor de almoxarifado do exército na cidade de Varsóvia. Talvez por falta de perspectivas ou por medo do futuro, ou em busca de um clima mais ameno que pudesse devolver a saúde à sua Feliska, em setembro de 1936 Jan e a esposa tomaram um navio para a América.

O vapor *Pulaski*, que pesava 6.503 toneladas e possuía 110 cabines, 180 acomodações para turistas e 500 acomodações de terceira classe, tinha servido a várias companhias. Comprado pelo governo polonês no começo

daquele ano, fazia então a rota Gdynia—Buenos Aires. Havia três outras paradas programadas na rota, Rio de Janeiro, Santos e Montevideú, antes da parada final na Argentina. Apesar disso, meu avô confirmou em vários momentos ao longo da vida que fora a bordo deste mesmo *Pulaski* que ele chegou ao porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, em 19 de outubro de

1936.

Por serem pobres e estarem viajando como imigrantes, Feliska e Jan devem ter tomado acomodação em cabines da terceira classe, e assim fizeram a longa viagem através dos mares até a terra onde iriam encontrar o seu futuro. Deixavam para trás família e pátria, e imagino que não tenha sido um momento fácil para nenhum dos dois, menos ainda para Feliska, pois consta que tomara o vapor já adoentada, embora, à época, não tivesse contado nada ao marido.

Na metade da viagem, a esposinha de vinte e quatro anos de Jan não se sentia em condições de caminhar pelo ruidoso convés da terceira classe, passando os dias na cabine, deitada na cama, febril e exaurida. Ficar doente num navio, estando em viagem na condição de imigrante, não devia ser uma situação das mais agradáveis — no Rio de Janeiro daquele tempo havia um lugar específico onde se recebiam os imigrantes chegados da Europa, e ali todos cumpriam quarentena antes de serem enviados aos lugares remotos onde eram necessários ou esperados. Os que lá aportavam doentes, freqüentemente não saíam da Ilha das Flores; alguns eram até mesmo repatriados, por não estarem em condições de trabalhar ou por oferecer risco à saúde da população local.

Mais uma lacuna na história de Jan.

Depois de um mês e alguns dias no navio, com Feliska atacada de doença contagiosa, eles desembarcaram no porto de Rio Grande. Talvez tenham escapado do critério sanitário por terem comprado terras de antemão na América: não vinham como mão-de-obra contratada para as colônias do interior do país, mas sim para lavrar e plantar em sua própria chácara, na inimaginável cidadezinha de Guarani das Missões. Chegavam

em um país grande, alegre e sufocado. Fazia já dois anos, desde que o Partido Comunista promovera duas revoltas, uma em Natal, a 23 de

novembro de 1935, e a outra no Rio de Janeiro, no dia 27 do mesmo mês e

ano, que aqui se vivia o estado de sítio, com o aumento do poder do presidente Getúlio Vargas e uma violenta repressão política organizada

pela polícia de Filinto Müller.

Sobre a sua chegada, guardo comigo um documento recuperado no

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, fazendo parte de um pedido de naturalização que meu avô faria no começo da década de 60. Vem lavrado

pelas mãos de um tradutor público e intérprete comercial pela Junta

Comercial do Estado do Rio Grande do Sul de nome Walter Heckmann, e diz

que “aos seis dias de dezembro do ano de mil novecentos e trinta e nove”

foi-lhe exibido:

“um documento redigido em polonez e francez, o qual, em virtude do

meu officio traduzo bem e fielmente para o idioma nacional, nos termos seguintes: SerieI. No. 581779, No. do passaporte BP.7/86/1936. — Armas

da Polônia. República da Polônia M.I. — Passaporte do cidadão polonês Jan

Wierzchowski, domiciliado na colônia de Terebin, comuna Werbkowice,

acompanhado de sua esposa Feliska. Descrição pessoal do titular: Anno de

nascimento: 1912 (mil novecentos e doze). Naturalidade: Katarszyn,

Colonia Dabrowka. Estado civil: casado. Profissão: agricultor. Estatura: mediana. Rosto: redondo. Cabelos: escuros. Olhos: castanhos. Descrição

pessoal da esposa: Anno de nascimento: 1912 (mil novecentos e doze).

Naturalidade: Colonia Dabrowka. Estado civil: casada. Profissão: doméstica.

Estatura: mediana. Rosto: oval. Cabelos: loiros. Olhos: azuis. Fotografia do

titular com sua esposa e sua assignatura: “Wierzchowski Jan”. Destino: Brasil. Passaporte expedido pela prefeitura de Hrubieszów aos 1

(primeiro) de setembro de 1936 (mil novecentos e trinta e seis). Contém o

passaporte o VISTO No. 876 do CONSULADO DO BRASIL EM VARSÓVIA —

Válido para o Brasil — concedido aos 14 (quatorze) de setembro de 1936

(mil novecentos e trinta e seis) e assignado pelo Consul Geral — Edgardo

Barbedo. Visto gratis. Está impresso o carimbo do Consulado. Constam no

mesmo documento os VISTOS: da Polícia Marítima de Rio Grande e da 12^a

Inspetoria Regional do Ministério do Trabalho Indústria e Comercio no

Estado do Rio Grande do Sul — datados de 19 (sic nove) de outubro de 1936 (mil novecentos e trinta e seis). No verso da capa do passaporte encontra-se o carimbo com o nome da embarcação: s/s ‘Pulaski’.

E nada

mais se contem a respeito da identidade dos portadores. Me reporto no próprio original e firmo e sello o presente, para que produza seus devidos e

legaes efeitos. *Assinatura e data.*”

Creio assim que, por estar bastante doente e a despeito da urgência que meu avô deveria ter em tomar posse da terra comprada ainda na Europa,

Feliska não teve outro destino ao chegar no Brasil além de seguir para a Santa Casa de Misericórdia, onde, febril e macilenta, foi diagnosticada tísica.

Começava ali o fim da sua curta vida, e mais não viu da América do que um

caminho de pedras, um céu cinzento de uma nebulosa tarde de primavera

austral, enquanto a levavam da hospedaria onde dormiu uma única noite para o hospital em que, alguns meses depois, haveria de morrer deixando

viúvo aquele jovem de 25 anos, que não sabia o que fazer com tanto futuro

pela frente.

Lembro-me agora de que de Feliska Larkonska, eu vi, em criança, uma

fotografia terrível. Não a citei antes, quando dela contei o muito pouco que

conheço, talvez porque tal imagem tivesse ficado retida no passado como um dos não raros horrores que em menina me espantaram: uma fotografia

de Feliska morta, deitada em seu caixão de pobre, como era o costume que

se fizesse naquele tempo. Tão terrível retrato habitava o álbum de meu avô,

e eu o vi não uma, mas muitas vezes, e sempre com igual desespero. Havia

ali uma mulher moça e muito branca, de rosto um pouco inchado, cabelos sem brilho, espalhados em leque ao redor de um travesseiro. Viam-se claramente dois chumaços de algodão tapando as narinas daquela face, e era tão triste esse detalhe que muitas vezes eu somente reparava nisso, não tendo coragem de virar a página do velho álbum e esquecer aquela morta tão abandonada nas poeiras do tempo da minha família.

Depois a fotografia se perdeu, pois ao recuperar o álbum, quando comecei a farejar os passos do meu avô, ela não estava mais lá. Apenas um quadrado esbranquiçado de papel marcava a sua passagem pelo livro de retratos, assim como de Feliska ficou tão pouco que em duas páginas me foi possível contar sua triste vida, e creio que não me esqueci de nada.

Nos onze meses que a esposa passou no hospital, Jan, retido na cidade de Rio Grande e sem poder ir até o interior do estado tomar conta da sua propriedade, entrou em contato com o tio Alexandre, que vivia na mesma região, e arrendou-lhe as terras para que se mantivessem produtivas enquanto a saúde de Feliska não dava mostras de melhorar. Além disso, tomou emprego num pequeno clube freqüentado por imigrantes, onde cuidava da copa, ganhando, junto com a renda que o tio lhe mandava do interior, o suficiente para viver e pagar o custo da doença da mulher.

Finalmente, em setembro de 1937 (enquanto Hitler pleiteava a devolução de todas as colônias alemãs e se preparava para buscar o seu *Lebensraum*, à custa de absorver o Corredor de Danzig, parte do território polonês, a Rússia Branca e a Ucrânia, criando assim um clima de tensão insuportável em toda a Europa), no seu leito de hospital, em Rio Grande, no sul do sul da América, a pobre Feliska desistia de viver. Morreu de morte difícil e dolorosa em meados daquele setembro, longe da pátria e da mãe viúva, longe de tudo que amava, exceto de Jan, que muitos anos mais tarde confidenciou à última mulher da sua vida que a primeira esposa nem cheiro de gente tinha quando faleceu, resistindo a toda classe de horrores para acabar no pequenino cemitério, na sepultura mais decente que meu avô

então lhe pôde comprar.

Viúvo, jovem e cheio de uma urgência de futuro, Jan Wierzchowski

liquidou todos os assuntos que o prendiam àquela cidade, demitiu-se do emprego, encerrou o aluguel do quartinho que habitava, e algumas

semanas mais tarde tocou-se no rumo das terras que lhe pertenciam. Com

que estado de espírito se embrenhava no desconhecido eu não sei; mas tinha sede de viver e tinha pressa, pois dois meses mais tarde contraía seu

segundo e efetivo matrimônio, casando-se com aquela que viria a ser minha

avó.

5.

(1951, cinco anos depois que Jan voltou da guerra.)

Eram três horas da tarde e tinha acabado todo o serviço na cozinha, pois, embora tivesse aquela menina para ajudá-la nas pequenezas, como

lavar a louça e ir ao mercado buscar a banha ou o leite para a mamadeira

da filha, era ela mesma quem cuidava de tudo, era a sua voz que dizia:

“Pronto, está terminado, dziekuje”; e aquela sua frase, repetida

constantemente, aquela frase, eternamente finalizada com um

agradecimento em polonês — aquela frase, como o gesto final de um

regente, punha fim aos movimentos, aos sons e aos odores que reinavam na

cozinha da casa de número 1094 da Rua General Couto de Magalhães. E

então tudo ficava em silêncio, todo dia, às três horas da tarde.

Anna saiu da cozinha e deu alguns passos pela sala silenciosa e fresca.

Mais algumas semanas, pensou, e o calor vai entrar por estas janelas como

um bicho cheio de sede... Os verões eram um suplício para ela, nem tanto

pelas carnes largas, pelo corpo cheio e firme por onde o suor escorria nos

meses torturantes do calor, descendo feito um riozinho misterioso no vale entre seus peitos fartos que cheiravam a talco, mas por alguma coisa que lhe vinha lá de algum antepassado, uma incapacidade inata de viver na alegria e no bulício tropical que era como se o calor, baixando sobre o mundo, a pusesse

doente de alguma moléstia incurável.

Mas ainda era primavera, três horas da tarde. No berço, no quarto lá em

cima, naquele quarto recém-construído daquele andar recém-erguido, a

filha pequena dormia. Dentro da sua própria carne, como se sua carne fosse

um berço, dormia a semente de outra criança. A mulher andou pela casa silenciosa, percebendo os ruídos que a criada fazia no quarto da despensa.

Caminhou pelo chão recém-encerado, correu a palma da mão branca e

inchada pela mesa à qual, pouco antes, tinha se sentado com o marido para

o almoço. Então pousou a mão ali e sorriu. A mão no exato círculo onde repousara o prato de porcelana branca no qual o marido comera seus

pierogi. Podia sentir ali ainda um tênue calor, como um sopro, um sopro da

voz de Jan, que agora andava tão feliz com o trabalho e com as

oportunidades que a nova firma lhe apresentava... Jan, que disfarçava tão bem a própria tristeza e que não gostava de falar da guerra, porque a guerra ainda estava dentro dele, soltando suas bombas e explodindo seus

obuses. Ah, como amava aquele marido, pensou a mulher, antes de seguir

dali para a sala, indo repousar no sofá o corpo cansado, o corpo que trabalhava por dois e com tanto afinco, como se ele próprio quisesse esquecer, apagar da memória de cada célula o triste fato de que fazia aquele trabalho, de que realizava aquele milagre pela terceira vez, e então

só havia uma criança ressonando naquela casa; somente uma — e aquela conta estava errada.

Tocou na barriga que mal começava a florescer, escondida entre as

carnes fartas e brancas que tinha herdado da família materna, e sorriu.

Tinha um sorriso tímido até mesmo quando sorria sozinha. Sim, pois estava

sozinha naquela sala. A irmã tinha saído para visitar uma amiga, o marido

voltara ao trabalho, a menina da cozinha decerto fora ao armazém em busca de conversas com o vendeiro. Dentro da sua barriga, aquele serzinho

dormia; lá em cima, Irenka. O outro, o outro menino... impossível pensar nele. Tinha-lhe dito o médico que não pensasse, porque não era bom. E

logo, logo viria o verão e aquele calor sufocante, devastadoramente lascivo,

e ela estaria ali, naquela sala, no mesmo lugar onde se sentava agora, vendo

o sol coruscar nas pedras do jardim, e tudo seria igual, tão exatamente igual, as mesmas presenças e as mesmas ausências, que essa perspectiva, ah, ela não sabia, ela não conseguia sequer decidir se tal perspectiva a punha feliz ou acabrunhada. Porque havia coisas (ela lia isso nos olhos do

marido), havia coisas que jamais poderiam ser mudadas. Havia coisas

destruídas para sempre, e só lhes restava viver sobre os escombros. Erguer

uma vida nova, como se reerguiam na Europa as cidades sobre o mesmo chão ainda fumegante da longa guerra.

Recostou-se no sofá de couro e suspirou. Quando viesse o calor, pensou

ainda uma vez, aquele sofá precisaria de uma colcha de algodão... Mas ainda

faltavam uns dois ou três meses para fevereiro, e ela não queria planejar,

não queria, acima de tudo, recordar.

“Boze mój Boze”, gemeu, clamando por Deus. Por que será que não

conseguia dar ouvidos aos conselhos do médico?

De olhos fechados, fez as contas. Era novembro, e o ano? Contou nos dedos inchados. Contou desde que o marido tinha ido para a guerra. Fazia

já quase dez anos, e parecia tão pouco. Todos os dedos das mãos foram usados naquela conta. Estavam em 51. E ela, ela não queria pensar na perspectiva da chegada de fevereiro. Aquele não-aniversário. Aquela faca cravada na sua carne.

Levou a mão à testa e sentiu que estava úmida. Tinha um lenço no

bolsinho do vestido, puxou-o, viu as iniciais dela e de seu kochany, o A e o J

bordados com esmero por ela mesma em alguma noite perdida nas brumas

daquela guerra terrível... Ah, quantas noites havia colecionado em que as

horas pareciam se distender como imensos balões. Ah, quantas noites em que vira a lua, redonda, esperando no céu, esperando, como ela, por uma notícia que fosse, por uma notícia que nunca viria, ou que viria tão gasta quanto o cheiro de uma rosa velha, esquecida no seu vaso por semanas...

Aferrara-se ao trabalho naquelas noites, e quando não havia trabalho,

bordava. Tinha lá em cima, no quarto amplo que dividia com Jan, uma gaveta cheia de lenços iguais a este. Cada um deles, uma noite. Passou o lenço no rosto e pôde sentir sua própria ansiedade enredada nas linhas da

trama de algodão — pois o lenço não era de seda, mas de algodão, já que os anos da guerra seriam lembrados para sempre como um tempo de terrível e ansiosa economia. O marido longe, o futuro à espreita, como um passarinho no poleiro de uma gaiola. E ela trabalhando, noite e dia, dia e noite, não tanto para pôr comida na mesa, mas para sobreviver.

“Oh, Jezu...”, sussurrou Anna, lembrando. Bruscamente, como era o hábito, aquelas reminiscências jorravam ante seus olhos. Por coisas pequenas. Minúsculas como aquele lencinho barato de algodão.

Mas, de fato, não fora um tempo tão ruim. Se ela pudesse esquecer a terrível angústia de viver cada instante como se o tempo fosse morrendo, desmoronando aos seus pés; se ela pudesse esquecer o medo de que o minuto seguinte trouxesse consigo a terrível notícia, então aqueles tinham sido anos bons. Com o menino.

Era verdade que os vivera exclusivamente para o menino, como se soubesse. A faca caindo do céu... Ah, mas ela jamais desconfiou. Nem a fraqueza, nem aquele jeitinho pálido, nada. Seu coração de mãe, plenamente realizado na faina gloriosa de cada dia, seu coração de mãe ocupadíssimo nas tarefas primordiais de regar a planta que era aquele menino — o leite, o banho, as roupas brancas recém-passadas, o pão com manteiga, o bife tão difícil na precária economia daquele lar — tudo aquilo, ah, que doce litania, tinha feito a sua vida feliz durante a guerra, enquanto poloneses morriam com um tiro na nuca e crianças escolhidas para o *Lebensborn* eram roubadas dos seus pais em Varsóvia, e judeus eram torrados nos fornos daqueles malditos alemães que agora deviam estar ardendo, eles próprios, no fundo do inferno.

Sim, ela sentia remorsos, principalmente quando as cartas vindas da Polônia chegavam e o marido lhe pedia que as lesse para ele — apesar de saber polonês muito melhor do que ela, ainda assim Jan gostava de ouvir sua voz monocórdia narrar as linhas escritas pelo pai lá em Hrubieszów.

Mas quem, mój Boze, haveria de condenar uma mãe, uma criatura de carne e osso, cuja alma e útero choravam o fim do seu menino, quem haveria de condená-la por sentir saudades de um tempo que tinha sido de horror para o resto da humanidade? Um tempo de horror até para o pobre Jan, que tinha matado um punhado de alemães e sentido o fedor da putrefação dos corpos dos inimigos e dos amigos, que tinha passado fome, que tinha visto o homem envenenar o futuro do homem — mas ela, ah, ela, que tinha sido a mãe daquele menino, que o embalara e sentira seu calor morno e doce e ainda cheirando a leite, ela tinha sido feliz naqueles anos, enquanto milhares, milhões de pessoas morriam como se fossem cães leprosos.

“Ah...”, suspirou. Não era possível mesmo. Se o doutor Olszewski pudesse imaginar aqueles pensamentos, só um deles que fosse, e ela que levava um filho na barriga! Fez o sinal-da-cruz com o mesmo medo que tinha em pequena. Estava cometendo um pecado, patinando assim naquela tristeza. Nem era bom lembrar — e quantas mães tinham perdido mais do que ela, quantas? *Bóg* até que era bom. O marido voltara vivo da Europa, e tantos que tinham morrido por lá, caídos nos campos de batalha, em Cherbourg, Falaise, nas Ardenas, em Breda e em tantos lugares desconhecidos cujas lembranças faziam nublar os lindos olhos de seu kochany Jan... Sim, o marido voltara para ela e lhe fizera outro filho. O menino já doente, tão doentinho, e ela com outro filho na barriga. Mas era a vida, e a vidaurgia. Será que era sua mãe que falava assim?

Espichou as pernas pensando em dormir um tantinho ali mesmo. Do jardim vinha uma brisa que dava voltas na parreira e entrava por entre os panos da sua saia, brincando com suas pernas cansadas. Horas em pé na cozinha, mas ela gostava, ela necessitava preparar pessoalmente a comida do marido. E então, pensando naquele ritual de cortar a carne, de fazer o coalho, de amassar e sovar a massa, sovar fundo, exorcizando ali cada lembrança ruim, sovando a massa branquinha como se amassasse as próprias angústias, ela foi fechando os olhos, resvalando devagarzinho para

o sono, como se ela própria fosse a filha que dormia lá em cima, no seu bercinho cheirando a lavanda. Sua kochana Irena, Irenka. Ireninha.

De olhos fechados, estirada no sofá da sala, ela sonhou com uma certa

tarde de um certo tempo, tantos anos atrás... Fazia muito calor, um calor vermelho, nauseante, um calor excessivo para aquele dia de primavera. Ela,

mais magra, mais moça, costurava calmamente ao abrigo de uma árvore. O

suor escorria-lhe mansamente pelas costas, acumulava-se nas ilhargas,

fazia a agulha escorregar por entre seus dedos hábeis. O mundo exibia uma

consistência gelatinosa; de dentro da casa, no fundo do terreno, ela podia

ouvir a voz da mãe ralhando com Ludmilla. A voz da mãe se elevando acima

daquele calor pegajoso, enquanto uma gota de suor lhe descia pela fronte,

pingava e ia desaparecer nas dobras do seu vestido florido. A não ser pela

voz da mãe, o mundo, o quintal, tudo parecia despido de vida — somente

aquele calor se erguendo como um gigante invisível mas malévolo,

abraçando-a com a força de seus músculos de fogo.

Por um momento, sentiu a quentura entrar nela, arder-lhe no ventre,

subir pelo seu estômago. E então ouviu o ruído e ergueu os olhos para o portão. Um bater de mãos, seco e duro. E seus olhos assustados, seu corpo

inteiro assustado com o calor, o de dentro e o de fora. A mãe lhe dissera que

esperavam visita para o entardecer, e ela tinha visto um sorriso no rosto da

irmã. O rosto de Maria naquela manhã, intocado pelo calor, como se

flutuasse lá no céu azul sem nuvens, levado por uma brisa

miraculosamente fresca.

No portão estava ele. Jamais o vira, mas também em algumas semanas

pouca coisa podia acontecer mesmo ali, naquela colônia onde o tempo não

andava para a frente. Mas ele era de fora. Isso ela tinha ouvido... “O

polonês”, tinha dito o pai naquela manhã, e o rosto de sua irmã Maria tinha

brilhado, imune ao calor. O tal polonês era tão bom partido quanto qualquer filho dos colonos dali, mas tinha mais graça porque recém-chegado, com estudos na Polônia, com planos de ir viver na capital...

Disseram depois que ele tinha chegado cedo demais, pois o esperavam para o entardecer. Jan, seu Janek, tão apressado para as coisas da vida. Mas ela sabia que não, que ele tinha vindo na hora exata. Soubera-o no instante mesmo em que aquele vulcão nascera bem no meio das suas entranhas. O

verão inteiro dentro dela. E Jan no portão, batendo palmas pela segunda vez; uns olhos que fugiam do castanho para o âmbar, uns olhos de olhar fundo, e um leve, um levíssimo sorriso no rosto de pômulos salientes. O

polonês, e como era bonito... Jamais ela tinha visto um homem tão bonito por ali, e muito mais do que aquela cidadezinha ela não conhecia, mas tinha

certeza, tinha absoluta certeza, enquanto punha de lado a camisa do pai que ela estava cerzindo, de que aquele era o homem mais bonito do mundo.

E que tinha vindo por ela. Na hora certa — pois Maria ainda estava lá para dentro se aprontando, e assim ela o vira antes de todos da casa, como um presságio.

O portãozinho se abriu com um único escorregão, e Jan deu um passo à

frente. Estranha e subitamente, veio à mente dela que era novembro. Ela ali, parada sob a árvore, já sem medo do calor que derretia o mundo, como

se desde sempre estivesse esperando por aquele novembro, por aquela

tarde, aquele exato instante sem brisa nem pássaros — ela, ele e o calor. Lá dentro, até a *mama* tinha parado de ralhar com a irmã.

Seu Jan, seu kochany Jan... seu querido. Ele tinha vindo de tão longe e era

uma sorte que viesse bater ali, àquela casa. Para trás tinha deixado muita

coisa, um país inteiro, a família, a esposinha morta de tísica... E então ele entrou no quintal, entrou no quintal como se entrasse no seu futuro; e ela,

andando dois passos para recebê-lo, confusa com o turbilhão de coisas que

a atormentavam, ela se adiantou para ele e sorriu. O primeiro sorriso de ambos.

E nesse exato momento Maria saiu de dentro da casa, passando

coquetamente as mãos nos cabelos tão lisos, e o calor surgiu outra vez entre eles como se aproveitasse aquela interrupção. O calor pegajoso e urgente como um aviso, como um beijo cheio de agouros, enquanto a irmã

mais moça avançava para Jan, e o chão subitamente se abria para engoli-la

como uma boca fervente e cheia de sede... Não, não. A visita não era para ela.

Reverberando na casa silenciosa, no meio daquela tarde de primavera, o barulho da porta que se fechava causou-lhe um sobressalto. Ela abriu os olhos, assustada. Tinha cochilado no sofá. Era assim, aquela moleza... Tinha

sido assim com os outros dois filhos. “Ah”, pensou, “outra vez isso... *Boze, mój Boze*, me ajude a esquecer...” Era como se tudo levasse àquilo.

Ouviu passos no corredor. Não eram os passos da menina, que naquela

hora devia estar lá para a rua, lavando roupa ou olhando as nuvens

passarem no céu azul. Nesse instante, sentiu uma agulhada na frente. A dorzinha de cabeça.

Levou a mão à testa. Talvez um chá, pensou. Aguçou os ouvidos e

certificou-se de que nenhum ruído vinha do andar de cima; Irena ainda dormia, mas no corredor os passos recomeçaram, agora mais perto.

A figura da irmã se materializou na sua frente. “Fui até lá, mas Nádia não estava”, ela disse, acabrunhada.

Ludmilla se atirou no sofá; o corpo cheio era recoberto por uma

epiderme perolada, de um branco resplandecente, e das cavas das mangas

escapavam os braços roliços, um tanto suarentos. Não, não era bonita.

Alguma coisa no rosto, um desacerto nos traços. Não, nem para quem gostasse das cheinhas. “Mas é tão boa comigo...”, pensou ela, com pena da

irmã. Todos aqueles anos juntas, e agora Ludmilla não queria mais viver no interior. Estava casada e levando vida na capital.

A irmã recomeçou a contar sua pequena desventura: “Peguei a

condução, fui até lá... Três horas em ponto bati à porta, e Nádia não estava.

Foi ao centro da cidade, parece que tinha médico.”

Ela se sentou, endireitou a coluna. No fundo da alma, como um sopro, o

sonho permanecia, trazendo-lhe saudades de Jan. Mas não iria chamá-lo, não iria até o escritório no meio da tarde, como uma tola. Fitou na irmã mais moça os seus olhos compassivos:

“Ora, Milla... Ela deve ter se esquecido. Havia muita gente na igreja neste domingo. Vai ver ela não ouviu direito... Vai ver ela a está esperando mais tarde. Também, se foi ao médico, deve ter sido algum imprevisto de saúde, coitadinha.”

Ludmilla tirou um lenço da bolsa e enxugou o rosto suado, dando de

ombros: “Você é muito boa, Anna. Sempre pensa o melhor de cada um. E, de qualquer modo, sempre é um esquecimento, pois bastava me avisar que tinha consulta.”

Um choro de criança desceu pelas escadas como um sopro, e Anna

suspirou com alívio. Irenka estava acordada, finalmente. Saiu correndo e subiu as escadas mais depressa do que deveria. Esquecia-se das ordens médicas a cada momento. Irena estava acordada e ela sentia a felicidade nascer de novo dentro dela, em algum lugar, como um sol que

amanhecesse, um repouso para as suas angústias, expurgando toda aquela montanha de maus pensamentos que pouco antes a tinham feito sofrer.

6.

1937. Minha avó, Anna Richter, tinha vinte e um anos e acabara de fazer

seu título de eleitor a fim de dar seu voto nas eleições previstas para o ano

seguinte. Se sonhava participar da convulsionada vida política do país que

seus pais tinham escolhido para adotar como seu, não tenho a menor idéia;

creio que queria mesmo era casar. Segundo os padrões daquele tempo e da

pequena cidade em que vivia, aos vinte e um anos, Anna já poderia ser considerada passada demais para o casamento. Olga, sua irmã mais velha,

tinha se casado havia já dois anos, e fazia pouco que parira seu

primogênito. Na família de sete irmãos, Anna era a segunda de quatro moças; portanto, precisava casar com urgência, pois era regra que as

mulheres de uma família deveriam contrair matrimônio por ordem cronológica.

Sendo assim, a doce e tímida Anna, que era tão prendada nas costuras e

de tão afável temperamento, estava atravancando os planos de Maria, a irmã mais moça, já então com dezenove anos e louca para encontrar um marido e formar família própria. Era indispensável que ela arranjasse um

pretendente, mas Anna, sempre calada e mansa, não dividia com ninguém

sua angustiazinha; já então era sábia, e tinha certeza de que o homem da sua vida não lhe iria faltar, e que chegaria na hora certa.

Filha de um casal de imigrantes, José e Mariana, ele polonês, ela nascida

na Tchecoslováquia, Anna vivia numa pequena e asseada casa de madeira

na cidadezinha de Guarani das Missões, distrito de São Luiz Gonzaga. Seu pai, José Richter, de quem a família guardou a noção de que era um homem

duro, de cujos julgamentos severos e a mania de mandar e desmandar os filhos eram as maiores vítimas, viera da Polônia havia muitos anos, e ali tocava um moinho com a ajuda dos três varões que a sua semente tinha feito vingar no ventre da esposa. Mariana, minha bisavó, costurava para fora a fim de complementar o orçamento familiar. A mesma coisa fazia Anna, cuja habilidade com a máquina de costura haveria de salvá-la da penúria nos vindouros e duríssimos tempos da guerra; Anna ajudava a mãe

com as suas encomendas e fazia também roupas para os irmãos. Além

disso, participava de um pequeno clube de costura junto com umas moças

da redondeza — em Guarani das Missões, pouco havia para ocupar o tempo

ocioso; festas não havia, e somente a igreja dominical as roubava do persistente tédio daqueles dias.

Anna não era uma mulher bela; tampouco era feia. Tinha um corpo

avantajado, roliço, cabelos castanhos lisos e umas feições de grave

delicadeza — pômulos salientes que denotavam sua origem eslava e um

narizinho pequeno, desenhado à perfeição. Teria sido muito bela se fosse um pouco mais esbelta, porém dela se disse sempre que era mulher de brios, e de uma bondade jamais vista. Dona desses atributos em nada

excepcionais, Anna Richter vivia sua vidinha de moça católica, de família modesta, no interior do Rio Grande do Sul, costurando para fora e cuidando

dos irmãos, quando Jan Wierzchowski, viúvo recente, apareceu na comarca com um atraso de ano inteiro, para enfim tomar posse das suas terras.

Na verdade, Jan não tinha planos muito definidos, mas sabia que não

nascera para as lides do campo. A única coisa de que entendia era o ofício

da construção civil, e naquelas paragens agrícolas decerto não havia espaço para seu espírito empreendedor. Liquidados os assuntos que o prendiam a

Rio Grande após o desaparecimento de Feliska, Jan seguiu para Guarani das

Missões com a intenção de vender suas terras ao tio Alexandre, que já então se firmara como um pequeno fazendeiro, e seguir para a capital do estado. O que mais lhe ia pela alma, nunca saberei.

Enfim, parece provável que Jan seguia para o interior não somente para

liquidar a posse das suas terras, mas também com desejos de arrumar uma

esposa. Ele queria chegar em Porto Alegre, o destino final da sua longa viagem, com uma aliança no dedo e uma companheira pelo braço. Não sei

quanto o amor pesava nesses seus planos, talvez pouco. Não sei se

guardava em mente a imagem da esposa ideal, aquela que ia até a colônia

buscar, conduzido mais pelo destino do que pela força da sua própria vontade; o que sei é que Jan foi um homem fogoso e de grandes anseios carnavais, tendo dado, por causa deles, toda sorte de trabalhos a minha avó.

Assim, Jan Wierzchowski tomou o caminho que o levaria ao futuro — e seu

futuro, mais do que tudo, era Anna.

7.

(1937, sete meses antes de os alemães invadirem a Áustria.)

Ela não contava os dias; estava ali, na beira da pia, a barriga encostada

na pedra cinzenta, lavando a louça da última refeição. Oito pratos, oito copos, oito colheres. Desde que Olga se casara, era menos um de cada: o nono prato, sozinho na prateleira do armário, parecia acompanhá-la sem emoção. Tão sozinho quanto ela própria.

Tinha vinte e um anos e já estava ficando velha. Nos olhos do pai, nos olhos da mãe, via que precisava achar um marido; era a ordem: enquanto

não se casasse, a coitada da Maria e depois até mesmo Ludmilla não

poderiam casar. Olga tinha ido embora havia dois anos, e desde então ela

esperava. Não sabia bem o quê. Alguém que quisesse levá-la, que visse nela

o sinal. Olga lhe tinha dito ainda antes do casamento: “Há um sinal para cada um.”

“Você viu o seu nele? No noivo?”

“Era um brilho”, dissera Olga, e mais não dissera. Cada um tinha que descobrir sozinho.

Lavou os oito pratos, notando uma lasca no fundo do último deles.

Depois os enxugou com o pano branco. Lá na sala, o pai falava com

Leopoldo sobre o moinho. Trabalhava-se duro e dormia-se cedo. A mãe

agora costurava perto do candeeiro, e logo Anna se juntaria a ela. As duas e

aquele silêncio. Queria perguntar-lhe: “Mãe, como saberei?”, mas aquele era

um assunto, francamente, era um assunto que a mãe jamais abordaria.

Havia uma métrica com certeza, e a vez de cada um. E era o sinal. Talvez um

brilho, e Anna jamais o havia notado em alguém.

O sobrinho nascera alguns meses antes, meio ano talvez. Tinha

conhecido o menino, seguiram de carroça para o dia do batizado, lá longe,

na granja onde Olga vivia com o homem que, afinal de contas, brilhara para

os seus olhos. O sobrinho era uma criança gorda e rosada, de olhos bovinos

e cabeça sem cabelos. Bonito... E Anna tivera certeza de que, mais do que para a costura, nascera para fazer uns daqueles. Os seus.

Não contava os dias porque não sabia. Havia, sim, um homem andando

para ela, avançando na sua direção como folha soprada pelo vento; sem ordem, mas com um destino, um fim. “Esse prato lascou-se nem sei como,

será preciso contar à matka.”

Anna deu de ombros: “Também, um prato se lasca, é assim em tudo na

vida.” Pensou que quando acabasse a feitura do vestido da senhora que era

caseira do padre Gottlieb, daria um novo à mãe, também uma tigela das grandes, para a salada da ceia. Por isso costurava, e para passar o tempo. “E

esse sinal que não vem.”

“Anna...”

Uma cadeira foi arrastada na sala e a mãe apareceu na cozinha. Era

baixa e atarracada, com um rosto cheio, branco, com olhos de um azul suave e cabelos de um loiro que desbotava para o branco. Parecia cansada,

talvez da vida, talvez de cuidar dos tantos filhos que Deus lhe dera, mas ela

havia recebido seu sinal e em boa hora; já estava casada aos quinze anos.

Anna ergueu o rosto para a mãe e sorriu. “A senhora precisa de alguma coisa?”

A mãe apoiou a mão na borda do tanque, descansando uma das pernas do peso do corpo.

“Pani Sebalska quer que lhe tire as medidas para um vestido para a missa de Natal.”

“Amanhã cedo eu vou, mama”, disse ela, com o prato lascado na mão, hesitando por um instante. O sinal, o sinal. Seria ele?

Depois ergueu os olhos miúdos para a mãe, mostrando o prato ordinário: “Lascou-se. Foi entre ontem e hoje.”

A mãe pegou o prato com ambas as mãos, revirando-o. Embora Anna perscrutasse seu rosto manso, nada havia ali, a não ser a genuína tristeza pelo prato, a lasca como uma cicatriz amarela que estivesse por infeccionar.

Como um sinalzinho ínfimo, tímido, um aviso de que aquele prato estava exaurido porque uma das filhas, a mais velha, por certo, não mais deveria

comer ali a sopa de todas as noites. Era aquele prato o sinal da falta de sinais, e Anna sentiu os olhos úmidos.

“Compraremos outro assim que seja possível. A venda da farinha agora vai melhorar”, disse a mãe. “E o vestido da pani Sebalska, bem, sempre é um dinheiro extra, e eu preciso de coisas novas.”

Anna aquiesceu, corando. A mãe tocou-lhe a palma da mão ainda úmida:

“Você está bem, Anna?”

Pensou em dizer. Digo agora ou jamais. Mas era um assunto muito

íntimo, era um assunto dela, tão secreto... Só falou: “Vou mandar Ludmilla

para a cama depois que eu acabar isto aqui” e virou-se de costas para a mãe, com o intuito de secar os copos e as colheres que esperavam sobre o

escorredor de madeira, encerrando a conversa e deixando o pequeno

cômodo mergulhar no silêncio frágil sob a luz das duas velas.

Vinte e um anos e dois meses, e esperava todos os dias com uma euforia

muitas vezes requentada, enquanto lá longe as engrenagens se moviam e o *Pulaski* singrava as águas em mais uma das suas incansáveis viagens entre os continentes... Mas ela não sabia, e era verdade que jamais tinha visto o

mar. Tinha nascido ali, logo depois que o pai construía o moinho, a primeira das filhas a nascer em terras brasileiras, e era ali que esperava o

destino.

8.

Muitas vezes imaginei o primeiro encontro entre Anna e Jan. Ao

contrário do meu avô, Anna se tornou instantaneamente maleável aos

meus desejos, amálgama capaz de assumir a forma que eu dela desejasse —

e tão frágil, e tão doce, que desde sempre, em verdade desde menina, eu já a

conhecia. Fácil foi pô-la no papel, dar sopro e voz aos seus mais secretos pensamentos; sempre fora uma outra parte de mim, tantas vezes

imaginada, a afetuosa Anna, que não pude deixar de ver esse encontro, o primeiro deles, através da pele da moça que um dia ela fora.

Jan deve ter chegado a Guarani das Missões com a primavera já

instalada, nos últimos dias de setembro de 1937. Embora o clima em todo o

país estivesse ardendo — o general Góis Monteiro, chefe do Estado-Maior

do Exército, divulgaria à nação no dia 30 de setembro a descoberta de um

suposto plano comunista para tomar o poder no país por meio da luta armada —, ali naquela pacata região do Rio Grande a vida seguia seu lento

fluxo. É claro, os homens se reuniam no balcão do bar e, entre cervejas, comentavam a terrível “ameaça vermelha”, mas eram apenas conversas de

botequim; a vida em Guarani das Missões era medida pelas colheitas e

somente por elas; o resto era luxo. E, afinal, Getúlio Vargas estava no poder tomando conta das coisas.

A cidadezinha natal de Anna Richter era pequena e poeirenta. Mas havia

campos e chácaras, muito verde, muita vastidão e muito trabalho para os homens de boa vontade — um deles era Alexandre Wierzchowski. Foi ele

quem recebeu o sobrinho quando este chegou a Guarani das Missões,

depois da dificultosa viagem trilhando os caminhos do interior do Rio Grande, já viúvo de Feliska e com o intuito de passar suas terras adiante.

Jan Wierzchowski era um homem interessante e com olhos que

chamavam atenção por seu brilho e alguma coisa de agudo que deles

emanava. Das suas muitas fotografias esmaecidas, essas da juventude são as que mais me assustam, pelo gume do seu olhar. Tinha um rosto

anguloso, um nariz forte e uma boca bem desenhada. Os cabelos, castanhos

e com tendência a rarearem, ainda estavam bem postos no seu crânio

vigoroso; enfim, era em tudo um homem viril. Não era alto, mas magro e apessoado, limpo e honesto. Imagino a sua chegada na pequena colônia

polonesa. Um homem de 25 anos, um viuvinho ainda fresco, deveras triste,

mas consumido pela chama da juventude e por um violento desejo de

vencer na vida. Quantas moças casadoiras haveria então em Guarani das Missões? Só na casa dos Richter eram duas — Anna e sua irmã Maria.

Porém, na foto do clube de costura que ainda guardo comigo, estão seis moças donzelas, além de minha avó e da sua irmã mais nova, Ludmilla, que

também já tinha idade de arranjar um marido, mas sendo a mais moça das

três filhas solteiras dos Richter, contava com pouca chance de se casar em breve.

Os dias passavam iguais na cidade lambida pelo sol e despenteada pelo vento da primavera; creio que Jan pouco tardou a ofertar ao tio as suas terras. Estava já um ano inteiro atrasado nos planos que tinha feito para a sua vida americana, e depois de um dia ou dois descansando da viagem, trocando com o tio Alexandre notícias sobre a família, o pai, a mãe e os cinco irmãos que haviam ficado na Polônia, deve ter posto as cartas na mesa (no tempo do exército, Jan se descobrira um grande jogador de pôquer), feito um preço módico para as terras e pedido ao tio que decidisse em uma semana se queria comprá-las de vez. Enquanto o velho Alexandre ponderava, Jan saiu pela pequena cidade fazendo amigos e alvoroçando corações.

Quando se escreve um romance, há o autor de guardar o devido cuidado com a trama, para que não pareça calculada demais a ponto de não ser crível ao seu leitor; amarras devem ser dadas com sutileza, o encontro entre dois personagens destinados a se casarem ocorre que seja forjado com leveza, porque — dizem — a vida não é fácil como nos livros, nem tão certa. Jan e Anna se conheceram de um modo tão absurdo e cabal, e foi esta a única versão que deste encontro me apresentaram a vida inteira, e fui conferi-lo em várias fontes da família, que, posto assim num romance, esse encontro não pareceria em nada factível. Mas como?, diria o leitor, a vida não é tão simples nem tão branda, nem jamais se ouve dizer que o grande amor de uma moçoila virá bater-lhe à porta, entrando na sua vida como um vento e nada mais.

Pois foi assim que Jan, tendo dado lá uns dias para que o tio pusesse suas moedas em ordem, saiu para o bar da cidade, e no domingo foi à missa; almoçou um dia com uma família, noutro dia com outra. Era parente

de um dos tipos mais benquistos de Guarani das Missões, e ademais tinha notícias mais frescas da Polônia do que a maioria da gente que ali vivia.

Assim o jovem Jan Wierzchowski flanou entre as famílias locais, e as filhas dessas famílias, que buscavam um marido ainda para antes do inverno

seguinte, essas se puseram em alvoroço — e tanto, que consta que a notícia

de que andava pela cidade um belo rapaz, que tinha vivido em Varsóvia antes de seguir para a América, já tinha aportado na casa dos Richter e nos

ouvidos do bisavô José.

Por um desses volteios da vida, Jan entabulou um namoro com a

professora de costura de Anna e de Maria. Não sei quem era ela; porém, por ter fígado o grande partido daquela primavera de 1937, escolhi, entre as

moças da fotografia, uma que exibe um par de olhos amendoados, as maçãs

do rosto salientes e um cabelo à altura da nuca, preso com elegância. Ela usa um sobretudo claro sobre o vestido e sandálias escuras.

Enfim, Jan se quedou de assuntos com a professorinha, que porventura

era também vizinha da família Richter. Creio que não se passaram duas semanas até que a primeira desavença acontecesse entre os dois — o que

teria sido, jamais saberei. Esta história, meu avô a contava sem entrar em

detalhes, e Anna era por demais discreta para revelar o que com certeza conhecia a fundo. Assim, brigados os dois jovens, ficaram alguns dias sem

se falar. Num domingo à tarde, cansado de tanto silêncio, Jan comprou umas cervejas e tocou-se para a casa da moça disposto a fazer as pazes.

Ela vivia longe do centro da vila, como longe vivia minha avó; Jan andou

e andou, deve bem ter chegado lá com a cerveja quente, pois era outubro e

naquelas paragens fazia bastante calor na primavera. Qual não foi a sua surpresa quando, no fim do caminho, se deparou com a casa fechada. Bateu

e bateu, esperando à porta por um tempo que achou justo; quando enfim se

deu conta de que não havia ninguém ali, e sem desejo de empreender outra

vez uma caminhada até as lonjuras onde estava hospedado, Jan

Wierzchowski decidiu pedir guarida na casa vizinha, e ali aguardar pelo retorno da namorada.

Andou umas centenas de metros e entrou no quintal dos Richter.

Encontrou a casa de madeira pintada de verde; viu, bem ao fundo, o corpo

do moinho recortado contra o céu azul como um grande bicho que

esperasse o retorno do seu dono, viu o gramado, as três árvores do quintal e uma moça que estava sentada no terreiro a mirar o nada. Não era minha avó, mas Maria.

Jan se adiantou e bateu palmas para chamar a atenção da rapariga; ela logo veio em sua direção, e atrás dela, o pai e dois irmãos. Jan contou quem

era e o que fazia ali: viera visitar a família vizinha, mas eles não estavam, faria mal se esperasse por uns minutos? Podiam beber a cerveja, disse Jan,

presenteando-a a José Richter, que o mirava entre desconfiado e satisfeito.

Anna e sua mãe não estavam, tinham ido à cidade tomar as medidas de uma cliente, e com elas foram também Ludmilla e o mais moço dos meninos.

Sendo assim, José Richter mandou que Maria lhes trouxesse copos, e a cerveja foi consumida enquanto os homens se gastavam numa conversa

sem começo nem fim, e Jan contava suas desventuras e os planos de seguir para a capital.

Não sei em que termos se passou o que conto a seguir. Talvez a maioria dessas coisas tenha acontecido nada mais do que em pensamento, posto que disso não restou vestígio nos anos futuros; mas consta que Jan teria se enamorado de Maria, a irmã mais moça de Anna, minha avó, e que naquela

visita, por artimanhas do destino (e artimanhas ainda insolúveis a esta altura dos fatos), Jan deixou de lado seus ardores pela bonita professorinha

e dedicou-se a cortejar a jovem Maria Richter, loura, mais esguia que a irmã, e de bom temperamento. Evidentemente, não deixou disso um sinal

naquela primeira visita, mas prometeu voltar. Deve mesmo ter partido com firme intenção de falar com o pai da moça, a fim de receber permissão para um compromisso entre eles. Das mulheres, conhecia o suficiente para crer que sua figura estava longe de desgostar Maria.

Jan era um homem decidido, e assim o fez. Na tarde do dia seguinte, logo

que o sol começou a declinar no céu, ele bateu ao portão da casa dos Richter. Desta vez, minha avó Anna estava em casa, costurando à sombra de uma árvore, abatidíssima pelo calor. Ela ergueu os olhos do tecido que

se ocupava em cerzir e viu a figura de Jan Wierzchowski, que esperava o seu consentimento para entrar.

Foi um amor certo como uma paixão de García Márquez, e dele a

pobre Anna jamais pôde se livrar; ao contrário, quanto mais passava o tempo, mais ela amava seu Janek, apesar de todas as agruras e sofrimentos

que a vida haveria de impor-lhe — e dizem que Anna morreu amando o marido ainda mais do que no começo. Naquela tarde, porém, ergueu-se sem

muito equilíbrio e foi receber o estranho no portão sem supor que sua vida

ali cambiava para sempre.

Anna tinha ouvido um bocado de coisas sobre ele na noite anterior; mais

do que tudo, porém, chamara-lhe a atenção um certo ar faceiro no rosto de

Maria. Ainda durante o jantar, quando raramente se falava naquela mesa de

oito lugares, o pai contara à esposa sobre os planos do jovem

Wierzchowski, dizendo que ele pedira permissão para visitá-los no dia

seguinte — talvez porque buscasse uma esposa, e naquela casa havia três.

Mariana Richter admoestara o marido pelos seus comentários, e no dia

seguinte preparou um bolo para receber a visita.

Anna e Jan trocaram poucas palavras quando se viram pela primeira

vez. Ela era uma moça tímida e as leis sociais de então eram rígidas.

Imagino-a, porém, parada em frente ao portão, mirando-o por um

momento com aquele seu olhar terno, exaltado pelo amor recém-

descoberto.

José Richter e sua esposa estavam à espera de Jan. Os filhos homens seguiam trabalhando no moinho, as moças estavam fechadas na cozinha,

ansiosas por ouvir a conversa que se passaria na sala.

Do diálogo que aqui se segue, ouvi brevíssimos trechos, lapidados pelo

tempo e transformados por incontáveis narradores, porém nenhum deles

foi meu avô. Jan não contava do passado, sequer fazia troça dos volteios que a vida dá. Para ele, era certo e justo que Anna fosse a mulher que o destino lhe entregara a fim de formarem uma família. Assim, levado à pequena e asseada sala dos Richter, meu avô se sentou na cadeira que lhe

indicaram. Depois das banalidades correntes que se seguem à apresentação

de uma visita, tendo o avô entregado ao velho Richter uma nova leva de cervejas compradas na cidade, iniciou-se entre os dois uma pueril

negociação. Como o patriarca em questão não era lá homem de muitos

rodeios, quebrou ele as gentilezas logo de início, dizendo:

“O senhor por certo veio aqui me pedir algo, panie Wierzchowski. Ainda ontem não nos conhecíamos, mas esta já é a segunda visita que nos faz.”

E dito isto, bebeu o primeiro gole da cerveja que a esposa lhe servira num dos melhores copos da casa.

“Sim, panie Richter. Vim aqui pedir sua anuência. Sou um homem de

respeito, e não poderia deixar de ter a sua permissão para o que eu desejo.”

O velho sorriu. Já tinha casado uma das filhas e conhecia bem os volteios

e os pormenores de uma negociação de bodas. “O senhor quer casar com uma das minhas meninas”, concluiu o velho, dando uma palmada na

própria perna. “É isso ou não é, panie Wierzchowski?”

A bisavó sequer respirava. Não imagino o que estivesse acontecendo

então na pequena cozinha de madeira onde as três moças Richter

escutavam tudo, trêmulas de euforia.

Disse Jan: “Ontem contei ao senhor que tenho planos de fazer a vida em

Porto Alegre e lá terminar os meus estudos de engenharia. Por enquanto, sou apenas técnico construtor, mas entendo do assunto. Na cidade grande,

enfim, tudo está sempre crescendo. Há empregos nas fábricas e nos

escritórios. Eu vim aqui apenas vender minhas terras ao tio Alexandre e partirei em breve, com dinheiro no bolso suficiente para começar uma vida

honesto. Queria seguir casado daqui para Porto Alegre, por isso vim pedir a

mão de Maria.”

O velho Richter ficou vermelho. Secou o copo de cerveja e depositou-o

sobre a única mesa da sala. Havia ali uma lógica muito clara, uma lógica implícita entre as quatro paredes de madeira e acaçapada pelo teto de telhas de barro. José olhou aquele jovem imigrante — não teria ele próprio

sido assim tantos anos atrás? — e concluiu numa voz que não admitia dúvidas:

“Acontece, panie Wierzchowski, que Maria não pode se casar.”

O avô ficou confuso. Tinha visto os olhos dela, tinha visto o sorriso cheio

de promessas. Retesou o corpo na cadeira: “Mas como, panie Richter?

Tenho certeza de que agrado a sua filha. Eu sou viúvo e ela não é comprometida.”

O velho deitou seu olhar agudo sobre Jan: “Não é comprometida. Mas

também não é a mais velha das filhas que guardo em casa. E o senhor não

pode comprá-la por uma dúzia de cervejas.”

Jan Wierzchowski era um páreo à altura de José Richter. Ele queria

casar e tinha decidido fazê-lo com uma das moças daquela casa, de

preferência Maria. Assim que ele ergueu os olhos e mirou o dono do

moinho, disse: “Eu vim aqui honradamente pedir a mão da sua filha, não vejo motivo para que o senhor me ofenda.”

Talvez Mariana Richter tenha deitado um olhar de corajosa censura ao

marido, conhecedora que era do seu mau gênio. Talvez o velho tivesse bebido demais, pois em poucos minutos estava já na segunda cerveja; o certo é que amansou, e igual a um criador que vai à feira vender seus animais, igual a qualquer outro homem de negócios que se vê diante de bom comprador e quer lhe vender a mercadoria em vista, disse a Jan o patriarca dos Richter:

“A mão de Maria eu não lhe posso dar, Wierzchowski. Mas Anna, que é a

mais velha das filhas que tenho em casa, seria uma ótima esposa. Tem excelente saúde e é muito trabalhadora. Nesses anos todos, é ela quem ajuda minha mulher a coser para fora.”

Jan tinha visto Anna uma única vez, ainda ao portão e muito

brevemente. Porém, lembrava-se dela com minúcia e concluiu que era

doce, equilibrada, bem fornida de carnes e capaz de começar uma vida na

capital ao seu lado. Pareceu-lhe que tal julgamento era suficiente para eleger a mais velha das filhas dos Richter como sua esposa e companheira

de vida, e Jan aceitou a oferta de José sem fazer barganhas. Não se casaria com a professorinha de costura nem com Maria — seu destino era Anna, e por mais arrevesado que me pareça hoje, havia nesse contrato um sopro de inevitável.

Poucos dias depois, em 6 de novembro de 1937, os noivos contraíram

matrimônio perante o juiz do distrito de São Luiz Gonzaga, do qual fazia parte a comarca de Guarani das Missões, e Anna Richter entrou assim, irremediavelmente, na vida de Jan Wierzchowski.

9.

(1937, um ano depois de Jan chegar ao Brasil.)

O primeiro canto do galo encontrou-a de olhos arregalados. Não, não

tinha dormido naquela noite nem por um instante, nem embalada pelo

ressonar dele em seu peito. Como dormiria? Como uma mulher tocada pela

vida, pela vibração mais aguda da vida, poderia dormir? Sentia-se febril e emocionada. E com medo também. Como algumas vezes na penumbra da

igreja, sentindo a umidade do chão sob os pés e o olhar pesado e amoroso

do Cristo na cruz, ainda agora ela se via um pouco apartada do seu corpo.

Leve, levíssima. Uma brisa que entrasse pelas frestas da veneziana de madeira poderia carregá-la para longe dali. E, no entanto, ela riu na obscuridade do quarto, no entanto, não poderia... Nunca mais haveria de se

separar deste homem. Tinha disso a mais plena certeza. Ao entregar-se a ele perante Deus, perante as leis da sociedade dos homens, ela também o

recebera. E outra vez ainda, trêmula, no escuro daquele quarto, sobre o colchão. Sim, alguma coisa entre suas pernas se acendera ao toque

daquelas mãos, um estranho animal faminto e ardoroso, cuja semente jazia em sua carne, aquecida entre as coxas grossas, havia tanto tempo. Como um vaticínio, uma profecia.

Enfim, havia chegado o dia. A criatura nascera das suas entranhas com

sua fome de séculos. Seu ventre, suas pernas, seu sangue, tudo fazia da criatura uma coisa forte,

inesgotável e eterna. Agora ela, e antes dela, a irmã. E antes ainda, a mãe delas, Mariana, e a mãe da mãe delas. Da frente

para trás até o fim dos dias, a criatura deixara pegadas...

Anna sorriu, contente. Era aquilo uma felicidade impossível de mensurar em palavras. Não havia verbo ou substantivo. Aquele homem que dormia com a cabeça apoiada no seu colo como um menino grande demais, corajoso demais, cansado de tão longa viagem cheia de aventuras, era o fim de uma coisa e o começo de outra. Duas estradas se bifurcavam sobre aquela nuca; Anna abandonava a primeira delas e seguia pela senda misteriosa da segunda.

Um tênue brilho entrava pelas frinchas da janela, e ela podia ver o contorno da cabeça de Jan apoiada na brancura da sua própria pele. Como dormia! Um sono pesado de homem.

“O sono do meu homem”, provou ela falando baixinho, quase sem deixar escapar um som, e botando o coração em cada sílaba.

Para além daquele quarto, o mundo seguia igual. Ela podia enxergar como se estivesse na cozinha, colocando na mesa as coisas para a primeira refeição do dia: o pai entrando, sério e ainda cheio de humores de sonho, a mãe com seu rosto cansado e gasto, o barulho da água fervendo no fogão a lenha, o cheiro do café e do pão assado na noite anterior... E depois o ruidoso movimento dos irmãos, grandes demais para a peça exígua, enfiando as mãozarronas no pão, arrancando dele gordos pedaços, espalhando farelos pela mesa coberta com a toalha cinzenta, enquanto o pai os apressava, porque sempre estava tarde demais para ele, porque era

assim que sabia viver: reclamando. Anna sorriu. Agora estava ali com Janek

e podia sentir o toque áspero da pele do rosto onde a barba principiava a crescer. Ah, era assim o amor... Essa quentura, a pele áspera na palma da sua mão, essa espiral crescendo e crescendo dentro dela, estourando como

uma semente sob a terra úmida, no momento exato, no instante absoluto em que se decide a romper a

casca e cumprir o seu destino.

Jan se remexeu sobre ela, escorregando mais para o lado do colchão de

palha. Um sopro de ansiedade percorreu seu corpo, avivando-a. Queria-o perto, o mais perto possível. E que ele não acordasse até o sol ir alto no céu.

Pois ali naquele quarto silencioso, naquele quarto improvisado pela mãe à

custa de mandar os irmãos dormirem no galpão, ali o mundo era só deles.

Um mundo único, recém-descoberto. E Anna nunca se sentira tão feliz na vida. Nunca.

“Mój kochany”, disse ela, somente mexendo os lábios. “Meu querido...”

A vida era boa e ela não sabia! Até então tinha vivido uma existência incolor, mas agora tudo mudara.

Olhou o esposo adormecido ainda uma vez

(agora ele escorregara de seu peito e estava deitado de lado sobre o colchão), pensando no seu incrível poder, na sua excelência, na capacidade

inata que ele tinha de mudar as coisas ao seu redor. Saberá ele disso? De

quanto era capaz? Em sete dias tinha feito dela outra pessoa. Ah, queria ficar muito mais tempo naquela cama. Sem fome ou sede ou qualquer

necessidade que Jan não pudesse satisfazer. Sendo, só sendo...

Vergonhosamente sendo. Ela, a carne dele, o caminho da sua boca, o seu esteio. E feliz, feliz como se fosse um balão de quermesse muito cheio, mas

tão cheio que pudesse subir até os confins do céu e ficar para sempre mergulhada no azul.

Pela janela, a luz rósea principia a ganhar mais claridade. E o primeiro

ruído lá fora. Os irmãos desmontando a mesa grande no jardim, a mesa onde puseram a comida das bodas.

Corou ao pensar nos irmãos, a doce Anna. Com certeza eles sabiam o

que ela fizera ali naquele quarto, sobre os colchões deles, amarrados um ao

outro para darem espaço à consumação das núpcias. Eles já tinham feito aquilo uma vez ou outra, quando viajavam com o pai, quando voltavam

cheios de segredos dizendo coisas “que era melhor as moças honestas não

ouvirem”. Também o pai e a mãe haveriam de saber — a mãe tivera o vulcão aceso em sua carne, ela o sabia — era uma lei, enfim. Mesmo assim,

Anna sentiu uma certa vergonha, embora Deus tivesse aprovado o encontro do homem e da mulher e ela levasse a aliança fina, fininha, um pouco apertada demais, no dedo anular. A mãe não lhe perguntaria nada, apenas baixaria mais os olhos quando ela surgisse na cozinha. Mais uma filha entregue, mais uma para lavar e passar e carregar nas carnes a semente dos outros — igual ao destino dela era o destino das meninas que ela tinha deitado no mundo. E assim tinha de ser.

Anna se remexeu na cama; o corpo pálido, viçoso e roliço tocou o ar parado da alcova, o ar que principiava a ficar quente. Tudo estava muito claro dentro da sua alma, tudo muito certo, finalmente. Anna. Anna

Wierzchowska.

Deitada ali, no silêncio da alvorada, a vida se explicava enfim.

10.

Teria sido a pressa uma característica daquele tempo, da condição de imigrante? Ou era simplesmente o fato de que Jan guardava em si uma certeza justa, muitas vezes aprimorada, de que o destino o aguardava em determinado local, num tempo específico e inadiável? Teria sido o enfado

ou a segurança de que a vida se faz a cada instante que empurraram para a estrada Jan Wierzchowski, agora levando consigo Anna, já no dia seguinte

ao das bodas? Pois é fato que os noivos partiram de Guarani das Missões com uma pressa que causou espanto e surpresa àquela gente que não sabia

contar a vida por dias, mas por anos.

Anna Wierzchowska se despediu da família e das amigas do clube de

costura sem grandes sofrimentos; Jan recebeu o pagamento pelas terras, deu adeus à cidade, aos amigos, ao bar onde jogara seu carteadado e tomara

suas bebidas, e ambos seguiram no rumo da capital. Não sei ao certo como

venceram a viagem: em pouco tempo (apenas quatro dias), Jan

Wierzchowski estava já em Porto Alegre fazendo carteira de sócio da

Sociedade Polônia, reduto e ponto de encontro dos patrícios mais ativos residentes na capital do Rio

Grande do Sul.

Os poloneses, essencialmente agricultores, em geral conheciam Porto Alegre de passagem, a caminho das colônias do interior do estado. Mas alguns ficavam ali. Consta do mais antigo *Almanaque Polonês* que, no ano de 1898, cerca de 40 famílias residiam em diversos bairros da cidade. Em 1914, ano em que eclodiria a primeira Grande Guerra na Europa, a

comunidade polonesa porto-alegrense já contava com cinco mil almas.

Apenas uma pequeníssima parcela dessa gente se reunia na Sociedade

Beneficente Águia Branca, que em 1930 haveria de se fundir com outra agremiação sob o nome de Sociedade Polônia.

Oito anos depois, meu avô aportaria na sede da Sociedade, no coração do bairro São Geraldo. Era um dia estranho aquele. Talvez um mau augúrio

para qualquer começo, qualquer soma, qualquer união. Mas não na vida de

Jan, pois a Sociedade Polônia seria para sempre um dos grandes alicerces

da sua existência. Ele ainda não sabia disso naquela manhã, quando saiu à

rua, sob o sol quente, feliz da vida com a sua carteira de sócio no bolso.

Era o dia 10 de novembro de 1937.

Enquanto Jan se agregava à Sociedade Polônia, no Rio de Janeiro as

Forças Armadas cercavam o Congresso Nacional. Naquela noite, Getúlio

Vargas anunciaria em cadeia de rádio a nova Constituição da República, elaborada por Francisco Campos, que, entre outras coisas, instituía a pena

de morte e o estado de emergência, permitindo ao presidente suspender imunidades parlamentares, invadir residências e exilar ou prender

opositores do seu governo. Começava o Estado Novo. (Entre outras leis, ficava instituída a proibição de que filhos de imigrantes nascidos no Brasil

fizessem parte de qualquer agremiação estrangeira. Na Sociedade Polônia,

com grande pesar, fechavam-se as portas da escola polonesa, depois de várias décadas de funcionamento.)

Mas para Jan e Anna, pelo menos nesse tempo, deixemos a poesia.

Eles mereciam um princípio de casamento menos conturbado, por isso

gosto de pensar neles chegando a Porto Alegre como qualquer casal em lua-de-mel. Os dois apoiados na amurada de um navio do Lloyd, um casalzinho

merecedor de olhares respeitosos, deslizando pelas serenas águas azuladas do Guaíba, enchendo os olhos com a verdejante mata que recobre as ilhas em derredor. Montanhas, sim, haveria montanhas cortando o céu de um azul impecável, estendendo-se para o alto, preguiçosamente, entre as nuvenzinhas finas que surgiam aqui e ali.

E, mais perto da cidade, veriam eles as marcas do crescimento, da força

da gente portuguesa que ali fincara o pé e a pá tantos anos antes: uma fábrica e outra e outra, com suas chaminezinhas fustigadas pelo sol,

soltando vapores plúmbeos na atmosfera da capital rio-grandense. E minha

avó encantada, tocada por Deus, sorrindo, sorrindo, dentro do seu vestido

novo, costurado às pressas para a vidinha de casada, segurando a bolsa onde ela guardava um título de eleitor que permaneceria intacto por mais

algum tempo; e Jan ao seu lado, sereno e seguro de si.

“Consegui”, pensava ele, “fui e voltei. Agora vim para ficar.”

E vinha casado, feliz. Com o dinheiro necessário para começar a sua

vidinha. Não tinha então dado uma volta no destino que tantas lhez

aprontara naquele último ano? Enfim, tudo começava como tinha que ser.

“Você gosta, moja kochana?”

E ela, feliz, responderia: “Gosto, eu gosto muito, Janek.”

E então Jan ria aquele seu riso imprevisível como um fenômeno da

natureza. “Pois esta será nossa cidade, Anusia. Aqui teremos filhos. Aqui faremos o futuro.”

E era fato. Anna sabia: dentro dela, dentro dos olhos dele, estava escrito.

Depois veriam a cidade se abrindo para os dois. Um segredo enfim

alcançado, vívido e brilhante de sol aos pés das águas que ali se

derramavam. “Quatro rios”, teria dito Jan à sua esposa, porque tinha lido sobre aquelas águas nas longas

noites que gastara ao lado de Feliska no hospital público. “Quatro rios aqui deságuam seus humores. O Caí, o Jacuí, o

Gravataí, e o dos Sinos.” E tais palavras haveriam de dançar na sua boca tão desacostumada às vogais, eternamente desacostumada, aquela sua boca de

imigrante polonês.

Enquanto o vapor atracava no porto, veriam eles as torres da igreja de

Nossa Senhora das Dores, depois a ponta de um e outro edifício. A cidade

crescia soprando vida por todos os poros, escorrendo vida até o porto, com

seu bulício, com seus odores e toda sorte de palavras incompreensíveis, com seu comércio de frutas e comidas, e todo tipo de artigos que vinham do

interior e de outros estados ainda, até da Argentina e do Uruguai. Uma euforia. Uma agudeza de sons, uma miscelânea de rostos, uma

efervescência de cores para os olhos — o amarelo-dourado das laranjas, o

negro dos feijões, o castanho dos couros que vinham das estâncias da Campanha (e como fediam, empestando o ar com seus olores

nauseabundos). O milho, aquele grão que Anna conhecia e tantas vezes

moera para fazer o pão dos irmãos, mas que para Jan era um mistério. Os

grãos de milho que ela lhe mostrou falando em bom português com a velha

preta que os vendia, comprando um punhado deles por uma moeda. Um

presente seu para Jan.

“Parece ouro”, teria-lhe dito o esposo.

“Guarde-os, Janek. Para que nos tragam sorte.”

E Jan enfiou meia dúzia daqueles grãozinhos no bolso da calça,

encantado com a nova presença de espírito da esposa.

Assim seguiriam eles, atravessando o fervor das gentes — e mais uma

vez Anna Wierzchowska se mostraria rara, impensável, insubstituível na

vida daquele polonês, pois ela era gente da sua gente, mas falava a língua

que ali falavam os homens de bem, e por causa disso uma boa parcela de

sofrimentos estava posta de lado — ela sabia ler os documentos, sabia pedir um endereço, agradecer, barganhar e fechar um negócio, ela sabia o

que dizer aos despachantes, à velha que vendia pão, ao homem da imobiliária e à atendente do hotelzinho barato onde eles haveriam de passar a sua primeira e inesquecível semana na cidade de Porto Alegre.

11.

O velho na fotografia:

Nunca pensei que alguém um dia gostaria de contar esta história e tudo

o que dela brotou e deu frutos. Nunca pensei, porque desde sempre as gentes da nossa família tinham que se ocupar em levar a vida adiante —

jamaís nos sobraram zloty para quaisquer arroubos de grandeza ou de

poesia, e a vida na Polônia, embora doce, era dificultosa, árdua. No entanto,

sempre fomos uma gente de bem, uma gente pobre mas de respeito, e

inclusive, durante algum tempo em Terebin, tivemos uma certa

proeminência, pois eu era o diretor da Escola Agrícola, e Terebin era uma

vila agrícola. Portanto, parecia claro que eu sabia tudo o que então se devia

saber. Naquele tempo, sim, tivemos fartura.

Boze, mój Boze, foi um tempo feliz aquele. A nossa granja não era

grande, mas também não era pequena demais. E dava muito e de tudo. Os

meninos trabalhavam duro, mas a terra valia a pena... E eu também,

quando voltava da escola, nas boas tardes de primavera e de verão, eu também trocava o terno de professor por umas calças de trabalho, aquelas

calças sem cor, mas sempre passadas a ferro com o devido cuidado, e ia

para a lavoura e remexia a terra, remexia a terra até o estômago colar nas costas e Anusia mandar Hela com o aviso de que a comida estava pronta.

Foi um tempo bom como eu não me lembro de outro... Mietek era ainda um

menininho, mal aprendendo as primeiras palavras, chamando a mamusia e

oferecendo-lhe beijos lambidos e pilhas e pilhas de fraldas sujas, que Aniela

lavava sem reclamar, agachada sobre a tina, enquanto tratava de ensinar a

Hela como se fazia aquilo, aquilo de lavar a roupa e de quarar as fraldas das

crianças, e até como se tratava uma criada, para o caso de a menina um dia

vir a ter uma... Sim, Aniela aproveitava o tempo das lides, aproveitava-o bem, trazendo sempre Hela em sua cola. “Veja bem isso, moja kochana, a batata tem esta consistência após a fervura, e Hela, kochana, deixa-se o coalho pingando por três dias, e as fraldas se lavam com água acalentada que é para sair bem a merda das crianças, que essa é a pior mancha que se

pode encontrar pela frente, pior até que aquela outra, que acontece às mulheres depois de um tempo na vida, mas isso você ainda não sabe,

Hela...” Pois até me dói lembrar daquele tempo, que passou sem volta como

passam todos os dias da vida de um homem. Até me dói.

É por isso que me espanto sempre que vejo o que ela está fazendo com a

nossa história. Contando-a, mój Boze!, como se fosse preciso desenterrá-la

do esquecimento, igual ao que fazem hoje em dia com os pobres mortos das

famílias — ela está exumando a nossa história. E contando-a não do

princípio, quando a vida era boa em Terebin e Aniela dizia essas coisas para

a menina, e Mietek ficava lá chorando e comendo suas papinhas de batata

amassada, e Stach já estava aprendendo as primeiras letras na escola, e Józek e Janek andavam comigo, iam à aula, eram os melhores alunos, os mais aplicados, um orgulho para o diretor e para o pai que eu era, e mesmo

que eu às vezes batesse neles para que as tarefas andassem em perfeita ordem e a lavoura cuidada como se devia, mesmo que eu batesse neles, ainda assim eram um orgulho para a família aqueles dois meninos — e eles

nem choravam. É por isso que me espanto, aqui de dentro desta fotografia

pequenina, de onde eu olho tudo isso com meu único olho bom. Mas por que essa menina tem que ter tal predileção? Com tantas histórias para serem contadas, partindo da idéia de que seja boa coisa viver disso, dessas

leviandades, dessas nebulosidades, e não da terra, da velha e boa terra, que

a gente semeia e rega e no tempo certo tudo dá...

Enfim, é isso que me pasma, mais do que essa mania de contar as coisas:

é contá-las do meio para o fim. É contá-las de forma a esquecer a parte boa,

a parte válida e certa e coerente, aqueles anos levados pela mão do marechal Pilsudski; não, eu não desgostava dele coisa nenhuma — foi uma

época bonita aquela. A casa de dois pisos, limpa, limpíssima, inteiramente

nossa, as camas arrumadas, o fogão sempre fumegando, e Aniela ainda

alegre, cercada pelos filhos que depois ela foi perdendo um após o outro, e

com grande prejuízo para sua alma e sua saúde. Mas não, isso ela não quer

contar, não pode contar, não sei por quê. Deve essa menina ter herdado mesmo a teimosia de Janek, pois Janek fazia tudo do seu modo, e não adiantava falar uma, duas, cinco vezes, e não adiantava surra, não

adiantava nada, o espírito daquele menino ninguém dobrava, e tanto fez, e

tanto foi, e tanto aprontou que me fugiu aos catorze anos e sem um zloty no

bolso, com isso quase botando a mãe louca, porque o mundo é grande, mas

coração de mulher é maior ainda, e me deixando a babar de fúria, eu, logo,

eu: o diretor! Fugia um aluno no meio do período letivo e ele era quem, se

não o meu primogênito, Jan Wierzchowski!

Vai ver que é por isso que essa história é assim, mais a história de Janek

do que a nossa, mais uma história de polonês neste país de nome estranho

e de gente mais estranha ainda do que uma história de polonês na sua pátria, que é como deveriam ser todas as histórias, e com alemães e ucranianos apanhando do começo ao fim de cada capítulo, para que a gente

pudesse, mesmo dentro da fotografia, mesmo aqui, em preto-e-branco, se desferrar de cada ofensa, de cada morte, de cada dente perdido e da dignidade, coisa maior de todas, para sempre esfolada naquela miserável

guerra, a mais miserável das três guerras que Deus me deu para viver, e eu nem gosto de lembrar daquele tempo que me revolta, até na morte me

revolta o que um polonês teve que suportar na sua própria pátria.

Polska, ah, Polska, quantas saudades eu tenho daqueles tempos em

Terebin, quando tudo ia muito bem, tão bem mesmo, e a gente até podia fazer umas economias e comprar

uns bons tecidos de lã, e viajar até Cracóvia todo mundo junto, e batizar um filho após o outro naquela beleza

da igreja da Santíssima Virgem Maria, onde dava mais gosto ainda amar a Deus Nosso Senhor. Mas esta história nada tem a ver com isso. Tem a ver com Jan e a segunda vez que ele foi embora. Um filho ir embora duas vezes é demais para um pai, para qualquer pai; mesmo que ele não seja diretor de nada, de coisa nenhuma, ainda é o senhor da família, é o chefe, e todos têm que obedecer à sua palavra. Todos, menos Janek. Agora, uma coisa é bem verdade: se Cristo sofreu o que tinha que sofrer, quem somos nós para reclamar?

Eu vivi todos os meus anos sem questionar muito as coisas; política é um assunto complicado e um homem pode se perder por ele. Dos judeus,

deles eu não falo nada. Conheci-os bons e maus. Vi eles serem levados às pencas, feito bichos, e dizem que depois queimavam eles nuns fornos, mas

isso foi o coitado do Józek que me contou, ele mesmo quase foi pelo mesmo caminho e voltou para casa só porque Deus quis, até hoje não se sabe como foi que o coitado escapou dos malditos szwaby... A gente passou muita coisa ruim aqui, ninguém jamais vai saber o que foi viver nesta terra sob a sola da bota dos alemães. Mas isso também é outro assunto, que o homem quando se afasta de Deus se aproxima é do diabo mesmo. E guerra, wojna...

Guerra é coisa que vira a vida de cabeça pra baixo. Mas, mesmo assim, eu

nunca que me meti em assuntos de política. Nunca quis saber de partido nem de coisa nenhuma. Os filhos sim, eles já nasceram com essa idéia de querer consertar os erros do mundo — como se eles pudessem ser

reparados. Pobre do Stach, pobre do Mietek. Pobre da Aniela, que nunca parou de chorar depois do que aconteceu.

Daí que eu talvez até possa hoje entender o Janek, mas não posso

perdoá-lo. Ele foi embora da pátria e isso pra mim não tem desculpa que sirva. A pátria de um homem é o seu sangue. E o Janek partiu antes de tudo

começar a acontecer. Bem, é verdade que quando meu filho foi embora as

coisas já não iam muito bem.. Depois que morreu o marechal, começaram os problemas, sem falar no tal do Hitler. E é verdade que Janek tinha ido estudar uns meses lá na Alemanha, quando era protegido daquele engenheiro de Varsóvia, e é verdade também que o meu filho voltou de lá com umas idéias... É preciso cuidar com esses alemães, ele dizia para quem quisesse ouvir. E dizia que o único alemão que valia a pena em todo aquele país era um amigo que ele tinha feito por lá. Alfred era o nome dele. Um jovem estudante de engenharia. Era um raciocínio muito genérico, porque num país não existem só pessoas boas ou ruins, mas uma maioria influenciável ou fraca que se deixa levar por uma minoria ambiciosa. Era isso que eu respondia ao Janek, mas ele não queria nem saber. Dizia que a Alemanha era um barril de pólvora, e só o Alfred e uns poucos jovens é que percebiam o que andava acontecendo por lá, e as coisas que os nacional-socialistas estavam fazendo com o povo. A gente discutia muito naquele tempo e nunca chegava a qualquer juízo comum.

Bem, depois de uns anos, Jan partiu e levou a Feliska com ele. Entrou naquele navio e foi ganhar o mundo. Janek era o meu primogênito e não era isso que eu esperava dele, então eu fiquei com muita raiva mesmo. Nem falava o nome dele na frente dos outros e proibi os filhos de ficarem falando. Quando eu não estava, tudo bem. Mas na minha frente eu não queria ninguém falando no Janek.

A gente ficou muitos meses sem uma carta. Elas vinham de navio e demoravam, demoravam mais do que o verão demora para chegar aqui.

Quando a primeira carta veio, Aniela chorou muito. Chorou muito e leu. Ela sabia ler bem direitinho e eu também fiquei ouvindo, embora fingisse que não me interessava pelo Janek.. Na verdade, eu me interessava pelo Janek; mas, naquele tempo, o ódio rivalizava com o amor dentro de mim. Eu sentia uma mistura disso a me corroer cada vez que pensava no meu filho primogênito. Hoje eu posso dizer: a gente vira retrato e tudo fica mais fácil quando se trata de emoções, elas ficam assim fininhas e cabem dentro da gente como uma letra cabe numa folha de papel, mas naquele tempo...

Então na carta o Janek escreveu que tinha casado de novo. Bem verdade

que ninguém se espantou com a notícia, porque numa outra carta de

tempos atrás a gente tinha ficado sabendo que a menina, a esposinha dele,

estava perdida dos pulmões, e parece até que tinha alguma coisa mais, umas doenças lá que ela pegou naquelas lonjuras, talvez por causa do calor.

E a matka leu em voz alta o nome da nossa nora: Anna. Era um nome bonito, um nome polonês, e aquilo deixou todo mundo muito emocionado,

menos eu, que não podia me emocionar na frente dos filhos, dos três que me tinham sobrado, porque já naquele tempo, depois de a Aniela ensinar Helena a limpar e cozinhar e lavar as fraldas sujas das crianças, ela já não

morava mais com a gente, mas com o Wladek, que era marido dela e um homem bom.

Pois assim é que é. Eu nunca que conheci a minha nora, a Anna, que pelo

menos era polonesa e até que escrevia muito bem na nossa língua. Nem os

meus netos brasileiros, eu não conheci nenhum deles... O Janek, eu fiquei vinte e oito anos sem ver. Bem que ele tentou visitar a gente depois que a

guerra acabou e ele andava em Londres, mas o pessoal de Lublin já então

não queria saber deles, dos soldados poloneses que tinham lutado junto com o nosso governo em Londres; diziam que eles eram aliados dos

capitalistas, gente do Churchill, amigos dos americanos, e aí o Janek não veio, porque, se viesse, a coisa era muito incerta, e falava-se de umas deportações, de gente que ia para a Sibéria, mas isso tudo muito em segredo, porque nem falar a gente podia, essas coisas eram todas proibidas

naquele tempo.

O Janek veio somente em 1962, e eu disse pra ele, quando ele entrou aqui pela primeira vez depois de tanto tempo, eu disse bem assim: “Ainda

bem que você lutou pela nossa pátria, senão eu nunca que o receberia mais

na minha casa, mój synu.” Eu disse isso, eu olhei ele com o meu olho só, olhei meu filho primogênito, e naquele tempo ele já era um homem mais do

que feito, e tinha tido cinco filhos com a Anna, e eles eram muito bonitinhos, os filhos dele. Eu disse isso e fugi pro quarto, para não chorar

na frente da matka, que ela era muito fraca para essas coisas, coitadinha, e

ainda por cima sofria do coração. Vinte e oito anos é muito tempo para acalantar uma mágoa no peito, ainda mais em se tratando de um filho.

12.

A Porto Alegre daquele tempo era uma cidade próspera e moderna.

Tinha mais de 320 mil habitantes (era então a quinta metrópole mais

populosa do Brasil) e uma grande e ativa comunidade de imigrantes

européus. Nas suas ruas era comum se ouvir, além do português, muita gente falando em alemão, pois os alemães foram o maior braço colonizador

dessa área do Rio Grande do Sul. Porto Alegre era alegre e ruidosa, as ruas

exibiam seus cafés e suas casas comerciais. Os bondes cortavam a cidade de

um lado a outro, e a todo minuto a vida parecia estalar e ampliar-se, pulsante, apressada, resolutamente.

A cidade encantou meus avós, ambos acostumados a outras paisagens

tão menos efervescentes. As vastas praças arborizadas, as ruas

movimentadas de gentes que seguiam para seus trabalhos, os homens

elegantes, as senhoras de vestidos coloridos e sapatos finos, que iam e vinham, andando nas largas calçadas onde os ambulantes vendiam frutas e

jornais, enchiam os olhos de Jan, e seus ouvidos também — o português era

um mistério que ele custaria muito a desvendar. Assim como a banana, fruta que lhe causaria um eterno desconforto. Naquele tempo, os

vendedores de bananas gritavam em altos brados pelas ruas, oferecendo seus cachos amarelos e olorosos por um preço baratíssimo; mas nem a

economia apertada obrigava Jan a comer aquele fruto estranho que tanta desconfiança lhe causava na cor e no formato, embora Anna soubesse fazer

com ela um doce que ficaria eternizado na história das grandes comilanças

familiares.

Fazia um ano que o major Alberto Bins tinha deixado o comando da

capital do Rio Grande — com a declaração do Estado Novo, seu mandato fora interrompido no correr de 1937. O prefeito de Porto Alegre era

Loureiro da Silva, e algumas coisas começavam a mudar. Durante boa parte

da década de 30, a cidade recebera um número significativo de judeus que fugiam da Europa por causa das perseguições nazistas, mas uma legislação do Estado Novo estabelecera um sistema de cotas para a entrada de imigrantes em todo o país. A imigração se tornara mais dificultosa, e Jan tivera sorte — embora não fosse judeu, o controle da entrada de estrangeiros aumentara consideravelmente, enquanto no Sudeste europeu a situação se complicava mais e mais, com Hitler armando seus exércitos de maneira jamais vista e assustando todo o continente europeu, que, lívida e silenciosamente, esperava pelo pior. Mas Jan era um homem de sorte, e disso ele sempre soubera. A primeira residência do casal na cidade de Porto Alegre era no seguinte endereço: Rua Carlos Von Koseritz, número 826, uma ruazinha pacata no coração do bairro Higienópolis. Ali eles montaram o seu lar depois de uns dias vasculhando a cidade, aprendendo seus movimentos, normas e delicadezas. Nessa nova casa, um chalé de madeira com apenas quatro peças, porém limpo até as raias do celestial, foi que Anna e Jan viram chegar os primeiros sopros do ano de 1938.

Meu avô aos poucos começava a freqüentar a Sociedade Polônia.

Habituararam-se a passar lá as datas festivas; lá encontravam amigos e recebiam notícias da Polônia. A Sociedade era o centro nervoso da vida de um grande contingente de poloneses residentes na capital, e assim o avô gastava lá grande parte do seu tempo livre, jogando cartas ou conversando

com os amigos. Depois do trabalho, costumava dar uma esticada até lá, antes de retornar à casa e à mesa posta e fornida por Anna — uma

cozinheira de mão cheia que conhecia bem a culinária polonesa.

Anna Wierzchowska ia muito ao Mercado Público, um grande prédio de dois pisos com contornos neoclássicos que ficava no centro da cidade.

Sentada num banco do bonde elétrico e usando sua melhor roupa, com o dinheiro contado para as compras bem guardado dentro da bolsa, minha

avó descobria pequenos segredos de Porto Alegre: ruas e esquinas

passavam por seus olhos ávidos de tudo. Os bondes da Carris eram uns bichos metálicos barulhentos que trilhavam sem descanso as entranhas da

cidade e cujos ruídos estridentes assustavam os passarinhos.

Às vezes, Jan acompanhava a esposa ao mercado; iam aos sábados pela manhã. Nesses dias de passeio, o avô se lembrava de antigas andanças pela mão da mãe, quando a família viajava até Cracóvia para fazer compras. No

centro da praça principal de Cracóvia havia um edifício antiqüíssimo e imenso (mais imenso ainda aos seus olhos de menino), o *Sukiennice*, o Palácio das Fazendas, e era lá que ficava o mercado das fazendas e panos

onde a família e todas as gentes das redondezas se abasteciam, e Jan ainda

podia ouvir, como se o som viesse de dentro dele, a música linda e triste que descia do altíssimo campanário da igreja da Santíssima Virgem Maria.

Anna costumava comprar a *Revista do Globo*, e dá-lhe ensinar a Jan a escrita das palavras mais simples, necessárias no dia-a-dia, nas casas de comércio, no escritório da firma, no armazém onde pagavam suas contas semanalmente e onde compravam o pão e o leite, que ele jamais bebia. De

resto, era nas visitas semanais ao prédio do Mercado Público de Porto Alegre que Anna abastecia a minúscula despensa da casa com os

condimentos e ingredientes necessários às receitas aprendidas com a mãe:

o bigos, uma espécie de ensopado feito de carne de porco, os pierogi, a borszcz, a sopa de beterrabas com nata, a sopa de repolhos, a gelatina de carne e outras iguarias polonesas que a Jan apetecia comer diariamente.

Apesar da sua imensa dificuldade com o idioma português, demorou

pouco para que meu avô arrumasse seu primeiro emprego na capital.

Começou de baixo, como começavam todos os imigrantes. Embora tivesse

qualificações que o habilitassem a trabalhar como mestre-de-obras,

desenhista de plantas ou auxiliar de engenheiro naquela Porto Alegre que

não parava de riscar avenidas e se polvilhar de arranha-céus, Jan

Wierzchowski conseguiu mesmo foi um serviço como marceneiro numa

empresa de nome Haessler & Woebcke Ltda., que tinha endereço à Rua Alberto Bins, 393. Imagino-o entrando em casa, um sorriso no rosto bonito

de testa alta, os cabelos começando a rarear no alto da cabeça e as feições

ainda meigas — tão menos carregadas do que as do homem que voltaria, anos mais tarde, após as terríveis vivências da Segunda Guerra Mundial.

Imagino-o avançando pela sala minúscula até postar-se sob o batente da porta da cozinha, onde Anna preparava o jantar.

“Consegui, Anna”, teria dito ele, e sua voz forte se espalharia pelo pequeno cômodo.

Na cozinha, um cheiro bom e acolhedor de sopa. E os olhos de Anna, dois botões de luz naquele rosto largo e amoroso.

Ela limparia as mãos no avental e, sorrindo, aproximar-se-ia do esposo:

“Eu sabia, Jan. Eu rezei tanto, e com a sua capacidade, com os seus estudos.

Oh, Jezu, que notícia tão boa...”

Jan haveria de abraçá-la, mergulhar naquele corpo acolhedor e farto e sentir seu cheiro de sabonete misturado com o odor adocicado das

beterrabas que ela acabara de pôr no fogo. Não era o melhor emprego do

mundo. Não era um salário digno dos seus sonhos e da sua ambição. Mas Jan sabia que era um começo, um verdadeiro começo depois de um longo

ano, sofrido e difícil. Agora sim, ele tinha chegado à América.

“Hoje vamos comemorar, Anna. Hoje vamos sair, eu e você. Talvez dançar... Sim, podemos dançar em algum clube. E beber alguma coisa boa,

que nos deixe felizes.”

“Ainda mais felizes”, acrescentaria Anna, rindo.

“Ainda mais felizes, minha Anusia.”

E naquela noite eles teriam se divertido como qualquer jovem casal com

uma vida inteira pela frente. Gosto de pensar assim, de imaginá-los

dançando. Nem Jan tão sério, nem Anna tão tímida; ambos simplesmente

felizes, simplesmente vivos, circulando num salão repleto de pares ao som

de uma canção de amor.

A velha na fotografia:

Mój Boze, até eu mesma fiquei impressionada com a minha velhice na fotografia. Estática, parada em frente à câmera, a minha face vergou com o peso de todos os anos, de todas as coisas. Ah, nem conto que tipo de coisas essas que eu vivi, porque sei que falar nelas só faz mais doer, e porque o tatus não gosta, e eu entendo o jeito dele, estes silêncios todos, ainda mais agora, na fotografia, e bem que ele nasceu com ares de quem estava sempre posando para um retrato, e até que ele gostava, porque retrato não fala e as coisas ficam todas guardadas dentro da gente num retrato, só os olhos, só os olhos dizem.

Mas eu nunca falei muito porque não tinha para quem dizer. Falava para dentro, com o Janek. Ele estava longe, ele sempre esteve longe, desde menino que ele tomou aquele trem nem sei como, me deixando com o coração na ponta dos dedos, eu firmezinha na janela de casa, um dia e uma noite inteira esperando que ele voltasse, agarrada nas gelosias... Mas o Janek não voltou. Eu sofri muito e não nego, mas eu entendi o meu menino.

“Mój synu”, eu dizia, “meu filho, você tem que obedecer ao seu pai e fazer tudo que ele manda.” E o Janek obedecia e fazia, era um menino muito bom, e inteligente, o mais inteligente dos quatro homens que eu pari, mas ele obedecia e me olhava, e dentro dos olhos dele eu via. Igualzinho ao pai. Aquele olhar de retrato.

Então, quando ele foi embora eu já sabia. Mas mesmo assim a gente sofre, a gente que põe carne da nossa carne neste mundo. Dói mais do que qualquer doença, e olha que eu morri doente, morri velha de doença, mas Bóg me deu a bênção de morrer um pouquinho antes dele, do meu Janek, e ficar esperando por ele no céu com Deus Nosso Senhor. E ele veio. Era novembro. E tinha os mesmos olhos, mesmo depois de morto, o Janek. Sem

falar nada. Nadinha.

Mas isso nem importa aqui. Porque o Janek foi embora duas vezes.

Da primeira ele voltou. Vinha meio criado por um engenheiro da cidade grande, e como era inteligente e tudo mais, estava estudando para ser um homem importante, que era o que o Janek sempre quis ser. Foi um tempo bom, quando voltou o meu Janek. A Hela estava já casada, os meninos todos ali. Janek ia e vinha, e depois casou também com uma prima, uma moça muito boa, a Feliska, que muito me ajudava, na casa e na cozinha, e muito boa era para mim, e me fazia chás e me punha compressas nas pernas, que já naquela época eu sentia umas dores.

Foi, sim, um tempo de paz. E a gente vivia bem em Terebin. Eu já tinha um neto, que depois morreu, mas também nem quero falar disso... Criança que morre pela mão de Deus já dói, quando morre do jeito que morreu aquela, e olha que era uma criancinha de uns três anos e ainda estava aprendendo o que era viver e correr pelo campo, e era só isso que importava para ele, e nada de guerra nem de alemães, nem de ucranianos e todo esse passado conflituoso da nossa pátria — o que o menininho entendia disso? Mas morreu. Wojna, guerra, só morte que traz... Então, do que eu falava mesmo? Do tempo em que o Janek foi casado e vivia com a esposa dele aqui em Terebin. Meu filho ia e vinha uma vez ao mês, porque estava no exército lá em Varsóvia, e muito engalanado, e muito correto, era um moço fino mesmo, e chegava sempre com algum agrado para Feliska e para mim, e uma vez me deu um lenço, noutra, uma casemira, nem sei como ganhava para comprar aquilo, mas Janek sempre foi muito bom com as cartas, ele me disse piscando um olho certa vez, e na caserna, bem, os soldados precisam se distrair com alguma coisa. Claro que o meu marido nunca soube que o Janek costumava jogar cartas, se soubesse... Nem gosto de pensar. Meu marido sempre foi muito rígido com duas coisas: bebida e jogo. Faltas imperdoáveis, ele dizia. Então, se soubesse que o Janek tinha aquela sorte com as cartas, e com o temperamento que os dois tinham (é bem verdade que nisso eram bastante iguais), a coisa não iria terminar bem. Assim, eu não contava nada a ele e, afinal de contas, silenciar não é mentir.

Foi então que o marechal morreu. Para mim, a morte dele foi como que um aviso. Ele era um apoio para o país. Józef Pilsudski. Dava para acreditar nele, e foi pela mão dele que a Polônia viveu o seu tempo de paz. Um tempo muito merecido, mas que acabou em 1935. Porque é verdade que foi em 35 que Hitler começou a dar o que falar. Janek sempre dizia, ele avisava que o tal Hitler ia botar a nossa paz a perder... Era inteligente, esse meu Janek.

Mais até que o Stach. O Stanislaw sempre foi inteligente e muito precoce, logo aprendeu a ler e nunca levava bordoadas do tatus, mas também sempre foi um menino muito rebelde. E depois de tudo que aconteceu com ele, aí sim, mój Boze, coitado do Stach.

Pois então eu gostava muito do marechal. Eu tinha vivido a guerra de 20, tinha visto os bolcheviques de perto, e se salvei meus dois meninos, foi por sorte e porque Deus queria, então como eu não ia apreciar o marechal?

O marechal Pilsudski botou para fora os bolcheviques, e mesmo que os ingleses tenham ajudado, ainda assim o marechal fez o trabalho sujo. O que

eu sei é que nós, poloneses, nós sofremos muito, anos e anos, ninguém sabe

o que é viver sem o seu país, ninguém sabe disso, a não ser os judeus, e

nisso a vida é engraçada mesmo. Os judeus foram muitas vezes maltratados aqui na Polônia, e um dia vieram os alemães e trataram os poloneses como

se eles fossem os judeus de antes. Como se a vida fosse uma escada, e todo mundo descendo um degrau ou dois.

Mas eu nunca tive nada contra ninguém, nunca tive mesmo, desde que

meus filhos estivessem bem e a comida servida na mesa. Pois é. Mas aí, depois que morreu o marechal, não passou muito e Janek veio dizendo que

ia embora tentar a vida na América. Que precisava ir. Por causa da

coitadinha da Feliska, que tinha caído num lago congelado. E o Janek falou e

falou. Os olhos dele brilhavam. Nunca vi ele falar tanto, e a gente sentada,

ouvindo ele.

“Ameryka. A-me-ry-ka”, dizia o Janek entre uma palavra e outra. Ele já parecia então muito longe de nós, como se não pisasse mais o mesmo chão. Ele já pisava a tal da América do Sul.

Era o fim do mundo para mim, o outro lado do nada. Mas muita gente ia para lá quando cansava de tudo. E gente jovem também, corajosa. Como o Janek, que organizou tudo em poucos meses, uma papelada danada, um monte de documentos e registros e folhas disto e daquilo, e nem sei direito se a coitada da Feliska queria mesmo ir, mas ela foi.

Outubro de 1936. Eu lembro bem. Não fomos ao porto, porque meu marido não queria. Naquele tempo as coisas eram assim. Eu que chorasse trancada no quarto. Eu que cozinhasse salgando a comida de lágrimas.

Depois, não vi meu Janek por muitos anos. (Num ponto até que ele teve razão, o meu Janek, pois um ano e meio depois a Alemanha já tinha ocupado a Áustria, e depois disso não parou mais.)

Fiquei vinte e oito anos sem ver meu filho. Se uma mãe conhece esta dor, ela vai me entender. Porque dizer dessa dor eu não digo... Só vi o Janek

por fotos, quando a guerra acabou e não abriam nossas cartas no correio.

Só por fotos, o meu Janek. E se ele era calado pessoalmente, imagina o seu retrato.

Tudo era foto na vida do meu Janek. Uma foto da esposa. Uma para cada filho. Morria alguém: retrato. Nascia, retrato também. Agora, nas cartas...

Ele era muito doce nas cartas, e mandava de um tudo. Eu comia e sentia o

gosto dele na comida que ele mandava. Eu bebia o chá que vinha lá do Brasil e sentia o perfume do Janek. Mas não falava nada para o meu marido

— depois da guerra, fui perdendo o hábito de falar também. Virei a velha deste retrato. Um rosto duro. Essa boca esgarçada, cheia de palavras que eu não disse. Nem para o Janek nem para ninguém.

E nem vou dizer agora, para pôr em livro. A minha vida foi difícil, mas foi

a minha vida, e eu não conheci outra. Tive cinco filhos, sim senhor. Dois morreram e foi na guerra. Um foi embora. Um carregou criancinhas judias

para serem incineradas num campo de concentração. Mas esse está vivo. E

me deu netos. E a gente não fala disso, como não se fala de um pesadelo.

Com os que morreram, meus dois meninos, com eles eu converso mais.

Todos os dias, enquanto mexo a panela, enquanto atiço o fogo, enquanto passo as camisas. Do Mietek me sobrou um neto. Está crescendo

parecidinho com ele. Às vezes eu digo: “Mietek”, digo depois engulo

correndo, e o menino ali, me olhando... O nome dele me escapa como um suspiro quase todo dia. O nome do meu filhinho vem de dentro e eu não controlo, igual a essas crianças que fazem pipi nas calças, sou eu com o nomezinho do Mietek... Era um menino tão bom, sempre grudado nas

minhas saias. Ajudava na casa, fazia tudo sem reclamar, era um anjo. Todos

os tios diziam: esse menino é um anjo. Mas aí veio a guerra, e o Mietek, que

era bom e era calmo, foi se revoltando por dentro. Devagarinho. Tão

devagarinho que era bem difícil de perceber; mas eu percebia... O Mietek lá

ajudando, todos os dias, igualzinho a sempre, mas eu sentia. E depois, depois prenderam o Józek, o Stach sumiu numa noite sem deixar pistas, e

eu e o tatus cada dia mais doentes, e o Mietek ainda aqui do nosso lado.

Cuidando de nós e até das crianças da Hela... Que menino, aquele. Mas o espinho já estava lá, cravado no soalho da alma. Eu via nos olhos.

Era um brilho.

Não o brilho dos olhos de Janek, que era um brilho de independência, de

desejo de voar. Mas o mesmo brilho, igualzinho mesmo ao dos olhos do Stach. E então eu comecei a sentir medo.

Porque era vingança. Brilho de vingança.

Naquele tempo, no auge da guerra, todos os poloneses lutavam contra

os alemães. Era um ódio que nenhuma palavra jamais vai poder definir.

Amanhã e a gente via pintado nas fachadas das casas que os alemães ocupavam: “*Polska Walczy.*” E

aquele símbolo, o P com duas pernas curvas, escrito carvão, às pressas, no escuro da noite. Às vezes, os militantes da A.K.

conseguiram matar um alemão, e no outro dia de manhãzinha a gente acordava com os berros, os berros dos alemães, e um monte de poloneses morria em retaliação.

Cem poloneses por cada alemão, duzentos por cada alemão — esse era o preço. E sempre aquele símbolo escrito às pressas, às vezes com sangue, “Polônia na luta”, a gente lia e ficava com os olhos cheios de lágrimas, e a alma cheia de medo, porque sempre morriam mais e mais... Para cada szwab, um monte dos nossos, sempre.

E eu ficava em casa. Naquele tempo a gente vivia em Lublin e tudo já estava muito difícil. Era perigoso até andar na rua, e ainda por cima era fome e doença, e as crianças da Hela chorando até de frio se era inverno...

Eu ficava em casa, muito quieta, cozinhando uma sopa rala e aumentando ela com água e farinha velha, enquanto o meu marido e o Mietek iam vender alguma coisa na cidade, porque naquele tempo a gente vivia disso mesmo, vendia umas batatas que tinha comprado no mercado negro por um preço menor, vendia uma cadeira se alguém quisesse comer em pé, vendia um par de sapatos se tivesse outro para usar... Era assim que a gente comia. E eu cozinhava isso, cadeiras, sapatos velhos, batatas e sonhos.

Mexia e remexia na panela escura. Sem dizer uma palavra. Para quê? Eu ficava pensando que militância era aquela, que se matava tanta gente

inocente em troca de um maldito soldado alemão. Todo mundo estava ali para matar ou morrer, e os restos daquela outra vida, onde estavam? Até em casa, nos olhos do meu filho mais novo, enquanto ele comia em silêncio

a sopa, eu via aquele ódio. Até o Mietek estava decidido a matar e morrer para acabar com aquilo.

Então, um dia eu soube: a Polônia morreu. Ela não vive, como escrevem

por aí os jovens desesperados da A.K., como escreve meu próprio Stach, que fugiu sei lá para onde e que

vem matando alemães desde que a tragédia

aconteceu com ele... Estava tudo acabado e eu sabia.

Depois o tempo passou. Na Polônia, desapareceu quase tudo quanto foi

homem, e muitas mulheres e crianças também. Morreram meu Stach e meu

Mietek, até ele acometido da doença daquela guerra. O país virou um lugar

de velhos e de mulheres doentes, gente desesperada, meio viva, meio morta

de tanto sofrer.

Porém, o tempo passa. O tempo passa e cura tudo. A Polônia renasceu

das cinzas, das cinzas da sua gente. Eu fiquei irremediavelmente velha, triste e saudosa dos meus meninos. Dos três. Mas pelo menos do Janek eu

recebia cartas. E retratos, pilhas deles. Mas eu não gosto de falar de tudo isso.

Eu não falo. Meus olhos é que dizem. Dizem no retrato.

Depois de tantos anos, nem eu escapei da sina das fotografias.

14.

É noite. Imagino Jan sentado em sua poltrona após espiar o *Correio do*

Povo e ler com dificuldade as notícias sobre a ocupação da Áustria.

Folheando as páginas distraidamente, ele buscava palavras conhecidas no

meio de tantas frases incompreensíveis. Anna estaria ao seu lado,

costurando. E Jan lhe perguntava a cada minuto o significado de uma ou outra expressão. A mulher respondia sempre com paciência, e sua voz

agora vinha recalentada por uma nova morneza.

Ela ainda não sabia ao certo. Não podia jurar. Esperava silenciosamente,

hora após hora, porque somente o tempo poderia dar-lhe a confirmação

final. Sob a luz da lâmpada, Anna costurava os botões numa camisa nova para Jan; tinha passado as duas últimas noites entretida nessa tarefa, e seu

sorriso crescia enquanto ela se deixava embalar docemente pelo

pressentimento de que trazia dentro de si um filho. Depois de tantas noites.

Depois de tantos misteriosos encontros sob a luz da lua de verão que lhe entrava pelas janelas do quarto, quando Anna se entregava aos desejos do

marido com o coração aos pulos, tocando-o com o mesmo alvoroço de

alguém que segura um pássaro em pleno vôo; uma coisa extraordinária e

única, o sangue correndo mais veloz sob sua pele. Depois de tantos suspiros, descobertas e ardores, estaria ela levando um filho no ventre?

Tinha certeza que sim. Entravam os primeiros dias de abril, o ar de Porto Alegre ganhara um toque mais fresco e uma claridade dourada e

cheia descia do céu. Mais do que qualquer época, gostava do outono. Havia

em tudo viço e morneza, e as árvores exibiam orgulhosamente suas folhas

douradas, que às vezes secavam e caíam no pátio, produzindo um som seco

e doce quando Anna as pisava ao estender a roupa no varal.

Sorriu, concentrada no trabalho. Esses pequenos detalhes quase vãos,

esses instantes de inexplicável harmonia que ela vinha colecionando dia após dia, como pequeninos tesouros de uma criança, tudo isso a enchia de

emoção. Ou talvez fosse o filho. O filho crescendo milimetricamente dentro

dela.

Na sua poltrona, Jan largou o jornal, cansado de juntar vogais às

consoantes — e eram tantas vogais, pensava ele, um sobejo de sons que dançavam, inquietos, na ponta da sua língua sempre que tentava uma

conversa mais longa em português.

Olhou para Anna, que bordava, e pediu-lhe: “Se lhe dito uma carta, você

a escreve para mim?”

A mulher concordou prontamente, como prontamente concordava com

qualquer pedido dele. Numa gaveta do roupeiro, no quarto, ela guardava papel e caneta. Saiu da sala e voltou um instante mais tarde munida das coisas necessárias.

Jan principiou a ditar-lhe a carta. Era aquela a primeira de muitas cartas

que ela haveria de escrever para o esposo — inauguravam ali um hábito que atravessaria os anos. Para sempre, seria Anna quem escreveria as

cartas do marido com sua letra gentil. Durante a guerra, não. Durante a guerra, as longas missivas se perdiam nos meandros do correio, nas

imposturas da morte, nos segredos do exército, nas cidades destruídas por

bombas e tanques. Longas as cartas da guerra, e sempre cheias de

esperança.

Mas aquela, não. Aquela era uma carta feliz, de um homem que dava os

primeiros passos na vida nova. E que acreditava que sua família, lá nas lonjuras da Polônia, estava em segurança, como sempre estivera.

“Querida mãe”, disse Jan em voz baixa e muito concentrado. “Querida

mãe”, repetiu ele, ouvindo o som da sua própria voz naquela língua que ele

tanto amava.

“Matka,

Após alguns meses de silêncio, pois estive muito ocupado com as

pendências da vida prática e da nossa mudança para a cidade de Porto Alegre, escrevo para dizer que estamos bem, instalados numa casa boa e fresca, numa rua bonita onde a senhora gostaria de passear nos fins de tarde.

Aqui, matka, é muito diferente de Terebin, todos têm empregos e serviços no centro da cidade, e a vida é agitada e cheia de novidades. Aqui ouvimos rádio à noite, e às vezes Anna e eu saímos para passear. Temos uma Sociedade Polonesa e, assim que cheguei na cidade, fui até lá e me fiz sócio, então tenho muitos amigos patrícios, com os quais engano a saudade do meu país. Venho

aprendendo a falar o português aos poucos, e cometo erros como uma criança. Mas estamos satisfeitos, pois eu já arrumei um emprego numa fábrica de móveis e estou ganhando o suficiente para levar uma vida digna.

Depois que eu aprender o idioma, aí sim, sairei em busca de um trabalho na

construção civil, pois a cidade cresce sem parar. Parece que algo nela muda todos os dias, que um prédio começou a ser erguido ainda no dia anterior, que uma nova casa surgiu, e outras ruas, e outros estabelecimentos de comércio, mas talvez a América seja assim, e apenas eu não esteja acostumado a esse bulício.

Aqui tudo é novo e moderno. As casas de comércio têm seus nomes em

letras luminosas, os bondes vão de um lado para o outro e são muito barulhentos. Aqui também chegam muitos navios, alguns até vindos da Polônia, e dia desses estive no porto com um patrício e conversamos por muitas horas com um marinheiro chamado Cobas, que nasceu muito perto de

Kotarszyn, o que me encheu de saudades. Ele me contou que aí as coisas estão ficando complicadas por causa da Alemanha, que agora já domina a Áustria,

e que todos têm medo de Hitler. Eu sempre temi que alguma coisa como essa

acontecesse, mas, seja como for, diga que os irmãos não se envolvam e permaneçam com você e o pai em Terebin, pois certamente a Inglaterra vai

tomar providências quanto ao Führer, e aqui também se fala muito disso, e

também do líder italiano, o Mussolini, por quem o presidente Vargas tem um

grande apreço. Assim a senhora veja, matka, que o germe do fascismo já alcançou a América, mas este é um país muito grande, e as coisas não vingam com tanta facilidade como aí na Polônia.

As pessoas aqui, mãe, são boas e estão sempre olhando para a frente, para

o dia seguinte, o próximo mês, o ano em que se inaugurarão as novas avenidas que estão sendo construídas, e os bancos, os prédios, as praças. Tudo novo, matka, como um país que acabou de ser inventado. Devemos seguir este

exemplo, olhar para o futuro e acreditar que tudo terá um bom término.

Diga para os irmãos que aqui tem muito emprego e a vida é boa, e se algum deles quiser seguir para cá, Anna e eu teremos uma grande alegria em

acolhê-lo. Mas que o pai não saiba desse meu oferecimento, pois isso renovaria as nossas desavenças. Ele ainda tem mágoa que não estou aí, tocando a plantação? Como vai o pai, conte-me, pois eu o quero muito bem e

tenho pensado muito nele desde que estou aqui.

Espero que todos estejam bem de saúde e que suas pernas estejam mais fortes. Agora que vem o verão, vocês terão dias bonitos e ensolarados, e aqui começará a estação fria, que nem de longe se assemelha às temperaturas que

se vivem aí na Polônia.

Matka, mando meu endereço para que você e o pai nos enviem resposta.

Quero saber como estão os irmãos e Hela. Anna está muito bem e gosta de viver aqui na capital.

Fiquem com Deus.

Seu filho que vos ama, Jan.”

Ele parou abruptamente. Sentiu os olhos se recobrirem de uma espécie

de nuvem, através da qual podia ver Anna acabando de escrever as últimas

palavras, muito concentrada em desenhar sua letra miúda. Encheu de ar os pulmões; como se subisse do chão, a saudade se estendeu para ele. Era um fantasma que jamais deixaria de assombrá-lo. O cheiro de Terebin no outono. A luz de uma antiga manhã. A voz de Mietek... O pão sovado pela mãe. E o silêncio duro do pai, como uma parede invisível entre eles... O

passado, inteirinho, latejando dentro dele tal qual uma ferida infectada.

Anna dobrou a folha em dois num vinco perfeito, depois guardou-a num

envelope. Pediu a Jan a direção, anotando-a sem dizer palavra; não queria

perturbar-lhe a saudade. Sim, ela já o conhecia nesses momentos. Eram raros como uma febre, e faziam luzir aqueles olhos que ela tanto amava.

Acabado o seu trabalho, ergueu-se e foi botar as folhas e os outros apetrechos

na gaveta do quarto.

Disse ela: “Amanhã eu vou até o correio.”

Imagino o seu sorriso. Um sorriso com um segredo.

Amanhã. Talvez contasse para ele amanhã, pensava Anna ao seguir para

o quarto. Talvez contasse para ele. Um filho. E Jan não se sentiria tão sozinho. Nunca mais.

(No fim daquele mês, Anna Wierzchowska contou ao marido que estava

grávida. Como todo homem daquele tempo, Jan queria muito que seu

primeiro filho fosse um varão — seu menino seria o primeiro Wierzchowski a nascer no Brasil. Minha avó acolheu os desejos de seu Janek com a doçura de sempre. Para ela, tanto fazia. Usasse vestido ou calças curtas, daqui a alguns anos ela teria uma criança a acompanhá-la nos

seus passeios de bonde, nas suas andanças pelas largas avenidas de Porto

Alegre. Dentro de nove meses um bebê haveria de se aquecer no calor dos

seus braços fartos e amorosos. Era toda uma perspectiva, um mundo lúdico

que se abria; longe ficavam os dias herméticos na casa paterna, as tardes solitárias que passava empurrando os minutos para a frente, um a um, costurando na velha máquina da mãe, a cabeça perdida em ambições que imaginava irrealizáveis. Agora, toda a solidão estava esquecida para

sempre... Teria Jan e a criança, e essas duas criaturas haveriam de

preencher cada segundo dos seus dias, cada fímbria dos seus

pensamentos.)

Posso enxergar o avô comemorando a notícia de que seria pai. Quantas garrafas de vodca bebidas entre risos e abraços, quantos sonhos

compartilhados nas mesas da velha sede da Sociedade Polônia (aquele

sobrado claro, com a majestosa águia pousada no telhado plano, a cabeça voltada para a esquerda e as asas abertas, em frente à rua com calçamento

de pedras onde corriam os trilhos do bonde). O seu filho haveria de nascer

num mundo completamente novo. Um mundo pacífico. Ali, sob aquele céu,

ele abriria pela primeira vez os olhos. E veria o rio. E veria a cidade estriada de avenidas, com seus prédios altos, suas casas de janelas abertas para o dia... Quando o menino crescesse um pouco, haveria de levá-lo ao cais para

que vissem juntos os navios atracando no porto. Sim, iriam até o cais grande, onde descansavam os transatlânticos que vinham desde o outro

lado do mundo. E ali Jan diria ao filho: “Também eu vim de muito longe, mój synu... Vim para lhe dar um futuro, e agora ele será seu.”

Deve ter sido uma espera feliz — os nove meses que o primogênito de

meu avô gastou para se fazer nos mistérios do ventre materno; porém, não foi uma espera serena.

Não foi uma espera imaculada. Porque, mais uma vez, Hitler assustava o

mundo.

15.

Fazia muitos meses que a Europa vivia em alerta. Apesar das reiteradas

garantias do Führer de que a hegemonia da Tchecoslováquia era intocável,

era perceptível que a situação estratégica do continente havia sofrido uma

importante modificação. O exército alemão podia, a qualquer momento,

posicionar-se nos limites ocidentais da Tchecoslováquia, cujas cidades de fronteira guardavam características raciais alemãs (e quem confiaria em Hitler e na sua perigosa ousadia?). Porém, enquanto o Führer arquitetava

seus planos, a Inglaterra, tentando equilibrar pacificamente a balança das nações européias, tratava de

buscar um acordo com o líder italiano, Benito

Mussolini, dando a ele livre-arbítrio na Etiópia e na Espanha, onde ele tinha ambições, em troca de boa vontade nas urgentes questões da Europa Central.

Enquanto o primeiro-ministro inglês agia nos meios burocráticos, a situação se agravava. Em maio de 1938, os alemães que viviam na

Tchecoslováquia espalharam boatos de um avanço alemão em direção à fronteira tcheca. Hitler tinha a mais profunda certeza de que nem a

Inglaterra nem a França, apesar dos antigos tratados, viriam em socorro da

Tchecoslováquia. Sendo assim, em 18 de maio expôs seu plano de invasão aos generais alemães do alto-comando. Um mês mais tarde, passou aos

seus comandantes as instruções finais para o avanço — estava armado o ataque à Tchecoslováquia. Durante as semanas seguintes, a ansiedade na Europa aumentou. O governo tcheco apresentou um conjunto de propostas

para os sudetos, que Hitler tanto almejava, mas o projeto foi

completamente ignorado pelo Terceiro Reich. O Führer estava

praticamente pronto para dar o bote. Em 26 de setembro, Hitler discursou

em Berlim, desferindo um violento ataque verbal ao presidente tcheco e anunciando que, depois que a Tchecoslováquia entregasse os sudetos à

Alemanha, ele nada mais teria a solicitar. “Esta é a última reivindicação territorial que tenho a fazer na Europa”, teria dito Hitler para uma multidão

que o ovacionava. Armava-se então o palco da batalha. Os tchecos tinham

1,5 milhão de homens treinados e armados, e o exército francês, embora com certa relutância, estava pronto a honrar sua palavra lutando ao lado da

Tchecoslováquia.

Como teriam meus avós acompanhado todas essas notícias? Noites e

noites ouvindo pelo rádio os encontros e desencontros diplomáticos na

Europa e as ameaças de Hitler. Metade do sangue de Anna era tcheco — sua

mãe nascera lá, o pai era polonês. Ela deve ter sofrido pelos parentes que não conhecia, cujas cartas sua mãe lia à luz de velas quando terminava todos os trabalhos de costura, nas noites de Guarani das Missões. Imagino

Jan consolando-a; pediria que se mantivesse serena, pois guardava no ventre uma criança e, afinal de contas, Hitler não poderia sobraçar a Europa bem debaixo do nariz de todo mundo sem que os ingleses e franceses pegassem em armas. “E Hitler, aquele cão, ele teme os ingleses, Anna. Os ingleses têm navios e colônias cheias de soldados... Não se preocupe com isso”, diria o avô.

Conforme Jan previra, no dia 28 de setembro também o governo inglês se mobilizou, e os chefes alemães começaram a temer seriamente as conseqüências de um ataque à Tchecoslováquia. (Soube-se muitos anos depois que Adolf Hitler vacilou nesse momento. Além da Inglaterra e da França, a Rússia poderia apoiar os tchecos a qualquer hora, e o continente europeu estaria à beira de uma guerra generalizada.) O medo, porém, guiou os acontecimentos. O primeiro-ministro inglês, Chamberlain, convencido de que somente a cessão dos sudetos poderia evitar a guerra, procurou Hitler e lhe propôs um encontro. Por três vezes eles se reuniram, e na última dessas reuniões estiveram presentes também Mussolini e o francês. Os tchecos assistiram de longe os líderes europeus entregarem seu país ao Terceiro Reich.

Em 30 de setembro foram finalmente aceitas as exigências alemãs relativas à Tchecoslováquia. E o país foi repartido diante dos olhos atônitos do mundo, como forma de aplacar a fome territorial alemã. Hitler vencia mais uma vez, e começava então a brilhar a estrela nazista.

Na sua casa silenciosa da Rua Carlos Von Koseritz, enquanto a brisa da noite entrava pelas janelas abertas, Anna e o marido ouviram as notícias da Europa.

16.

(1938, um mês depois de a Alemanha

exigir da Polônia o porto de Gdansk.)

A farinha é neve fina e branca caindo das suas mãos na massa aberta sobre a mesa. Suas mãos translúcidas, um pouco inchadas, riscadinhas de

veias azuis. Mas a farinha é mais branca do que a sua pele, parece talco.

Anna sente uma coceira no nariz. Ergue o braço e passa o cotovelo no rosto, enquanto seu ventre dá um pulo. É o menino. Ao entardecer ele sempre se agita, como que atizado por algum mecanismo misterioso.

Anna

sorri. *É o menino*. Sempre pensa na criança como um menino, por causa de Jan... De tanto que ele quer. É fácil para ela querer o mesmo que o marido.

Nenhum esforço a mais, um sopro e logo o seu desejo se alinha com o desejo de Janek. Sempre assim. Como um passarinho obediente.

Quando ele chega, no fim do dia, lava seus pés na bacia de água morna.

Faz isso porque gosta, tem prazer em tirar de cima dele o cansaço da oficina. Como Jesus com seus apóstolos... E depois servir o jantar para Janek

e comer com ele, olhando fundo dentro daqueles olhos. Ouvindo as notícias do mundo, as coisas que o marido traz da rua. Sobre a Europa. Sobre a carestia dos preços. Sobre Getúlio. E a sede da escola polonesa, onde agora

estão construindo uns quartos de aluguel. Ouvir Janek... Que prazer isso lhe

dá. Depois, tirando a mesa, conta-lhe em poucas palavras como foi o seu dia. A barriga que cresce. A música que ouviu no rádio — tão bonita! — na

voz de Lupicínio. Mas fala pouco. Ali ela está para escutá-lo; recebe-o por todos os poros da sua pele, por todos os orifícios do seu corpo. É dele, como

um homem possui um lar. E é nele que vive.

Anna sorri, parada em frente à mesa suja de farinha. Toda noite é a mesma coisa, e como é bom... Como é vivo estar com Janek, os dois sozinhos

na casa, ouvindo músicas no rádio (fica tão feliz quando eles ouvem música

e não as notícias da Europa!), enquanto ela tece roupinhas para a criança. O

filho de Janek.

Enfia ambas as mãos na massa e começa a sovar com força. Um filete de

suor escorre da sua testa, desce pelas têmporas e vai se perdendo nos caminhos do pescoço. Os seios fartos, agora cheios, pesados, arfam

ritmadamente no esforço de trabalhar a massa. São seis horas. Logo Janek vai entrar pela porta e vai avisar “Cheguei, Anusia”, e ela irá atendê-lo com seu escalda-pés. Depois o banho diário, ao qual Janek ainda não se acostumou depois de dois anos neste país onde o calor pegajoso a deixa sempre nervosa e inquieta. Ela ouvirá o barulho da água caindo na banheira, *shihh, shahhh*, tão pouca água o seu Janek necessita para mandar embora as agruras do dia e a serragem, a maldita serragem que se enfia por entre a trama das suas camisas e calças.

Anna sorri. Janek é um polonês em tudo. Come como se lá fora estivesse nevando, e não este novembro ardente que faz amarelar a grama do jardim e secar as florezinhas dos jacarandás de que ela tanto gosta. Admira isto no esposo, esta personalidade capaz de não se render a nada, nem ao clima.

Acaba de sovar o pão. A lenha queima no forno. Ela coloca a massa na forma escura e a põe para assar. O pão quente do marido. Toda noite, feito na hora. Um ritual que ela cumpre como quem faz amor. E a criança se remexendo no seu ventre.

Anna toca a barriga e sente a dança do filho. Tal como se ele estivesse falando com ela, seus olhos se enchem de lágrimas. Ah, como vai amar esse filho, como vai segurá-lo em seus braços, com que calidez, com que gozo vai dar-lhe o peito, trocar-lhe as fraldas e zelar pelo seu sono inocente.

“Mój synu, ainda bem que estamos longe.” As palavras escapam da sua boca. As palavras estão dentro dela, mesmo que Anna evite dizê-las, evite pensar no que elas significam. Ela suspira. Mas, e o filho? O filho pelo menos estará longe. E Janek também.

Porque todo mundo diz que haverá guerra. Ela não tem saído muito ultimamente. Não fica bem, e com esta barriga é tão duro se arrastar pelas ruas, entrar no bonde aos solavancos, o sol ardendo no céu azul... Não, ela fica em casa. Caminha até o armazém se lhe falta algo. Mas todos dizem. Na

igreja polonesa aos domingos, e as vizinhas, à tarde, comentam nos seus portões. A guerra está para acontecer. A Inglaterra está se armando. E a França também. *Hurricane* e *Spitfire* parece que são nomes de aviões. Ela ouve esses nomes nas bocas alheias, entre cebolas e tomates no armazém.

A guerra. Armas. Caças. Esquadrilhas. É isso que ela ouve.

Mas eles estão longe. Seu filho vai nascer num país pacífico, vai ser brasileiro. E os alemães daqui são bons.

No entanto, há Janek. E é de Janek que ela tem medo. Dos olhos dele, às

vezes. Quando ela termina de ler em voz alta uma notícia que ele não entendeu direito. Quando desligam o rádio, à noite. Os olhos dele dizem tudo. Porque Janek está longe. Mas a Polônia está dentro dele.

Anna afaga a barriga mais uma vez. Depois seca o rosto com uma toalha e sai caminhando até o quintal em busca de algum frescor. Na cozinha não dá. Não pode ficar ali por causa do forno.

Jan entra em casa e se joga na poltrona ao lado da janela. Lá fora, o céu,

que durante o dia inteiro queimou-se em um azul indizível, ardente e quase cruel, aos poucos começa a ganhar uma nova luz, uma finíssima pele

avermelhada. O calor diminuiu e uma brisa discreta faz dançarem os galhos dos jacarandás.

Anna deve estar na cozinha. Não notou que ele está em casa. São sete horas da noite, e hoje não vai até a Sociedade Polônia. Sente uma gastura nas tripas e na alma. Se fosse mulher, diria: um pressentimento. Mas é homem e trabalhou o dia inteiro lixando e medindo e cortando madeira.

Trabalhou com cuidado, em silêncio, ouvindo as conversas de um e de outro. Pouco entende. Mas é necessário mesmo pouco entendimento para perceber quando eles começam. Os bolcheviques. Marcam suas reuniões clandestinas. Um sinal ou outro, um gesto de cabeça, uma senha. Já

procuraram por ele. Já ouviram o seu não. Acaso ele não se lembra de 1920? O pai lhe contou vezes sem conta. E ele ainda lembra. Dois dias em

cima de uma árvore, e fazia tanto frio. As chamas se erguiam no céu, vinham dos lados da aldeia. Vermelhas. Ardentes. Havia gritos também,

depois só restou a fumaça. A mãe, Hela e ele escondidos na floresta, e fazia

muito frio no alto daquela árvore...

Dá de ombros, para ele tanto faz. Que se reúnam, planejem, derrubem

Getúlio Vargas, tomem os quartéis. Mas não o chamem. Não escrevam seu

nome nas suas atas. Ele veio para o Brasil e quer viver aqui. Não é tolo. A

mulher tem um filho de sete meses na barriga. E Jan sabe: um escorregão e

o expulsam daqui. Um polaco a mais, um a menos, que diferença faria? Não.

Ele toma cuidado. Ele tem planos para o futuro, para um longo futuro.

Reclamam deste país, mas não sabem o que é viver nos calcanhares de Hitler. E acaso os bolcheviques fizeram alguma coisa quando o Führer

invadiu a Tchecoslováquia?

Jan tira as botas e espicha os pés inchados, que mofaram um dia inteiro

na prisão dessas botas. Ah, que saudades da Polônia. Dos novembros

cinzentos... Por um instante ele se entrega a essa saudade. Quase nunca se

permite. Ele sabe que não é possível, e sempre foi mesmo um homem muito prático. Determinado, dizia a matka.

Sente o toque macio na sola dos pés, e um instante depois a água tépida

os envolve. Ele abre os olhos e vê o rosto dela, redondo como uma lua cheia. O rosto da sua Anna, e as mãos suaves que começam a massageá-lo.

“Como foi seu dia, Janek?”

Ele responde como sempre. Que foi tudo bem, somente o trabalho.

Encaixar portas e medir prateleiras e fazer entalhes. O dia inteiro

aplainando pranchas de madeira. “E aqui?”, pergunta ele.

“Eu cozinhei e costurei. Fui à venda, e falavam de Hitler, da

Tchecoslováquia. Que a Polônia também mordeu o tornozelo tcheco.”

Ela pronuncia as palavras sem dar importância. Fala assim por causa

dele, e ele sabe. Então diz: “Não ouça essas conversas, Anusia. Não vale a pena.”

Pergunta Anna: “Mas é verdade?”

“Isso são questões de fronteira... Eles estavam falando de Teschen, uma cidade tcheca. Bem, na verdade eles estavam falando de Cieszyn, que era o nome dessa cidade em polonês. Ela foi dada aos tchecos em um desses tratados, depois da Primeira Guerra.”

Agora Anna esfrega o dorso dos seus pés, e ele pode sentir o sangue circulando pacificamente outra vez.

“A Polônia foi tantas vezes repartida, você nem imagina, moja kochana...”

As fronteiras se moveram incessantemente, deixando para trás uma série de ódios, de ressentimentos. As pessoas aqui nem imaginam o que foi viver

assim, um país dividido por mais de um século.”

Ele diz isso e se cala. Anna prossegue lavando seus pés com todo o cuidado. Por fim, enxuga-os.

Jan espera que ela termine com a toalha. É um ritual e não deve ser interrompido. Quando ela acaba, ele toma-lhe as mãos úmidas entre as

suas: “Kochana, querida... Deixe esses assuntos passarem por você como se

fossem vento. Não expresse seus juízos por aí. Este é um país bom, feito de boas pessoas. Mas somos e seremos de fora, Anna. E o regime aqui não é exatamente democrático.”

Anna aquiesce. O calor das mãos dele, fortes, de dedos grossos, amolece seu corpo.

“Basta um escorregão e podem nos mandar embora”, diz Jan. “Bem, você não. Você nasceu aqui, é brasileira. Mas eu... Eu preciso andar na linha.”

Ela inclina o corpo para a frente. A barriga fazia um contrapeso

estranho. Abraça o marido desajeitadamente: “Vai ficar tudo bem, Janek.

Com a gente, com a Polônia. Com a sua família.”

“Dziękuję. Obrigado, Anna.”

Ela sorri: “Agora vamos jantar.”

(A vida é estranha. Faz quase trinta anos que meu avô faleceu. Em busca de

uma cópia do seu atestado de óbito, do qual necessito para receber um material que vem de Londres, liguei hoje para dois cartórios até que encontrei registro no seu nome. Um homem e uma data. Soletrei as letras

uma a uma.

J-a-n. Isso mesmo. W-i-e-r-z-c-h-o-w-s-k-i.

Informe-me a data de falecimento.

A pessoa do outro lado da linha gentilmente disse que, mediante uma

taxa de R\$12,00, eu posso retirar uma cópia do documento de que eu

necessito. Anoto o endereço do cartório em questão, 3ª Zona de Porto Alegre, agradeço e desligo o telefone.

Simples assim. A vida resumida em papéis. Um para o nascimento. Outro

para o casamento. Um atestado para cada filho que vem ao mundo. E depois

um papel para a morte. No entanto, aqui estou eu, passeando pela vida de

Jan como quem anda por uma casa vazia. Estou, sim, rodeada de papéis e de

livros. Vestígios daquele tempo. Ando por essa casa invisível na ponta dos

pés. Colhendo pistas entre imaginários móveis, entre cadeiras cobertas por

lençóis de poeira e passado — velhos fantasmas, tão velhos quanto ele, Jan.

Não haveremos de deixar mais do que isso. Rastros. Papéis amarelados

que o tempo e o desleixo haverão de consumir. Fotografias que já perderam

o brilho. Esgotado o sentimento, o que sobra? Por isso caminho pela vida de

Jan e de Anna com tanto cuidado. E assim imagino-os naqueles anos tão inseguros... Imagino-os sentados na sala, na noite quieta. Esperando.

Eles comeriam em silêncio, enquanto a sopa descansa na terrina de

porcelana. E depois do jantar, depois da mesa recolhida e da louça lavada,

Anna rezaria. Pelo filho. Por Janek. Pela paz na Europa. Rezaria em voz muito baixa, folheando o livro de orações em polonês, acomodada numa

poltrona sob a luz do abajur... Jan estaria quieto. À espreita. Tudo se fazia

naquele momento, não somente no ventre de minha avó, mas no mundo.)

17.

Às sete horas da manhã do dia 13 de janeiro do ano de 1939, na Santa

Casa de Misericórdia, nasceu João Wierzchowski Neto, primeiro filho de Anna e Jan. Um menino miúdo, branquinho e de poucos choros. Ganhava

seu nome como uma tradição de família que vinha de longa data e de longínquas províncias polonesas — porém, era o primeiro Jan brasileiro.

Era João. O meu querido Janeczek.

Não sei se minha avó sofreu ao parir o seu rebento, se ficou muitos dias

com dores e contrações, se chorou, se gritou ou se apenas guardou seu silêncio resignado, cumprindo o fado de dar à luz com a paciência que lhe

era costumeira. Quem foi o médico que trouxe o menino ao mundo também

é um mistério.

Nasceu apenas, esse João. Com um destino traçado. Com uns olhos

mansos, herança materna. Com a alma frágil. Um menino bonito e de traços

bem-feitos, que ganhou os braços mornos da mãe como seu berço

fundamental. Que fez Jan chorar de felicidade pela primeira vez na vida.

Num dos seus raros arroubos de alegria, meu avô comprou presentes

para a mulher e para o filho. Anna ganhou um perfume e um grande broche

de marcassita em formato ovalado, grande, que ela usaria em todos os eventos sociais dali em diante (e que eu tenho hoje comigo, entre as minhas

jóias). Trouxe roupas para o menino e também um presente para Ludmilla,

pois a cunhada viera do interior para ajudá-los com os afazeres daquela nova vida.

Depois de estar com a esposa e o filho, depois de contar seus dedos e examinar seu corpinho em busca de um inexistente defeito, Jan foi

mandado embora do quarto dividido com outras duas parturientes, para

que Anna pudesse descansar das trabalhadeiras de trazer sua criança ao

mundo. Ele recebeu os cumprimentos de uma enfermeira apressada e saiu

pela rua silenciosa, sem saber muito bem aonde ir... Pela primeira vez sentia-se parte de alguma coisa inteira e viva, uma coisa que ele construía

com suas próprias mãos e que não era feita de madeira ou tijolos. Já passava das nove horas da noite e, andando pelas ruas vazias, meu avô viu-se como um homem de grande fortuna. Era jovem, forte,

suficientemente ambicioso para crescer na vida e dar àquele filho todas as coisas de que ele necessitasse; além disso, tinha Anna, e Anna era o seu tesouro.

Olhou o céu estrelado por um momento, rezando para que o menino herdasse o temperamento da mãe ou que aprendesse com ela a olhar a vida. Ele, Jan, era rude demais, era ansioso demais, e tinha vontades, tinha vontades incontroláveis. Jamais poderia aprender com Anna... Parado no meio da calçada, o colarinho da camisa amassado, lembrou-se da mulher deitada na cama do hospital, do brilho que havia nos olhos dela, e entendeu que o destino tinha sido bom com ele. A despeito de tantas coisas, a despeito até mesmo de Feliska. Anna era a terra que alimentaria a sua semente. Anna era a parte do Brasil que estivera esperando por ele.

Enquanto minha avó vivia os seus primeiros dias de mãe, imiscuindo-se àquele menino, aprendendo seus gemidos, seus suspiros e sua fome, deitando com ele em sua cama nas primeiras horas das lascivas tardes de calor porto-alegrense, lá fora, para além das fronteiras brasileiras, para além do mar, o Terceiro Reich abria sua bocarra novamente. A presa agora era a Polônia.

Ainda em janeiro de 1939, von Ribbentrop foi a Varsóvia para exigir a soberania alemã no porto de Danzig. A visita do chanceler alemão era um avanço nas pressões diplomáticas contra a Polônia. O governo polonês rechaçou energicamente a proposta de Ribbentrop, pois o porto de Danzig era a saída da Polônia para o mar. Todos sabiam, porém, que a ambição alemã não seria facilmente aplacada e que, depois da Tchecoslováquia, era a autonomia polonesa que corria sério risco.

Enquanto o resto da Europa esperava, na primeira quinzena de março os alemães penetraram em Praga e assumiram o controle absoluto da Tchecoslováquia. As promessas feitas em Munique ao primeiro-ministro inglês iam por água abaixo, e a Tchecoslováquia foi ocupada sem qualquer resistência. Em 31 de março, porém, surgiu uma esperança: o Parlamento

inglês dava garantias à Polônia, oferecendo seus exércitos no caso de uma invasão alemã. Nos dias que se seguiram, a França se posicionou da mesma maneira. Os exércitos alemães, devido à ocupação da Boêmia e à independência eslovaca, estavam agora na fronteira polonesa.

Em casa, longe da sua pátria, enquanto Anna ninava o seu menino, meu avô passava horas angustiosas, tentando decifrar as palavras dos locutores que davam as notícias sobre a tensão européia.

18.

A velha na fotografia:

Quando vieram os malditos alemães, mudou tudo por aqui. Nossos

homens lutaram. Lutaram com a alma, porque o polonês sempre foi um

povo muito forte de temperamento e muito sofrido, e foi esse sofrimento todo, transmitido de pai pra filho, foi esse sofrimento todo que fez a gente

amar tanto esta terra. *A Polônia não morrerá enquanto estivermos vivos; o*

que os outros nos roubaram, com as nossas espadas retomaremos. Todo polonês sempre pensou assim. Éramos obrigados pelas circunstâncias.

Então lutamos muito pela Polônia. Com armas. Com as mãos. No silêncio da

noite. Assando o pão proibido. Doando comida nossa aos rebeldes. Tudo isso depois que o exército perdeu para os alemães com seus canhões e fuzis

e seus tanques, e fugiu como pôde, atravessou a fronteira, e dizem que foi

pra França — quem estava vivo e podia fugir, foi pra lá. Um governo no exílio. Essas coisas. E lutando de fora para derrubar os alemães aqui dentro.

Mas a gente ficou. Não era a guerra, com tiros e tanques, era até pior.

Porque matavam todo mundo. Crianças mesmo. Todos os dias eles

matavam todo tipo de gente, e era uma tristeza ver o que faziam com as

famílias em cada aldeia, em cada cidade. Viramos alguma coisa como bichos. Bichos dos alemães. E eles matavam a gente por gosto... Dava pra ver nos olhos deles, mój Boze, um certo prazer em disparar contra o homem que atravessava a rua, em deixar por uma semana o cadáver de

uma dona-de-casa que escondeu farinha para dar de comer aos filhos, deixar esse cadáver pendurado na forca, no centro da praça. E a gente tinha que andar lá e ver a morta, ver os mortos todos os dias. Eu ia com a minha netinha Danusia pela mão... Ela era uma menina tão pequena, e sempre havia um enforcado na praça, debaixo de sol ou de chuva. “Danusia, não olhe”, eu dizia para ela e tapava seus olhos. Mas, em algumas noites, Danusia acordava chorando e falando em defuntos. Até podia ser fome, pois todo mundo sabe que a falta de comida dá pesadelos; mas nossa Danusia falava em mortos penduradinhos como roupas num varal.

Depois de algum tempo, os alemães nos deram passes. Para andar pelas estradas, ir de uma cidade a outra, era preciso um passe. Quem cuidava do campo ganhava-os com mais facilidade, pois os alemães nos queriam para plantar. Era isso que eles queriam: transformar a nação polonesa numa imensa horta onde tudo dava. Assim, plantávamos a comida deles; depois os alemães confiscavam nossa colheita, deixando apenas o suficiente para que cada família não morresse de fome. Tinha gente que roubava, escondia embaixo do piso da cozinha, de uma tábua aberta. No quintal, em buracos no chão. O preço de descobrirem esses roubos era a forca. Mas tinha gente que roubava.

Eu nunca roubei. Eu tinha medo. Assava aquele pão chorando de raiva, depois repartia... Nunca chegava pra todo mundo, era triste ver os filhos reunidos à mesa, mastigando bem devagar para enganar a fome. Ver a neta tão magrinha, aquelas pernas finas, aqueles pulsos de boneca, os pesadelos que ela tinha de noite... Ver Hela definhando. Mas eu estava sempre com aquela forca bem no meio da alma. Naquele tempo, eles, os szwaby, já tinham matado uma parte de mim e eu ainda não sabia. Também eu proibía os meninos de roubar, de esconder grãos, de ajudar os clandestinos, eu fazia isso com vergonha, mas fazia. Eles não me obedeceram, principalmente o Stanislaw. Mas eu sabia, eu via nos olhos do Stach... Ele sempre dizia alguma coisa como “eu não vou morrer como um pato,

matka”. Coitado do meu Stach.

Na praça ficava permanentemente uma lista de reféns. Em Terebin não foi diferente. Tinha ali mais ou menos uns quarenta nomes. De todo o tipo de gente, velhos, homens, mulheres e crianças. Era a lista dos que iam ser executados como vingança por algum ato cometido pela gente da resistência. Porque a gente da resistência estava por tudo. Nas matas, nos sótãos, enfiada no meio das casas dos alemães, arrumando a cama dos alemães. E eles faziam das suas, eles eram ativos, e matavam alemães e boicotavam, e explodiam furgões e roubavam comida. Eles faziam como podiam, e todo mundo tinha orgulho deles, um orgulho secreto.

Menos eu, meu Deus. Eu tinha muito medo.

Medo de que me pedissem uma ajuda que eu não podia dar, medo de

que meus filhos se envolvessem com eles. Meus filhos eram uns meninos corajosos, porque desciam da calçada para os szwaby passarem; desciam

porque era lei: polonês tem que deixar a calçada livre para um alemão passar, mas desciam chorando. Chorando.

Era assim.

Meus filhos choravam de vergonha todos os dias. O marido também. Só

que ele chorava escondido, ele não podia chorar na frente de um alemão, nem na minha frente ele chorava. Tinha vivido tanta coisa, tinha lutado em

duas guerras, mas acabou trancado num quarto, chorando escondido.

Mój Boze, nem gosto de lembrar, mas depois eles começaram a levar

umas moças. As loiras, as bonitas. Eles as detinham nas calçadas quando iam pro trabalho, quando voltavam da missa, depois enfiavam-nas nos

caminhões e mandavam pra Alemanha. Lá os alemães as engravidavam,

elas tinham os filhos, depois adeus. Voltavam pras fábricas, as coitadinhas...

Parece que queriam repor os homens que morriam nas batalhas, mais ou menos isso, aumentar a população das terras deles. A gente ouvia essas histórias o tempo inteiro. Era horrível... Eu comecei a trancar a Hela em casa. Eu comecei a sair para buscar as coisas na rua, ou então mandava o

Mietek, meu menino, que nesse tempo ainda me obedecia, ainda não tinha sido contaminado pelo ódio que contaminava todo mundo.

Mas comecei a falar disso nem sei por quê. Se choro, o papel molha-se todo. Choro de fotografia também pinga. Também mancha. Também dói.

Quando ela achou este retrato, quando levou este retrato com ela, eu bem que desconfiei. Eu não queria falar muito, lembrar disso, não queria...

Mój Boze, eu só queria ficar quieta, plana, nesta dimensão estranha, nesta lâmina de papel picotado nas bordas. Guardada numa gaveta para sempre, servindo de comida aos cupins. Eu só queria... Mas então esta história foi nascendo. E, com ela, o passado, inteirinho. Eu o vejo aqui na minha frente, o passado, como este olho que me olha. O olho dela. Todos os dias.

Tentando adivinhar um pouquinho do que eu fui. Do que eu vivi. Pensei em dizer que não valia a pena. Não valia a pena mexer nesse pão clandestino.

Moer estes grãos. Mas ela quis, ela sempre quis.

19.

(1939, dois meses antes de a

Alemanha invadir a Polônia.)

Fazia muito frio. Pela janela do quarto Anna podia ver as árvores castigadas pelo vento, as folhas cinzentas, queimadas pelas geadas noturnas daquela última semana. As folhas voavam desleixadamente, em pequenos redemoinhos angustiosos; iam ora para lá, ora para cá.

No berço, Janeczek dormia. Estava bem abrigado sob as cobertas, e suas bochechas eram rosadas de calor. Ela deixou um sorriso escapar ao olhá-lo.

Era sempre assim, aquele sorriso involuntário, um levíssimo esgar de lábios, um movimento mais da alma do que dos músculos da face. Aquela

criança era o seu paraíso. Ah, Janek também era o seu paraíso, mas nele havia qualquer coisa de terreno e de instável. Janek às vezes era como as folhas que rodopiavam lá fora, mas ele voava levado pelos

ventos da

Europa. De um lado para outro. De um lado para outro. Triturado no redemoinho da sua angústia.

Anna se abaixou e levou a mão ao rosto do menino que dormia, tocando-o de leve. Não era uma criança graúda, daquelas que enchiam os olhos das

mulheres na feira, que as faziam parar nas calçadas para trocar

informações sobre isto ou aquilo; era, isso sim, um menino doce, de uma beleza frágil e bem-proporcionada. Chorava em raríssimas ocasiões e

sempre parecia arrependido depois, soluçando de maneira tão sentida, com

aqueles olhinhos escuros pousados no rosto da mãe, que Anna quase podia

adivinhar neles certa contrição. Jamais admoestava o filho, nem mesmo

quando ele não queria comer. Parecia-lhe extremamente injusto que o

fizesse, dado o seu temperamento tão doce. E também, pensou Anna

olhando-o dormir, também porque ele a olhava de um jeito... Eram uns olhinhos tristes, e alguma coisa impalpável que Anna tentara explicar à mãe

numa carta: “Ele parece estar sempre com receio de ser, de pedir o meu amor, matka; no entanto, eu tenho tanto amor em mim.” Mariana Richter lhe respondera com sua letra miúda e cuidadosamente traçada como a

bainha de um vestido de festa. “Você foi uma criança assim, muito diferente

de Ludmilla, por exemplo.” E Anna lera aquilo dividida entre a alegria e o

medo. Era verdade: o filho herdara dela alguma coisa cristalina e frágil, mais predisposta a fazer a felicidade alheia do que a sua própria. Tão diferente de Janek.

O menino se remexeu por um instante, talvez por causa de algum sonho

ruim, mas logo serenou. Estava com seis meses e pesava um pouquinho

menos do que o normal. Era uma criança de ossos pequenos, de pele

branca, e tinha na cabeça uma penugem castanho-dourada, da cor das

folhas no outono. Anna gostava, porque amava o outono. Principalmente ali

em Porto Alegre, naquela rua onde conhecia cada um dos vizinhos, onde se

sentia em casa a despeito das constantes preocupações de Jan, que vivia obcecado pela guerra, pelo fato de ser um imigrante, pela polícia secreta e

outras conjunturas que a Anna pareciam tão distantes. Que mal haveria para além das janelas? Que perigos se esconderiam naquelas ruas serenas,

de gente honesta e trabalhadora? Era bem verdade que se dizia à boca pequena que Getúlio simpatizava com o Führer, mas, mesmo assim, tudo

aquilo parecia distante demais — as coisas que aconteciam na Alemanha e

na Tchecoslováquia, tudo tão indistinto diante da realidade da sua vida.

Saiu do quarto fechando a porta atrás de si; o céu de inverno escurecia

rapidamente lá fora. Foi até a cozinha e pôs para aquecer a água para Janek;

depois de alguns minutos, tirou a chaleira do fogo. A lenha queimava mansamente, acalentando a cozinha. Ela se sentou à mesa e ficou

esperando. Havia um pão sovado pronto, coberto com um pano de copa.

Havia um refogado de carne com cebolas, e o chá forte que ele gostava de

beber. Anna, porém, não tinha sede ou fome. Era bem verdade que nesta hora, ao entardecer, uma angustiazinha vinha visitá-la freqüentemente.

Correu os dedos pela superfície da mesa. A madeira lisa, o cheiro de verniz.

Janek tinha feito aquela mesa para ela havia algumas semanas, e como gostava de estar ali, esperando por ele. Com a casa imersa no seu silêncio.

Na sua paz. Com o menino dormindo, alimentado e sadio. Se não fosse o medo que tinha começado a visitá-la, Anna se imaginaria completamente

feliz. Fora Ludmilla quem primeiro a alertara. “Veja bem, se a guerra vier,

Jan partirá.” Isso a irmã lhe dissera certa tarde, no meio de uma conversa

casual sobre a melhor maneira de se preparar o coalho. E Anna lhe

perguntara: “Como você sabe disso?” Perguntara com aquela sua voz

imutável, que às vezes até a ela incomodava. “Isso é fácil de ver”, respondera-lhe a irmã. “Basta olhar nos olhos dele.”

E fora então que aquelas duas dúvidas ficaram cravadas na alma de

Anna. A primeira era a guerra e a possível partida de Janek; a segunda, e mais triste das duas, era que ela

não sabia ver tudo. Tudo que ia dentro dos

olhos de Janek. E como isso lhe doía, como queimava dentro dela. Como isso ardia em cada silêncio noturno, quando os dois deitavam na mesma cama e ela não conseguia dormir, esperando que fosse mentira, que Janek

estivesse apaziguado. Que aquele silêncio fosse apenas cansaço e não dúvida e segredo.

Não tardou para que Jan voltasse da rua. Passava então das sete horas, e o inverno fazia a cidade escura e triste. Lá fora ventava, e quando o marido entrou em casa, um punhado de folhas secas voou para dentro da sala.

Anna juntou-as sem dizer nada. Aos frangalhos, elas tinham rolado na calçada por horas e horas.

Jan deu um beijo na testa da esposa, atravessou a sala com três passadas largas, sentou-se na poltrona e suspirou. Anna caminhou até ele e, ajudando-o a tirar o sobretudo de lã grossa, deixou seus dedos passearem pelo caminho da sua nuca. Era uma travessia morna através da pele dele, e despertava-a por dentro.

“E o menino?”

Ela pendurou o casaco do marido num cabide que ficava no corredor de acesso à cozinha e voltou dizendo: “Dorme como um anjo. Logo mais vai acordar para a mamadeira.”

Jan sorriu, o filho era a sua alegria. E Anna, é claro. Aquela doçura, aquela capacidade que a mulher tinha de deixar o mundo do lado de fora da

casa. Ele entrava ali e sentia a paz, aquela paz misturada com cheiro de sabão e de limpeza. Gostava de voltar e encontrá-la sozinha; tinha feito bem

em mandar a cunhada para casa. Nunca dissera a Anna, mas havia alguma

coisa nos olhos de Ludmilla. Também não era bom deixar uma moça em

idade de casar assim, solta no mundo.

Anna saiu e voltou com a bacia.

“Moja kochana, você é muito boa comigo”, ele disse, sorrindo.

Mergulhou os pés na água e sentiu a quentura subir pelas suas veias.

Tinha tido um dia difícil. Muito trabalho. Um colega fora despedido, era um russo que vivia na cidade havia dez anos. Falavam-se às vezes, mas apenas porque se entendiam, coisas da língua. Não era uma simpatia específica.

“Mandaram embora um marceneiro hoje.”

Anna ergueu uma sobrancelha.

“Era russo, um bom homem. Falante demais para um estrangeiro. Dizem que era comunista.” Ele riu. “Mas basta ser russo para ser comunista por aqui.”

“Coitado”, balbuciou Anna. “Espero que não tenha filhos. As coisas vão ficar difíceis se vier uma guerra.”

Automaticamente, arrependeu-se daquela palavra: guerra. Ergueu os olhos para o marido, enquanto ensaboava-lhe os pés: “Desculpe, Janek.”

“Desculpar o quê, kochana? A guerra está em todas as bocas. Mas você está enganada numa coisa: se vier a guerra, pode-se ganhar muito dinheiro na América.”

“Isso é triste.”

Jan sorriu. Aquecido, sentia-se melhor. Nada lá fora podia se comparar ao frio do inverno polonês, mas a umidade era uma coisa que o atordoava.

“Você é inocente e não sabe ver como o homem é ganancioso. Só se fazem guerras por dinheiro. Você acha que Hitler quer o quê? Essa conversa racial é uma mentira para enganar os cidadãos. Cada judeu que eles recolhem, é para os hitlerowcy que vai o dinheiro dele, Anna. Eles não consideram sujo o dinheiro judeu. Apenas no ano passado, o Führer colocou mais de dez milhões de trabalhadores sob seu comando. Os austríacos e a gente dos sudetos. Sem falar nos tchecos. Isso é dinheiro, Anna. Isso é gente produzindo

para o Reich.”

Anna fez questão de enfiar-lhe as meias e calçar as chinelas nos seus pés. Jan sabia no que ela pensava, no horror que era para ela olhar a guerra

por um prisma monetário. Pensou nos pais e nos irmãos, e o velho e costumeiro arrepio correu-lhe pelas entranhas.

Foram jantar e comeram em silêncio. Mas era uma coisa boa aquela

quietude, era o mais próximo da paz que Jan podia se sentir naqueles dias

agourentos. Quando estavam tomando o chá, o menino acordou. Seu choro

fraco chegou até a cozinha.

Jan olhou para a mulher, e disse-lhe numa voz surpreendentemente doce: “Acabe de comer, Anna... Eu cuido do Janek.”

Ele deixou de lado o chá fumegante para ir ver o menino. Ela gostava daquele homem. Era contido, falava pouco. Jamais dissera algo sobre o amor ou qualquer outro sentimento. Não... Essas coisas eram silêncio,

estavam somente nos seus olhos.

Disse: “Obrigada. Vou esquentar o leite para ele.” E ficou olhando seu Janek sumir nas sombras do corredor, como sumiria dali a algum tempo; não pelo filho, mas por causa da guerra.

20.

Em meados de agosto daquele ano trágico, uma notícia inesperada

varou o mundo. O governo inglês vinha tentando uma aproximação efetiva

com a União Soviética, pois apesar de o regime comunista ser execrado em

todo o mundo ocidental, o poderio russo não podia ser esquecido na

questão européia. Depois de uma série de encontros diplomáticos que não

chegavam a lugar algum, ingleses e franceses, pressionados pela urgência da situação no Leste europeu, provocaram uma aproximação real com

Stalin e Molotov. Porém, em 23 de agosto anunciava-se para o mundo um

Pacto de Não-Agressão entre a Alemanha e a URSS. O tratado deveria durar

dez anos e fez pender a balança européia definitivamente para o lado do Terceiro Reich.

Posso imaginar meu avô chegando do trabalho com o rosto abatido,

mergulhado num silêncio melancólico. Vinte e três de agosto era o dia do aniversário de Anna, e trouxera um pequeno presente que ficou esquecido no fundo da sacola. Não poderia haver qualquer comemoração naquele dia. Sentado na velha poltrona onde a mulher costumava aplicar-lhe o escalda-pés, Jan contaria a Anna o sucedido. Ela escutaria, e talvez chorasse as suas lágrimas silenciosas. O bolo que confeitara poucas horas antes ficaria irremediavelmente esquecido na cozinha... O menino dormia em seu quarto, enquanto Jan narrava em detalhes aquilo que corria nas bocas de todos. Ele guardava a convicção de que este era o sinal verde que Hitler esperava para invadir a Polônia. Coitado do avô. Como deve ter pesado seu coração nesse dia. Imagino-o a escrever uma carta apressada para os pais. A mão trêmula correndo pela folha de papel. “Se vocês arranjassem acomodação num navio...” A letra de Jan. Não, essa carta ele não pediria que Anna redigisse, essa carta desesperada deveria levar a sua letra. O seu medo. O seu amor. “Aqui no Brasil vive-se em paz e honestamente. Talvez seja o tempo de partir...”

“Talvez o Consulado possa emitir os vistos rapidamente. Ou então tomem um trem. Sigam para a França, contornando a Alemanha pela Hungria, pois lá estarão em segurança, e sempre poderei providenciar passagens para vocês chegarem aqui. . Há uma associação de poloneses da qual eu faço parte.

A fazenda ficará bem por algum tempo, pai. Pense nisso, peço-lhe de todo o coração. Eu tenho algum dinheiro guardado e posso falar com o tio Alexandre. Aqui no Brasil a política de imigração é bastante favorável. A Alemanha não entrará na Polônia sem quebrar os copos todos — nós sabemos disso. E desta vez, eu sinto, desta vez Hitler não vai deixar a nossa terra em paz. . Cuide da mamusia, pai, ela já não tem saúde para viver outra guerra. E se for impossível sair daí, fiquem em casa, é mais seguro ficar no campo. Esperem notícias pelo rádio.

Vou rezar muito, e esperarei notícias de vocês.

Miejmy Nadzieje. Tenhamos fé.

Seu filho, Janek.”

(Enquanto Jan tentava se comunicar com o sul da Polônia, as nações européias que representavam o

mundo livre tomavam as suas

providências. A Inglaterra começou a preparar as suas próprias defesas e expediu comunicados aos navios mercantes para que ficassem atentos a

possíveis ataques. Dois dias depois, os ingleses anunciaram um tratado formal com a Polônia, renovando todas as garantias dadas anteriormente.

Se a Polônia fosse invadida, a Inglaterra entraria na guerra.)

21.

(1939, um mês antes de a Alemanha invadir a Polônia.)

Tirou Janeczek da banheira. Enrolado na toalha branca, no quarto de banho úmido de vapor, o filho sorriu e duas covinhas apareceram nos cantos daquela boca rosada, naquela pele macia. Estava engordando, o seu menino. E crescendo, crescendo muito. As perninhas agora exibiam dobras de carne tenra, e ela passou por esses caminhos com a ponta da toalha.

Secava cada recanto, como um homem rico que inspeciona suas posses. A criança sentia cócegas e ria.

“Kochany Janeczek...”, disse Anna, rindo também. “Você tem cócegas como sua mãe. É só a toalha, mój synu, só a toalha.”

O menino agarrou a toalha com a mãozinha muito branca, levando-a à

boca. Ficou assim, chupando um pedaço do pano, enquanto Anna lhe vestia

o cueiro, a roupa de lã, as botinhas que ela mesma tricotara em alguma noite daquele último e comprido inverno. Quando ele estava

completamente vestido, fitou-o longamente e sentiu o amor correndo

dentro dela (como uma seiva, como um sol que aquecesse a sua carne).

Sentiu-se viva. Sim, ela estava viva. Cada vez que mirava aquele menino tinha certeza disso.

Assim, voltou à vida cotidiana. Abriu a porta do quarto de banho

sentindo uma lufada de ar frio lambeu seu rosto, e envolveu o filho numa manta. Era a hora mais perigosa para uma gripe. O menino a olhava com amor também. Resmungou um pouco, talvez de fome. Anna sorriu dos

grunhidos que ele emitia mansamente. “Você nem sabe chorar, kochany...”

Levou-o até uma espécie de cercadinho que tinha num canto da sala e acomodou a criança sobre uma coberta grossa, com alguns brinquedos de

pano feitos por ela. “A mamusia vai tirar a água da banheira e já vem dar a papinha”, disse com voz macia.

Voltou ao quarto de banho e esvaziou a banheira no ralo do chuveiro. A água desceu num redemoinho e fez um barulho esquisito, desaparecendo de sua vista. Secou a banheira e guardou-a num nicho atrás da porta.

Pensava em Jan. Ele andava silencioso ultimamente, e todos os dias, ao chegar em casa, perguntava se havia recebido alguma coisa do correio.

Fazia cinco dias que aquela carta fora despachada, mas o que eram cinco dias para uma viagem transatlântica? Por quantos caminhos aquele

envelope haveria de seguir até estar nas mãos do sogro ou de um dos cunhados? Anna não sabia.

Na sala, o menino se distraía com os brinquedos. Ela foi até a cozinha e encheu um pote com o mingau que deixara sobre o fogão à lenha. O mingau do seu menino. Tinha o hábito de fazer um pouco a mais. Mais leite, mais farinha, mais açúcar, duas gemas... Porque sabia que Janek às vezes gostava de comer aquilo antes de se deitar. Quando voltava cedo. Quando não tinha bebido vodca com os outros, os amigos da Sociedade. Retornou à sala, onde o filho a esperava. Sempre aquele sorriso fresco, que amaciava seu coração.

Ah, o filho era um bálsamo.

Na noite anterior, esperara o marido com a mesa posta. A comida esfriara nas tigelas enquanto ela olhava a ruazinha escura, soprada pelo vento, vazia dos passos dele. Horas... Ela mesma se recolhera à meia-noite, depois de ficar cansada de tanto escutar músicas na Rádio Guaíba, e Janek não tinha chegado. “Encontrei o meu pedaço na avenida de camisa amarela...” A música ficara ecoando na sua cabeça, e ela fora dormir sem jantar. Parecia-lhe um sacrilégio comer sem o marido, e aquele outro prato

esperando sobre a mesa. Vazio. Limpo. Um olho de porcelana posto nela, atento aos seus menores gestos.

Janek chegara no meio da madrugada, e pelo barulho dos seus passos, pela brusquidão dos seus movimentos, ela soubera. “Não estava nada bom, o meu pedaço na verdade estava bem mamado.” Quase pudera ouvir a voz da cantora, como era mesmo o nome dela? Mas conhecia os homens (tinha visto o pai, não tinha?) e sabia que eles buscavam refúgio na bebida. Vodka. Um copo para cada medo. E Janek tinha tantos... “Bem chumbado, atravessado, o meu pedaço estava mal de fato.” Tinha sido uma noite triste. Acomodou o menino ao seu lado no sofá e ofereceu-lhe uma colher cheia do mingau. Ele abriu a boquinha obedientemente.

“Você estava com fome, mój synu...”

E perdeu-se no enlevo de atender o seu menino. Ali naquela sala, com as janelas fechadas por causa do frio e do vento, ela deu de comer ao seu primogênito, colherada após colherada. Mas Janek não saía do seu pensamento. Faltavam ainda dois dias para agosto acabar. Ela nascera em agosto, e o pai sempre dizia: “Agosto, mês do desgosto.”

22.

O velho na fotografia:

A Polônia foi invadida numa sexta-feira. O sol ainda não tinha aparecido para o primeiro dia do mês de setembro quando os alemães iniciaram o ataque à nossa pátria. Digo assim mesmo: pátria, porque jamais um homem tem tanto amor pelo seu chão quanto eu tive pela minha terra naquele dia. Eu e os outros, os poloneses. Sabíamos, evidentemente, que a guerra era inevitável. Estávamos só esperando.

Todo mundo tinha suas histórias para contar, e a Primeira Guerra

Mundial ainda estava fresca nas nossas memórias, mas nem assim alguém

jamais imaginou. Se eu tivesse sabido, teria partido com Aniela e com os filhos. Teríamos atravessado a

fronteira da Rumânia, como tantos fizeram

depois. Digo isso hoje, mas naqueles dias, nos últimos dias de agosto, eu acreditava em ficar na minha terra. Em Terebin.

Assim, por causa disso, de uma esperança que não se extinguia, nós ficamos. O tempo andou muito rápido até aquele 1º. de setembro; e então, subitamente, pareceu que a roldana das horas enguiçava, e a vida parou.

Congelou-se: cada segundo se arrastando por uma eternidade. Li certa vez em algum livro que o tempo para as desgraças é um tempo distinto.

Quando os alemães invadiram a nossa terra, pude comprovar que tal frase era absolutamente verdadeira. Ninguém pode medir com precisão o tempo de uma desgraça. O instante gasto para a compreensão verdadeira de que algo irreversível aconteceu. Nenhum relógio é capaz de mensurar esse instante de pânico, a aflição extrema.

Naquela madrugada, a vida mudou para sempre. Ah, sim, tínhamos vivido outras guerras, outros medos... Um sem-fim de madrugadas. Mas na minha vida, na vida do meu pai e do pai dele, sempre um fio de humanidade, um resto de esperança podia ser conservado — atrás do terror e da destruição, além da pátria dividida, ainda havia um futuro. A invasão de Hitler não nos deixou nem isso.

Não eram somente 1.500 aviões modernos escurecendo o céu polonês, nem 56 divisões de soldados marchando com suas Stein e seus rifles, nem os tanques Panzer e os carros blindados que arrasavam as plantações e que passaram tão perto da nossa aldeia, seguindo o Vístula no rumo de Varsóvia. Era o terror. Eram os gritos de “*Hände hoch*” e os tiros que rompiam o silêncio das manhãs. Eram as estradas cheias de gente que fugia

sem saber para onde, enquanto o governo atravessava a fronteira da

Rumânia e tentava sobreviver na França, dando alento ao seu povo e ao exército. Os alemães atiravam

em quem aparecesse ao longo das estradas

no seu avanço impetuoso até a capital; os poloneses não valiam nada. A primeira bota alemã que pisou a nossa terra deixou claro a que vinha o Terceiro Reich — estava aqui para praticar a escravidão.

Cidades e aldeias foram bombardeadas e queimadas. Vivíamos perto da

fronteira ao sul, mas, por um milagre, Terebin escapou ilesa. Os que fugiram, esses foram mortos na estradas. Mas nós ficamos em casa.

Fechados. No escuro. Dava para ouvir o barulho dos aviões. A Luftwaffe inteira sobre nossas cabeças... E o medo. O medo atrasando os ponteiros do

relógio. Congelando o sangue nas veias.

Mandei os filhos se deitarem completamente vestidos e ficarem lá esperando. Hela também estava conosco, ela e a menina; mas o marido

tinha ido se juntar ao exército, como era a sua obrigação. Também mandei

que ela acalmasse Danusia e ficasse com a mama. Eu fiquei à janela. O dia

clareava mansamente, uma explosão de vermelho sobre o chão coberto de

folhas secas. As árvores muito verdes ainda, o orvalho pingando. Eu via tudo da janela, ajoelhado a um canto e rezando umas orações pela metade,

como me vinham; era tanta beleza lá fora, tudo tão puro que parecia mentira. Os aviões que passavam lá no alto, cortando o azul violáceo, as nuances vermelhas que se espriavam, sumindo entre fiapos de nuvens

muito finas... Atrás de tudo isso, as explosões que se faziam ouvir de tempos em tempos... Chegamos ao fim de alguma coisa, pensei. E então agradei por Janek ter partido para bem longe. Onde o sol ainda raiava sem

o barulho dos aviões alemães.

O tempo se desfez. O caminho do sol no céu não pôs em ação a rotineira

cronologia dos nossos hábitos. Não naquele dia. Uma sexta-feira, eu já disse. Nunca hei de esquecer que era uma sexta-feira e que iríamos à igreja

para uma missa que jamais houve, pois prenderam o pároco e o mataram

com um tiro ainda no dia seguinte. O tempo se desfez como uma tapeçaria

corroída pelas traças. Ouvimos notícias pelo rádio enquanto a rádio

funcionou. Um mês mais tarde, as comunicações cairiam nas mãos alemãs.

Mas ainda pudemos, no começo do pesadelo, ter notícias de Varsóvia. Das lutas nas estradas e ao longo do Vístula. Dos nossos corajosos homens. Das tropas polonesas escondidas nos Cárpatos. Cavalos contra tanques. Mas eles não desistiam. E Aniela dizia sempre que Hitler jamais tomaria Varsóvia... Dizia com a voz embargada — para ela, Varsóvia era o bastião da alma polonesa. Cracóvia foi tomada primeiro: os homens da Wehrmacht invadiram os prédios antigos e fizeram ali seus escritórios. Depois levaram todo o corpo docente da universidade mais antiga de toda a Europa para campos de trabalho forçado, onde a maioria morreu. Dizem que uma parte dos professores foi fuzilada no pátio da universidade. Foi assim que os alemães chegaram na Polônia... Eles enfiaram os judeus num gueto, eles confiscaram casas e a liberdade dos cidadãos. E matavam. Todos os dias.

Matavam para dar o exemplo.

Mas, apesar disso — ah, eu ainda lembro como se fosse hoje —, Aniela acreditava e acendia velas pela capital. E pelo genro, pois não tínhamos recebido qualquer notícia de Wladek, como não receberíamos por muitos meses. A minha mulher, ainda forte, os cabelos brancos presos num coque, ajoelhava-se no altar montado ao lado da cama e acendia velas para Nossa Senhora. Ela jamais chorava. Não na minha frente nem na frente dos filhos. Ela acreditava como se fosse o verdadeiro espírito da Polônia, como se nela vivesse a chama da coragem de cada soldado polonês; ela rezava enquanto os homens da nossa terra eram destroçados pelas bombas e pelos Panzers alemães.

Daqueles dias, o que mais me ficou foi ela. A minha mulher. Era muito corajosa mesmo, e cuidava dos filhos com desespero. Que nenhum jamais saísse de casa. “Meninos de vinte anos, vocês nem sabem pegar num fuzil”, ela dizia aos filhos. “E também não há fuzis, os homens estão lutando com

facções, com garrafas cheias de gasolina. Com as próprias mãos.” Mas Józek queria ir. Mietek não, ainda era um menino naquele tempo. E Stach ainda não estava conosco. Veio depois, mas, de qualquer modo, jamais deu ouvidos a Aniela.

A invasão continuava. Disso eu lembro — dos dias que pareciam

semanas. Das semanas extensas como estações inteiras. E do silêncio às vezes cortado por uma transmissão radiofônica. “Formam-se batalhões de

operários voluntários em Varsóvia.” Dia 6 de setembro. Lembro bem. E

Aniela chorou, era outra vez o espírito da Polônia. E depois, em 16 de setembro, entre chiados: “Os exércitos poloneses contam hoje com a

metade do seu efetivo original, mas a luta continua em todas as frentes. Só

em Varsóvia, 70 mil soldados lutam com as tropas do Terceiro Reich.”

Aniela de olhos secos. Duros. Sovando o pão com fúria. E Hela correndo para o quarto, para chorar longe da menina. Eu me sentia um velho, nada

mais do que a janela me restava, enquanto as estradas que levavam até a fronteira com a Rumânia estavam abarrotadas de fugitivos e de tropas.

Todos querendo a França. As estradas cheias, e os aviadores, nos seus uniformes azuis, tentando seguir até o país livre, onde se engajariam, e de

onde vinham os apelos do general Sikorski, chamando os soldados para os

exércitos regulares na França. Lá, onde eles poderiam fazer alguma coisa.

“Eu vou, mama. Eles precisam de mim.”

Aniela olhou para Józek. Era ainda um jovem magro, que só entendia do

campo. Vi amor nos olhos dela, e uma espécie de orgulho. Então ela limpou

as mãos no avental e disse simplesmente: “Você não chega até a praça da

aldeia sem uma bala entre os olhos, mój synu. Fique aqui conosco, meu filho. Há muitas formas de ser útil ao seu país.”

Józek não ousou perguntar quais eram as formas às quais ela se referia.

Todos sabíamos, todos sentíamos lá no fundo que os alemães tinham

chegado para ficar por um bom tempo.

Assim, seguimos esperando. Ouvíamos o Hino Nacional todos juntos quando a rádio podia ser captada, e era como se nos agarrássemos a uma espécie de corda imaginária — nós, os naufragos silenciosos. Aqueles que tinham ficado.

Era duro ouvir os apelos que vinham da rádio de Paris. “Alcancem a fronteira e venham para a França. Juntem-se aos exércitos regulares; somente assim poderão lutar pela nossa pátria.” E os soldados fugiam como podiam. Pela Rumânia. Pela Eslováquia. Pela Hungria. Pela Lituânia. Eles venciam todas as dificuldades e atravessavam fronteiras cheias de szwaby.

Eles iam para lutar; aquilo não era uma fuga. Mas como doeu em mim...

Além da escassez de comida, sofríamos com o medo. Nada mais funcionava, nem os correios. E todos os dias a pasmaceira das horas vagas era quebrada pelos estrondos das bombas. Então, tudo aconteceu depressa outra vez durante uns dez dias. Como se a roldana, momentaneamente consertada, voltasse a correr com pressa redobrada para recuperar o

tempo perdido. Mas corria ao inverso. Na segunda quinzena de setembro, as tropas russas atravessaram a fronteira oriental e também entraram na Polônia, avançando através do oeste.

E em 27 de setembro deu-se a rendição de Varsóvia. Não capitularam sem lutar. Mas não havia sequer um avião polonês inteiro, nem um tanque, nem uma divisão completa... Toda a população lutou como se lutasse pela sua própria alma na maior prova de resistência e de coragem que eu jamais tivera notícia até então. A cidade fora violentamente bombardeada, e ouviam-se histórias terríveis sobre as mortes nas esquinas, nas frentes, nas barricadas. Assim, nesse exato dia, nosso aparelho de rádio ficou mudo. Em

caráter oficial, saía do ar a Rádio de Varsóvia. E dezenas de milhares de feridos ficaram espalhados na esteira do avanço alemão, todo o território transformado num imenso cemitério. Isso sem falar nos soldados. Muitos anos mais tarde, ficamos sabendo que 200 mil deles morreram naquele

mês de setembro. Duzentas mil almas. E o céu continuou amanhecendo

com seu absurdo colorido, diante de milhões de olhos proibidos de chorar.

23.

O retrato em sépia tem no verso um carimbo em desbotado azul que diz

“Fotografia Wolf, São Pedro, 818, Porto Alegre.”

Há uma assinatura na frente, “Wolf”, e o ano “1939”.

Vejo a imagem de um jovem que mira a câmera com ar de sobressalto.

Ele leva um meio sorriso fixado no rosto, um sorriso quase receoso. Parece

ter sido pego de surpresa, este meu avô tão jovem, tão expectante, tão fragilmente esquecido neste antigo pedaço de papel que varou anos e

gavetas empoeiradas até estar aqui, sobre a minha mesa de trabalho,

oferecendo-se diligentemente ao meu exame.

De toda a vasta coleção de retratos que tenho de Jan, este é o único em

que eu o vejo temeroso. Há quase a sombra de um medo nos seus olhos vivos, e seus lábios parecem estremecer, presos na eternidade da fotografia

com uma pergunta a bater asas no céu da boca: “e agora?”, eu quase posso

ouvi-lo dizendo baixinho. E agora?

Não há uma data exata no retrato.

Ali estão também uma mulher e um menino — minha avó, Anna, e seu

filho Janeczek. A família posa contra um fundo de pano preto; ela, sentada

numa poltrona um pouco à frente de Jan, mostra a mesma face serena, o olhar fiel, talvez levemente desfeito em suas certezas, enganado pelos lábios que não quiseram sorrir para os anos seguintes. Usa um vestido negro de gola de gorgorão claro, e um pequeno relógio no pulso esquerdo

brilha juntamente com a aliança das bodas. O menino, seguro entre suas mãos, acomodado sobre uma espécie de aparador, veste-se de branco e usa

um babero bordado e sapatos de crochê. Calculo que tivesse então uns oito

meses.

E este seria o mês de setembro...

Até o menino tem um certo pasmo no seu rostinho bonito, a boca entreaberta, os olhos curiosos, poucos cabelos de um tom de trigo. Há uma suspensão nesse retrato, algo que palpita, que espera. Congelado no tempo daquele setembro. Ah, Jan, Janek, meu avozinho. Eu agora reescrevo a história da sua vida segundo meu gosto e meu pressentimento... Mempo Giardinelli, autor argentino, também descendente de uma família de imigrantes, escreveu em um de seus livros que “quando a história se oficializa, se petrifica; e quando se petrifica, começa a mentira. Disso se depreende que a verdadeira história é aquela que está viva, aquela que não se detém, mas que está ativa, quer dizer, a memória”. Então é disso que eu

trato aqui, da memória das coisas vividas há tantos anos — da sua vida, Jan, e dos vestígios que dela me ficaram. Como essa fotografia, por exemplo.

Então se acabou o instante gélido e fixo desse retrato do qual eu gosto

tanto. Você paga ao senhor de pincenê o preço pedido pela fotografia. Ele é

alemão, mas não há mágoa em seu rosto quando vocês se olham acertando

o pagamento do serviço. A sua mão alcança rapidamente a palma da mão dele, depositando ali as duas notas de papel. Este alemão não está lá; nem

you está lá, Jan, e não pode ouvir o ronco estrondoso das bombas, nem o

barulho dos aviões, nem a destruição das fileiras de Panzers. Nada disso, Janek; esta mágoa só começou a brotar dentro do seu peito muito depois desse dia.

O fotógrafo guarda o dinheiro e vocês se retiram, agradecendo.

O menino no colo da mãe sorri como sorriem todas as crianças diante das miraculosas surpresas de cada instante da vida. Ele não sabe nada da

guerra, nada da Polônia, nada da fotografia que o eternizou assim, nesta roupinha clara. Seu primeiro filho não sabe nada, Jan, não sente fome nem

sente sede enquanto você e Anna saem do estúdio Wolf e seguem pela rua

larga que palpita de primavera. Na cidade festeja-se a Semana da Pátria, e

as escolas enfileiram alunos uniformizados sob o sol morno do céu austral.

Não sei que esperanças você guarda no futuro. Não sei dos seus medos —

you é um grande ilusionista das emoções. Mas algo houve, meu avô, talvez

um velho feitiço aqui se tenha realizado, e somente com atraso você

perceba que este senhor tão justo, este alemão trabalhador que acarinhou

seu menino com a mão nodosa e limpa de sabonete, fixou no retrato o seu

medo. A sua esperança, Jan. Antigamente diriam que ele roubou a sua alma

— mas eu digo diferente, ele guardou-a para mim. Ela está aqui sobre a minha mesa, inquieta e vívida no seu medo e na sua coragem. Presa num retângulo de papel.

Era setembro, Jan. Os jacarandás espalhavam suas cores pela cidade que

você escolheu para viver. E havia paz, Jan. O sr. Oswaldo Aranha

proclamara em todas as rádios e dera entrevista a inúmeros jornais

dizendo: “O Brasil está neutro nesta guerra.” E todo mundo voltou à sua vida normal, sentindo medo, é claro, e lendo avidamente as manchetes

assustadoras do *Correio do Povo*; mas andando pelas ruas, e aproveitando o sol, e indo ao cinema ou à Confeitaria Rocco. Porque a guerra segue longe, a

guerra é do outro lado do mar. E o mar é fundo.

Mas, e você, Jan?

Não há um pingo de neutralidade na sua pessoa. Cada célula e cada

átomo do seu corpo querem se atirar à defesa da Polônia.

24.

Nunca o avô teria acreditado quando bateram à porta da sua casa na

noite daquele domingo cálido. O mundo já sabia, mas o silêncio da casa ainda não fora maculado pelos acontecimentos recentes — lá fora, a luz tênue da lua se filtrava através das folhas da parreira, desenhando figuras

luminosas no gramado do pequeno quintal onde Anna lava a roupa todas as

manhãs. Por tudo havia uma quietude de sigilo, de conforto, e a sala cheirava a comida e lenha. Às vezes (como um sopro) vinha da cozinha a voz do menino, e era porque o filho ria das brincadeiras que a mãe lhe fazia.

Estava sentado na poltrona de sempre, lendo um livro na sua língua,

depois de folhear as páginas do *Correio do Povo*. Então tomara do livro, aprofundando-se na leitura com inusitado gosto; a vida era árdua e ele não

era de ler muito, mas ultimamente as saudades e o medo haviam plantado

aquele germe na sua alma. Lia principalmente livros em polonês, que

tomava emprestado de algum patrício. O livro falava sobre um bosque

úmido e verde. E sobre uma plantação de batatas.

Ele se sentia transportado para a sua velha casa. Era ainda um menino

que precisava acordar cedo para trabalhar na lavoura com o pai. E depois o

pequeno almoço. E o balde para as abluções antes da escola. Mas havia, sim, um bosque e seus cheiros.

E sua umidade silenciosa e fresca.

E então bateram à porta.

Anna estava lá para dentro com o filho; ela gostava de cantarolar baixinho para o menino algum dos cânticos da missa. Jan se levantou e foi ver quem era.

Não ter família sempre reduzia muito as possibilidades de uma batida na porta numa quieta noite de domingo, e por isso uma estranha curiosidade começou a soprar dentro dele. Então, quando puxou o ferrolho e deu de cara com o rosto afável do seu amigo Sikora, a cabeça ovalada onde começavam a rarear os cabelos de uma cor de trigo maduro, ele não pôde entender; apenas deixou-se levar pelo prazer de rever o amigo ali no alpendre, e talvez convidá-lo para um copo de vodca e para comer o que Anna lhe tinha preparado.

“Entre, entre”, disse Jan, abrindo espaço para que o outro passasse.

“Desculpe chegar assim”, disse o visitante.

“Prosze, ainda nem jantamos.” E acrescentou: “Fique conosco e prove a comida de Anna.”

A porta se fechou, deixando para trás a claridade amarelada dos postes de iluminação. Dentro da sala foi que Jan notou algo no olhar de Sikora. Seus olhos pareciam embaciados. Todo ele parecia sem brilho, e Sikora era um homem alegre e vigoroso.

“O que houve, meu amigo?”

Sikora se encostou na parede como se estivesse subitamente sem fôlego.

“Vim correndo. Aconteceu uma coisa muito grave.”

“Fale”, pediu Jan.

Por um momento, o medo das notícias pairou entre eles como uma sombra. Jan recordou a mãe, o pai e os irmãos lá em Terebin. Os hitlerowcy

seguiam avançando pela Polônia com seus Panzers; mas como Sikora ou

qualquer outro poderiam saber? Eram milhares os mortos, e dizia-se que

Varsóvia tinha sido atravessada pelos tanques e que as pessoas fugiam como podiam. Nem no Consulado eles sabiam, e ele tentara várias vezes obter notícias da família.

Disse Sikora: “Deu no rádio não faz muito, Jan... Os bolcheviques

invadiram a Polônia. Cruzaram em massa a fronteira oriental. Parece que são milhares os fugitivos, que atravancam as estradas do sul, que estão desesperados.”

Jan mirou o amigo sem saber o que dizer. Sikora ainda recobrava o

fôlego da corrida; moravam a poucas ruas um do outro, e ele viera sem vestir um casaco ou uma camisa boa. Atordoado, desculpou-se pela sua

aparência. “Vim como estava, ouvi a notícia no rádio cinco minutos atrás.”

Da cozinha chegavam os ruídos que Janeczek fazia enquanto a mãe lhe

dava a sopa às colheradas. Havia algo de acolhedor na pequena sala que cheirava a sabão e batata cozida, pois Anna tinha preparado knedle para o

jantar.

“Obrigado por ter vindo”, Jan disse, finalmente. Depois tomou o amigo pelo braço e o levou até as duas poltronas que ficavam perto da janela, ocupando uma e oferecendo-lhe a outra para que se acomodasse.

“Você tem

certeza dessas coisas, Sikora?”

“São notícias confirmadas. Os bolcheviques foram buscar a sua parte.”

“Aves de rapina. Vão dividir os despojos com os hitlerowcy... A sorte da

Polônia agora está traçada, Sikora. O que eles hão de fazer? O que poderão

fazer?”

“Aqueles que podem estão fugindo. O general Sikorski fez um

pronunciamento pela Rádio de Paris para que os soldados atravessassem a

fronteira. Para que se unam aos aliados e combatam a partir da França.”

Na cozinha, Anna parou de cantar. Um ruído fresco de água corrente

alcançou-os, enquanto ela lavava a louça do jantar do menino. Depois ecoou

o riso da criança, e um minuto mais tarde a esposa e Janeczek estavam na sala.

Anna ainda estava de avental e chinelos, pois não esperava visitas.

“Aconteceu alguma coisa, Janek?”, perguntou ela.

Jan e Sikora se ergueram. Jan tomou o filho dos braços da esposa e fez-

lhe um carinho distraído. Ela ajeitou os cabelos antes de estender a mão para Sikora. O amigo vinha freqüentemente até a casa deles, mas nunca aos

domingos, e nunca sem avisar. Sikora comentou que o menino estava

bonito e crescido, e Anna agradeceu educadamente, pedindo também

notícias da família dele.

“Todos bem”, disse o outro.

Jan sorriu para a esposa. E o pequeno, em seu colo, soltou um gritinho.

Então Anna repetiu sua pergunta: tinha acontecido alguma coisa?

Disse Jan: “Aconteceu uma coisa horrível, Anna.”

“Mas o que houve? O que houve de tão grave? Vocês dois parecem ter visto o próprio Stalin.”

Foi Sikora quem respondeu: “Mais ou menos isso, pani Anna. Mais ou

menos isso. Os russos entraram na Polônia.” Sua voz era triste. Ele correu a

mão pelos cabelos ralos, pensativamente, como se escolhesse as palavras adequadas. “Agora eles e os hitlerowcy vão dividir a nossa terra em duas,

pani. Os dois maiores inimigos da Polônia vão comer o seu cadáver com garfo e faca.”

Anna retorceu as mãos que cheiravam a sabão. “Mas e os ingleses,

Janek?”, exclamou ela.

“Os ingleses não podem com a Rússia, moja kochana. Só há uma chance

agora, e é a entrada da América na guerra. Se os Estados Unidos lutarem do

nosso lado... Só eles poderão reverter essa guerra.”

Anna persignou-se: “Vamos rezar pedindo ajuda”, sussurrou.

Jan não conteve um sorriso: “Ah, querida... Os poloneses já rezaram tanto, e orações não derrubam tanques.”

Anna abaixou o rosto. Seus olhos ardiavam de tristeza e não queria que os dois homens vissem o seu medo e a sua compaixão. Disse em voz baixa:

“Vou levar Janeczek para o quarto. É preciso trocá-lo e fazer com que durma... Logo venho servir o jantar. Vai ter knedle, panie Sikora” e

desapareceu no estreito corredor que levava aos quartos.

Os dois homens voltaram a sentar-se.

“Estou pensando que é preciso fazer alguma coisa. Alguma coisa prática em vez de mandar uns cruzeiros para a Cruz Vermelha comprar mercurocromo. Mas, amigo Sikora, como será que os soldados chegam à França? Será que seguem daqui também, da América?”

Sikora sorriu: “Você também pensa nisso?”

“Em ir? O tempo todo, meu amigo. Por meus pais, pelos irmãos. Pela nossa terra. Mas como? Tenho filho e esposa, e não posso deixá-los aqui, desprevenidos.”

“O mesmo acontece comigo”, respondeu Sikora. “Preciso trabalhar para pôr comida na mesa.”

“Tenho feito economias todo este tempo, desde que cheguei aqui. A gente nunca sabe o dia de amanhã. Mas ainda não posso seguir.”

Do corredor veio o choro do filho. Ele sorriu e perguntou ao amigo:

“Anna e o menino, como se veriam sem mim?”

Sikora se recostou na cadeira. Ele tinha pesquisado, feito perguntas. Mas

bastava ler os jornais e tirar conclusões, os problemas que envolviam a viagem eram muitos.

“É uma viagem difícil, por causa dos submarinos, Jan. Os malditos hitlerowcy não perderam tempo desde o Tratado de Versalhes. Eles têm o que há de melhor. E estão afundando navios na costa europeia. Como

faríamos?”

“Em breve, meu amigo, Sikorski vai se lembrar dos poloneses na América. Tenho certeza disso, eles vão precisar de homens.” Sorriu, sentindo os olhos úmidos: “E aí iremos.”

“Pela nossa pátria”, atalhou Sikora.

“Pela Polônia.” Apertaram-se as mãos solenemente. “Agora vou chamar Anna. Acho que seria bom comermos algo. E você vai gostar dos knedle que ela faz.”

25.

A velha na fotografia:

Aquele setembro foi lindo, nunca o céu esteve tão azul! É verdade que os nossos setembros eram brumosos e cinzentos, e depois as chuvas que alagavam tudo e transformavam as pequenas estradas do interior em rios de lama. Os caminhos ficavam intransponíveis. Nem carros, nem carroças. A gente andava a pé e as pernas entravam na lama até os joelhos, e depois de um tempo era impossível seguir adiante.

Mas não naquele setembro.

O céu azul, azulzinho, feito louça azul, esparramava-se sobre nossas

cabeças. Aquele céu facilitava os bombardeios. E os malditos szwaby não erravam seus alvos! *Pum, pum, pum!* Explodiam prédios, depósitos e aeroportos. Explodiam apertando um botãozinho, e as bombas cortavam o

céu, aquele céu de brinquedo, cruel como uma nudez. *Pum.* Mais uma coisa deixava de existir. E outros duzentos mortos. Sob o céu azul, *mój Boze.*

Sentíamos raiva daquela beleza toda, porque jamais tivemos um começo

de outono como aquele. As estradas, secas e lisas feito o vestido de uma noiva, abriam-se para os exércitos, e os szwaby avançavam sem problemas,

sempre em frente, um, dois, três. Sempre em frente, arrancando da Polônia a sua alma. Onde estava a lama, *Boze mój Boze?* Onde estavam a neblina e a

chuva fina e fria que avisavam da proximidade do inverno?

Eu passava horas na janela esperando que ela viesse. A maldita chuva. E

enquanto isso, *bum, bum* sobre Varsóvia. *Bum, bum* sobre Cracóvia, sobre Hell, sobre Gdansk. E as estradas? As estradas cheias de gente fugindo.

Vinham para o sul, atravessando as nossas aldeias, porque queriam

alcançar a fronteira com a Rumânia. Era gente de todo tipo. Soldados fugindo para os Cárpatos. Gente querendo alcançar o rio Zbrucz, levando crianças e malas. Até livros, eles levavam livros como se fossem ler no caminho até o outro lado do inferno, como se estivessem numa maldita estação de trem rumo às férias de verão... E os aviadores? Minha filha Hela

gostava de ir até a estrada. Às vezes passava um ou outro tentando alcançar

a fronteira. Suas insígnias em forma de asas brilhavam sob aquele sol tão

lindo, mas os olhos deles, ah, *mój Boze*, os olhos deles eram tristes, tão tristes... Eles não tinham aviões. Os malditos *szwabys* destruíram todos os aviões ainda no primeiro dia, e eles tinham que atravessar a fronteira e ir

pra França de qualquer jeito. Por isso estavam nas estradas.

Quando os russos vieram, a coisa piorou. Era um tal de fugir que nunca

me esquecerei, aquela gente toda indo, indo. Pareciam uns bois. As cabeças

caídas no peito. Todo mundo tinha medo dos russos. Eles tinham as contas

de 1920 para acertar com os poloneses. Eu também tinha medo deles. Até

então eu acreditava — quem jamais haveria de tomar nossa linda Varsóvia?

Os reis e até *Bóg* zelavam por ela, e eu achava que os alemães nunca iam ganhar a cidade, nunca mesmo. Eu acendia velas e rezava muito. Mas

quando vieram os russos, eu chamei o Jan e disse: “Vamos nós também, *tatus*. Vamos, *papaizinho*.” Ele me olhou muito sério e perguntou: “Para onde?” Eu respondi: “Ué, para a estrada.” Meu rosto ardia de vergonha. Mas

era aquilo que eu sentia. Devíamos fechar a casa, juntar os filhos, Hela e a

menina, e seguir para a fronteira. Quem sabe conseguiríamos alcançar o

outro lado e arranjar um navio que nos levasse para o Brasil? Lá, Janek cuidaria da gente. E era uma chance. Ficar ali, vendo os aviões dos *szwabys*

bombardearem a nossa Polônia, vendo as matanças nas praças das aldeias,

e toda a gente nas estradas, até galinhas levando, e um deles carregando embaixo do braço um castiçal de

prata, e outros levando colchões e

cadeiras.

Os olhos de Jan arderam, saíram chispas daqueles olhos. “Ninguém aqui

vai fugir”, foi o que ele me disse. E seu rosto estava vermelho, vermelho de

cólera, igual a uma vez quando Stach era menino e depenou um ganso e enfiou um lápis no rabo dele. Eu fiquei calada, como era meu dever. Fiquei

calada e esperei a fúria passar, como passa um temporal. Aí Jan me olhou,

encolheu os ombros. “Desculpe, Aniela.” Ele falou aquilo bem devagar. Não

era um homem que gostasse de pedir desculpas, mas ele pediu naquele dia.

“Nós morreríamos na estrada”, disse. “Ou você acha que toda essa gente vai

atravessar a fronteira da Rumânia e ficar num hotelzinho, à sombra de uma

árvore, esperando e escrevendo postais? Nada disso, mamusia... Os alemães

logo vão mandar os aviões bombardearem as estradas. Vão matar toda essa

gente. Como se matassem ratos.” Foi isso que ele disse, o meu marido.

Depois ficou em pé, olhando pela porta aberta para a horta onde os frangos

andavam, porque eu nem mais cuidava disso, de separar os frangos da

horta. O que haveria de mudar se eles bicassem um pé de espinafre? Mais

dia, menos dia, todos os frangos seriam confiscados para serem cozinhados

nas panelas dos szwaby. Eles estavam em Cracóvia e parece que viviam muito bem por lá, nos palácios e tudo o mais, os malditos.

Meu marido não falou mais nada naquele dia. Ficou lá, olhando o céu azul. Ficou lá, dias e dias. E nós não pegamos a estrada. Nós ficamos e agüentamos tudo, tudo o que aconteceu depois. E o céu continuou azul naquele mês de setembro. Varsóvia já tinha caído e Hell também, e a última

resistência regular polonesa já tinha sido quebrada pelos szwaby, e mais dias passaram até que finalmente começou a chover. Mas aí não adiantava

mais. Era novembro então, eu lembro bem.

E as estradas ficaram cheias de lama outra vez.

O que aconteceu depois não foi nenhuma surpresa: enquanto as tropas do Terceiro Reich procederam à ocupação da Polônia, a França e a Inglaterra ficaram esperando passivamente — talvez por um milagre que desse ao obsoleto exército francês um poder de fogo comparável ao alemão; os ingleses, embora estivessem produzindo ativamente seus *Hurricanes* e *Spitfires*, pouco podiam contra o poderio arrasador das tropas de Adolf Hitler.

O resto do mundo acompanhou com pasmo o rápido desfecho da invasão da Polônia, e conheceu-se então um novo conceito de guerra — os exércitos do Führer eram capazes de romper quaisquer posições defensivas. Era um poder de avanço e de fogo jamais vistos (Hitler não havia quebrado uma a uma as cláusulas do Tratado de Versalhes em vão), e somente então os outros líderes europeus compreenderam a distância que os separava da altíssima tecnologia de guerra alemã.

A invasão da Polônia, apesar da corajosa resistência dos soldados e da população civil, foi rápida, sangrenta e efetiva. No dia 17 de setembro os russos atravessaram a fronteira. No dia 18, encontraram-se com os alemães em Brest-Litovsk. Em 27 de setembro Varsóvia se rendeu. Dois dias depois, a fortaleza de Madlin capitulou; em 2 de outubro caiu Hell. E assim, como um gigantesco jogo de dominó, uma nação de 35 milhões de pessoas dobrou-se diante do invasor alemão.

Nessa série de lutas, o exército polonês perdeu mais de 200 mil homens, e a cifra de mortos entre a população civil neste período chegou a 10 mil almas. Os soldados que escaparam vivos das batalhas travadas durante a invasão atravessaram a fronteira como puderam, a fim de se juntarem ao governo que emigrara para a França. Atendendo a apelos que o general Wladyslaw Sikorski fazia pela Rádio de Paris, esses homens seguiam através dos territórios da Eslováquia, da Hungria (já tomada pelo Reich) e da Lituânia. Também os civis, inconformados com o domínio alemão, buscavam cruzar a fronteira pelo sul, em grupos de três ou quatro, fazendo

longas viagens através do território polonês e ganhando abrigo em casas de

famílias e nas plantações. Os poloneses perdiam o domínio da sua pátria, mas não desistiriam de lutar. Eles formariam o maior movimento de

resistência ao domínio nazista, com um engajamento, entre 1939 e 1945, de cerca de um milhão de civis somente em território polonês. Os soldados

poloneses também continuaram lutando. Da Polônia foram para a França

— eles haveriam de combater em outros 17 países europeus ocupados

durante a Segunda Guerra Mundial.

Na pequena casa que meu avô ocupava com sua Anna Wierzchowska, as

cartas haviam cessado de chegar de Terebin, e escrevê-las era uma perda de tempo que não aplacava o desespero de Jan. Muito depois, num dos raros desabaços que fazia a respeito dos terríveis anos da guerra, Jan contou que sonhava todas as noites com a mãe e a irmã, e que às vezes acordava chorando no escuro do quarto, sob os olhares de Anna.

Seu sono ficou difícil e seu humor se alterou. A raiva crescia dentro dele

como uma espécie de vírus. Queria fazer alguma coisa, e a pasmaceira de esperar por notícias tornava-o soturno. Ele precisava ajudar, e não ficar

ouvindo os constantes boletins transmitidos pela Rádio Guaíba, nos quais as movimentações na Europa eram dissecadas por comentaristas de vozes

possantes. O senso patriótico de Jan era muito elevado; vivera muitos anos

servindo no exército e para ele era uma obrigação defender sua pátria vilipendiada. Além do mais, o destino dos seus familiares o atormentava.

Mas a Polônia e seus habitantes estavam exilados do planeta, e assim permaneceriam por seis terríveis anos. No fim de setembro, a Rádio de Varsóvia se calou de vez e as notícias vinham dos soldados que conseguiam

atravessar a fronteira e se refugiar na França. Não havia paliativos para a

angústia de meu avô nem para o desespero de seus conterrâneos

emigrados que tinham deixado família na Polônia; só podiam esperar. E

rezar, como gostava de dizer Anna Wierzchowska, com sua mansa voz de fada.

Rezas, porém, não impediam que os tentáculos alemães se espalhassem

pelo mundo. Ou melhor, pelas águas. Enquanto os exércitos do Terceiro Reich erguiam a suástica nos

palácios centenários de Cracóvia e nos antigos

e belos prédios de Varsóvia que as blitzkrieg não tinham destruído, os submarinos alemães começavam a guerra nos mares. Importantes navios

vinham sendo torpedeados pelos alemães e afundavam com suas

tripulações, apesar de uma série de cuidados que as marinhas mercantes estavam adotando, como o sistema de navegação em comboios.

Em 30 de setembro a guerra chegou mais perto do pacato cotidiano

brasileiro: o navio de carreira britânico *Clement*, que pesava cinco mil toneladas, foi afundado pelo encouraçado alemão *Graf Spee* perto da costa do estado de Pernambuco. A notícia dessa tragédia ganhou as páginas dos

principais jornais do mundo, e também os noticiários brasileiros. Em 14 de

outubro, um submarino alemão venceu todas as defesas inglesas e afundou

o couraçado *Royal Oak* dentro do próprio Skapa Flow, o porto da Real Marinha Britânica; depois disso, mais uma dúzia de navios mercantes foi afundada na entrada de portos comerciais ingleses. Em dezembro de 1939,

intensos combates foram travados no rio da Prata e culminaram com o fim do encouraçado alemão *Graf Spee*, que muito terror trouxera às águas do Atlântico Sul. Depois de vários dias de luta, tendo a batalha como perdida, o

Graf Spee deixou o porto e foi afundado pelo próprio comandante no rumo do mar.

27.

(1939, dois anos depois do casamento de Anna e Jan.)

Janek. Janek. Janek.

O nome a acompanha todos os dias, aparecendo entre cada punhado de

palavras que ela pronuncia. Janek gostaria disso, Janek apreciaria aquilo.

Farei pierogi para Janek. Passarei as camisas de Janek. Beijarei a boca de Janek com a luz do quarto apagada. Janek irá à missa comigo. As outras mulheres olham Janek. Janek sorri para elas... Sim, Janek sorria para as outras mulheres. Sempre sorrindo, sempre gentil, Janek sabia tratar as mulheres. E ela, ela ficava olhando, ela ficava olhando e medindo o fascínio

que o seu marido exercia sobre as outras. Não que ele buscasse aquilo.

Simplesmente acontecia. Os dois no bonde, ela com o menino no colo, um

sábado de manhã. E a moça que está sentada atrás se ergue para descer no próximo ponto e lança um olhar azul para Janek. Ele sorri. A moça desce e acabou-se. Nada mais acontece. Mas ela sabe que Janek pega este mesmo bonde todos os dias, e talvez a moça seja caixeira em alguma loja. Talvez esse sorriso seja diário. Um segredo dos dois. Porque Janek retribui e diz-lhe que nunca se deixa uma mulher sorrir para as janelas, que é deselegante.

Os poloneses têm sangue quente e ela sabe disso. Mas Janek? Janek é incurável. E ela não o culpa. Não culpa sequer as outras, as que suspiram por ele. O marido é um homem bonito — ela mesma não o amou no primeiro instante, sob o sol que cozinava o mundo naquela tarde de destemperada primavera, dois anos atrás?

Janek lhe é fiel. Ela tem certeza. Se não por amor, por causa da guerra.

Agora ele só tem pensamentos para a guerra e está cada dia mais quieto, cada dia mais ausente. Ela já espera o momento em que ele vai dizer-lhe que partirá. Por causa dos malditos alemães. Os hitlerowcy. E ela vai ter que entender, ela vai ter que emprestar o marido para a guerra e ficar serena, torcendo para que uma bomba não caia na cabeça dele. E vai ter que arranjar um jeito de viver com o menino enquanto Janek estiver fora.

Pensa em si mesma voltando para a granja do pai. As longas tardes

silenciosas, e o moinho girando e girando. A cerveja que o pai bebe à noite e

certas coisas que diz. Ah, não volta. Para a casa do pai ela não volta. Se Janek partir, vai trabalhar para si e para o filho. E vai sofrer pelo marido, vai sofrer e chorar sozinha à noite. Porque que lindo ficará o seu Janek vestido com um uniforme militar.

Segue pendurando as roupas na cerca. Uma a uma, as camisas de Janek.

O sol da primavera lambe o seu rosto. O filhinho está com Ludmilla. A irmã veio do interior passar um tempo com ela. Essa é outra que ri para Janek. E olha para ele com uns olhares compridos... O fascínio de Janek, diz ela entre os dentes, acomodando uma fralda de pano na cerca. O fascínio de Janek. As mulheres voam para ele como mariposas para uma lâmpada.

E ela pendura roupas. Cuecas. Uma camisa de tecido fino, branco, que Janek usa em compromissos

importantes. Calças escuras. As fraldas do

menino. Um vestido seu, de alças. As meias do marido. Uma combinação de

Milla. Ela pendura roupas e pondera.

É certo que a guerra vai prosseguir. A guerra não pára. Os homens

gostam muito de matar e morrer por idéias. Por dinheiro também. Mas esta

guerra é diferente. A Polônia mergulhou num mundo à parte. Somente

silêncio. Ela vê Janek chegar em casa diariamente com os jornais. O *Correio do Povo* e a *Folha da Tarde*. Ele vasculha as páginas. Fala-se muito sobre a guerra e sobre a neutralidade brasileira. Como se fosse realmente

importante a neutralidade brasileira a não ser para o senhor Getúlio, porque as bombas não caem aqui. Mas dizem que ele gosta dos alemães.

Que está esperando. Que não se decidiu, e que a neutralidade brasileira é bobagem. Janek não quer que ela fale sobre isso. Mas para onde nos

deportariam? A Polônia deixou de existir.

Ela sorri tristemente sob o sol. Logo vem o verão. Os calores, as tardes

pesadas e intermináveis. O filho gosta do verão. E Ludmilla também. Ela quer passear, ver as modas na Rua da Praia. Ver as gentes nos cafés. Sim,

porque as gentes continuam nos cafés enquanto as bombas caem lá na

Europa. Ela vai levar a irmã e o menino para passear assim que o sol baixe.

Vão de bonde. O filho adora. Nem a barulheira o assusta, o guinchar do bonde nos trilhos, como um bicho ranhoso.

Vão tomar chá na Confeitaria Rocco. Ela costurou para fora na semana

passada. Nem contou a Janek. Um vestido para dona Agnieszka batizar a sua filhinha. E ficou muito bonito, pois não perdeu o jeito. É com este dinheiro que vai levar a irmã a passeio, porque sabe que Janek está economizando. Por causa da guerra.

E as coisas continuam acontecendo enquanto Janek economiza dois

contos aqui, três lá. Dez contos no fim do mês. Faz um bico por fora, uma

mesa para os Nowak, e põe o dinheiro na caderneta. Guarda para o futuro,

para o dia em que ele não estiver em casa, mas na guerra.

Ela leu o jornal de hoje. Os russos invadiram a Finlândia. Atacam a fronteira em oito pontos e bombardearam a capital. Chorou por causa das

notícias, embora mal pudesse identificar a Finlândia num mapa. Chorou porque é a guerra que se alastra (os russos já ocuparam a Estônia, a Letônia

e a Lituânia), e chorou porque imagina o rosto com que Janek vai olhá-la hoje à noite. Quase como se a culpa fosse dela. Quase.

“Veja, veja!”, grita Ludmilla da porta da cozinha.

Ergue os olhos e dá com a irmã trazendo Janeczek pelas mãos. Ele dá uns passinhos trôpegos, as perninhas tremem, mas ele ri, feliz, feliz. Porque

está aprendendo a caminhar, mesmo que seja pelas mãos da tia, mesmo

que as bombas caíam em Helsinque.

“Quando fizer um aninho, vai estar correndo por tudo, Anna! É um menino muito esperto.”

Anna pendura na cerca a última peça de roupa — um avental branco

que fica tremulando sob o céu azul.

“É um menino muito, muito esperto mesmo... Quando o pai chega em

casa, se ele está acordado, sai engatinhando pela sala, só para que Janek veja e o elogie. E nunca chora, Milla. Nunca chora.” Caminha até o menino,

sentindo o ar da tarde correr por seus braços úmidos da roupa recém-lavada. Abaixa-se e acarinha a cabecinha de cabelos castanhos. “Não é, mój

synu? Você é um menino bonzinho, que vai passear na Rua da Praia com a mamusia.”

Ludmilla sorri ao ouvir a referência ao passeio. Então a tarde lhe parece

ainda mais linda e mais convidativa. Depois de meses na pequena cidade natal, Porto Alegre é uma festa. Até mesmo os jornais, com que gosto os lê!

Na casa do pai não se compram jornais, pois ele diz que dinheiro é para se comprar feijão, não papel.

“Vamos tomar o nosso chá, Annia?”

O menino, cansado de aprender os mistérios do caminhar, agora está

sentado no quintal e tem um tufo de grama entre os dedos. Anna o pega no

colo, limpando a mão dele no seu avental. “Vou tomar um banho, vestir outra roupa, e vamos, Milla. Mas lhe peço uma coisa.”

“Qualquer coisa”, diz a outra, e seu rosto um pouco gordo resplandece.

“Qualquer coisa.”

Anna sente uma espécie de vergonha. Não que esteja errando; o marido,

de fato, não a queria costurando para fora, mas com a guerra... Que culpa tem ela se os russos bombardearam Helsinque? Olha a irmã nos olhos e diz

em voz baixa: “Não conte ao Janek que fomos à Confeitaria Rocco. Ele não ia

entender, pois estamos economizando.”

“E vamos como? Com que dinheiro, Anna?”

“Eu costurei para uma amiga. Uma senhora polonesa. Vamos com o

dinheiro que eu ganhei, Milla.”

“E Jan não sabe?”

Ela beija a cabecinha do filho. Também ele precisa trocar a roupa, pois

essa está suja de terra. “Não. Ele não sabe.”

Ludmilla dá de ombros. “Eu quero muito ir até a Rocco, Annia. Não se preocupe, eu jamais direi.” Beija os dedos em cruz: “Eu juro.”

As duas irmãs entram na casa levando o menino, enquanto a brisa leve

da tarde fica balançando as roupas no varal. Anna não diz mais palavra; caminha com o filho para o quarto de banho e tira suas roupinhas úmidas

de um suor doce. Tem vergonha de dividir seu segredo com a irmã. Por causa dos olhares que Milla derrama sobre Janek. Ou talvez ela seja mesmo

uma moça tola do interior que fica vendo coisas onde nada existe.

Naquela noite, o marido chegou mais tarde do que de costume, quase na hora do jantar. Quando entrou, Ludmilla estava acabando de pôr a mesa.

Anna terminava de cozinhar os pierogi, tirando-os da água fervente com uma escumadeira grande. Tinha feito também uma travessa de cwikla, a

beterraba com raiz-forte de que ele gostava tanto.

“Boa noite, Ludmilla.” Jan entrou e deixou em cima da poltrona o casaco

e uma pequena pasta de documentos.

“Oi, Jan”, disse a outra, sorrindo.

Jan olhou para ela de soslaio. Tinha tendência a engordar e sua cintura se espremia dentro de uma saia cinzenta. Mas ele apreciava as mulheres de

consistência forte. Não gostava de ossos. Anna também não era magriça, tinha boas carnes, que lhe apeteciam.

“Teve um bom dia?”, a moça quis saber.

Disse ele: “Se eu fechar os ouvidos às notícias da guerra, Milla. Mas está muito difícil, muito difícil.”

A cunhada acabou de distribuir os pratos na mesa. “Anna está na cozinha terminando a comida. Joãozinho dormiu. Passeamos com ele hoje.

Quer beber alguma coisa?”

“Nic. Nada.” Viu a *Revista do Globo* sobre a mesinha de canto. “Vocês foram onde?”

Nesse momento, Anna surgiu. Trazia uma bandeja com os pierogi e a

cwikla. Veio sorrindo, os olhos brilhando. Era sempre assim quando ele chegava em casa. O seu Janek. Era como um passe de mágica.

“Fomos passear na Rua da Praia”, disse ela, entrando na conversa. “Ver

as pessoas. Ver as vitrines... Janeczek se divertiu muito. Voltou cansado e dormiu sem jantar.” Suspirou, acomodando as mãos nos quadris. “Está

pronto, vamos comer.”

Jan se sentou sem lavar as mãos, ainda de sapatos. Geralmente, a esposa

lava-lhe os pés e trazia as chinelas de andar em casa. Mas estava atrasado, e

sua cabeça voava. Fora até a Caixa Econômica conferir suas economias. Ele

vinha se preparando. Assim que fosse possível, Sikora e ele partiriam. Nem

que fosse com recursos próprios, um vapor para Londres, e depois iriam de

trem até Paris.

Anna serviu o marido e a irmã. Ludmilla falava da Praça da Alfândega, de como era linda e elegante. E o Cine-Teatro Guarani, suspirou ela, que sonho ver lá uma fita.

Depois de provar a comida, Jan falou: “Se eu soubesse, teríamos nos encontrado no centro. Saí mais cedo da fábrica e fui até a Caixa Econômica.”

Olhou a mulher nos olhos. “Fui ver o nosso fundo, Anna. Aliás, está no seu nome. Para uma eventualidade qualquer, moja kochana. A guerra está cada

vez mais complicada. Os ingleses e os franceses estão levando uma surra...

É o que se diz por aí, e que estão começando a abandonar Paris. Logo os hitlerowcy entrarão lá.”

Anna suspirou. A comida não lhe desceria mais. Até começara a

emagrecer desde que Jan ficara obcecado com a guerra. Observou-o

mastigando lentamente, a camisa aberta no peito, os olhos cintilando sob a

luz amanteigada do lustre. Podia ler seus pensamentos... Os alemães

avançam sobre Paris e bombardeiam aquela torre famosa, qual era mesmo?

Podia ver essas imagens se projetando na mente do marido, tal qual um filme que passaram no cinema num domingo em que eles tinham ido.

“Mas, Janek... Os ingleses têm seus barcos e aviões. Não é possível que ninguém derrube Hitler.”

“Os alemães já invadiram oito países, Anna. Oito países, se não erreí as

minhas contas. E dizem que estão separando os judeus em guetos, que eles

ficam presos e perdem seus bens. E que na Polônia os alemães matam até

mesmo civis. A gente dos países ocupados está sendo levada para campos

de trabalho. Não os soldados, Anna, mas os civis. Isso é escravidão. E eles

penduraram a bandeira nazista no alto da Acrópole, em Atenas.”

Ficou em silêncio, pensando nas próprias palavras. Depois mirou a

mulher e a cunhada, que mastigava com os olhos postos nele. “Você acha que os aviões ingleses vão resolver isso sozinhos?”

Ludmilla se intrometeu: “O que é Acrópole?”

Jan sorriu e disse: “Num desses passeios, você deveria visitar a

Biblioteca Municipal, Milla. Uma moça como você, inteligente, vai gostar de ler sobre a história do homem. E vai ver como o homem repete sempre os mesmos erros.”

Ludmilla corou. No seu lugar, Anna esgaravatava o prato lentamente. Se fosse uma menina, pensou, levaria um puxão de orelhas da mãe. Mas não era, e tinha liberdade de revirar a própria comida. Pelo menos isso. Ergueu os olhos para o marido:

“Mas, Janek... Todos esses países, eles têm seus soldados.”

“É preciso solidariedade, Anna, e braços para os fuzis que vão derrubar os hitlerowcy.”

Ela cruzou os talheres. Não ia comer mesmo, não quando se falava disso.

O silêncio da sala só era cortado por risos que vinham da rua. Decerto eram namorados passeando na noite de outono; para eles, a guerra não tinha maior importância.

“Sempre comemos falando da guerra”, disse Anna, baixinho. “Eu tenho ouvido o rádio todos os dias. Mas mastigar a comida com gosto de sangue...”

Ah, Janek, será que precisamos?”

Engoliu em seco. Mas seus olhos estavam úmidos, porque era a primeira vez que contrariava o marido. A primeira, e na frente da irmã. Olhou-o de

soslaio e viu seu rosto impassível. Nem mágoa nem arrependimento. Este

era Janek. Um pouco envergonhada, pediu licença e foi para a cozinha, alegando que precisava ferver o leite do filho.

“Quando acabarem, você recolhe, Milla.”

E a irmã aquiesceu.

Assim que terminou todas as tarefas do dia, meteu-se sob as cobertas.

Estava cansada, tinham caminhado muito no centro da cidade. Subido e descido ruas ao gosto de Ludmilla. E ela sempre com o menino nos braços.

Na verdade, estava infeliz demais para permanecer acordada. Aquela

guerra não era dela e não era justo que tivesse de vivê-la todos os dias, em cada momento dos seus dias. Ah, sim, preocupava-se muito com o destino dos sogros e com o destino dos outros milhões de pessoas que Hitler estava subjugando, roubando e matando. Mas preferia acompanhar tudo ao lado de Janek. Rezar ao lado de Janek, e não por ele.

Fechou os olhos, tentando dormir de uma vez. Era egoísta e sabia disso.

E tinha vergonha, tanta vergonha... Porque Janek era corajoso e ela, não. Ela

não estava à altura dele. Pensava assim quando sentiu o movimento do colchão e o calor do corpo do marido se aproximando do dela. Seu cheiro

de sabonete... Janek tinha tomado banho e enfiado o pijama. Podia sentir a

textura das calças contra suas panturrilhas. Podia sentir o ar se

impregnando do odor que a pele dele emanava e que sempre a punha um

pouco ansiosa.

A mão do marido pousou sobre seu quadril numa espécie de carinho.

“Annia...”

A voz soou macia. Tão rara aquela maciez. Ela sentiu as lágrimas

quentes saltando dos seus olhos e molhando o travesseiro. “Annia”, ele repetiu baixinho.

“O que é, Janek?”

Podia sentir a respiração dele contra o seu pescoço. Um sopro morno.

E a voz dele outra vez: “Me desculpe, Annia. Você fez uma comida tão boa e tudo o mais. Me desculpe. Eu sei que ando transtornado

ultimamente.”

Ela sentiu alguma coisa se embolando na altura do peito. Era uma

mistura de vergonha e de medo, de amor e de alegria, porque ele estava ali

pedindo desculpas, porque Janek a amava, e na verdade não tinha culpa de

nada, a não ser da sua própria coragem.

Virou-se e sentiu a mão dele correr pelo seu rosto, secando a umidade das lágrimas.

“Ah, Janek... Eu sei que estou errada.”

“Não é você, moja kochana. A vida é que está errada.”

“Mas me diga: por que você quer ir embora? Por que precisa, Janek?”

Você quer abandonar tudo isto?”, perguntou tristemente, e sua voz se elevou, súplice. “Quer abandonar a vida que eu construí pra gente aqui?”

Cada coisinha, Janek... Eu fiz tudo aqui pra nós dois, cada detalhe dessa casa.”

As lágrimas começaram a correr outra vez pelo seu rosto arredondado.

Ela olhou em volta, correndo os olhos pelo quarto semi-escurecido. Uma luz tênue vinha do corredor, por causa do menino que dormia com Ludmilla na peça do lado.

“Eu fiz a comida, sovei com estas mãos a massa dos pierogi. Eu fiz o nosso filho. Eu costurei estes lençóis, Janek. Eu cerzi suas meias e fiz o seu chá. E farei tudo isso para sempre, mas você precisa estar aqui, entende?”

Você precisa estar.”

O marido sorriu no escuro; era engraçado vê-la falando de lençóis e de pierogi. Ela estava fora de si. Falava de chás e de meias cerzidas.

“Annia...”

“Oh, Janek”, ela secou as lágrimas. O simples ecoar da voz dele fez com que ela sentisse pudor pelas palavras que tinha deixado escapar. Pensou na irmã no quarto ao lado, ouvindo tudo.

“Annia, você fala de lençóis e de pastéis cozidos... Eu falo da minha terra, da minha mãe. Falo dos meus irmãos. Da filha de Hela, que tem a idade do nosso menino. Como eu posso não fazer nada? Você sabe me dizer como eu posso continuar comendo pierogi, Annia?”

Anna correu os dedos pelo lençol. Não, ele não podia simplesmente se deixar ficar. No entanto, não era justo. Nada daquilo era justo, nem com ela,

nem com ele, nem com o filho deles, que dormia no seu bercinho.

Fitou-o com os olhos úmidos: “E se você não voltar, Janek?”

“Eu voltarei.”

Ela fungou alto. Buscou um lenço na gaveta do criado-mudo e assoou o nariz um pouco ruidosamente.

“Os soldados morrem, Janek. A gente ouve no rádio as notícias. Os alemães não estão brincando, eles jogam bombas na cabeça dos soldados. O exército polonês nem existe mais, você mesmo disse. Eles foram embora da Polônia, foram para a França, todos aqueles que conseguiram sobreviver.”

Jan se aproximou dela e segurou suas mãos entre as dele.

“Todos os seus argumentos, Annia, pense neles, moja kochana. Também são os meus. É por isso que eu quero ir, porque as pessoas morrem, e os alemães não estão de brincadeira. Os homens da minha terra atravessaram

a fronteira para continuar lutando. A gente tem um lar, e eu dou valor a ele.

Se um dia alguma coisa acontecesse aqui, bem, mój Boze, eu queria que um dos meus irmãos viesse nos ajudar.”

Abraçou-a. A carne dela era macia e quente sob a camisola de algodão.

“Mas é tão injusto, Janek. E eu tenho tanto medo.”

Soltando-se um pouco do abraço, Anna olhou o marido nos olhos. Viu

aquele brilho. Aquele brilho que a fazia amá-lo mais e mais. Disse então:

“Perdoe-me, fui uma tola. Se meu pai me visse, Janek... Acho que minha mãe nunca falou essas coisas pra ele, e são casados há vinte anos.”

“Seu pai nunca foi pra guerra, Anna.”

Ela secou as lágrimas. “Vai ver é por isso. Os vinte anos de casamento. Se

ele tivesse ido pra guerra, quem sabe estaria morto em vez de estar lá, labutando no moinho e tomando cerveja nas noites de sábado.”

Jan disse: “Meu pai lutou duas vezes e não morreu. A vida da gente é como tem que ser. Não se preocupe com isso agora.” Calou-se por um longo

momento. O relógio fazia tiquetaque no seu lugar sobre o criado-mudo.

“Quando chegar a hora, eu irei. Isso se chama honra. Eu nunca me perdoaria se ficasse e, no fim, tivesse acontecido alguma coisa com a minha gente.”

“Eu sei, Janek.”

“Mas você tem certa razão. Ando muito triste, muito amargo. E você não tem culpa disso.”

“Esqueça as coisas que eu disse lá na sala, por favor. Está certo você falar da guerra, toda a gente só fala disso.”

Jan correu a mão pelo rosto da esposa. Estava cansado demais para qualquer outra coisa que não fosse dormir. “Está bem, moja kochana. Vamos esquecer essas coisas... Estou muito cansado.”

Acomodou-se e fechou os olhos. O corpo pesava, mas as cobertas lhe traziam um prazer morno e acolhedor. Sua mente, aos poucos, tingia-se de cinza. Como as nuvens do inverno polonês. Como o campo em Terebin num dia úmido de outono. E a voz de Anna veio de longe, um sopro:

“Janek... Janek, eu queria lhe dizer uma coisa. Eu também não sei o que é Acrópole.”

“Lembre-me de trazer um livro pra vocês amanhã”, disse ele, sorrindo.

“Dos nossos problemas, este é o mais fácil de ser resolvido.” Ela ficou deitada ouvindo a voz dele amolecer lentamente.

“Quando Janeczek crescer, tenho certeza de que lerá muitos livros...”

E não terminou a frase. Dormira, simplesmente. Mas Anna sabia sobre o que ele falava... O futuro do menino. Quando crescesse, Janeczek seria

médico. Era o que seu marido queria para o filho deles, e ela não duvidava, não duvidava nadinha de Janek. Ele trabalharia e juntaria muito dinheiro, e um dia ela haveria de estar num salão muito fino, cercada de senhoras da sociedade, e usaria um vestido elegante, não feito por ela, mas comprado numa loja, e teria pérolas no pescoço, e as pérolas fariam um barulhinho manso, *shin, shin, shan, shan*, quando ela mexesse os braços e o colo, aplaudindo o filho com seu diploma de médico... Sim, podia ver-se lá, com Janek ao seu lado. Mas tudo isso só aconteceria se o marido voltasse vivo da guerra. Se ele voltasse. E as bombas alemãs. Ah, as bombas alemãs, dizia-se muita coisa sobre as bombas alemãs...

28.

Porto Alegre, 15 de abril de 1940

Querida matka,

Em primeiro lugar, quero dizer-lhe que Janeczek está muito bem de saúde.

Depois que completou seu primeiro aninho, logo saiu caminhando por tudo, e anda rapidinho, como se fosse um filhote de gato, todo esguio e ágil, tanto que quase nunca cai. Eu vivo pelos cantos suspirando, com medo do tapete ou da quina da mesa, e Janek ri de mim, pois diz que eu rezo tanto e na hora de lembrar que as crianças têm anjos da guarda, aí eu sempre me esqueço.

No Natal, passamos muito bem, e eu recebi o presente que a senhora me mandou. Ficou elegante em mim o vestido que a senhora fez, e espero que a senhora tenha gostado dos lenços e do rosário.

Mando esta carta por Ludmilla porque não posso viajar neste momento, por causa do meu filho e do meu marido. São as obrigações de dona-de-casa que me prendem aqui, matka, e também uma coisa mais séria, mais grave e mais triste, da qual eu tenho muito medo de falar com qualquer pessoa que não seja a senhora. É a guerra e o que ela representa para a minha família.

A senhora sabe que Janek deixou os pais e os irmãos na Polônia, e que agora, desde que os alemães invadiram o país, ele quer voltar e lutar a todo custo. Então, faz seis meses que vejo meu marido sofrendo pelos cantos, e dá até pena dele, matka. Agora ele me disse que vai se alistar como voluntário assim que for possível, e que tem umas economias no banco para quando for

para a guerra. Isso ainda pode demorar meses, até um ano, Janek me disse,

porque são uns assuntos muito complicados envolvendo países, envolvendo a

Inglaterra e a França, e eles agora estão muito ocupados com tudo o que aconteceu. A senhora deve ter ouvido notícias de que a Alemanha invadiu a

Iugoslávia e também a Noruega e a Dinamarca, e que se travam lutas terríveis nesses países, e também na Grécia. A senhora não imagina como Janek ficou quando recebeu essas notícias. . Eu tenho muita pena dele, faz nove meses que não recebe um bilhete de casa. Janek bem que poderia ficar

aqui, onde a vida está em paz e as pessoas podem andar nas ruas e entrar nas lojas e assistir à missa, mas ele prefere ir e lutar pela sua Polônia. Eu tenho muito orgulho do meu marido, matka, mas também sinto um grande medo quando penso em tudo que pode acontecer com ele.

A senhora entende agora por que eu não posso sair? Como vou deixar meu

marido assim? E como poderia partir sabendo que o Janek a qualquer hora

pode vir para casa pela última vez? Eu sei que estou sendo um pouco egoísta com tudo isso, enquanto tantas mulheres lá na Polônia estão morrendo ou perdendo seus filhos e seus maridos na guerra, e que o Janek é que está certo, pois quer lutar pela liberdade dos povos. Eu rezo muito para as coisas serenarem, mas tudo vem piorando mais e mais, e agora com essas invasões. .

Parece que a Noruega foi tomada em dois dias, pelo menos eu li isso no jornal, e eu acho que nunca li tantos jornais na vida! Depois fiquei pensando: que exércitos tem esse Hitler, que conseguem tomar um país em dois dias?

Tenho muito medo de que Janek vá para a guerra, pois sei que os soldados

estão morrendo na Europa, e basta um descuido, basta um segundo, eu ficaria sem meu Janek, e seria uma viúva com um filhinho pequeno.

Mas eu quero lhe mandar um beijo, e também um beijo para a Maria, que

vai casar em breve, e para os irmãos. Mande um abraço pro pai e diz pra ele que venha nos visitar, e que traga a senhora, que eu vou ficar muito feliz.

Ludmilla está levando um presente para a Maria que foi feito por mim, e eu

espero que ela goste e que sirva nela direitinho. Eu também fiz um presente para a Olga, e quando a senhora for vê-la, por favor, entregue-o com um beijo meu, pois sinto muitas saudades dela e do filhinho.

Janek manda abraços para todos e Janeczek manda um beijo muito

saudoso e um sorrisinho alegre,

Fiquem com Deus,

sua filha, Anna.

29.

A velha na fotografia:

O escuro da caixa de retratos parece o escuro de uma lápide. Não estou num álbum, não me perguntem por quê. Estou nesta caixa junto com outras fotografias grandes e pequenas, de antes e de depois da guerra. As fotos do *durante* ganharam um álbum com a águia da Polônia. Um álbum pardo, bonito, álbum de fotos que muitos soldados compraram para guardar suas recordações mais ou menos possíveis de serem mostradas aos outros.

É na caixa escura que ela me busca quando quer me ouvir. No começo eu não queria falar; ela me olhava por horas e horas, esperando, adivinhando em mim algum sinal, um caminho para a história que ela contava.

Procurava no meu rosto como quem examina um mapa. As minhas feições estáticas e tão marcadas pelo tempo. Mas eu já disse isso. Fiquei velha de repente, e o retrato não teve dó. Mas, definitivamente, eu me acabei mesmo foi com o que aconteceu com o Mietek. Aquilo foi o golpe de misericórdia, eu murchei e diminuí a olhos vistos. Todo mundo achou que eu morreria, mas eu não morri. Durei anos a fio, e ainda estou aqui, não estou?, escondida nas fibras desta folha de papel.

Saí da caixa para falar da guerra: é nesse ponto que ela está. Ela escreve todos os dias, e me deixa sobre a mesa, ao seu lado. Sou uma companhia silenciosa, mas mesmo assim ela busca na minha face as coisas que lhe escapam, como se eu as guardasse comigo. Vai ver são os meus olhos duros.

Vai ver é essa cara de homem que me sobrou na velhice — quem sabe é nisso que ela se inspira? Um homem com lenço na cabeça. Vai ver fiquei com cara de homem porque embrutecei, mój Boze.

Culpa da guerra. Culpa daquele setembro ensolarado e de tudo o que aconteceu depois. Depois que eles destruíram a Polônia e abriram a sua boca maldita para os outros países, como um grande lobo faminto. Um

daqueles das histórias que a gente ouvia perto do fogo, lobos que só morriam com bala de prata.

No começo de abril de 1940, enquanto vivíamos sob o peso das botas

dos szawby, Hitler invadiu a Noruega e a Dinamarca. A gente ouvia essas coisas na praça, as pessoas sussurravam as notícias, as pessoas andavam muito pálidas pelas ruas. Mas os malditos alemães estavam felizes. A

Dinamarca havia sido dominada sem esforço pelas tropas dos szawby; a

Noruega resistira apenas 48 horas, e diziam que umas brigadas polonesas

tinham sido enviadas para lutar lá, junto com os soldados ingleses. Se os poloneses tinham lutado ou não, isso nunca eu vou saber... Fosse lá quem

empunhasse as armas, dirigisse os tanques e desse as ordens no campo de

batalha norueguês, o fato é que os szwaby tinham derrotado mais um

governo. Jesus! Para nós, isso era uma sentença de morte. Todo mundo esperava a notícia de que os ingleses e os franceses estavam vindo com seus tanques e seus navios, e, com eles, também os nossos poloneses que

havam fugido para lutar a partir de Paris. Mas isso não dava mostras de acontecer, só se ouvia era sobre as façanhas dos alemães.

A gente passou aquele mês com muito medo. Tinham matado uma

família da aldeia porque desconfiavam que um dos filhos era informante dos aliados. Que estava ligado a uma rede de poloneses que mandavam

notícias para fora. Pela floresta. Atravessando noites escuras. Daí então, numa noite escura, os szwaby foram lá e mataram todo mundo com uma

bala na testa. Tinha uma moça grávida e o nome dela era Cyrila, abriram a barriga dela e tiraram a criança lá de dentro. Isso me contaram. Eu não vi...

Mój Boze, eu não vi. Eu ficaria cega se tivesse visto. Isso me contaram na igreja, e eu não falei pra ninguém. Mas rezei, rezei muito. E acendi uma vela

pra alminha inocente daquela criança.

Depois abril se acabou, e com o começo do verão a gente melhorava o

humor. Pelo menos não sentia frio, porque o carvão era sempre pouco, sempre pouco pra aquecer a casa. E maio estava quente, tinha sol. Eu brincava com a pequena Danusia no quintal, e o Jan estava refazendo a horta, que era para ver se a gente tinha mais comida. “Não vamos embora

daqui”, disse ele numa manhã. “Então precisamos plantar, precisamos levar

uma vida normal.” E foi lá e plantou umas sementes, pouca coisa. Também umas batatas e cenouras. A gente fazia sopas. E tínhamos uma vaca para o leite da Danusia.

Um dia, Józek voltou da aldeia contando que os alemães tinham entrado na Holanda e na Bélgica. Os alemães tinham atravessado a fronteira em vários pontos, e que era questão de tempo para os dois países caírem.

“Os ingleses não fazem nada”, disse Józek. “Cadê as bombas deles, cadê os aviões? Mais um pouco e os alemães estão na França.” Foi então que o marido veio lá do quarto e falou, muito vermelho: “Chega, mój synu. Aqui, quanto menos se fala, melhor.” Disse isso devagarinho, e eu podia ver que fazia com esforço. Tinha muito ódio dos alemães, mas era o chefe da casa e estava decidido a nos manter vivos... Mas o Józek estava muito raivoso.

Muito mesmo, e um pouco talvez fosse até fome. Então ele se sentou numa cadeira e falou uma coisa que nunca esqueci. Foi mais ou menos assim: “O

Janek é que foi esperto. Um covarde esperto.” Só eu ouvi aquilo, pois ele não tinha falado muito alto, apenas o suficiente. Mais ou menos essas palavras, essa combinação de palavras... O marido tinha ido lá pra dentro outra vez, remoer as notícias ruins. Então os alemães explodiam cidadezinhas na fronteira da Holanda e eu chorava na cozinha porque o meu filho tinha falado aquilo do Janek.

“Por que você diz isso?”, eu perguntei depois, com os olhos vermelhos.

No fogão, a sopa fervia. Estávamos sós. Hela, Mietek e Danusia estavam no quintal. E Józek me olhou: “Eu disse porque é verdade, matka. O Janek não está aqui. Não passa fome, não vê gente morrer. Não ouve as bombas e não desce da calçada. Ele foi embora, matka, ele deixou a gente. Foi embora e levou a Feliska. E a Feliska morreu.”

Então eu mandei ele sair da minha frente. Eu não queria saber de irmãos que se odiavam, a Bíblia contava bem a história, e sangue do meu sangue não ia brigar desse jeito. Não

na minha família, nem em cem anos.

O Józek saiu correndo. E eu me sentei na cadeira e chorei mais um pouco, enquanto a sopa de batatas fervia. Maldita sopa de batatas.

Foi isso que aconteceu naquele dia, 11 de maio de 1940.

Mas o Józek não odiava o irmão, eles se queriam muito... Desde meninos, os dois juntos. Iam e voltavam da escola, cuidavam da terra e das éguas.

Depois o Janek fugiu, Józek ficou muito triste. E então veio aquela gente de

Varsóvia, rica e estudada, e ajudou o Janek a subir na vida. E quando ele voltou para estar conosco, quando voltou para nos ver, os dois irmãos andavam muito juntos, e dava gosto de ver. Então o Janek casou com a Feliska. Acho que foi isso. Uma mulher sempre está entre dois homens, e a

Feliska era muito bonita, coitadinha... Moja kochana, Feliska. Muito

boazinha comigo, ela me fazia chás, e me ajudava com a comida, com a roupa e tudo mais. Quando ela casou com o Janek, o Józek ficou

desencantado. Eu via. Ele disfarçava muito bem, mas eu via. Era dentro dos

olhos que ele não sabia mentir... Uns olhares longos, ele lançava pra Feliska.

E quando estávamos preparando o almoço e ele chegava do campo, aí se chegava, aí queria saber se a comida era bigos, se era zupa, se era kluski... E

sempre perguntava para ela, e a Feliska respondia como quem respondia a

um irmão, porque é verdade que o Janek foi sempre o preferido das moças

— que jeito ele tinha com as moças!

Então o tempo passou assim, inocentemente. Eu punha uns olhares. De velho que se fica esperto, já dizia o marido, e eu punha atenção, controlava.

Mas a Feliska era muito saudosa do Janek, e o Józek era como um irmão para ela... Um dia ela caiu no lago congelado. Feliska era meio desligada das

coisas. Podia ter morrido, mas o Józek a salvou. Não sei o que ele estava fazendo para aqueles lados quando ela caiu. Feliska vinha da aldeia. Era para ter morrido, e a gente só iria encontrar ela no dia seguinte, presa sob o

gelo do lago. Mas o Józek a salvou, e eu achei por bem nunca perguntar como. Foi Deus, Ele mandou. Janek ficou muito agradecido ao irmão, trouxe

presentes e tudo. Józek disse “não foi nada”, Janek disse “Deus mandou você lá”. Eu não disse nada.

A Feliska morreu no Brasil. Fez toda aquela viagem, longa, tão longa, e

morreu lá. Coitadinho do Janek. Ele a levou para os ares quentes, por causa

da queda no rio... Mój Boze, o gelo vai comendo a pessoa por dentro, não degela nunca. Ele vai de pedacinho em pedacinho, qual um peixe, comendo,

comendo. Só o sol é que resolve. Por isso o Janek foi para a América, por causa do sol. Mas o Józek não o perdoou. Eu sei.

A sopa de batatas ferveu por muito tempo naquele dia.

As batatas eram velhas e murchas, mas eu as amassei bem com o garfo e

servi uma cumbuca bem cheia. Depois fui lá e chamei o Józek. Ele estava sentado atrás da casa, sozinho. “A Bélgica e a Holanda, matka”, foi o que ele

disse quando me viu chegando com a cumbuca de sopa. “E a gente aqui, de

mãos amarradas.” Nos seus olhos eu vi que já estava arrependido de ter chamado o irmão de covarde. Então estendi a sopa e disse-lhe: “Come isso,

mój synu. A fome faz misérias com a alma da gente. E com a língua também.”

30.

Corriam os primeiros dias de maio daquele ano de 1940. Na Inglaterra,

Winston Churchill assumiu o cargo de primeiro-ministro, enquanto as

forças alemãs avançavam para a França através das fronteiras da Holanda,

da Bélgica e de Luxemburgo. Roterdã fora deixada para trás, reduzida a uma pilha de escombros; Amsterdã e Haia estavam prestes a sofrer o

mesmo terrível destino.

No dia 14 de maio, o mundo foi surpreendido com a notícia de que as tropas alemãs haviam cruzado a fronteira francesa em Sedan. Os soldados

franceses mal conseguiam resistir à extraordinária combinação do ataque alemão, o avanço dos tanques, o bombardeio picado e depois o avanço das

tropas por terra. Os blindados inimigos entraram às centenas por uma

brecha de 80 quilômetros aberta na fronteira onde os franceses,

derrotados, começavam a se dispersar. A ofensiva alemã prosseguiu quase

sem transtornos — o exército francês não ofereceu grande resistência, e em alguns pontos foi desbaratado em poucas horas. No dia 20 de maio os

alemães já estavam em Abbeville, avançando livremente pelo campo

aberto, ultrapassando cidadezinhas e vilarejos quase sem enfrentar

oposição. Conta-se até que alguns oficiais alemães acenavam do alto dos blindados para a população atônita que observava o avanço. Essas tropas levavam atrás de si centenas e centenas de prisioneiros franceses, soldados

que marchavam, alguns ainda carregando seus próprios fuzis. De tempos

em tempos, as armas dos franceses que capitulavam eram recolhidas e

esmagadas sob as rodas dos Panzers. Tudo era feito com muita calma, sob o

sol do início do verão europeu.

O colapso francês roubou o fôlego do mundo livre. A França era o

baluarte da Europa, e para lá tinham fugido os governos dos países

anteriormente invadidos por Hitler. Sua queda, silenciosa e quase pacífica,

pôs os ingleses em ação.

E meu avô? Posso vê-lo sentado na poltrona da sala, fitando o rádio sobre a mesa com os mesmos olhos com que uma criança olharia para um

adulto que lhe dá sermão. A cada hora havia novos boletins, todos eles desesperadores. “*Os exércitos do Norte estão com as comunicações cortadas*

na França. As estradas estão repletas de refugiados e são castigadas pelo fogo dos aviões alemães a intervalos regulares. Blindados alemães combatem

em St. Quentin. Um novo exército francês forma uma frente ao longo do rio

Somme. Tropas britânicas lutam em Arras. Os franceses estão cercados por terra, na zona de Dunquerque.”

Esses eram os resumos das notícias daqueles dias. Mas e o general Bor?

E a resistência do rei Leopoldo e seus corajosos belgas? E os soldados poloneses espriados em território francês? E os ingleses e seus

Hurricanes?

Nada se sabia. Os contornos do mapa europeu estavam feridos e

sangravam. Jan andava pela casa apertada demais como um bicho preso

numa gaiola. Anna Wierzchowska apenas olhava os desesperos do marido.

Ela estava começando a descobrir que suas rezas não surtiam efeito; os alemães avançavam como um terrível rolo compressor que destruía tudo

pelo caminho. As orações não podiam com os Panzers alemães, nem com os

Stukas, nem com as tropas que atravessavam a fronteira francesa aos milhares. E Jan continuava se arrastando através dos dias. Trabalhando, comendo e dormindo, mas sempre com aquele medo dentro do peito. Uma

semente que crescia.

Naquele mês de maio, no curto espaço de três semanas, o exército

francês foi completamente desbaratado, e seus sobreviventes, juntamente

com as tropas inglesas e polonesas que lutaram na França, foram

empurrados para o mar, perdendo no caminho todas as armas e os

blindados. Começava assim a Retirada de Dunquerque.

Jan seguia sua rotina. Não havia muito mais a fazer. Agora, seus planos

de seguir para a França pareciam-lhe esdrúxulos, a própria França estava

fugindo, e onde as coisas iam parar? Sem respostas, como todo mundo, para meu avô só restava a espera. Todos os dias o trabalho na fábrica. As

máquinas. Os parafusos. Os moldes, as prensas, as chaves, as lixas. O

zumbido, o sic-sic da madeira sendo lixada, aparada, cerceada, perfurada, presa em lâminas, reunida em prateleiras a espaços definidos. Envernizada,

aparafusada e levada para as vitrines das lojas onde as pessoas

continuavam comprando e comprando, suficientemente afastadas da

guerra européia para que seus hábitos precisassem mudar.

31.

(1940, dois anos e meio antes

de Jan seguir para a guerra.)

Naquele dia, Jan saiu da fábrica quando o sol já se punha. Enfiou o chapéu na cabeça e caminhou até a

parada do bonde. Fazia já bastante frio,

o frio úmido que ele aprendera a conhecer e que avisava da chegada do inverno chuvoso, inflado pelo vento minuano. Nuvens baixas cresciam para

os lados do Guaíba, e ele podia ouvir o apito de um navio como um suspiro

de outro mundo. Sentia-se pesado e velho. E nem tinha completado seus vinte e oito anos.

Na hora do almoço havia falado com Sikora. Seu amigo tinha um irmão

no exército polonês que fugira para a França, e Sikora recebera notícias dele por uma série de caminhos inimagináveis. As tropas francesas e

inglesas estavam sendo empurradas para o mar, e era lá que estavam

agora, milhares de homens, como crianças crescidas demais à porta de uma

escola, esperando que os pais viessem pegá-las. Estaria o irmão de Sikora

em Dunquerque? Os poloneses tinham ficado por último, protegendo o recuo dos franceses. Isto Sikora lhe contara, e Jan estava cansado demais para perguntar como o amigo ficara sabendo de um detalhe desses.

Apressou o passo e subiu no bonde. Ouviu seu conhecido guincho

metálico e sentiu um arrepio incômodo. Outro reclame do além; ele mesmo

estava em outro mundo, ou talvez fosse apenas uma gripe. Sentado no

bonde, imaginou uma França que jamais conhecera sendo devastada pelos

alemães, esmagada sob as lagartas dos Panzers. Tinha sugerido no começo

que os pais seguissem para lá. Sorriu da súbita lembrança da carta que lhes

escrevera um pouco antes de a Polônia ser invadida; parecia fazer muito tempo que aquilo tudo tinha começado, como se essa recordação viesse de

uma época esquecida. Desde então, tinha feito quase nada por eles. Doar uns contos de réis para o esforço de guerra? Ir aos bailes da Sociedade Polônia, contribuindo assim com dez por cento do seu ingresso para a Cruz

Vermelha Internacional? Dez por cento da sopa de um refugiado de guerra.

O bonde parou e uma moça se sentou ao seu lado. O céu estava agora prestes a esfacelar-se em pingos grossos; dava para sentir o começo do vento que se enrodilhava nos sobretudos, dando voltas nas esquinas,

levando folhas e restos de jornais com notícias rasgadas, sacudindo as copas das árvores ao longo das ruas repletas de pessoas que voltavam para

suas casas depois de um longo dia de trabalho. Jan observou a moça: era loira e miúda, mas tinha um par de pernas longas e bem torneadas que se

remexiam de inquietude, ou talvez de frio. Talvez um pouco magra além do

necessário, ponderou ele, mas levava bom volume sob a blusa de lã.

“Vai chover em breve”, disse de repente a moça, procurando puxar conversa.

Jan sorriu. Responderia, e à primeira palavra ela haveria de notar o fortíssimo sotaque. E então mil explicações, como se não fosse banal

encontrar um imigrante europeu por aqueles lados.

Olhou o céu pela janelinha e disse: “Com um pouco de sorte, a senhorita já vai estar em casa quando essa chuva cair.”

Ela olhou o vizinho com mais atenção. Viu um rosto anguloso e um olhar firme, seus cabelos escuros que começavam a rarear sutilmente nas têmporas.

Disse ela: “Tive um noivo que era italiano, de Trieste. Ele morreu, pobrezinho, mas nunca pude esquecer o seu sotaque.” E cruzou as mãos no

colo, muito interessada. Tinha um rosto pálido, de olhos azuis. “O senhor tem um sotaque forte, mas não é italiano.”

“Eu nasci na Polônia, senhorita. Faz quase quatro anos que estou aqui.”

“O senhor veio de longe.”

Ele sorriu: “Essa é uma viagem que eu gostaria de repetir muitas vezes.

Mesmo que deite raízes em outro lugar, um homem não esquece a sua terra, senhorita.”

Ela o examinou com atenção e humor. O bonde fez outra parada, e uma nova leva de pessoas entrou.

“De qualquer modo, agora não é um bom momento de voltar para a sua terra”, disse ela. E depois soltou uma exclamação: “Oh, que tola eu fui, senhor. Este é um assunto muito delicado, imagino.” Lá fora caía uma chuva

fina que lambuzava as janelas e o chão sujo de barro. Ela se desculpou:

“Sinto muito. Fala-se tanto desta guerra. Mas para nós aqui, tão longe, é uma guerra como outra. Para o senhor, ao contrário...” Estendeu-lhe a mão:

“Meu nome é Luiza.”

Jan tocou nos seus dedos enluvados. “Jan. Me chamo Jan Wierzchowski.”

Ela acrescentou: “Sinto muito pelo seu país.”

Ele sacudiu a cabeça desalentadamente. Olhou as mãos por um instante, como procurando um lugar para assentar os olhos, e viu a aliança fina no dedo anular esquerdo. Num movimento rápido, escondeu a mão sob a sacola que levava. Olhou-a e disse: “Meu país, senhorita, está acostumado a esperar por milagres. Agora precisa de um urgentemente.”

Ela o ouviu sem sorrir. Olhou então a paisagem da janela por alguns segundos, reconhecendo talvez as imediações da sua casa. Por fim, virou-se para ele e falou:

“Descerei na próxima parada.” E presenteou-o com um sorriso cativante. Parecia sugerir: se quiser um milagre, venha comigo. Jan sorriu também. “Pego o bonde sempre neste horário. Quem sabe nos vemos, senhor Jan.” Enrubesceu levemente, como uma colegial. “Vou procurá-lo, é claro. Sempre é bom um amigo para fazer a viagem de volta, depois de um dia inteiro de trabalho.”

Disse Jan: “Amanhã vou procurá-la. Quem sabe não tomamos este mesmo carro?”

“Quem sabe.”

“Dowidzenia”, respondeu Jan.

Já em pé, ela sorriu: “O que foi que você falou?”

“É assim que se diz adeus na minha língua.”

“Fizeram-na assim tão difícil porque é uma palavra que nunca deveria ser dita. Os poloneses são inteligentes.” Acenou-lhe. “Nos veremos em breve”, disse, e seguiu andando para a saída.

“Amanhã”, respondeu Jan em voz baixa, olhando-a atravessar a rua

molhada. Seus cabelos loiros lhe escorriam pelas costas e ela parecia muito

moça, muito livre e muito feliz. “Um pouco magra”, concluiu Jan. Mas bonita, sem dúvida. De uma beleza frágil, tão diferente da beleza de Anna.

Assim que ficou sozinho sentiu-se melancólico novamente. Olhou o

relógio e calculou que em quinze minutos estaria em casa, com Anna e o menino. Pensou então em descer, em saltar do bonde ali mesmo, jogar uma

pequena partida. Uma partida inofensiva numa mesa de um café e ouvir daquela moça algo sobre a sua vida, algo que não tivesse nada a ver com a

guerra. Mas a chuva aumentava e ele não havia trazido guarda-chuva.

Olhou pela janela, e ainda pôde reconhecer Luiza avançando entre os

passantes na calçada úmida. Era uma moça *interesujaca*. Interessante. As longas pernas recobertas pelas meias de seda desapareceram entre os

vultos que enchiam a rua. Uma flor no meio do cinza, pensou ele enquanto o bonde guinchava, retomando seu caminho.

Em casa, recebeu da cunhada a notícia de que o menino estava doente. No

quarto, Anna lhe aplicava compressas. Jan atravessou o curto corredor e foi

ter com eles. No meio da cama de casal, Janeczek dormia um sono agitado,

movendo os bracinhos de um lado para outro. Ao vê-los, Jan sentiu uma certa vergonha. *Senhorita Luiza*. E Annia aplicando paninhos de compressa na testa do filho deles. Ela o olhou com tristeza, quase como se soubesse, como se lesse os seus pensamentos. Disse-lhe: “Desde o fim da manhã ele

está assim. Muito quente. E diz que a garganta dói, Janek. Nem quis comer a

sopa.”

Jan se ajoelhou ao lado da cama. Janeczek estava sob uma manta de

tricô, as bochechas rosadas. Tão pequeno... Jan pegou uma mãozinha

quente e macia, e ela lhe pareceu algo assim como um botão de rosa.

“Não se preocupe... Ele deve estar com uma gripe forte. Isso acontece no inverno, está muito frio lá fora.”

“E se não melhorar, Janek? O que fazemos com ele?”

“Se não melhorar, busco o doutor Olszewski.”

Anna parecia cansada. “Vou ficar aqui com ele”, disse. “Milla preparou uma sopa de beterrabas para você.”

“Você não come?”

Ela deu de ombros. Tocava a testa do menino com muita delicadeza, pensativamente. Analisando sua temperatura. Disse: “Depois, Janek. Agora não estou com fome.”

Ele saiu do quarto. Da cozinha vinha o cheiro adocicado da sopa. A mesa estava posta na sala e Ludmilla cantava uma marchinha enquanto remexia as panelas sobre o fogão.

Alguns minutos depois, Ludmilla veio da cozinha. “Está pronta. Como você gosta.” Trazia a terrina nas mãos e um sorriso nos lábios.

Energicamente, como se descobrisse a dona-de-casa exemplar que havia em si, depositou o vaso de louça na mesa, pegou um prato e o encheu até a

borda. Ainda sorria quando disse: “Coma tudo, Janek.”

Ele a olhou. Tinha ela aquela mania de chamá-lo pelo diminutivo, exatamente como fazia a irmã. Viu-a fatiar um pão que estava sobre a mesa e colocar num pratinho uma fatia bem grossa. Entregou-lhe o prato: “O pão também fui eu que fiz”, disse ela. “Anna não teve tempo para nada hoje, por causa do menino.”

Jan se sentiu envergonhado. A cunhada era boa moça, e uma boa ajuda

para Anna. “Sente comigo”, pediu. “Não gosto de jantar sozinho.”

Enquanto comia a sopa, teve uma certeza: se pudesse voltar para casa no dia seguinte tendo resistido à tentativa de estar com aquela moça, o filho

ficaria bom. Não que fosse supersticioso, mas alguma coisa nos olhos de Anna... Mergulhou um pedaço de pão no caldo rosado; sim, haveria de

tomar outro carro. No seu lugar, a cunhada comia em silêncio, os olhos pousados nele. Jan a olhou e notou que a sopa corava-lhe o rosto. Ela era jovem, mas a gordura dava-lhe um certo ar de sisudez. “A última coisa que

é”, pensou. “Engana os outros com seu ar de seriedade, mas seria capaz de

certas coisas... Certas coisas pitorescas, como beijar o marido da irmã.”

Porém era só um pressentimento. Uma ou duas vezes Ludmilla esbarrara

nele no corredor e amolecera docemente ao seu contato. E havia certos olhares, longos, tímidos.

“Está boa?”, ela perguntou.

“O quê?”

“A sopa, Janek. Fiz pra você.”

“Está boa sim, Milla. Quase como a de Anna.”

Ludmilla se empertigou. Sob a mesa, o pé que ela esticava

milimetricamente estacou como um bichinho pego em flagrante; lá dentro,

no quarto, Anna cantava para o menino doente.

32.

Jamais conheci minha avó.

Anna Wierzchowska faleceu cerca de um mês antes do casamento dos

meus pais, na primavera de 1970, devido a uma série de complicações

derivadas de um grave acidente cardiovascular. Minha mãe então adiou a cerimônia do seu casamento por dois meses, e eu só vim a nascer no inverno de 1972. Porém, muitas histórias ouvi sobre ela.

Histórias sobre terrinas postas na mesa em noites frias de inverno, histórias sobre dinheiro

guardado embaixo do colchão como prevenção para os dissabores da

guerra que tinha levado o marido para o outro lado do mar. Histórias sobre

promessas e noites velando um menininho doente, e sobre como escondia dos rigores de Jan quaisquer erros que os filhos viessem a cometer na sua ausência. Como era boa, mansa e prestativa eu já mencionei; mas sempre o que mais me marcou a respeito do seu caráter foi o modo como conduziu seu inquebrantável amor por meu avô.

Jan era um homem de temperamento e de imperiosas vontades. Vivia a vida com incrível intensidade, segundo uma bússola misteriosa que levava dentro do peito; essa mesma bússola o mandara partir da Europa e anos mais tarde o fizera retornar, então dentro de um uniforme do décimo batalhão de engenheiros da 1ª. Divisão Blindada Polonesa, em que servira.

Tinha meu avô um grande poder de seduzir as mulheres; por sua causa suspiravam todas. Nos seus braços, vítimas de algum estranho fascínio, as damas derreavam sem muitas defesas — as solteiras e as casadas, polonesas, brasileiras e até uma enfermeira inglesa (herança de um ferimento de guerra) que fez história na família. Cartas e cartas meu avô receberia da enfermeirinha inglesa após retornar da Europa para o Brasil,

nos primeiros dias de 1947, depois de ser desmobilizado em Londres. Eram cartas em perfeito inglês, que Jan respondia de maneira recalcitrante e desajeitada e que depois punha no correio com a completa anuência de minha avó. Essas cartas não paravam de chegar, e junto com a última vinha

sempre a carta anterior do meu avô, com todos os erros perfeitamente corrigidos para que ele não se desse ao luxo de esquecer o idioma no qual

ambos tinham se namorado por longos meses. Anna sabia de tudo — talvez permitisse a correspondência por considerá-la instrutiva. Ou infrutífera.

Desde que comecei a fazer as pesquisas para este livro, várias pessoas salientaram esse traço marcante da personalidade de meu avô: Jan

Wierzchowski era sem dúvida um sedutor. Um homem que amava as mulheres. Jamais pôde se contentar somente com uma delas, e seu nome vaga até hoje pelas bocas

daqueles que recordam os antigos conflitos

amorosos que rumorejaram na sociedade dos imigrantes poloneses

daquele tempo. Alguns maridos ficaram de acertar contas com ele; certas senhoras choraram profusas lágrimas — as listas dos seus amores, dos

seus casos e ardores ilícitos provavelmente encheria uma página deste

livro. Mas esta não é uma história de traições, e o que Anna pôde esquecer,

também eu poderei certamente.

O que me espanta é a firmeza de caráter com que minha avó guiou o seu

feliz e tumultuoso casamento. Há quem diga que as senhoras daquele

tempo não tinham muita escolha, aceitavam os esporádicos romances

extraconjugais dos seus maridos escondendo-se sob o manto da ignorância ou do descaso; porém, este não é o caso de Anna Wierzchowska, resolvida

bússola de um navio que costumava perder o rumo em certas madrugadas

sem estrelas

33.

Porto Alegre, 4 de julho de 1940.

Querida matka,

Agora todos foram dormir e a casa está em silêncio, de jeito que posso escrever-lhe com calma.

Escrevo pois não perdi a esperança de que a senhora venha passar uns tempos comigo aqui em Porto Alegre. O pai pode ficar em

companhia de Rodolfo e de Roberto, e Ludmilla voltaria para cozinhar para

eles. Pense nisso, matka. Não deixe para estar comigo depois que Janek partir para a guerra, porque não poderei ser feliz ao seu lado como eu o seria agora.

Janeczek esteve doente. Veio aqui em casa um doutor. Depois dos remédios

o menino começou a melhorar, e agora o seu apetite está voltando, porque passou dez dias comendo como um passarinho. O doutor disse que Janeczek é

um menino magro para a idade e eu fiquei muito espantada, mas ele riu e me

respondeu que todas as mães acham isso, como as galinhas com seus

pintinhos, porque são muito protetoras e nunca vêem seus filhos com os olhos de ver a verdade. De modo que o menino está tomando um xarope e agora começou a ficar com as perninhas mais grossas, e eu finalmente me acalmei.

Acho até que se Janek tivesse partido naqueles dias eu nem teria notado,

de tão ansiosa. Ludmilla me ajudou muito, e até cozinhou. Eu lhe disse que já pode casar, que cozinha bem e sabe agradar a um marido, e Janek falou que

ia achar um marido para ela, ao que Ludmilla retrucou que sabia achar marido sozinha. Nós todos rimos, já que Milla nunca buscou marido nem para

ela nem para ninguém, e não tem qualquer experiência no assunto. Mas Janek

disse que ia trazer um colega dele da fábrica para jantar conosco um dia desses, um polonês de Czestochowa que se chama Stefan. Quando ele vier, vou preparar pierogi e cwikla, e depois lhe escrevo contando como foi. Se o Janek arranjar noivo para Milla, o pai ficará feliz, pois assim o livraria de fazer negociações mais dificultosas, já que agora não vai poder oferecer uma filha pela outra: a Ludmilla é a única que restou.

Fomos a um baile na semana passada. Fiz vestido comprido e ganhei sapatos do Janek, e assim fomos para a Sociedade Polônia. O baile era para

juntar fundos para a Cruz Vermelha Internacional, e o presidente da Sociedade, o senhor Stefan Sobczak, fez um discurso emocionado falando que

o nosso dinheiro alimentaria as criancinhas na Europa. Ele também falou da

Polônia, e quando eu olhei para o lado, vi o Janek com os olhos cheios de lágrimas. Matka, como ele ama aquele país! No baile, uma senhora me olhou

o tempo inteiro, e eu achei que havia alguma coisa errada com o meu vestido, e fui até o banheiro para me arrumar. Quando voltei, demorei a encontrar o

Janek, decerto que falava da guerra e dos alistamentos de voluntários com os amigos em algum canto do salão. Mas aí ele apareceu e dançamos uma valsa,

rodando no salão nos braços dele como num desses filmes que levam nos cinemas. E depois a gente voltou para a casa, e logo o Janek estava triste, e eu soube que ele se lembrava das palavras do presidente Sobczak e que já não

via a hora de tomar um vapor e seguir para a frente de batalha.

Mas, infelizmente, as coisas não param de piorar na Europa. Janek me contou que o presidente dos Estados Unidos fez um discurso, e que logo toda a América entrará na guerra, e os hitlerowcy experimentarão do seu próprio veneno. Mas faz alguns dias, eu ouvi na Rádio Gaúcha que os alemães haviam

entrado em Paris e que o governo estava dividido em dois. Uma parte fugiu

para Londres, e o general Pétain (fui no jornal procurar o nome dele para escrever direitinho aqui) estava aliado aos hitlerowcy e pedia nas rádios para que os franceses parassem de lutar. Depois a Itália declarou guerra à França e a Inglaterra, e a Inglaterra declarou guerra à Itália. Todo mundo declarou guerra a todo mundo, matka, e ninguém sabe direito o que vem acontecendo

por lá.

Se a senhora visse como o Janek tem sofrido! Ele às vezes está calado, sai

para caminhar pela rua e fica pensando lá os pensamentos dele. Nem o menino o faz sorrir como antes. Janek tenta levar uma vida normal, mas não

consegue; ainda assim trabalha, e agora arranjou mais um bico numa firma

de engenharia, onde ele mexe com plantas e orçamentos. Às vezes ele chega

muito tarde, daí eu me levanto e esquento a comida, e ficamos os dois na cozinha, quase no escuro, e ele me diz que na Europa agora é assim por causa da guerra, que todas as cidades ficam no escuro à noite, e que as pessoas andam pelas ruas levando uma lanterna.

Querida matka, eu termino por aqui esta carta. A senhora vê que seguimos

bem, apesar da guerra e dos problemas cotidianos. Por favor, escreva. Venha me visitar, pois eu também queria muito uns conselhos de mãe, já que aqui em casa agora sou eu quem aconselha todo mundo, e não há ninguém que possa fazer isso para mim, a não ser Janek, mas ele anda cansado demais para notar os meus desgostos. Esperarei sua carta. Dê nosso beijo a todos, e um especial a Maria, dizendo-lhe que rezo pela criança que ela vai ter.

Com amor, sua filha

Anna Wierzchowska

34.

(1940, um ano depois do ataque alemão à Polônia.)

Havia sol e uma luz amarela entrava pelas janelas, formando um amplo desenho geométrico na toalha que Anna lavara e engomara especialmente para aquele almoço. Um belo domingo de setembro, e eles comemoravam o aniversário do seu Janek, que tinha acontecido dias antes.

Jan estava com o menino na calçada, tomando um pouco de sol e esperando o amigo que vinha da parte central da cidade. Enquanto terminava os arranjos para o almoço, Anna pensava na irmã. Como estava

angustiada com o encontro que Janek arranjava para ela! Tinha-a visto chorando pela manhã, e quando lhe perguntara o porquê das lágrimas,

Milla retrucara: “Saudade de casa.” Sentira pena dela; era óbvio que

saudades de casa não a faziam chorar, até porque Ludmilla vinha

postergando seu retorno a Guarani das Missões, pois adorava o bulício de

Porto Alegre e também era muito apegada ao sobrinho. A irmã a ajudava muito... Todo o tempo cuidava do menino com desvelo, e passava as

camisas de Janek quando ela estava ocupada com outros afazeres. Por isso lhe tinha dito ainda pela manhã:

“Se você fizer questão, eu peço ao Janek que desmarque o almoço.”

“Mas você já está fazendo a massa dos pierogi, e as batatas estão

cozidas.”

“Oh, Deus há de entender. E eu faço os pierogi para nós. Afinal, temos que comer mesmo que o senhor Stefan não esteja à mesa.”

A irmã dera de ombros e arrematara, secando os olhos: “Não, Anna.

Deixe que ele venha. Será bom conhecê-lo. E Janek já arranjou tudo.”

Assim, o almoço fora mantido, e ela ia usar sua toalha de mesa mais bonita, bordada nas longas tardes junto ao moinho da família. Agora

arrumava uma saladeira com a cwikla, e depois ia fatiar o pão recémmassado. Aquele almoço ao menos servira para melhorar a disposição do

marido. Pois Janek estava feliz e contara à mesa do café sobre um passeio a

Cracóvia que certa vez fizera em companhia da mãe. E mesmo com as

tristes notícias que tinham ouvido no rádio e com as manchetes trágicas do

Correio do Povo sobre um terrível bombardeio alemão em Londres, ainda assim o marido estava lá fora ao sol, esperando o senhor Stefan. “Ao menos

espero que ambos não se percam falando da guerra, das bombas sobre

Londres e de outras misérias. Pior do que almoçar com um pretendente desconhecido é ele não dar a mínima atenção à moça a quem pretende”, pensava Anna, e ria sozinha, misturando a raiz-forte na beterraba ralada.

Na hora marcada, o senhor Stefan chegou. Era um homem atarracado e sem atrativos físicos, de estatura mediana. Apenas um leve brilho em seus olhos fazia com que não passasse despercebido, e Anna podia adivinhar, vendo o modo como ele sorria e olhava, que era um homem com humor e caráter. Logo se afeiçoou, como lhe era típico. Ele havia trazido biscoitos de chocolate para o menino e um buquê de flores para as senhoras. A Janek ele ofereceu uma pequena garrafa de vodca como presente pelo recém-passado aniversário. Stefan tinha um sorriso afetuoso, mas seu rosto era flácido e os cabelos castanhos rareavam nas têmporas. Sua mão direita apresentava uma deformação em um dos dedos, mas ele não parecia sentir qualquer vergonha daquilo, e os cumprimentara sem esconder seu pequeno defeito. Janeczek, que era uma criança tímida, logo se sentou em seu colo, e Anna teve certeza do seu julgamento.

Em pouco mais de quinze minutos, todos conversavam animadamente.

Stefan contou que vivia no Brasil desde a adolescência, quando viera da Polônia com a mãe e dois irmãos.

Disse ele: “Agora trabalho de mestre-de-obras.” E sorriu para Ludmilla,

que lhe servira o vinho. “Mas já entreguei jornais, trabalhei no comércio e

fui soldador e serralheiro... Um homem tem que trabalhar, não é? Foi na serra que eu perdi parte desse dedo.” Assim, ergueu a mão contra a luz amarela que entrava pelas janelas. Um dos dedos não tinha duas falanges.

“Mas já faz tanto tempo e, afinal, o que é um dedo para quem tem outros nove ao seu dispor?”

Anna notou que Stefan parecia muito agradado da irmã, e em dado

momento perguntou-lhe: “A senhorita fica aqui e ajuda pani Wierzchowska com as lides da casa?”

“Eu queria mesmo era mudar para Porto Alegre e arranjar um emprego.

No comércio, talvez”, disse Ludmilla.

“O comércio é muito renovador”, concordou Stefan. “Eu também

gostaria de ter um pequeno comércio. Um balcãozinho, uma venda modesta.”

Ludmilla deu de ombros: “Oh, eu não almejo tanto. Talvez trabalhar numa loja para senhoras.”

Logo depois o menino saiu andando com seu passinho trôpego e com

um biscoito na boca, e Anna aproveitou para servir a comida. Chamou a irmã para que a ajudasse com as travessas e o pão, e ambas se refugiaram

na cozinha.

“E então, kochana? O que você achou do nosso convidado?”

“Bem, é bastante feio se eu pensar num dos galãs do Cine-Teatro Guarani, mas creio que eu também não sou uma dessas belas atrizes

americanas. Mas ele é simpático, isto é verdade.”

Com uma escumadeira, Anna retirava os últimos pierogi que boiavam na

panela de água fervente. Disse: “Ah, ele é muito simpático mesmo. E tem bom coração. Vê-se nos olhos.”

Ludmilla deu de ombros. “Mas eu não senti o sinal”, e pegou a saladeira para levá-la à mesa.

“Milla”, chamou Anna. “O sinal não é uma campainha nos ouvidos da gente. Queria que você soubesse.”

“E o que é então? O que eu devo esperar que aconteça ao ver meu futuro marido?”

“Ele pode voltar dez vezes aqui, e você sentir somente na décima vez. Há

de se ter paciência.” Fez um gesto com a mão: “Agora vamos servir a comida, com sinal ou sem ele. Os coitados estão esperando faz tempo, e Janek fica muito mal-humorado quando está faminto.”

Comeram enquanto o menino brincava no chão da sala. Ludmilla sentiu

várias vezes o olhar do visitante sobre si, e então se queimava por dentro.

Jan era um homem de poucos apetites, mas tomara duas doses de vodca e

uma taça de vinho, e seus olhos brilhavam. Ludmilla comeu pouco por

causa do nervosismo. Sim, pensava ela mastigando furtivamente, era seu direito encontrar um marido tão atraente quanto Janek, e não apenas

trabalhador e sensato. No entanto, as atenções do senhor Stefan a encantavam. Ele serviu-lhe vinho e tocou de leve em sua mão. Foi um gesto de puro descuido, mas seus olhos se cruzaram nesse momento e ela pôde ver ali um certo brilho.

Na sala, quando Anna já servia o chá, a guerra entrou na conversa. Foi Jan quem comentou: “Os hitlerowcy bombardearam Londres por três dias seguidos. Você soube, Stefan? Dizem que há milhares de civis feridos, que eles largam mais de duzentas bombas por dia sobre a cidade. Matam gente como se matassem insetos.”

Stefan suspirou, vendo Janeczek andar pela sala remexendo aqui e ali, sempre sob os olhares atentos de Anna. Depois disse: “Nada parece capaz de segurar os hitlerowcy.” Olhou para Anna e acrescentou numa voz macia e conciliadora: “O chá está muito bom, pani.”

“Dziękuję”, ela agradeceu.

Ele bebericou outro gole. “Infelizmente, não posso me alistar por causa da minha mão. Mas é uma coisa que me pesa na alma.”

Ludmilla quis saber por que a mão o impedia de se alistar, e Jan explicou-lhe que havia testes físicos para os voluntários. Era preciso preencher determinados requisitos.

Stefan deu de ombros: “Com um dedo a menos, nada feito, senhorita

Ludmilla. Fica difícil puxar o gatilho.” Depositou a xícara vazia sobre a mesinha e então se recostou, contrafeito.

“Mas, senhor Stefan, e se todos forem?”, perguntou Anna, tirando da mão do menino um pequeno bibelô. “O senhor certamente terá muito o que fazer aqui. Eu, se fosse a sua mãe, respiraria aliviada.”

“Minha mãe morreu faz tempo. Mas entendo o que a senhora quer

dizer.”

Disse Jan: “Não dê ouvidos à minha mulher. Ela tem muito medo que eu vá com os outros.” Olhou a esposa: “Tenha calma, Annia... Nenhum soldado vai deixar sua família desprotegida. Além disso, o exército paga soldo aos seus homens. Este dinheiro pode ser remetido à família de todos.”

Anna colocou o bibelô no lugar, admoestando docemente o filho. Depois olhou o marido e disse: “Nem tudo é uma questão de dinheiro.”

Stefan sabia dos planos do amigo; aliás, boa parte dos jovens emigrados poloneses que ele conhecia tinha a mesma idéia, seguir para a Europa e lutar pela pátria. Recostou-se mais na poltrona e ficou olhando a pequena cena familiar: a esposa com medo e o marido com vontade de empunhar um rifle e matar os seus alemães. Disse: “Eu ficarei, pani... E estou às ordens. Quando seu Jan partir, vocês poderão contar comigo para qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo.”

A ênfase nas últimas palavras provocou certo rubor em Ludmilla, e Anna escondeu seu sorriso atrás da xícara de chá. O menino aproveitou o descuido da mãe e tornou a pegar o bibelô de louça, jogando-o imediatamente no chão, onde ele se espatifou em minúsculos cacos brancos sob os olhares pasmos dos adultos.

Foi Stefan quem riu primeiro, e depois Jan tomou o filho no colo e sentou-lhe um beijo.

“Oh, mój synu. Enquanto os adultos discutem o futuro dos homens, você faz suas travessuras... A mamusia não vai ficar brava, não se preocupe.” O pequeno principiou a chorar baixinho. Jan arrematou: “Não chore, meu filho. Os alemães estão tirando retratos na Torre Eiffel, não é um boneco de louça que nos vai causar incômodo!”

Anna deu de ombros e foi buscar uma vassoura. Tinha ganhado da mãe aquele bibelô, mas não guardava em si coragem para recriminar o filho.

35.

O velho na fotografia:

Para que lembrar, senão para espicaçar velhas feridas? As minhas não

sangram, são celulose e cor e cola, escondidas sob o velho terno escuro que

Janek me mandou depois da guerra e que eu usei até morrer. Lembrar é dolorido, mas eu lembro...
Lembro da Aniela sentada perto da lareira, encurvada e triste no começo daquele inverno de 1940.
Lembro de o Józek

chegar em casa uma vez com um volume escondido embaixo das calças, e

da Aniela levantar da sua cadeira e perguntar: “O que você tem aí, mój synu?” Lembro de o rapaz ficar
pálido, como quando era criança e tomava

uma carraspana. Mas aí ele logo riu e disse: “Matka, se a senhora fosse um

alemão, eu agora estava carregando pedras e tomando chicotadas num

campo de trabalhos forçados. Mas a senhora é minha mãe. Ah, Deus, que mãe esperta que eu fui
arranjar...” E tirou de dentro da roupa um daqueles

jornais que a gente tanto queria ler e tanto medo sentia de segurar nas mãos. Sim, porque na Polônia se
imprimiam uns trinta jornais clandestinos,

embora os alemães baixassem um monte de proibições e matassem aqueles

que imprimiam os jornais, e mandassem para Auschwitz todo polonês que

fosse pego lendo um deles. Volta e meia a gente via uma casinhola arrombada e, às vezes, um corpo caído
na porta da frente, com um tiro entre os olhos. E se a casa tivesse sido revirada, dava para saber que ali
se

imprimiam folhetos exaltando o nacionalismo, que ali, sim, tinha vivido gente da *resistência*, aquela
palavra secreta e perigosa que fazia brilhar os olhos do povo. Mas ninguém ousava entrar nessas casas e
recolher os

cadáveres à luz do dia, porque nenhuma criatura era boba de se expor à raiva dos szwaby.

Esses jornais circulavam de mão em mão das maneiras mais

misteriosas. Papéis sendo levados em segredo de casa em casa dentro das

roupas, dentro de pães e de sacos de esterco. Porque todo mundo queria lê-

los; mesmo quem tinha medo queria encontrar um vizinho que tivesse lido

o último deles só para saber o que estava acontecendo. Mesmo que as últimas notícias não fossem boas. A esperança não morria.

Agora eu conto aqui uma coisa, e a matka não vai me contrariar lá da outra página, porque Aniela nunca que queria saber dos nossos filhos

mexendo com jornais clandestinos. “Filho meu se acovarda mas não morre

aqui na mão de um alemão”, ela dizia. “Logo os ingleses vão vir, e se não forem os ingleses serão os americanos ou os gregos ou os canadenses. Esse

mundo é grande e alguém vai vir aqui acabar com isso. E vocês vão estar todos vivos, eu jurei pra Deus, e vocês vão manter o sangue-frio até lá. Por

isso, vamos obedecer, e se é para comer cem gramas de pão a menos, a gente come e fim. E se é para não ler as notícias, a gente não lê. A gente não

fugiu quando era tempo, e agora ninguém vai pular da panela pro fogo, eu

prometi pra Deus.”

Assim, ela ficou muito furiosa quando o Józek tirou aquela folha

engordurada de dentro das calças. Ela pulou em cima dele e disse: “Me dá

isso!” Eu fiquei assustado, porque naquele tempo a Aniela já começava a sentir dores nas pernas e parecia sempre cansada, mas deu aquele pulo e

zás!, abraçou o Józek. “Me dá isso, mój synu!” Ele não deu. Saiu andando

pela sala e segurava o papel bem alto, e a Danusia ria muito daquilo, a pobre menininha, achando que o tio e a avó estavam brincando. E a Aniela

não parava de repetir: “me dá isso, me dá isso.” E o Józek não dava. Hela começou a chorar, e aí eu gritei: “Chega!”

Aniela parou no meio da sala e ficou me olhando, ofegante. E o Józek não

disse nada, deixou a mão para cima e o jornal bem agarrado nela, já bastante amassado das andanças e de fugir da matka. “Me dá isso, Józek”,

eu pedi. “Me dá isso, mój synu.”

Ele entregou o jornal. Todo mundo ficou esperando. Era o comecinho do

inverno e as janelas estavam fechadas. Algumas ainda tinham cortinas. Aí eu disse: “Feche as cortinas, Mietek.” Mietek fechou as cortinas. “Pare de chorar, Helena.” Eles iam me obedecendo, todos eles. Eu sempre fui rígido,

mas depois da guerra andava quieto, remoendo, a gente se sente covarde, sem poder pegar um fuzil e explodir a cara de um szwab, mas naquele dia eu gritei alto e vi que eles ainda tinham o velho medo de mim.

“Vocês gritavam tanto que ia aparecer um maldito alemão aqui, e só por causa dos gritos. Aí íamos todos carregar pedras em Auschwitz. E isso na melhor das hipóteses.”

Pelos furos das cortinas entrava a claridade do fim do dia. Eram umas três horas, mas no inverno a noite caía cedo e era silenciosa como um morto. Eu li o jornal em voz baixa, e todo mundo ficou esperando. Aniela secou umas lágrimas, acho que se sentia em dívida com Deus por ter

deixado um papel daqueles entrar em casa. Eu li tudo com os olhos deles grudados em mim. Eram quatro pares de olhos, mais o rostinho da Danusia

que me mirava sem saber por quê, só imitando os adultos. E o jornal dizia

umas coisas que me fizeram corar. Junto com todos os apelos para o povo

polonês seguir lutando, junto com a notícia de que um trem alemão tinha

sido explodido em Łódz por um grupo da resistência, e que em Katowice tinham emboscado e matado um grupo de alemães, e que nas montanhas a

gente da resistência fazia isso e mais aquilo, e que os ingleses tinham

recebido de um avião polonês uma cópia da famosa Enigma, a máquina de criptografia alemã, e agora iam poder decodificar os malditos códigos dos alemães, junto com tudo isso vinha a notícia de que os japoneses haviam se unido ao Führer, e que tinham assinado um pacto com os

alemães e com os italianos, e agora era mais um povo contra nós, e mesmo

que fosse um povo lá da Ásia, era mais um país se unindo àquela corja, e menos chance para a Polônia.

“Boze mój Boze, menos chance pra nós”, eu disse em voz alta. E todos me olharam.

“Mas o que você quer dizer com isso, Jan?”, perguntou Aniela.

“O Japão entrou na guerra do lado dos alemães.”

Hela recomeçou a chorar. Chorava muito naqueles dias, acho que de

saudades do coitado do Wladek Szewczyk, seu marido, que estava

trabalhando havia mais de um ano numa fazenda da Alemanha, e que por

mais que eu mandasse cartas às autoridades alemãs solicitando a ajuda dele na granja, ainda assim ele não voltava do Reich.

“Pare de chorar, Hela”, eu pedi. E ela secou os olhos sem emitir um som.

Aniela estava outra vez sentada na sua cadeira e falou: “O Japão não vai mudar nada, nem pra melhor nem pra pior. Quem vai libertar a Polônia são

os ingleses.” “Eu tenho cá comigo, como um pressentimento. Tão vivo quanto o meu reumatismo.”

“Ora, matka, os ingleses até agora não fizeram nada. E ainda estão sob bombardeio, todo mundo sabe disso, porque os alemães não cansam de

falar”, disse Józek. “Antes a senhora achava que os franceses iam fazer alguma coisa, mas agora todo mundo sabe que os alemães estão lá em Paris

tomando champanhe e dançando nos cabarés.”

Aniela fez o sinal-da-cruz: “Não é a guerra que vai fazer você me faltar

com o respeito, Józek. Aqui em casa não se fala nesses antros.” Sorrimos todos. Aniela quando se enfurecia era desse jeito mesmo. Tanto tempo

passado, eu agora sinto saudades do caráter dela. Daqueles ventos que

varriam a casa quando ela estava atacada dos nervos (antes que a tragédia destruísse seus nervos um por um).

“Eu ainda não acabei as notícias. E não podemos ficar aqui até amanhã,

com este jornal nas mãos. Depois de ler, vamos queimá-lo.”

O jornal ainda falava que tinham separado um bairro em Varsóvia para

abrigar os judeus da cidade. Eles haviam sido levados para lá com seus pertences e ali deviam viver, cercados de guardas e de arame. Eram 350 mil

almas trancafiadas naquele gueto. E mais não dizia. E mais não precisava.

Por esse tempo, as famílias judias já haviam começado a sumir aqui e ali.

Elas desapareciam como pó, na calada da noite. Dizia-se que iam para campos de trabalho, onde labutavam para a máquina de guerra alemã.

Sobre isso não se falava muito. Todo mundo tinha lá as suas desconfianças.

Mas era proibido abrigar em casa um judeu, e quem o fizesse também era

deportado para algum campo. Assim, as famílias sumiam e ninguém falava

nada.

“Coitados”, murmurou Aniela. “Trancados feito bichos.”

“Feito bichos nós também vivemos”, disse Hela por fim.

“Mas na nossa própria casa. Na nossa própria casa”, completei eu. “E isso já é muito, e devemos agradecer que estamos todos vivos.”

E joguei o papel no fogo. Depois que as cinzas subiram pela chaminé foi

que Aniela saiu para preparar a zupa. Jantava-se sopa todos os dias, e uma

fatia de pão para cada um. Mais não havia, e a gente tinha que ficar contente por passar fome sob o nosso próprio teto. Tentei imaginar como

os malditos szwaby tinham enfiado 350 mil pessoas num bairro pequeno,

mas era coisa que eu não podia entender. Engraçado isso, como eu me lembro de tudo... Aqui da fotografia, o passado parece tão próximo quanto

uma paisagem vista da janela.

36.

Um dia na vida de Wladek (*Alemanha, ano de 1941.*)

Sua perna direita, ferida dois anos antes nos arredores de Varsóvia,

ainda dói, e os ossos às vezes estalam como que desencaixados das juntas.

Ele anda com pressa, carregando dois sacos de sementes sobre o ombro, pisando nas pegadas do homem que vai à sua frente. São quatro poloneses

trabalhando na granja e por isso não lhes pagam sequer um marco; apenas

o pão, a água e a sopa rala depois do trabalho. Toda noite, no galpão onde

Wladek dorme junto com os animais da granja, a exaustão o atira num sono

sem sonhos. Está aqui há mais de um ano. Um alemão alto e magro,

encostado na carroceria de um caminhão verde-escuro, grita com eles. É

apenas o motorista, mas gosta de dar ordens. Wladek finge não ouvir. Esta

é uma vida ruim, mas os meses que passou em Buchenwald foram piores.

Aquilo sim era um inferno. Em outubro de 1939 o levaram para lá junto com outros 180 homens. Catorze

horas de trabalhos forçados todos os dias,

carregando pedras e arrastando troncos de árvore através da lama,

levantando barracões, construindo canaletas, casas e depósitos. E as horas intermináveis nas intermináveis chamadas, quatro chamadas todos os dias,

as horas na praça central sob os gritos do oficial de bloco Roscher, os enforcamentos, os fuzilamentos, os cães.

Não, esse trabalho e esse alemão já não o incomodam mais. Sente falta

apenas da sua liberdade, das horas no campo em Terebin, de Hela e da menininha. Ah, a menininha... Se um dia ele voltar da Alemanha, se um dia

puder ver novamente os campos de Terebin e pisar sua terra ainda uma vez. Dentro da sua mente, as imagens vívidas o supliciam. Mas a menina é

um vulto indistinto. Sua pequena Danusia. Quase dois anos sem vê-la, e quando deixou Terebin para seguir com as tropas polonesas, ela ainda era

um bebezinho tão pequeno que Hela não a tirava do quarto com medo das

friagens. Sabe que Hela e a menina estão vivas e passando bem porque o sogro lhe escreveu. Miraculosamente, a carta chegou às suas mãos. Aberta,

mas inteira. O sogro é um homem instruído e esperto, não disse uma

palavra a mais do que deveria.

Ele atravessa a pequena rua de calçamento de pedras e deposita os

sacos de semente no fundo da caminhonete. Nevou recentemente e as

pedras estão escorregadias, por isso caminha com atenção. Dentro de um galpão retangular, a duas quadras dali, meia centena de sacos espera por ele. É uma granja grande e produtiva; os alemães têm fome e comem bem.

O motorista faz um gesto, estende o braço e mostra o chefe, que surge de

dentro de uma pequena venda. É o capataz, e ele tem pressa de voltar para

a granja. Wladek atravessa a rua rapidamente e toma o rumo do galpão. Um

homem passa por ele e o olha com este desprezo que os hitlerowcy

guardam para os poloneses. A sub-raça. Todos os poloneses que trabalham

na Alemanha são assinalados, marcados, apontados. Wladek tem vontade

de cuspir neste chão pisado pelas solas dos sapatos alemães, mas não pode, não vai incorrer em erro tão tolo. Quer manter-se vivo para Hela e para a menina.

Perto do galpão, ouve um alarido de vozes que gritam. Rostos assomam das janelas. Wladek pára e se encosta na parede. *Herr Gust*, o capataz, aproxima-se a passos largos, ele também curioso com a confusão, olhos postos nos polacos sob seu comando. Não que eles intentem fugir, porque a força é o destino de um polonês fujão e todo mundo sabe disso muito bem.

Pela ruazinha vem um grupo de pessoas furiosas, homens e mulheres que gritam e xingam e erguem os punhos para o ar. Wladek observa sem entender muito bem o motivo da euforia e da fúria dessa gente tão

silenciosa, quando do meio da turba surge a moça com seus grandes olhos

espantados e seu rosto lívido de horror. Ela vem aos tropeços, a roupa rasgada deixando entrever um peito macio e branco cuja inesperada visão

desperta um leve tremor em Wladek, que não tem mulher há mais de ano. É

uma moça alemã que chora, a cabeça exhibe chumaços de cabelos loiros e pedaços de pele avermelhada. Wladek baixa os olhos por um momento, é uma espécie de piedade que lhe vem; não dela, da moça, nem dele, não é uma piedade específica, mas uma pena de todos, uma angústia por todos, até por essa gente que grita.

Enquanto a alemãzinha avança sob os brados furiosos, um soldado da SS

observa tudo de longe e sorri. “Putá, putá, putá”, grita a gente. “Putá de polaco.” Wladek se encosta mais à parede, enquanto a moça segue para o

meio da rua. Vê que ela está apenas com um pé calçado, o outro sangra nas

pedras irregulares do calçamento. Um menino de uns 12 anos atira-lhe uma

pedra na cabeça. A moça grita, a multidão ri (o sangue escorre da têmpora

ferida). Perto de Wladek, *Herr Gust* e o motorista riem também. Wladek baixa os olhos.

As pessoas seguem no seu passeio macabro por mais alguns metros

antes de dobrarem numa esquina ao acaso, e *Herr Gust* ordena que eles voltem ao trabalho. A rua está outra vez desimpedida, os sacos de semente

esperam e tempo é dinheiro. Putá de polacos, diz *Herr Gust* entre os dentes, rindo com escárnio. Malditas

putas.

Wladek apressa o andar. A perna lhe dói com mais intensidade.

Enquanto segue, enquanto entra na umidade cinzenta do galpão e se abaixa para apanhar outros dois sacos no chão de cimento, ele pensa na moça. Um campo de concentração para mulheres, é para lá que ela vai. E talvez acabe com uma bala no meio da testa porque se deitou com um polonês. Ele acomoda os sacos no ombro e sai para a tarde de sol fraco.

Outra vez o caminho até o furgão. Mais dez vezes esse caminho. Na

esquina, *Herr Gust* acende calmamente um cigarro enquanto ri do chiste de um velho que passa e faz um gesto obsceno na direção em que a turba seguiu. Wladek Szewczyk caminha de olhos baixos. Dentro dele, como um

sopro, o rosto de Hela, o rosto bonito de Hela exatamente como o viu pela

última vez antes de partir para a guerra — ainda cheio por causa da maternidade recente, o rosto branco de olhos claros e graúdos sorrindo para ele, semi-encoberto pela neblina do tempo.

37.

(1941, 34 anos antes da morte de Jan, o velho.)

Acima da música ela pode ouvir os gritinhos que vêm do pátio, onde o filho brinca com Ludmilla. Os dois estão à sombra da parreira, e pela alegria que chega até a cozinha parece que são duas crianças a brincar, e não uma.

A irmã sempre teve jeito com os pequenos; engraçado que às vezes ela mesma pareça uma criança crescida demais, incômoda no seu corpo

avantajado, com as obrigações de uma mulher. Com o Janeczek é que

Ludmilla se mostra mais autêntica, e Anna sorri dos gritos que vêm do quintal; decerto estão brincando com água, pois faz um calor daqueles.

Não aprecia essas longas tardes sufocantes, quando o próprio ar parece

se condensar por algum mistério, embolando-se na sua garganta. O céu sem

nuvens aparece através do retângulo da janela, enquanto ela vê os dois jogando água de uma tina grande, como dois moleques. Seu primeiro

instinto é recolher o menino. A idéia da fragilidade dele é uma obsessão na

sua vida, mas se controla. Não, hoje Janeczek merece. Um pouco de

felicidade e uns respingos de água não haverão de fazer-lhe mal. Faz um esforço consciente para afastar de si essa ânsia de proteger o filho, voltando a concentrar-se nas suas tarefas. Assim, abre o forno e vê a massa

que cresce. A massa do bolo de aniversário do seu Janeczek. Dois anos... Foi

há dois anos que saiu de dentro dela. Há uma folhinha presa à porta da cozinha, Anna se aproxima e lê: “13 de janeiro de 1941. Dia de Santo Hilário.” O santo é um velhinho barbudo que a fita com ar de extrema seriedade. Anna se persigna, sem saber bem por que motivo, e os dedos sujos de manteiga não parecem ofender o santo rodeado de manuscritos.

Em breve o marido chegará em casa, e vai trazer Stefan com ele. Anna

ainda precisa confeitar o bolo e fritar os pastéis de carne. Põe a banha na

frigideira enegrecida e espera que o calor a dissolva. A banha resiste por uns poucos segundos e então começa a chiar; ela larga ali o primeiro pastel,

que se sacode um pouco na gordura fervente. Lá fora, a brincadeira parece

ter acabado. Ouve a voz de Ludmilla: “Está na hora do seu banho, meu querido.” E o menino responde alguma coisa com sua voz macia.

Anna sorri, a voz dele a entenece até as lágrimas. Queria que a mãe estivesse com eles e pudesse cantar o “Parabéns” para o neto. Ela veio para

o Natal, passou uma semana em Porto Alegre, mas parecia sempre tímida

perto de Janek, e antes da virada do ano tomou um ônibus para Guarani das

Missões, alegando que a casa iria desabar se ficasse mais uma semana.

Ludmilla se negara a voltar, e Anna e a mãe compreenderam que

finalmente ela estava se interessando por Stefan.

Coloca os pastéis, um a um, na frigideira, retirando-os quando estão

dourados. O rádio interrompe uma valsinha para anunciar que a Luftwaffe

despejou uma centena de bombas sobre a cidadezinha costeira de Clyde, matando ou ferindo duas mil pessoas e destruindo os estaleiros ingleses.

Ela suspira. Guerra, não. Ao menos no dia do aniversário do seu Janeczek.

Sem tirar os olhos da frigideira, desliga o rádio com um movimento da mão.

Ludmilla e o menino entram na cozinha. “Vamos tomar banho, Anna.

Depois eu arrumo a mesa para você.”

Anna descansa os olhos na figura do menininho enrolado numa toalha velha.

“Mama, mama! Eu vou ganhar presente?” A voz dele vibra.

“Seu pai vai trazer um presente bem bonito, mój synu. Mas você precisa tomar seu banho direitinho.”

Diz Milla: “No dia do aniversário, todos os meninos precisam limpar as orelhas.” O menino ri. “Isto é uma lei, caso você não saiba”, continua ela.

“Está escrito nos papéis do advogado mais importante deste mundo.”

“E quem é ele, tia?”, indaga o menino.

Anna tira a frigideira do fogo e empurra o filho delicadamente para a frente. “Agora vão, vocês dois. Estão encharcando a minha cozinha.”

Depois que eles saem, termina de fritar os pastéis. Do corredor vem a voz de Ludmilla, falando para Janeczek alguma coisa sobre Deus. Anna

sorri. Ah, como é bom ficar somente assim, vivendo uma vida de miudezas.

Olha para o rádio com algum ressentimento, enquanto acomoda a comida numa travessa. Depois tira o bolo do forno e começa a bater as claras para fazer o merengue.

Duas horas mais tarde, a mesa está posta e o bolo, no centro, exhibe um par de velas brancas no meio da cobertura de merengue e creme de ovos.

Anna já se aprontou e prendeu os cabelos num coque; Janeczek, sentado no chão da sala, brinca distraidamente, à espera do pai. Não demora para que

Jan chegue acompanhado de Stefan e trazendo uma sacola de papelão. Mal

entra em casa, ele se ajoelha no chão e tira dali um embrulho atado com uma fita. Chama o filho com um assobio e o menino vem correndo.

Diz ele: “Abra, mój synu. Abra e veja se gosta.”

Enquanto Janeczek arranca desajeitadamente o papel (ainda que com a ajuda do pai), a cabeça de Jan voa sobre uma multidão de pensamentos. O filho completa dois anos. Parece pouco, parece muito. Ele pode rever cada instante desses dias se fechar os olhos por um momento; ele não lembra nada, uma vaga idéia de Anna com o ventre inchado nos últimos dias da gravidez, e agora estão todos aqui. O menino já rasgou o pacote e sorri para ele. Porém, mais atrás, como um pano de fundo, há uma sombra esmaecendo o brilho do sorriso do filho. É a guerra. E se ele morrer na guerra? Se morrer, Janeczek vai esquecê-lo. Daqui a dez anos, será apenas um rosto num retrato. Isso e um nome a ser pronunciado com o respeito devido aos mortos. Mas é tão pouco, tão pouco.

O presente é um caminhão de madeira com uma carroceria comprida, pintada de vermelho. Foi ele quem fez durante as duas últimas semanas, em uma parte das suas horas de almoço. Jan sorri vendo o filho examinar o

brinquedo. As rodas, negras e lustrosas, movem-se com maciez a um toque dos dedinhos da criança. Imediatamente Janeczek esquece dos adultos e sai empurrando seu caminhão pelo chão. Anna os observa com enlevo.

Stefan diz: “Eu também trouxe um presente, mas depois você abre.”

Porém o menino já vai longe, empurrando seu caminhão vermelho e arrastando os joelhos pelo chão que Anna encerou ainda pela manhã.

Já passava da meia-noite e Jan não conseguia dormir. No escuro do quarto, revirou-se na cama várias vezes, sentindo o silêncio da casa entrar pelos seus poros. Anna dormia ao seu lado e ele podia tocar a quentura do seu corpo, a maciez dos braços, e alguns fios de cabelos que, tendo escorrido do

travesseiro, vinham roçar-lhe a face e provocavam cócegas.

Levantou-se por fim, tomando o cuidado de não despertar a esposa.

Tinha sede, e pensou em ir até a cozinha beber um copo de água. Tomaria um chá com muito gosto, mas o fogão estava apagado e a lenha, morna. Não

valia a pena acender o fogo outra vez por uma caneca de chá. E também, se fizesse ruído, Anna acordaria — ela sentia aquela casa por dentro como se fosse mais um órgão do seu corpo. Assim, vestiu o roupão sobre o pijama e saiu do dormitório sem fazer ruído.

No quarto ao lado dormiam Ludmilla e o menino. Jan encostou o ouvido na porta, mas nenhum ruído vinha dali. Caminhou até a cozinha, refletindo que talvez um pouco da sua angústia fosse mesmo porque em breve começaria o alistamento de voluntários no país. Os poloneses em Londres estavam organizados e planejando criar uma outra divisão para lutar na Europa. Jan sorriu no escuro, não era um “polaco sem bandeira”. Amava a sua pátria e lutaria por ela, mesmo que para isso tivesse de se afastar do menino. O importante era não morrer no campo de batalha e retornar um dia, quando a guerra acabasse e os hitlerowcy pagassem o que deviam à Polônia e ao seu povo.

Na cozinha, acendeu a luz e serviu-se de água. Sentia um queimor corroendo-lhe as vísceras por causa da vodca que tomara com Stefan, embora estivesse bastante acostumado a beber. Mas tinham jogado cartas e bebido por várias horas naquela noite. Stefan era um bom amigo e um homem de confiança, e seria bastante conveniente que Ludmilla se casasse com ele; apesar da aparente calma, Jan sabia que Stefan tinha espírito suficiente para dominar o temperamento forte da cunhada.

Sentou-se numa cadeira na ponta da mesa. Era fresco e agradável ali na cozinha, mesmo à noite. Um bom lugar para se colocar os pensamentos em ordem, e sua mente estava atravancada de pensamentos. Esvaziou o copo num último gole e ouviu um ruído vindo do corredor. Ergueu os olhos imaginando que fosse Anna, já que ela sempre se levantava ao menor barulho na casa.

Mas a figura feminina que viu surgir do escuro e parar no umbral da porta não era Anna. Era Ludmilla, que o olhava sorrindo, e seus olhos tontos de sono brilhavam por alguma idéia misteriosa. Ela deu um passo em direção à luz e Jan viu que usava um robe de flores azuis e tinha os cabelos desfeitos.

“Perdeu o sono, cunhada?” Sua voz ecoou na quietude da casa.

Ludmilla entrou na cozinha, e a luz banhou em cheio seu rosto marcado pelo sono. “Ouvi um barulho e vim ver o que era.”

“Estou com azia e vim beber água”, disse Jan. “Meu estômago às vezes me faz dessas. Mas, e você?”

Ela abaixou o rosto, olhando os pés descalços. “Oh, eu comi tão pouco... E estava tudo tão bom. Na verdade, estou com fome.”

Ele sorriu; Milla parecia uma criança grande demais. “Anna guardou bolo no armário. Coma um pedaço.”

Ludmilla puxou uma cadeira e se sentou sem fazer cerimônia. Cruzou as pernas, e Jan viu as coxas volumosas da cunhada. Desviou os olhos rapidamente. “Se Anna nos pega aqui”, sussurrou Ludmilla.

Disse ele: “O que tem isso? Eu estou bebendo água e você está com fome.

Não vejo mal nenhum.”

Ela alisou o tecido florido que lhe cobria as pernas. “Ora, Janek... Sempre se pode pensar mal de um homem e uma mulher assim, numa madrugada, sozinhos em algum lugar.”

“Não seja boba, kochana. Não estamos sozinhos nesta casa.”

“E se ela pensasse... Se Anna pensasse mal de nós dois?”

Jan fez um gesto de desdém. Ergueu-se e colocou o copo na pia. Era melhor voltar para o quarto; as pernas da cunhada, brancas e ávidas, apareciam agora através da abertura do chambrezinho de algodão, como

duas esculturas de mármore.

Milla prosseguiu: “Se ela pensasse, eu a entenderia. Se eu fosse a sua mulher, Janek, eu sentiria ciúme, muito ciúme de você.”

“Mas acontece que você não é minha mulher, Milla. E Anna não é uma esposa ciumenta; ela jamais pensaria mal da própria irmã.”

“Anna é boa demais, coitadinha. Ela só pensa o bem dos outros, até

mesmo de você, Janek. Mas não sou eu quem vai contar as verdades da vida

para ela”, concluiu Ludmilla, erguendo-se e obstruindo o caminho para o corredor com seu corpo. Jan deixou escapar um sorriso. E depois diziam que era mulherengo... Deu dois passos à frente e tocou-a na altura do ombro. Os olhos dela ardiam.

“Pare com isso, Milla”, pediu ele finalmente. Falava em voz baixa. Não queria que Anna visse nada daquilo. “Eu vou dormir. Amanhã cedo eu saio

para o trabalho e preciso estar descansado.”

Ela pareceu surpresa: “Ah, fique, por favor... Fique só mais um instante,

Janek.”

Jan afastou-a delicadamente, abrindo passagem para o corredor que

levava aos quartos. “Preciso contar uma coisa para você, e é melhor que seja agora.”

“Pode dizer o que quiser”, e a voz dela era amuada como a de uma

menina a quem negavam o brinquedo exibido na vitrine de uma loja. “Você

sempre pode dizer o que quiser para mim...”

Jan sorriu no escuro. Ela tinha certo encanto, com aqueles modos

arrojados, aquelas pernas carnudas. Mas, afinal de contas, era a irmã de Anna.

Disse ele: “Hoje o nosso amigo Stefan me confidenciou que quer pedi-la

em casamento. Como responsável por você aqui em Porto Alegre, eu o

autorizei a tentar. Acho que seria um bom marido. Pense nisso, Milla. Vocês

poderiam viver aqui por perto, aqui no bairro mesmo.”

Terminou de falar e o silêncio voltou a escorrer sobre eles. Pareceu a Jan

muito impróprio que estivessem ambos ali, em vez de estarem sob as

cobertas, dormindo.

Esperou que ela respondesse qualquer coisa. Mesmo estando escuro,

podia vê-la. Estava parada em frente à pia da cozinha e nenhum músculo do

seu rosto se mexia; parecia tomada de um misterioso feitiço. Ficou assim por um longo momento; então voltou-se para Jan, para onde imaginava que

ele estivesse parado, na indistinta mancha escura além do batente da porta da cozinha.

Ela disse baixinho, numa voz triste: “Desculpe, Janek. É que o amor, bem,

a gente não escolhe. Para mim é um castigo... essa coisa que eu sinto por você. Mas acho que você tem razão sobre a Anna e o Stefan. Gente como nós

precisa de pessoas como eles. Para seguir em frente... Fique tranqüilo, vou pensar na proposta do Stefan.”

“Você é uma moça esperta. Não vai se arrepender, acredite em mim”,

disse Jan, antes de desaparecer no corredor.

Sozinha, Ludmilla se viu dividida entre comer uma grande fatia de bolo

ou começar a chorar tão alto que os vizinhos haveriam de ouvi-la. Deu de

ombros: uma guerra perdida era uma guerra perdida. Melhor era comer do

bolo que a irmã tinha feito. Não se arrependia de nada; só esperava que Deus não viesse puni-la por aquela tentativa. Jamais haveria de confessar o

que dissera a Janek... Que culpa tinha do amor que a vida plantara no seu

peito? Que culpa tinha de querer tanto, desde o começo, desde a primeira

vez que vira Janek? Mas não era do tipo que ficava se lastimando pelos cantos. Nada disso. Casaria com Stefan e seria feliz. Porém, amar, amar era

uma outra coisa bem diferente, pensou ela, enquanto cortava o bolo. Tinha

plena certeza de que amaria somente Janek pelo resto da sua vida.

38.

E então o verão se foi e as folhas das árvores caíram pelas ruazinhas de

Porto Alegre. O outono trouxe no seu bolso rosado uma aliança de ouro para Ludmilla Richter, e um homem que jurou fazê-la feliz, brindando à ocasião na sala da casa dos Wierzchowski. Pouco importa que o velho José

Richter tenha pronunciado para o noivo a cartilha de recomendações que

costumava desfiar quando vira-se prestes a casar cada uma das três filhas

mais velhas; grosso modo, não havia mais barganha a fazer, e assim

Ludmilla se fez noiva de Stefan sem sequer confessar a si mesma se algum dia o amara.

Repentinamente, como uma flor que se abre ou uma fruta que amadurece no galho, o menino de Anna cresceu. Certa feita, amanheceu falando de maneira correta a maioria das palavras, olhando a mãe com seus olhos doces e seu rostinho de uma tristeza irremediável. Anna precisou se acostumar aos seus novos e sempre angustiados sentimentos pelo filho, e também ao início do alistamento de voluntários. Foi um inverno ruim aquele, ano da graça de 1941. Como se o mundo chorasse os medos recônditos de minha avó Wierzchowska, em maio as águas do Guaíba subiram mais de quatro metros acima do seu normal e encobriram várias zonas da cidade de Porto Alegre. Enquanto morriam as crianças da “doença do rato” e Anna tratava de ferver o leite e a água e de lavar a casa com creolina, o tempo foi passando, tecido de noites escuras, silencioso e quieto, sem jornais, sem bondes, sem luz elétrica, pois todos os cabos de luz haviam ficado sob as águas da enchente. De tudo, o silêncio foi o que mais tocou a alma de Anna — sem os jornais, a guerra emudeceu de repente, e nada havia, a não ser os prosaicos hábitos do cotidiano, os velhos minutos ocupados com miudezas em que nem a vida nem a morte estavam em jogo, e somente a alegria de ter seu Janek em casa por uns dias, enquanto a fábrica onde ele trabalhava adormecia solenemente sob o caudal do Guaíba.

Depois as águas baixaram e contaram-se os estragos. Anna teceu cachecóis para os desabrigados e acendeu velas pelo marido, pois agora ele tinha seu nome numa lista. Quando os jornais voltaram a circular, leu que a polícia francesa entregara um milhão de judeus aos alemães e que seu paradeiro incerto indicava o trabalho em campos do Reich. Anna chorou de tristeza por tantos destinos aniquilados, e o menino que brincava ao seu lado deixou o carrinho de madeira e pôs-se a olhá-la como se

compreendesse bem a fímbria da sua dor. Anna se impressionou muito e pensou: “Este menino já nasceu para ser adulto.” Mas logo depois se

arrependeu de tal julgamento e, como se houvesse sol, agasalhou seu

pequeno Janeczek, e ambos foram passear na parte alta da cidade e

comprar pirulitos numa confeitaria. Assim ela tentou afastar da sua alma o

desalento que a perseguia, pois lhe parecia certo que alguma coisa de ruim

estava para acontecer sem tardança, e só podia imaginar o marido morto e

enterrado numa vala lá do outro lado do oceano — onde não poderia

sequer depositar uma flor em sua sepultura.

Mas os dias foram passando e o nome na lista dos convocados tornou-se

apenas uma sombra. O menino caiu doente, e a urgência da febre roubou da

alma de minha avó o tempo para os seus vagos temores. Durante duas

semanas ela esteve ao lado do filho, enquanto Ludmilla cuidava da casa e se desfazia em atenções ao cunhado dos seus amores; os jornais exibiam com

alarde a notícia de que os alemães haviam invadido a União Soviética quando o menino de Anna enfim ficou curado. “Três milhões de soldados avançam sobre a Grande Terra”, contou-lhe Janek naquela noite, e minha avó se pôs a pensar de onde saíam tantos malditos alemães, que davam conta de inúmeras frentes e se reproduziam como coelhos, e deviam ser feitos de aço onde nos outros somente havia carne, pois sempre eram

tantos e podiam tudo. Janek ouviu seus argumentos e respondeu que a

mesma bala que matava um polonês podia matar um alemão, e que ele

mesmo iria até lá comprovar essa certeza.

O vento ventou, e a chuva choveu; e vieram julho, agosto e setembro, e

ninguém sabia direito, mas em Auschwitz morriam os primeiros judeus nas

câmaras de gás, enquanto na sua pequena cozinha Anna Wierzchowska

cortava em fatias meio quilo de alcatra e batia a carne para amaciar os bifés, e largava-os na frigideira com banha fervente. Assim minha avó seguia sua vida, e ensinava seu menino a cantar uma velha canção

polonesa, e comprava novas meias para Janek, e ouvia boatos de que ele tinha conhecido certa moça, e acendia velas e orava, e escovava os cabelos

vinte vezes antes de dormir. Como uma litania, todas as manhãs ela fazia o chá forte e o levava na cama para despertar o marido e apagar da sua alma os vestígios de vodca e de outros segredos — pois aquela era a sua vida e ela não queria outra. Ela era mulher de Jan e mãe de Janeczek, e por causa deles é que vivia, cerzia e sonhava.

A primavera chegou em outubro com um pequeno e convencional atraso. Anna tinha feito anos, Janek tinha feito anos. Ludmilla ia ao cinema às sextas e domingos com o noivo. Janeczek agora comia purê de batatas e tomava suco de laranja por causa das vitaminas, e Jan acumulava mil-réis numa conta de poupança para ter certeza de que a família ficaria bem durante a sua ausência. Os jacarandás floresceram, Anna fez gelatina de morangos porque o preço no mercado estava muito em conta, e veio novembro e depois dezembro de 1941, e os japoneses atacaram Pearl

Harbor, obrigando os americanos a entrar na grande guerra. Os ingleses suspiraram aliviados, os franceses da resistência suspiraram aliviados; na Polônia, os poloneses suspiraram aliviados.

“Agora a coisa vai”, disse Janek naquela noite. E as rádios transmitiram trechos do discurso de Roosevelt, e as mulheres choraram em suas salas de visita, e os homens acenderam charutos como se tivessem nascido filhos varões. Depois veio o Natal; os dias, impacientes, desdobraram-se até o último segundo, e chegou o ano de 1942 sob os augúrios da guerra, e agora

nenhum continente estava livre de nada — como uma praga, a guerra tinha chegado à América.

Dois meses depois, nas terras da Escócia, foi criada a 1ª. Divisão

Blindada Polonesa sob o comando do general Stanislaw Maczek, e então a

imobilidade das coisas subitamente se desfez. Jan fez exame de saúde e foi

aprovado, partiu uma primeira leva de poloneses voluntários. Jan ficou para o segundo grupo, que deveria seguir até o Rio de Janeiro; lá eles receberiam vistos ingleses e lugar num navio das Forças Armadas que os levaria até a Inglaterra.

Enquanto Anna cerzia e bordava, assava pães e ensinava ao filho as

cores e o nome das coisas, sempre azafamada, sempre atenta (sempre ao dispor), e bombas caíam sobre Berlim, e judeus eram deportados para

campos de concentração, e Hitler marchava sobre Leningrado, Jan

organizou suas coisas, pediu demissão dos dois serviços e conferiu pela trigésima vez o valor total da poupança feita na Caixa Econômica Federal.

Assim, numa noite de céu límpido, meu avô anunciou que finalmente

partiria para a guerra em meados de dezembro. Estava tudo certo,

carimbado e assinado. E a boa nova era que os alemães, depois de terem rasgado com seus tanques centenas de quilômetros de território russo,

havia sido cercados entre os rios Don e Volga, em fins de novembro, pelas

tropas do general soviético Zhukov.

39.

(1942, dois anos antes da grande batalha nas Ardenas.)

O ruído da água chegava até seus ouvidos, e às vezes ela podia até mesmo perceber o pac-pac de Janek batendo a navalha contra a louça da pia. A casa estava quieta, o menino dormia; mas seu ouvido agora era tão

apurado que talvez escutasse até mesmo os suspiros do filho (pobrezinho,

sonhando em sua cama sem saber que amanhã o tatus vai embora para a

guerra e talvez não volte nunca mais). Fez o sinal-da-cruz: tinha que controlar os pensamentos. Não fora isso que o padre lhe havia dito? Era bem verdade que passara os dez últimos dias chorando pelos cantos e nem

para sovar o pão tinha força suficiente. Porém, num certo momento, tomara

consciência da vida ao seu redor e fora até a igreja. Ajoelhara-se no pequeno reservado, olhando pela janelinha telada, olhando através do seu

lenço de renda negra, e recitou ao padre o *confiteor* quase chorando.

O padre lhe dera uma penitência leve e uma trinca de sugestões, e ela saíra mais aliviada da igreja, prometendo a si mesma que não choraria, que

seria forte como o marido esperava, que teria bons pensamentos e isso e mais aquilo.

Janek apareceu na porta do quarto e ficou olhando para ela com um

meio sorriso no rosto. “Está fazendo o quê?”, perguntou ele.

Viu-se pelos olhos do marido, e percebeu que estava sentada no chão

mirando a parede, porque tinha se abaixado para pegar as botas pretas, ensacá-las e colocá-las na mala, mas se esquecera completamente disso e se

perdera em pensamentos. Procurou então as botas com um lance de olhos,

tomou-as e disse: “As botas. Vou colocá-las na mala para você.”

Ele entrou no quarto e acarinhou sua cabeça como se ela fosse uma

criança. “Não dá para levar muita coisa, Annia. Mas coloque também uma camiseta branca de verão. Teremos uns dias no Rio de Janeiro e lá faz bastante calor.”

Ela tratou de obedecer, erguendo-se com certo esforço, mas duvidando

que no tal Rio de Janeiro fizesse mais calor do que os fevereiros que ela conhecia em Porto Alegre e na cidadezinha onde crescera.

Ouviu ao fundo o ranger das molas da cama do menino e seu peito se confrangeu. Para fugir do choro — ela já o conhecia muito bem, insidioso e

cheio de manhas, ele começava assim como uma pequenina emoção que a

gente deixava passar —, ela buscou na mente alguma imagem prática e

subitamente pensou nas batatas que tinha cozinhado para fazer placek, as

panquecas que o Janek tanto adorava. Mas seria sua última refeição em casa; no dia seguinte bem cedo ele tomaria o ônibus para o Rio de Janeiro.

Assim, a tristeza deu outra volta e mordeu-lhe o calcanhar mais uma vez.

Seus olhos se umedeceram, mas ela foi rápida e pensou num vaso de dalias.

Qualquer coisa servia. Ganhara um vaso de dalias de Stefan, e as flores estavam lá na sala. Por fim, com as dalias na alma, pôde buscar na gaveta do

armário a camiseta que o marido lhe pedira. Acomodou-a na mala. Depois

guardou ali as cuecas e as meias, fazendo tudo com muito cuidado, mas sem

emoção demais; no entanto, os olhos de Janek estavam postos nela, firmes

como dois faróis, e ele disse depois de algum tempo:

“Você não precisa ter medo, minha querida.”

Ela sentiu o tremor na garganta como um minúsculo terremoto da sua

carne. Ergueu os olhos para ele, e desta vez não se obrigou a disfarçar os sentimentos, mas também sustentou-lhe o olhar. “Por que você disse isso?”,

perguntou.

Ele riu. Parecia leve como um menino que saía de férias. Mas Janek era

impenetrável. Talvez estivesse apenas disfarçando — somente esse

pensamento a consolava.

“Ora, moja kochana... Vou para a guerra, mas tenho absoluta certeza de

que volto, acredite. É estranho como tenho certeza disso.” Ele pigarreou, parecendo, por um instante, meio confuso com as palavras. “Assim que eu

souber onde ficarei, escrevo dando um endereço postal. Você sabe, nas guerras as cartas são lidas pelos outros, censuradas. O exército tem que cuidar para que seus planos não vazem... Espionagem, essas coisas.”

Anna ouvia aquilo tudo sem entender o seu verdadeiro significado. Ela,

que falava em sabão, em Nossa Senhora, em metros de tecido, zupa e

batatas. Ela, que falava em termômetros, beijos, quinas de mesas e

panquecas — como é que agora estava ouvindo o marido falar de planos e

censura e espionagem de guerra?

“Isto quer dizer que não vamos nos escrever enquanto você estiver fora?

Como é que vou saber de você, Janek?”

Disse Jan: “Vamos nos escrever, não se preocupe. Mas serão cartas

curtas e eu não poderei dar detalhes.”

Ela se deixou cair sentada na cama. Duas lágrimas grossas escorreram

dos seus olhos tristes.

“Você tem chorado demais”, o marido a admoestou. Secou seu rosto com

as costas da mão. “Fique tranqüila, Anna.”

“Você espera muito de mim, não sou forte. Estou com medo de ficar

sozinha com o Janeczek. Eu vejo as outras mulheres cujos maridos partem para a guerra. Elas parecem tão corajosas; não creio que tenham chorado uma lágrima.”

Jan a abraçou, e ela sentiu uma das mãos dele correndo por entre os fios dos seus cabelos.

“Oh...”, gemeu. “Não deixe que machuquem você. Lembre-se de mim e do nosso filho. Nós vamos esperá-lo todos os dias.”

A voz dele soou cheia de segurança: “Eu não vou sozinho. Os Puton vão comigo e Sikora também. Estaremos juntos, combateremos juntos, Anna. E você vai ver, a nossa vida vai seguir em frente. Tudo vai dar certo. Você e o Janeczek vão me esperar aqui, e eu vou pensar em vocês todos os dias...”

Ela se desfez do abraço e secou o rosto molhado de lágrimas. O colchão do menino rangeu outra vez no quarto ao lado, acima do ruído das cigarras que se alvoroçavam no quintal. O ar pesado parecia anunciar que teriam chuva à noite, e o azul do céu começava a sumir sob uma camada de nuvens

esbranquiçadas que vinham do sul. Talvez o menino estivesse tendo um

pesadelo. Os pensamentos atropelaram seu medo, e ela forçou o ouvido a distinguir os frágeis ruídos no quarto contíguo, mas só recebeu silêncio outra vez. Olhou o marido e disse: “Vou esperar você dia e noite.”

Jan sorriu. Ele sabia disso. Ele pensaria nela todos os dias. Apesar de tudo, ela estava sempre no seu pensamento. Sempre, poderosamente.

Disse: “Anna, moja kochana...” E repetiu: “Minha querida.”

Ela se levantou subitamente e guardou na mala a pequena sacola com analgésicos, antiácidos e antitérmicos que comprara na farmácia.

“Eles têm remédios lá”, gracejou Jan.

“Talvez para ferimentos de bombas e granadas eles sejam bons. Mas eu conheço o seu estômago. Deixe que eu cuide dessas miudezas.” Sorriu: “Eu sei que é uma bobagem, mas preciso ajudar de algum jeito.”

Ele a olhou por um longo momento. Lembrou-se de quando se tinham conhecido em Guarani das Missões, lembrou-se da vinda para Porto Alegre, do filho crescendo naquele ventre, da calidez do corpo dela ao seu lado na cama, dos seus silêncios, da sua bondade, das vezes em que ela fechava os olhos e os ouvidos às coisas que ele fazia, às suas fraquezas de homem. Ela sustentou seu olhar com firmeza, mas Jan se esquivou. Não haveria de titubear... A mala feita esperava sobre a cama, e como se fosse Deus intervindo talvez em favor do seu orgulho, o menino desatou a chorar no quarto ao lado, e a mulher correu para lá.

Jan ficou no quarto, olhando pela janela a paisagem da rua quieta, castigada pelo sol quente da tarde de dezembro. Durante alguns instantes, não fez nem pensou em nada. Depois as lágrimas correram, quentes e silenciosas, e ele as limpou com as costas daquela mão acostumada ao trato rude das toras e tábuas de madeira.

40.
(1942, dois meses antes de os alemães invadirem a colônia de Mietko.)

Alguma coisa estava acontecendo, mas não lhe falavam nada. O paizinho andava quieto e tinha guardado suas coisas numa bolsa grande. Ele perguntara: “O que é isso?”, e tinham respondido: “Isso é uma mala, Janeczek, e a gente usa quando vai viajar e coloca as roupas dentro.” Depois a matka chorara lá na cozinha enquanto fritava algumas placek, mas o tatus fingira não ouvir e ficara lhe contando uma história de lobos e de um cordeirinho que tinha fugido de casa. E até a tia estava silenciosa. Não lhe trouxera uma bala quando voltara da venda, coisa que fazia sempre, e depois disse que tinha se esquecido e que andava com a cabeça nas nuvens.

Ele estava deitado na cama de olhos bem abertos e não sentia medo do escuro. Medo nenhum: no escuro estava aquele menino. *O outro*. Tão parecido com ele, até seus nomes

eram iguais. O mesmo nome, os mesmos

olhos. O outro lhe sorria. Janeczek. Janeczek. Repetia seus nomes. Acenava.

No escuro havia aquele bosque; dentro do bosque, uma casa. Dentro da casa, o menino.

O pai ensinara que no escuro não viviam bichos, apenas anjinhos que

cuidavam do sono. *O outro* devia ser um anjinho. Talvez o bosque fosse o céu, ele não sabia. Mas o outro Janeczek era feliz. Feliz como ele. Nisso também eram parecidos: dois meninos felizes, um do lado de cá, o outro do

lado de lá.

O ronco fino da tia o alcançou. Ele ria dos roncões. Eram uns barulhos que não o incomodavam, conhecia-os desde sempre. Pensando assim,

levantou-se da cama e saiu do quarto sem calçar os chinelos. Estava calor e

era bom pisar na madeira geladinha. Deu adeus ao *outro*. Tchau, Janeczek.

Tchau, Janeczek. Tinham também a mesma voz, e aquilo era engraçado. Saiu para o corredor, pensando que dessa vez não ficaria doente: tinha rezado

pra Bóg, assim podia andar descalço e sentar no chão ao lado da porta do

quarto do tatus e da mamusia. Esperaria que um deles acordasse para ir ao

banheiro. Esperaria e perguntaria o que estava acontecendo, e o que era um *ônibus* e o que era uma *guerra*, mas para isso não precisava acordar ninguém, não precisava mesmo. Assim, sentou no chão e esperou. O

menino do bosque tinha ficado dentro do quarto, no escuro.

(Jan se levantou às seis horas da manhã e encontrou Janeczek dormindo no

chão do corredor. Com seu pijama branquinho, com suas perninhas finas:

um pequeno anjo encantador demais para estar em um altar, deitado ali aos seus pés. Pegou-o no colo sem fazer esforço. Desde quando estaria ali?

Levou-o para a cama esperando que não pegasse um resfriado, pois era muito suscetível a essas coisas. Entrou no quarto sem se importar com a cunhada, que dormia na cama junto à janela. Deitou o filho em sua própria

caminha e beijou-o longamente. Era daquela inocência que ele estava se separando... Olhou ainda um instante a criança adormecida e pediu a Deus

que o menino não o esquecesse durante sua ausência. Depois saiu do

quarto sem fazer ruído, consciente de que lá dentro, entre os lençóis e o cheiro doce de infância, ficava um pedaço dele.)

41.

Enquanto homens se batiam na Europa, no Oriente e na África, meu avô

se juntou a uma leva de voluntários poloneses; seguiram todos para a capital federal ainda antes do Natal de 1942. Chegando lá, foram

acomodados em Niterói, onde ficaram esperando por mais de um mês, até receberem os vistos que os autorizavam a deixar o Brasil e entrar na Inglaterra.

Jan Wierzchowski esteve hospedado no Hotel Balneário, que ficava no

fim da Linha São Francisco. Foi lá que ele comemorou a chegada do ano de

1943, e imagino a expectativa e a ansiedade que lhe corroíam a alma. Dali

em diante, a vida o levaria por um caminho tortuoso demais, perigoso demais, e embora sua coragem o tivesse guiado até tal ponto, creio que também o medo habitava o seu espírito. Não apenas a guerra com suas bombas e aviões, não somente a sombra da mortífera máquina de guerra do Terceiro Reich, com suas invencíveis divisões blindadas, as minas S, as

granadas e os torpedos; mas antes disso tudo, a perigosíssima viagem de navio até a Europa nas águas onde os submarinos alemães costumavam

caçar suas vítimas, destruindo navios mercantes, petroleiros e quaisquer

embarcações aliadas que tivessem a sorte de encontrar na sua rota. Era um caminho longo e difícil aquele que os voluntários tinham escolhido — a maioria deles deixava terras, emprego e família, e uma vida decente e pacífica, para ir se bater pela liberdade da Polônia e das outras nações aniquiladas pelo Führer.

Mas a estada fluminense naquele verão de 1943 não se resumiu a

exames, documentos e horas angustiantes de espera — enquanto

aguardavam o sinal verde para seguir até o Reino Unido, os voluntários hospedados no Hotel Balneário tinham tempo livre de sobra. Como

qualquer pessoa em férias no verão do Rio de Janeiro, também eles

passavam as tardes à beira-mar, aproveitando as areias de Niterói e suas praias aprazíveis e tão diversas das paisagens que haveriam de encontrar

na Europa. Segundo me contou o senhor Czeslaw Weska (que viajou em

companhia do meu avô para a Escócia e com ele esteve em Niterói naquele

princípio de verão de 43), a única coisa que os voluntários podiam fazer naqueles dias era esperar. Gastavam o tempo nas praias ou em passeios pela cidade do Rio de Janeiro. Nessas andanças, Jan comprou uma série de

cartões-postais — enviando-os a tempos regulares para “Anna

Wierzchowska, na Rua Couto de Magalhães, 1094, Porto Alegre, Rio Grande

do Sul, Brasil” (o que me faz supor que então já se tinham mudado para a

rua onde iriam viver até o fim dos seus dias). Alguns postais vinham apenas

com o nome do meu avô e uma breve dedicatória para a esposa — uma fotografia do monumento do general Deodoro no Rio de Janeiro, uma vista

do Canal do Mangue colorida artificialmente em tons de sépia e azul, com

sua trilha de altas palmeiras erguendo-se contra um céu sem nuvens. Em 26 de janeiro de 1943, Jan esteve particularmente amoroso: mandou dois

cartões para Anna, ambos completamente preenchidos em tinta azul com

sua letra esparramada. Vinham já escritos em português. Um deles, um

cartão de Boas Festas e Feliz Ano-Novo, traz várias vistas da cidade do Rio

de Janeiro, e no verso se lê exatamente assim: “Niterói, 26-1-43, Querida

esposa e filhinho, envio-lhes este postal para que se lembrem que anno de 1943 será anno de nossa vitória e de continuação da nossa vida cheia de alegria e felicidades. beijos e abraços, Wierzchowski.”

O outro postal, da mesma data, traz Nossa Senhora del Carmen com seu

menino e diz: “Niterói, 26-1-43, Saudações, minha muito amada e

inesquecível esposa, ofereço-lhe este postal como pequena lembrança,

espero que Nossa Senhora nunca esqueça de nós, e que depois da vitória com o auxílio dela e de Deus, nos uniremos como antes e vamos viver com

alegria. Felicidades, Wierzchowski.”

(Cismo que posso ver minha avó Anna ao receber estes pequenos e

inestimáveis retângulos de papel-cartão: traria o filho para o seu colo e leria para ele as curtas frases do meu avô, e lhe diria que o tatus havia ido

lutar pela liberdade da sua pátria, pelos seus avós e tios e outras pessoas que estavam sofrendo nas mãos

dos alemães de Hitler. O menino haveria de crescer com tais palavras na alma — honra, pátria, liberdade;

indefiníveis palavras que tinham levado o pai para tão longe dos seus olhos.)

42.

Em 28 de janeiro, Jan e os outros voluntários do seu grupo foram vacinados contra a varíola, cumprindo o regulamento sanitário vigente. No atestado de vacinação consta que “Jan Wierzchowski, 30 anos, cor branca, natural da Polônia, residente no Hotel Balneário, Rua São Francisco, s/n, foi revacinado com proveito, tendo recebido duas vacinas no braço esquerdo”.

O atestado vem assinado pelo médico e lavrado em cartório pelo tabelião Álvaro Cunha. Em 4 de fevereiro, Jan teve seu passaporte carimbado nos seguintes termos: “Visto nº 480, bom para deixar o país pelo porto desta capital. Válido por três meses. Assinado pelo chefe do Serviço de Registro de Estrangeiros, Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Polícia Civil do Distrito Federal.” Do dia seguinte é o carimbo do British Passport Control, com visto para a entrada na Inglaterra, “*good for single journey only*”.

Depois de todos os trâmites legais, carimbos e vistos assinados pelos órgãos competentes, mais de uma centena de voluntários poloneses se

reuniu no porto do Rio de Janeiro — tinham deixado seus lares no Brasil,

na Argentina e no Uruguai para lutar pela causa da liberdade. A viagem rumo à guerra começou para eles no dia 15 de fevereiro de 1943. Partiram

num navio que viajou sozinho pelas águas do Atlântico, apesar de estar em vigor, havia mais de um ano, o sistema de comboios, por causa do perigo que representavam os submarinos alemães.

A longuíssima viagem foi uma peripécia jamais esquecida por esses

homens; seguiram por uma rota tortuosa, cujo traçado era um segredo

absoluto para todos os ocupantes do barco. Enganavam o tempo jogando

cartas, dormiam em redes e contavam uns aos outros longas histórias

sobre suas vidas. As noites ao sul do Equador eram belas e cheias de estrelas... A única nota da guerra eram os rodízios na vigília: cada

voluntário precisava ficar de sentinela por duas horas a cada oito, em busca

de rastros de periscópios submarinos ou de aviões inimigos.

Jan passava muito tempo com os amigos — entre os voluntários que

seguiram com ele estavam os cinco irmãos Puton. Todos filhos do mesmo

pai e da mesma mãe, os cinco Puton seguiram para a guerra juntos — sobre

eles, há uma bela história a ser contada. Quando um homem se alistava como voluntário (pelo menos nas Forças Polonesas), era dado a ele o

direito de escolher em que arma desejava servir. Meu avô, por exemplo, quis se integrar ao Batalhão dos Engenheiros, onde serviu como sapador com a patente de kapral (sargento). Os cinco irmãos Puton, quando

solicitados, escolheram ficar todos na Artilharia; durante a guerra na França, receberam um canhão — a peça usada pela 1ª Divisão Blindada Polonesa na Segunda Guerra era conduzida por cinco homens, e assim os Puton ficaram todos juntos. Porém, durante uma batalha, uma granada

explodiu perto da peça, ferindo os cinco. Depois do susto, com os irmãos recuperados dos ferimentos e de volta ao *front*, o comandante separou os Puton (uma mãe rezava por eles nas lonjuras de Porto Alegre, e a ninguém

agradaria dar-lhe notícia tão terrível). Assim, cada um dos irmãos foi encaminhado para um canhão diferente, servindo com outros quatro

soldados. Separados no front, a sorte foi boa para com os irmãos Puton: ao

final da guerra, voltaram os cinco para casa, coincidentemente, no mesmo

navio que trouxe também o meu avô.

Mas a guerra estava distante naqueles primeiros dias da viagem para a

Europa. Por causa dos submarinos, o navio que levava os voluntários

precisava fazer um desvio por Nova York antes de seguir para a Grã-

Bretanha. Tal desvio incluía uma passagem pelas Bermudas, e foi ali,

naquele misterioso trecho do oceano, tão famoso pelas desventuras e

soçobros, que os poloneses viveriam uma terrível experiência. Uma

tempestade em alto-mar pôs a pique várias embarcações; enquanto o navio

dos voluntários navegava pelas turbulentas águas das Bermudas, ao largo

passavam os destroços desses naufrágios.

Dentro do navio supliciado pelas ondas, os homens passavam mal.

Comer ou dormir eram tarefas irrealizáveis; a maioria dos tripulantes, prostrada pelas náuseas, deixava-se levar em suas macas suspensas,

balouçando irregularmente como sacos de batata inertes. Os irmãos Puton,

que tinham sofrido enjôos terríveis durante toda a viagem, a essa altura passavam de mal a pior, e o pouco que tinham comido nos dias anteriores

se perdeu nas agruras da tempestade. Certa noite, enquanto dormiam, o alarme do navio disparou. Em meio às ondas, tontos, exaustos e assustados,

os homens corriam de um lado para outro. Se o alarme tivesse soado pela

presença de um submarino, a maioria deles teria morrido, afundando junto

com as entranhas do barco. Mas nada aconteceu de tão terrível, e aqueles

minutos ficaram na lembrança como um pesadelo nebuloso e inexplicável

— numa viagem de guerra, os tripulantes não recebem esclarecimentos.

Enfim, chegaram às Bermudas. Depois de um dia atracados, a

tempestade amainou o suficiente para que o navio seguisse viagem rumo aos Estados Unidos. Aportaram em Nova York no dia 3 de março de 1943

com a embarcação parcialmente destruída. Os botes salva-vidas, que

ficavam presos nas laterais do casco, tinham sido completamente

arruinados pela violência das ondas. Mas os homens, embora magros e

abatidos, chegaram sãos e salvos.

Ficaram uma quinzena em Nova York; depois seguiram em comboio por uma rota que passava pelo Pólo Norte (e viram as geleiras e se

maravilharam com o espetáculo dos *icebergs*). Assim avançaram em completa segurança até o porto de Glasgow. O passaporte de meu avô

guarda um carimbo do dia 20 de abril do Escritório de Imigração de

Londres, permitindo a sua entrada na condição de integrante das Forças Polonesas instaladas em Londres. No dia seguinte, Jan Wierzchowski

entrava oficialmente para as Forças Armadas Polonesas, com o número

29301.A.P, servindo no décimo batalhão, Companhia de Engenheiros —

meu avô caía então no grande triturador de destinos e de almas que foi a

Segunda Guerra Mundial.

43.

Jan Wierzchowski recebeu treinamento em Inverkeilor, uma pequena

cidade da Escócia situada a nordeste de Dundee, na costa do Mar do Norte.

Sei muito pouco deste período da sua vida, a não ser que lá permaneceu desde o fim de abril de 1943 até meados de julho do ano seguinte, quando a

sua companhia e o resto da 1ª. Divisão Blindada Polonesa foram levados para a França, enquanto os russos começavam a atravessar a fronteira

polonesa em intensos combates com os alemães.

Em Inverkeilor, os soldados experimentaram longos meses de

treinamento à beira do tempestuoso mar da costa escocesa. Nos dias

nublados, o céu era baixo e inchado de nuvens; à tardinha; um espesso nevoeiro caía sobre tudo, recobrando os alojamentos perfeitamente

pintados, com seus caminhos marcados por pedras brancas sempre

caídas, suas janelas abertas para as longínquas montanhas vermelho-

douradas, as venezianas impecáveis. Nas fotografias que vi, as ruazinhas limpas riscavam perfeitamente as quadras dos quartéis, todos os *beczki smiechu* (umas construções peculiares onde eram alojados os soldados poloneses, de teto redondo, como um grande cilindro partido ao meio e

deitado sobre o solo) eram absolutamente asseados — havia tão pouco a fazer além dos intermináveis treinos que a limpeza do acampamento e a pintura dos alojamentos eram constantemente aprimoradas pelos

soldados.

Nas noites livres e aos domingos, os poloneses passeavam pelas

cidadezinhas da Escócia de braços dados com suas pequenas britânicas,

muitas delas trabalhando como escriturárias do exército ou enfermeiras.

Então conversavam, faziam planos para a paz e terminavam a noite

comendo peixe e batatas fritas. Ah, também tomavam uísque, muito uísque

escocês. Havia, porém, certas madrugadas silenciosas e frias, quando os soldados patrulhavam a costa da

Escócia... (Quase posso ver meu avô Jan parado num promontório à beira-mar, sentindo o vento lambe-lo seu rosto,

um beijo úmido e frio que lhe deixava uma angustiosa saudade de casa.)

Sobre a minha mesa, três fotos de meu avô na Escócia.

Numa delas, ele posa com quatro amigos, todos usando o uniforme da

1ª. Divisão Blindada Polonesa. Na sua manga esquerda, o emblema em

preto e laranja que faz lembrar as grandes asas usadas pelos hussardos poloneses. Na cabeça, a boina negra. Elegantes, estão parados à beira de um

caminhozinho de cascalhos; noutra fotografia, Jan e outros três jogam

cartas sobre uma cama de campanha, dentro do alojamento.

O último retrato sobre a minha mesa é grande e bonito. Jan, à esquerda,

está ao lado de outros dois amigos. Foi tirado provavelmente num dia de folga. “Los Angeles Portrait Studio, 75 Princes Street, Edinburgh, telephone

32659.” A data rabiscada a lápis: “6/11/43.” Meu avô parece tão jovem nesse retrato... Os cabelos estão perfeitamente escondidos pela boina, e seu

rosto anguloso e magro, os grandes olhos sob as sobrancelhas grossas e bem definidas, tudo nele exala confiança e integridade. Estranhamente belo

na sua farda, ele olha para a câmera sem sorrir... Ao seu lado, Józef Sobolewski. Não estavam na mesma companhia nem Sobolewski treinava

em Inverkeilor: tinha sido um encontro fortuito nas ruas de Edimburgo,

talvez por isso a fotografia em sépia tão bonita, feita em estúdio, ao lado de um terceiro soldado cujo nome não consegui descobrir, mas que gosto de

pensar que era Sikora, o amigo com o qual Jan fizera tantos planos de participação na guerra. Decerto estavam felizes: bombas caíam

incessantemente sobre a Alemanha nazista, e a Itália (já livre de Mussolini)

tinha assinado um armistício com os aliados.

44.

O velho na fotografia:

A vida de qualquer pessoa tem seu período de culminância; no retrato,

não. Isso já não me acontece mais; agora, somente a planura deste retângulo de papel, que para mim se avulta como se fosse um mundo. Aqui cabe tudo. Mas naquele tempo era bem diferente. Revendo os anos da ocupação alemã, percebo que seguíamos num rumo muito definido, um caminho que ia dar na tragédia.

O pior aconteceu em 1943. Para o pior avançamos, às vezes em passos lentos, às vezes em desabalada correria, mas não nos dávamos conta. Não

nos dávamos conta porque o ser humano a tudo se habitua, até ao mais brutal sofrimento, desde que ele comece sutil e cresça linearmente; mas não tínhamos escolha. Aquela era a nossa existência, e os alemães não ofereciam alternativa que não fosse a morte. À mínima desobediência, ao mais vago deslize, pagava-se com a vida. Um caminho breve para alguns; porém, às vezes quem pagava o preço eram os filhos ou os pais do suposto

traidor, e então a estrada era dura e terrível. Não nos arriscávamos por isso. Éramos muitos lá em casa.

Mas aquele foi um ano terrível. Em abril correu o boato de que os alemães tinham encontrado uma gigantesca sepultura em Katyn, na Rússia,

e lá centenas de corpos de oficiais poloneses apodreciam ainda com as mãos amarradas e os documentos de identificação dentro dos bolsos dos uniformes. Os alemães correram a espalhar o boato de que os soviéticos tinham chacinado aqueles poloneses, pois então soviéticos e alemães não lutavam mais do mesmo lado; ao contrário, eram inimigos jurados, e as tropas do Reich vinham sendo aniquiladas na Rússia depois de lhe impor muito sofrimento e destruição. Ouviam-se detalhes sobre isso quando se ia

até alguma cidade — as pessoas falavam baixo, num misto de ódio e de espanto. Os corações poloneses já haviam sofrido muito, famílias

dizimadas, aldeias destruídas, morte, morte por todos os lados, e mais não

se podia suportar quando a notícia de Katyn se espalhou.

Hoje eu sei que os soviéticos tentaram pôr a culpa nos alemães pela morte daqueles 4.300 oficiais em Katyn. Mas todo mundo sabia que eles próprios tinham capturado aquelas tropas na invasão de 1939 e as tinham

levado para um campo de prisioneiros de guerra chamado Kozielsk. Nós

conhecíamos os ódios soviéticos, assim como fomos obrigados a conhecer a

virulência alemã, e nos parecia claro que a gente de Stalin tinha feito aquilo.

Mas não se falava nada, era proibido falar. As mortes de Katyn não pesavam

na conta dos alemães, mas milhares de outras, e eles não se importavam em aumentar a conta. Quem fosse pego falando o que não devia ou tocando

em assuntos delicados — pum!, e mais um morto na pilha, e mais uma cova de terra fresca.

Dois meses depois da descoberta de Katyn, quando recebemos por

meios sigilosos a notícia da morte do general Wladyslaw Sikorski, toda a Polônia mergulhou no luto. Precisávamos de cada homem do outro lado da

fronteira lutando por nós, e o general era mais do que isso, era um baluarte,

era uma importante peça da Polônia que se tinha salvado da catástrofe. Ele

resistiu por todos aqueles anos, gritou contra Katyn e contra os soviéticos

porque era um homem da verdade. Não sei se foi por isso que morreu. Diz-se até hoje. Depois que caiu o comunismo, quando eu já estava velho e cego,

Helena trouxe um livro sobre a morte do general Sikorski e o leu para mim.

Ele desapareceu num desastre de avião... Silenciada a sua voz, os aliados puderam apertar outra vez a mão de Stalin e contar com ele para dizimar a

praga alemã. Nós, porém, não tivemos sorte. Do nosso sangue alimentaram-

se aqueles que foram bons e aqueles que foram maus.

Mas a vida seguiu depois da morte do general. Secamos nossas lágrimas

e logo tínhamos os olhos cheios outra vez. O que aconteceu em outubro daquele maldito ano eu não li em nenhum jornal clandestino. Como eu

disse, caminhávamos para a desgraça total, e ela bateu à nossa porta numa

noite sem avisos. Veio com um grupo de ucranianos que trabalhava para os

szwaby... Era uma patrulha deles, talvez uns cinqüenta ou sessenta. Seus vultos se espalharam pela noite em Terebin e destruíram tudo. Lembro, e

ainda me dói a lembrança das luzes que tremeluziam através das

venezianas de madeira, a vermelhidão das tochas e os gritos que varavam o

campo... Eles tinham atravessado a aldeia e queimado tudo o que

encontraram pela frente, e assim vieram dar na nossa chácara. O que

aconteceu naquela noite eu recorde de maneira intermitente, imagens que vêm e que vão. Nada parecido com um retrato, mas talvez com um poema de Byron. Lembro desse poema um trecho.

À luz desesperante, a frente dos humanos tinha

um aspecto não terreno,

se espasmódicos neles batiam os clarões;

alguns, por terra, escondiam, chorando, os olhos,

apoiavam outros o queixo nas mãos fechadas, e sorriam;

Muitos corriam para cá e para lá, alimentando a pira,

e a vista levantavam com doida inquietação para o trevoso céu.

A mortalha de um mundo extinto.

O fogo chegou à nossa casa e fugimos como foi possível, saltando pelas janelas, um puxando o outro. Mas a minha mãe era muito velha e a minha

irmã também (naqueles dias, elas estavam conosco porque doentes, e não

conseguiram fugir a tempo). Também a esposa do Stach e o menino

pequeno. Os quatro ficaram lá para sempre.

Aniela, Józek, Hela e Danusia, Mietek e eu saímos para o mato. Dava para

ouvir os tiros de metralhadoras e os gritos das pessoas ao longe, na luz avermelhada das chamas que consumiam Terebin. Os ucranianos matavam

sem perguntar, de modo que foi um milagre a gente ter escapado.

Ganhamos a estrada e andamos por horas e horas. A nós juntavam-se

outros, e no fim de algum tempo éramos uma espécie de grupo que

avançava sob a luz de um alvorecer terrível. A família se reduzira à metade,

não tínhamos mais nossa casa, e isso era um medonho vaticínio naqueles tempos. Os que morreram pareciam seguir conosco, sob as sombras. O

menino de Stach, eu o sentia muito perto de mim, como se a qualquer momento ele viesse me pedir colo porque estava cansado de tanto andar.

Mas nunca mais ouvi sua vozinha mansa, e ao meu lado a pobre Aniela chorava baixinho, arrastando-se como podia, apoiada em mim. O cansaço

que lhe vinha descia da alma. Perder um netinho de cinco anos... Sei que ela

pensava em Stach; assim também eu gastava meus passos, pensando

naquele filho que havia perdido a família e que ainda não sabia, levado pelos alemães para trabalhar em algum lugar misterioso — talvez nem ele

estivesse mais vivo.

Íamos com as nossas ausências: uma família dividida pela mão dos

ucranianos. Helena chorava, a pequena Danusie ora ia no colo da mãe, ora

no colo de um dos tios. Eu dizia a Hela: “Não chore. Cada lágrima que cai é

um passo que você não dará. Mostre exemplo para a menina.” Helena me olhava, secando os olhos por alguns instantes, mas logo depois seu pranto

voltava aos meus ouvidos, e era preciso admoestá-la novamente.

Eu consegui levar uns zloty na fuga, e assim compramos pão e toucinho numa aldeia que apareceu numa curva da estrada. Mieték carregava o saco

de comida e andava quieto, olhando firme em frente. Lembro que ele bateu

numa casa e pediu leite para Danusia. Explicou que éramos refugiados, que

tinham incendiado a nossa casa, e embora aquela gente provavelmente

nem tivesse direito o que comer, ainda tinha um teto e piedade, e deram uma caneca de leite para a menina. Lembro que quando a manhã já ia alta,

um avião (Józek disse que era um Stuka) passou voando baixo no céu

mesclado de nuvens finas, e eu mandei que Mietek e Józek saíssem da estrada e seguissem pelo meio do campo. Homens fortes e sadios não

podiam andar em meio a bandos de refugiados, pois a qualquer momento

um caminhão cheio de szwaby poderia cruzar conosco pela estrada, e era

sabido que eles recolhiam todos aqueles capazes para carregar pedras e trabalhar para o Reich.

Enquanto caminhávamos, eu pensava em Terebin. Mas Terebin não

existia mais. Eu reparti o pão, e comemos sentados na beira do caminho. Os

olhos de Danusia brilhavam olhando o mundo, e eu tive pena da criança, porque aquele era um jeito horrível de conhecer a vida. Passou outro avião

e vi o rosto de Aniela empalidecer. “Os rapazes estão bem. Fora da estrada não há perigo”, eu lhe assegurei.

“Miejmy nadzieje”, disse Aniela, quando começamos a andar outra vez, fazendo o sinal-da-cruz.

“Sim, tenhamos fé”, respondi tristemente.

Vinte anos antes eu lutara na Primeira Guerra e tinha voltado inteiro para casa. Então fora preciso reconstruir a chácara, mas eu pude criar meus

cinco filhos. Eu tinha trabalhado outros vinte anos na escola agrícola e era

um homem respeitado nas aldeias da nossa região. Mas naquele dia eu era

apenas um velho sem nada a oferecer à esposa, aos filhos e à neta. Por força

das circunstâncias, decidi que seguiríamos para Lublin. Não havia muitas alternativas, as coisas não iam bem em Czestochowa, mas poderíamos

chegar a Lublin, isso se um Stuka não resolvesse bombardear o nosso caminho. Mas a fé de Aniela era um alento, e ao cair da tarde eu lhes disse:

“Vamos para Lublin. Sempre se pode achar trabalho por lá.”

Foi assim que aconteceu. Mais ou menos assim. Posso ter aumentado

uma coisinha aqui, escondido uma outra ali. O tempo tratou de amenizar certas recordações, mas deixou outras vívidas como fotografias. Talvez

algumas estejam rasgadas e seja preciso juntar-lhes as partes e colá-las.

Mas, de fato, hoje elas e eu somos a mesma coisa. E só existimos quando nos solicitam.

Então, quando é o momento, crescem outra vez as chamas sobre

Terebin, e o fogo vermelho, dourado e negro se acalenta até tornar-se insuportável com seu cheiro de carne queimada, e vêm os gritos, e eu sou

outra vez gente e rins e nervos e desespero enquanto corro e forço a tranca

daquele quarto e ouço os gritos, mas Mietek já jogou uma cadeira contra a

vidraça, e Hela está saindo por ali e chama pela filhinha... Depois sai Aniela, e Józek volta lá de dentro com as mãos vazias, e uma parte da casa cai. Não

há mais tempo, e escapamos todos por um rombo aberto na vidraça, e os cacos cortam, mas então já não dói mais.

45.

O cartão tem as bordas verdes e douradas, e no canto esquerdo do seu

miolo amarelado, dois corações entrelaçados e amarrados com uma fita flutuam sobre um ramalhete de rosas cor-de-rosa.

“Desejo-te, querido esposo, Boas Festas e Feliz Anno Novo, e que o próximo anno voltará a nossa feliz e tão esperada união, igual a esses dois corações. De tua fiel esposa, Anna Wierzchowska.”

Invento Anna, sentada à mesa da cozinha escrevendo. Ela, que é de tão poucas palavras, escolhe-as com cuidadosa atenção e vai desenhando as letras no papel. Escreve o cartão com um mês de antecedência, pois soube que o correio tarda muito a chegar, quando chega, e ela não quer que seu

Janek passe as festas sem um alento, sem um beijo desta família tão pequena, que não vive um dia que seja sem rezar por sua saúde, sem depositar um pensamento de oferenda no altar da sua ausência. Anna assina e põe um ponto final, meticulosamente. Depois segura o retângulo de papel e busca o verso do cartão. Escreve ali a data.

“Dia 28 de novembro de 1943.”

E então chama o filho. Guardou um espaço para ele no papel. Chama-o

apenas uma vez. O menino, que está brincando com Ludmilla e com Stefan, abandona a brincadeira e vai até a cozinha. “Sim, mamusia?”, ele pergunta.

Tem agora quase cinco anos e é uma criança de estatura mediana e tez levemente mateada, um tanto magriço, de traços delicados e fácil sorriso.

“Sente aqui com a mamusia”, ela pede, e mais uma vez o pequeno Janeczek

obedece. Pula para o colo farto e segura a caneta entre os dedinhos como a

mãe lhe ensina. “Vamos escrever juntos... É para o tatus. Um presente de Natal.” “Lá na guerra, mamusia? Lá tem Natal?” Ela sorri tristemente e diz:

“O Natal é uma coisa que vai dentro da gente, meu filho. Seu pai ficará muito feliz quando ler este cartão.” Ela o abraça com cuidado, colocando sua mão direita ao redor da dele e diz: “Vamos escrever com letra bem bonita.”

No verso do cartão, a letra a quatro mãos sai um pouco tremida. Mas é a

mesma caligrafia de Anna e diz assim: “Querido paisinho desejo-te boas festas e felis Anno Novo e que o paisinho volte sorrindo com essas palavras

vitória e liberdade. Aceite essas poucas frases de teu querido filhinho Joãozinho.”

“*Tak*, ficou muito bonito, Janeczek”, diz Anna, contemplando o cartão.

O menino sorri com orgulho.

Ela então acomoda o cartão num envelope, escreve ali as coordenadas

que lhe foram passadas por um funcionário do Consulado. Depois a cola sobre a borda do invólucro de papel, e o cartão-postal desaparece no seu casulo. “Amanhã mesmo, Janeczek, vamos pôr isto no correio.”

“Amanhã mesmo, mamusia”, repete ele, subitamente feliz.

46.

Um dia na vida de Józek.

(1944, campo de concentração de Majdanek.)

É maio e ele sente o sol queimando sua pele, entrando pelos furos da jaqueta suja. Sob seus pés, o barro finalmente se solidificou e ele pode andar sem resvalos, sem tombos, sem as chibatadas do kapo que se divertia

com os escorregões na lama, com o sangue escorrendo das costas

esquálidas dos homens-escravos vestidos de listas e seus triângulos verdes,

vermelhos, amarelos, roxos e pretos.

Este calor intensifica o cheiro, a terrível fetidez que sobe da chaminé, mas ainda assim ele agradece o calor que da terra se levanta, aquecendo sua carne macilenta, fornecendo um pouco de energia ao seu corpo. Depois

de quatro meses de inverno, andando sobre a neve negra de lama,

trabalhando dez horas por dia debaixo da chuva e do vento, as mãos duras

de frio, o rosto ferido pelo ar do inverno, três horas em pé para as chamadas, dez horas em pé por punições inexplicáveis a cada dois pares de

dias, ah, não, mais uma semana de inverno ele não agüentaria... Quantos dos amigos viu morrerem aqui nessa *Knochenmühlen* no inverno que passou?

O kapo grita com os homens. É preciso andar mais rápido, andar mais rápido e não pensar. Acima de tudo, não pensar. Concentra-se no passo do

companheiro; há um ritmo para esse passo, um ritmo certo, nem lento

demais a ponto de o kapo estalar seu chicote, nem tão rápido que não se possa chegar até o fim do dia. Sim, aqui só se vive um dia. Um dia de cada

vez, e ele está aqui há cinco meses. Cinco meses, uma outra vida, uma não-

vida. Faltam-lhe alguns dentes, seus cabelos são raspados uma vez por semana, ele está magro, sujo e doente dos pulmões, mas resiste. Dos que vieram com ele, presos em Lublin no último dezembro, somente oito ainda

estão vivos. Eram mais de duzentos poloneses não-judeus, participantes da resistência ou colhidos ao acaso como ele, preso numa manhã junto com o cunhado, quando tentavam conseguir comida no mercado negro.

Ele avança, arrastando seu fardo. Desta vez é um corpo grande e pesado.

Ele agradece quando o carregamento é de homens, porque carregar

crianças (aqueles corpinhos tênues, aqueles rostos brancos, colhidos de susto e de horror), carregar crianças neste verão, sob este céu de azul tão

vivo... Entra no crematório, e os tamancos de madeira ecoam seus passos no chão de lajotas. Num movimento combinado, o corpo cai na gaveta. Ele e

o companheiro, um polonês judeu do gueto de Varsóvia, não se olham. Eles

não sentem nada. Carregar mortos para o crematório é o que fazem pela manhã e à tarde. E para isso, para isso é preciso não pensar.

Józek sai andando, o outro segue logo atrás. Józek é mais alto, mais forte,

bem cotado no quesito sobrevivência, foi somente uma vez para o hospital,

em março, com pneumonia. Ainda respira com dificuldade, as febres lhe vêm à noite, sem aviso, mas ele resiste e silencia. A doença é o começo da

morte aqui. Depois da primeira estada no hospital, eles fazem uma marca

na sua ficha, e na próxima seleção você vai. Józek viu isso acontecer com

Michal Sobarek e com Skiba, mas com ele não. Ele aprendeu. Cinco meses em Majdanek são cinco meses nascendo a cada dia.

Sai outra vez para o campo, vê o sol lambendo a terra seca e triste, vê os

Compostos ao longe, tristes prédios quadrados sob o sol de verão. Os homens vão e vêm, homens como ele, com esse terrível traje listado, a cabeça nua e os olhos vazios. Józek sorri; às vezes lhe acontece de sorrir.

Carrega mortos, e isso é engraçado porque nunca gostou dessas coisas, e quando queimaram a avó e Aniela e o filhinho de Stach em Terebin, ele não

voltou lá para ver, ele fugiu para a estrada sem ajudar o pai e Mietek. E agora está aqui, rodeado desses mortos com suas bocas arreganhadas e suas línguas. Um caminhão passa pela estrada ao longe levantando uma esteira de pó vermelho. Vem da cozinha e traz a comida para a gente que trabalha no Composto VI.

O kapo torna a prestar atenção nele e grita alguma coisa em mau

alemão. É um polonês, um polonês não-judeu como ele, que caiu nas graças

de um oficial e agora sacode o rebenque contra seus patrícios. Mas Józek não sente raiva, não deste cão que o impele ao trabalho. É um capacho, e a

uma ordem, a um dedo ariano que se levante, também ele irá para o forno e

desaparecerá para sempre deste mundo miserável.

Ergue outro corpo (com esse pode sozinho) e avança pelo caminho de

terra. Segue com os olhos postos no prédio, na porta de ferro, essa boca faminta de cujo arroteo o ar está empestado. Acabou ali por um azar. Antes

estava em outro Composto e trabalhava na *Steyr-Daimler-Puch*, a fábrica de munições. A mesma fome, a mesma miséria, o mesmo beliche dividido

entre dois, às vezes três. Mas aí Stefan tentou fugir e eles eram amigos, eles

conversavam sobre a vida de antes e dormiam em camas vizinhas. Assim os

szwaby o levaram para o trabalho do crematório. Uma represália leve, pois

outros poloneses haviam sido torturados e enforcados, e o próprio Stefan

morreu com um tiro no meio da nuca e teve o corpo queimado na praça do

campo.

Outra vez os seus tamancos repicam no chão do crematório. Faltam poucos desse carregamento. Judeus da Holanda, dois mil deles, e a chaminé

funcionou o dia todo. Mas ele não pensa. No começo pensava. À noite não

dormia por causa dos pesadelos. Gritava, acordando os outros presos do barracão, e ainda apanhava

umas lambadas do kapo. Até que Woku lhe

disse: “Estou aqui há oito meses, vi queimarem os judeus de Varsóvia, os judeus de Lublin, os judeus de Chelm. Não pense que são gente, pense que

são nabos. Eles já morreram, mas você não. Por isso é preciso pensar que

são nabos.” E era isso que ele fazia.

Soa a sirene. A hora do almoço chegou. A sopa rala, sem gosto, e meia hora de descanso. Józek sai do crematório e entra na fila. (Subitamente, queria gastar esses minutos ao lado de Wladek, como se Wladek fosse seu

único vínculo com o mundo.) Não mais viu o cunhado desde que o

transferiram. Mas sabe que Wladek está vivo, porque Wladek não se

deixaria matar. Esta é a segunda vez que o prendem, da primeira vez, em 39, ele fugiu depois de um ano e meio. Daqui, porém, não é aconselhável fugir. Claro que ele poderia tentar isso, se conseguisse se evadir do campo

talvez comprando um civil da fábrica, e então tomaria a estrada para Chelm, pediria guarida na casa de um patrício, trocaria de roupa e sumiria

no mundo. Mas os szwaby, quando não matam o prisioneiro fujão, mandam

buscar seus pais e os enfiam no campo. Assim, Majdanek é perto demais de

Lublin, e ele não pode se arriscar a isso. O pai e a matka não durariam um

mês. E é também por isso que Wladek não foge, por causa de Hela e da menina. Somente por causa delas, pois Wladek tem amigos que poderiam

ajudá-lo.

Estende a pequena cumbuca e recebe a sopa. Não há colheres. Até nisso

são como animais — ele busca um canto de sol, ali toma o seu litro de caldo

ralo e gorduroso, depois enfia a mão na cumbuca e pega os pedaços de batata que ficaram grudados no fundo. Enquanto come, Maciej, que já

devorou sua ração, senta-se ao lado dele e diz: “Duas notícias, uma ruim e

uma boa.” Sem esperar que Józek pergunte qualquer coisa, Maciej Kofman continua: “Kalbarczyk morreu esta manhã.” Józek pensa: mais um.

Kalbarczyk foi pego junto com ele. Ele tinha mãe e esposa, mas talvez elas

já estejam mortas e nada mais importe. Em outra época, faria o sinal-da-cruz. Agora somente raspa o fundo da cumbuca, sente um queimor na boca

do estômago, mas pode ser apenas que a sopa esteja estragada. “E a outra notícia?”, ele pergunta. Maciej baixa a voz um tom e acrescenta: “Os russos estão chegando, é o que dizem por aí.”

Józek limpa as mãos na calça de listas. Essas mesmas mãos de carregar mortos, pensa ele com um fio de esperança. Tem medo dessa esperança e não ousa retribuir o olhar de Maciej. Aqui não se espera. Aqui não se pensa.

Nabos. Somos todos nabos.

“Se os russos chegarem, os szwaby vão ter que enfiar o rabo entre as pernas e fugir daqui”, diz Maciej, rindo baixinho.

“Antes disso, passaremos todos pela chaminé”, ele responde, imediatamente irritado consigo mesmo. Até esta resposta é uma esperança disfarçada, e ele não quer esperar. É injusto com essa fome que lhe rói as tripas, e pensar nos russos é também pensar na mãe e no pai, nos irmãos — mas quem saberá se eles ainda estão vivos?

Soa o sinal outra vez, e o kapo recomeça a sua gritaria. Bando de asnos, seus borra-botas, seus merdas, ao trabalho. Levantem esses rabos do chão que Majdanek está com fome. Vamos, seus malditos!, ecoa a voz do kapo como uma cantilena que paira no ar imóvel da tarde.

Józek se ergue e segue para o trabalho. *Os russos estão vindo com seus tanques. Entra no segundo dos dois compartimentos de gás. Os russos vêm derrubando tudo pela frente.* É ali que busca a sua carga, enquanto lá fora a maldita voz do homenzinho polonês segue com as suas imprecações. Ele se agacha: mais um corpo, o primeiro dessa pilha que não diminui. Eles vêm e vão jogar bombas aqui. É possível que morramos todos. Ele acomoda o peso sobre a omoplata direita. Ele deixa escapar um sorriso. Curto.

Levíssimo. Mas se os russos estão chegando...

DWA

Si fueras tu nieto y yo fuera mi abuelo

Quizás, tu contarias mi história (...)

Dos generaciones menos

Dos generaciones más

Fechas, tan solo fechas

Yo estoy aquí, tu estabas allá.”

El pianista del gueto de Varsóvia, Jorge Drexler

(1944, seis anos antes da morte de Janeczek.)

Anna joga o corpo no sofá sem tirar o casaco e as luvas. Diz à irmã: “O

dinheiro não chegou, Milla. Eles falaram: volte semana que vem, essas coisas não são tão simples assim, existem os bombardeios, e os poloneses

morreram às dúzias em Monte Cassino. Tchou, tchau.”

Depois suspira, e quase gosta da incredulidade no rosto de Milla, porque

parece que a guerra não existe para ela, e quando lê as notícias sobre a Normandia e os milhares de homens mortos, e as bombas, e o susto que os

malditos alemães tomaram, ela se persigna e diz: “Tenho certeza de que Janek vai voltar com uma medalha, Annia, tenho certeza!”

O que sabe ela de guerras? O que sabe de medalhas? Pois Anna quer é

que seu marido volte, que volte inteiro, não sem um pé ou uma mão. Não

sem a alma. (Nesse momento, Janek coloca a boina negra, ajeita-a sobre a

cabeça. Olha em redor. Não há mais nada sobre a cama de campanha, só a

luz mortiça que entra pelo vidro da janela. Na manga esquerda do uniforme

está escrito: “Poland”. Ele passa os dedos pelo tecido, acomoda o casaco sob

o cinturão. Então está tudo pronto, os caminhões já vão partir para a Inglaterra. E de lá, de lá para onde?)

Anna gostaria que o marido não tivesse ido, mas foi e perdeu-se nos silêncios que vêm da Europa.

Porque nas manchetes do jornal não se fala em Janek. Não há uma única referência

pessoal nas manchetes do jornal. Tudo acontece aos milhares. Homens morrem aos milhares, alemães se rendem aos milhares, travam-se milhares

de batalhas na região de Arroumanches. Não, nada de pessoal.

“Agora vamos costurar”, diz Anna à irmã mais moça. “Costurar para viver. Tenho um filho pequeno e não posso ficar esperando um soldo que nunca vem. Os ingleses estão longe demais e têm problemas demais para se ocuparem com uma penca de donas-de-casa que precisam comprar batatas e leite nos confins do Brasil.”

A outra parece subitamente espantada: “Mas se Janek não gostava, Anna? Você vai costurar para fora?”

Anna entrega a Milla um sorriso cansado. Busca uma sacola que trouxe e tira dali um corte de lã e outro de veludo. E linhas, e uma caixa de agulhas. Por sorte, tinha encontrado pani Stanislawa ainda no dia anterior, e ela lhe falara de um vestido que precisava fazer para um batizado. Anna levanta o rosto e vê que Milla ainda espera uma resposta qualquer. A irmã às vezes age como uma tola. “Talvez o casamento a ajude”, pensa (e logo depois se arrepende). Voltou cansada da rua. Faz dois meses que o soldo de Jan não chega, e ela tem quase vergonha de mexer outra vez no dinheiro que ele deixou na Caixa Econômica Federal.

“O que foi, Milla?”, pergunta finalmente. “Parece que nunca viu um corte de tecido.” Toca a lã e seus dedos experientes sentem a maciez da trama.

“Uma lã muito boa, difícil de se conseguir nestes tempos de guerra.”

“Mas o Janek não queria que você costurasse para fora”, repete a outra.

“Ele deixou dinheiro no banco e tudo mais. Ele disse, eu lembro bem: não costure para fora, Annia.”

Milla pronuncia a última frase com uma voz grossa que provoca um sorriso em Anna. Ela larga o corte de tecido sobre a poltrona.

“Quando você se casar, verá que nem sempre se pode obedecer a um

marido. Agora vá lá dentro e traga papel e lápis. Vamos passar as medidas

de pani Stanislawa para o molde.”

A outra dá de ombros e faz menção de seguir pelo corredor no rumo do quatinho de despensa que a irmã também usa como sala de costura. Mas

Anna se adianta: “Milla!”

“O que foi?”

“Eu não posso ficar tirando dinheiro do banco todo mês. Não há

dinheiro lá para muito... Janek não ganhava um bom salário.”

A outra sorri tristemente: “O soldo logo vai chegar, Anna. E a guerra não

dura muito mais, não se preocupe.”

“A guerra pode durar anos. Leia os jornais. Os soldados estão morrendo

em toda a Europa, milhares deles... Os poloneses morreram em Monte

Cassino, Milla. Janek não estava lá, eu sei, era outra divisão. Mas mesmo assim...” Ela sorri para a irmã.

Vê naqueles olhos pequenos um brilho de medo. “Mesmo assim, é preciso que eu aprenda a cuidar da minha vida. E

da vida de Janeczek. Espero que você entenda.”

Milla desvia o rosto e vê as próprias mãos cruzadas sobre o ventre

saliente, a aliança fina de noivado esperando no dedo anular direito.

(Jan pula para o caminhão e se acomoda entre Tomek e Cobas. São

centenas de caminhões e alguns navios. Cerca de 15 mil homens se

deslocando para o sul da Inglaterra. Mais do que isso ele não sabe. Ele não

sabe e não quer saber. O sol banha seu rosto, faz um calor úmido, e para o

norte o céu está encoberto. Ele dá uma última olhada para o acampamento.

Vai sentir saudades da Escócia. Agradece pelo céu encoberto, assim não haverá bombardeios... Ele não quer morrer no caminho.)

Milla gira a aliança entre os dedos por alguns momentos, ponderando

sobre o que Anna lhe disse. Depois ergue a face e diz: “Desculpe. Eu entendo. É que às vezes gosto de fingir que Janek vai chegar a qualquer momento.”

“Sua boba”, replica Anna. “É preciso parar de fingir. Não estamos vivendo uma vida de faz-de-conta. A propósito, mandei fazer uma placa.”

“Uma placa?”

“Para a frente da casa. Anunciando meus serviços de costura.”

Milla faz silêncio por um instante, e por fim diz: “Nossos serviços de costura. Estou aqui junto com você.”

“Dziękuję. Obrigada, irmã”, diz Anna, segurando-lhe a mão.

Ela sente um aperto no peito, e é um misto de alegria e de medo. Medo

por Janek, pelo turbilhão de coisas que a vida joga em cima dela. Medo pelo

silêncio, esse três meses sem uma carta e tanta coisa acontecendo na França. Mas também alegria, porque finalmente vai fazer alguma coisa além

de esperar. E Milla a ajudará. Sim, é bem verdade que a irmã tem um temperamento estranho, indócil às vezes, mas é de boa têmpera. Por fim, bate com as mãos nos quadris, como que para afastar a súbita nostalgia e

todo esse silêncio. Milla ainda a olha, esperando.

“Pois bem, diga-me: cadê o meu menino?”

“Dormiu faz pouco, Anna. Estava meio abatido.”

Parece que a vida a cerca por todos os lados; mas não, ela não vai se render. Também trava as suas guerras. Sem bombas ou fuzis, mas são as suas guerras. Sorri e seu rosto pálido se ilumina um pouco.

“Então vá lá e

traga papel e lápis. Vou espiar o Janeczek e depois passamos as medidas da

pani Stanislawka para o molde.”

Milla se afasta no rumo da cozinha. A salinha de despensa e costura fica

adiante, quase no quintal.

(O primeiro caminhão arranca. E outro e depois outro. Os homens

seguem em silêncio. Do outro lado da carroceria, Jan vê Maciej tirar um baralho do bolso e abrir um sorriso. “A maior carta vale uma libra”, diz ele.

E depois acrescenta: “Vamos lá, pessoal. A gente não sabe se vai estar vivo

amanhã!” Os homens deixam escapar risos nervosos, alguém joga uma libra

aos pés de Maciej. Jan vira o rosto e vê o céu tingido de azul e cinza que se esconde nas montanhas ao longe. Desta vez, não tem vontade de apostar.)

Sozinha, Anna se apóia na mesa, pois subitamente se sente fraca. É

sempre isso. O medo e a euforia. Às vezes, quase pode ouvir a voz de Janek

vindo do portão. Às vezes, imagina-o morto. É certo que ele está na Normandia — onde mais haveria de estar uma divisão com milhares de

homens? Lembra-se das coisas que leu no jornal do dia anterior. Navios que estouraram sobre minas enterradas no fundo do oceano. Duzentos mil

soldados empoleirados nesses navios.

“E Janek não gostava que eu costurasse para fora”, pensa ela

tristemente. “Ah, mój kochany Janek.” Agora ela vai ver o filhinho, esta é a

sua guerra. Janeczek, seu amado Janeczek é a sua luta cotidiana... Talvez seja a falta do pai, pensa ela, enquanto segue silenciosamente até o quarto

onde o menino dorme. Mas, no fundo, sabe que não. E talvez seja mesmo tempo de levar o filho ao consultório do doutor Olszewski.

(1944, uma semana antes de Jan

desembarcar na Normandia.)

A noite desce lentamente sobre o acampamento, as árvores e os balões

de camuflagem filtram as últimas luzes do dia. Tudo parece um grande circo aos olhos de Jan, como o pátio de brinquedos de uma criança grande

demais. “Talvez essa criança seja Deus”, pensa ele, mas logo faz o sinal-da-

cruz — pensamentos como este é que envenenam um homem. Mas a

inexistência de um deus justo é comprovada pelas notícias daquela guerra.

Se Deus existe, estariam morrendo as pessoas aos milhares? E mesmo que

o deus dos judeus e o deus dos poloneses não seja o mesmo, estariam dois

deuses assim tão infelizes com seus respectivos povos? E ainda mais, pensa

Jan enquanto caminha pelo gigantesco acampamento, teria Deus criado o

homem, e todos os filhos do homem, até mesmo aquele filhote hediondo que era Adolf Hitler?

Contorna uma das grandes tendas de campanha Nissen e admira a sua excelente engenharia, passando a mão pelos blocos de concreto reajustáveis, olhando as folhas de ferro que compõem o teto. Um dia um engenheiro teve uma idéia como aquela (teria sido esse engenheiro um homem temente a Deus?, pergunta-se ele). Era uma idéia genial, mas uma idéia que ele próprio poderia ter tido se não fosse obrigado a ficar serrando portas de armário para alimentar a família. No entanto, era uma pena que tudo isso se construísse para matar e para se sobreviver à morte; mais do que de concreto e de idéias, era disso que a guerra era feita. De morte. De ausência e de solidão. Assim, se houvesse realmente um Deus no céu, por que teria ele permitido aos homens a guerra? Talvez pelas rezas, pelos pedidos de clemência? Sim, pensou Jan, era na guerra que os homens chamavam por Ele. Na hora da morte chamavam por Ele, e naquela guerra morriam centenas, milhares de homens diariamente.

(Anna acorda assustada. No silêncio da casa, o choro fino de Janeczek voeja como um pássaro. Ela levanta, calça as chinelas e corre até o quarto

do menino. Ele está sentado, esfregando as mãozinhas no rosto. Na cama ao lado, Milla dorme, e Anna já não tem mais certeza se o menino chorou ou se ela apenas pressentiu o seu choro. Toca a testa do filho, a pele está quente.

No escuro, beija-lhe a cabeça e toma-o nos braços. “Vem, vem dormir com a mamusia. Eu vou fazer uma compressa em você e o dodói vai passar.”)

Jan vê os homens reunidos em pequenos grupos, ou sozinhos, quietos.

Cada um gasta suas últimas horas como quer ou consegue. Ele sente uma súbita e intensa saudade de Terebin. A casa na Polônia, a presença

longínqua e acolhedora das montanhas, o fogo sempre ardendo na velha

cozinha de Aniela — tudo isso pulsa dentro dele junto com o medo e a vontade de seguir para essa guerra e destruir os alemães. “Szwaby filhos-da-puta”, geme baixinho. Seu peito é um emaranhado de emoções

ambivalentes e de músculos; odeia os alemães ainda mais agora, depois desse ano inteiro de treinamento,

convivendo com tantos outros, homens com família e filhos que só diferem dele porque não tinham emigrado antes

de Hitler avançar sobre a terra polonesa. Homens que viram e viveram tanta coisa, e que contavam de matanças, de fuzilamentos, de incêndios, de

saques, prisões, criancinhas mortas sob o olhar das mães. Era para devastar

e destruir que os malditos szwaby tinham atravessado a fronteira com seus

Panzers e suas metralhadoras automáticas. Por isso é que sente ódio, e é

esse ódio que o impele, foi esse ódio que segurou junto com ele a caneta e escreveu para Annia aquelas poucas linhas respingadas de angústia, talvez

o seu derradeiro adeus. Suspira. As vozes baixas dos homens ecoam através

dele como se fossem zumbidos de insetos, como se fossem chuva. Estranho

que não sinta nada que não seja ódio, tudo o mais escorre por ele sem tocá-

lo — a não ser essa saudadezinha de uma Terebin perdida no tempo.

Contorna um grupo de soldados que empilham caixas de munição. Logo

irão carregar os navios. Eles partem à meia-noite. Seguirão pelas águas do

Canal, silenciosos como fantasmas. Mas a mais terrível viagem já foi feita pelos outros em junho. As águas agora, com exceção de possíveis minas e

torpedos, estão livres dos alemães. É na terra que eles esperam, e lutam e

matam. “Amanhã”, pensa Jan, e apressa o passo para juntar-se a um

determinado grupo de homens que conversam perto de uma tenda de

campanha. Jan sorri para eles. O mais alto do grupo acena-lhe. Esses oito homens seguirão juntos. Parte da décima unidade, e o seu destacamento (Jan está no 10º Batalhão de Engenheiros) vai ser embarcado no *Poiron*. O

destino é uma praia na França de codinome *Gold*. Ao fundo, os tanques Sherman, Cromwell e Stuart estão enfileirados, um ao lado do outro em perfeitas colunas num total de 381 blindados que serão embarcados nos navios do comboio. Parece uma grande loja ao ar livre. Se isto já é impressionante — todos esses milhares de homens, tanques, jipes e

caminhões ao longo da enseada sob o céu do entardecer — o que terá sido

o dia anterior à partida para a Normandia, em junho? Comenta-se que toda

a Inglaterra meridional se transformou num imenso arsenal. Soldados, barcos, tanques anfíbios, blindados aos milhares e até mesmo locomotivas, escondidos todos nas florestas inglesas.

“Talvez Janeczek nem se lembre mais de mim”, pensa Jan. As vozes dos outros chegam aos seus ouvidos entrecortadas pelo barulho dos tanques e

jipes que seguem para o embarque. Mas não pode pensar nisso agora, no menino que não vê há um ano e meio. Também é por ele que vai, para dar-

lhe um futuro. Para que não conheça o que conheceu a pequena Danusia, a filha de Hela. Mas também, conclui Jan, ninguém saberia dizer-lhe se a irmã

ou a sobrinha ainda vivem depois de todos esses anos. Perto dele, alguém

grita: “*Polska!*”

Jan repete: “*Polska.*”

Agora ouve perfeitamente a conversa do grupo. Falam de Varsóvia. Do

general Bor. É Leon quem conta, os outros bebem as suas palavras. Cobas

acende um cigarro. Com seus uniformes, os rostos camuflados, parecem

todos figuras de um estranho sonho. Mas tudo isso parece um estranho sonho, como aqueles que acordavam Janeczek no meio da noite, fazendo-o

correr para os braços da sua mamusia. Jan acha graça das suas idéias embaralhadas. Do absurdo de tudo, da superficialidade e da grandeza de tudo. Cada um daqueles homens estava dando o que tinha para dar.

“Jan, venha aqui.” É a voz de Leon Hertz que o chama.

Jan percebe que traz na mão o saco com as pílulas contra enjôo e a bolsa

para vômito. Todos receberam um desses para a travessia, mas o céu

sereno parece indicar que o mar não trará perigos. Tira a mochila dos ombros, guarda os apetrechos num dos bolsos e acomoda-a nas costas

outra vez, depois caminha até Leon.

“Diga, tenente, o que aconteceu?”, pergunta em voz baixa.

O homem de rosto magro sorri para ele. Sob a camuflagem brilham os

olhos de Leon. É alto, bem mais alto que Jan, e por isso olha-o de cima quando diz: “Nossos patrícios se

rebelaram. Varsóvia inteira! Acabei de receber notícias do próprio Koszutski. Está dando na rádio de Londres. O

general Bor os incitou a se levantar contra o invasor. Os nossos patrícios, a

gente da *Armia Krajowa* está lutando contra os malditos hitlerowcy! E eles vão vencer, Jan. Vão expulsá-los de Varsóvia, são quarenta mil almas

lutando!”

Um oficial solta um urro. Outro grita: “*Polska Walczaca!*”

Cobas traga seu cigarro e diz: “Contra as armas, as leis são mudas. A

coisa deve ser é olho por olho, dente por dente. Agora eles vão experimentar a força dos poloneses!”

Jan escuta sem dizer nada.(Tudo então acontece ao mesmo tempo.

Roma é outra vez terra aliada. Bombas voadoras caem sobre Londres. Os russos estão em frente ao Vístula travando batalhas com os alemães. A rádio de Londres não pára de dar notícias.) E agora a gente de Varsóvia luta. A gente corajosa de Varsóvia. E ele ali, prestes a pisar o solo da França e marchar no rumo da Polônia.

Diz Leon: “Eles vão lutar de casa em casa. Eles vão combater em cada rua. Pela liberdade da Polônia.”

“Pela liberdade da Polônia”, repete Jan, lentamente. “Contando com a

ajuda dos russos.”

“Não há o que temer”, opina um outro, de nome Kaminski. “Os russos

estão perto. Ajudarão. Mas Varsóvia vai ser libertada é pelos poloneses da

resistência.” E dá um urro: “São gente corajosa como os santos!”

Jan tira do bolso um maço de cigarros e acende um. A fumaça entra pela

sua boca como uma espécie de alívio. Há algo de concreto nessa fumaça, ela

o acalma. Olha em redor e vê a movimentação ensurdecadora dos tanques,

caminhões e jipes. (Anna torce o lenço molhado e coloca-o sobre a testa febril do filho. Ele agora dorme mais tranqüilamente, pois a febre começou

a baixar. Com a mão livre, Anna puxa o cobertor de penas até a altura do

queixo do menino. O inverno nunca lhe fez bem, conclui ela, no silêncio do

quarto. Depois torna a mergulhar o lenço na tigela com água fria. Às vezes

Janeczek é tão parecido com o pai... Alguma coisa nos traços, nos pêmulos

salientes, uma semente de brilho nos olhos. Mas não assim, doente e frágil.

(Pelo que pode se recordar do marido, nada há de frágil no seu rosto bonito.)

Jan vê centenas de soldados carregando material e sargentos fazendo

listas de chamada; alguns homens lêem em meio ao turbilhão e outros

rezam. A gente de Varsóvia vai para a luta somente com a sua coragem. E

ele se sente mais sozinho do que nunca com todos os segundos e minutos e horas que estão por vir. Um dia, talvez conte ao seu menino sobre tudo isso... Mas logo muda de idéia: é um destino desgarrado, o dele e o desses

homens. Jamais contará isso ao filho. Jamais. É preciso enterrar cada minuto desses dias sob uma pá de cal, como os alemães fazem com os mortos das cidades dizimadas. “Porque esses são dias dizimados”, pensa Jan. O que quer que viva da próxima hora em diante, ele haverá de esquecer

se um dia sair vivo da guerra.

Ouve uma sirene tocando. É o sinal. Vê Leon Hertz se afastar em busca

dos seus homens. Vão realizar um ofício religioso antes do embarque com a

presença do general Maczek. Jan faz o sinal-da-cruz pela gente de Varsóvia,

depois segue junto com os outros para ouvir as palavras do capelão.

(1944, travessia do Canal da Mancha.)

Tem um comando sob suas ordens. Todos estão sentados no fundo do

barco, cruzando as águas cinzentas do Canal. Mas há estrelas no céu. E

como o céu está bonito, cisma Jan. Anna gostava de olhar as estrelas antes

de dormir e ficava alguns instantes no pátio quando havia lua. Ainda lembra dela sob a parreira, enrolada no seu chambrezinho azul, os cabelos

claros soltos dos grampos, os olhos postos no céu, talvez à procura de uma

resposta para as perguntas que jamais formulava.

Agora a lua está, pensa Jan, mas não ela, a sua Anna. Sempre tão boa, zelosa. Sentado no barco, ciente de que aqueles homens atrás de si são sua

responsabilidade, ciente de que muitos vão morrer sob o fogo inimigo ou desmontando minas ou construindo pontes, pois são sapadores do 10º.

Batalhão de Engenheiros e abrirão caminho para a passagem segura das tropas da 1ª. Divisão Blindada Polonesa — ciente de tudo isso, e da grande chance de ele mesmo morrer sangrando de um ferimento de mina, Jan experimenta um vago remorso por um ou dois amores que roubaram de Anna o seu pensamento e o seu corpo. Nem lembra mais os nomes... Um rosto de mulher, anáguas, um perfume. Tudo isso passou como um sopro, e somente ela, a sua Anna, somente ela, que o esperava à noite com a comida pronta, que o abraçava e se dava a ele no escuro silencioso do quarto, somente ela importa realmente. Ela vai com ele através daquelas águas, singrando a madrugada ao seu lado. Como uma espécie de anjo. Como um aviso de que ele deve retornar.

O navio de baixo calado balança ao ritmo das ondas. Um dos homens geme, emite uma espécie de lamúria. Jan se levanta, contorna um grupo de soldados, aproxima-se e diz: “Tome dois comprimidos, Sowo. Isso logo melhora.”

Outros barcos passam ao largo. Um cruzador inglês, duas belonaves canadenses. É junto dos canadenses que os poloneses vão lutar após o desembarque. Foram incorporados ao 2º. Corpo do 1º. Exército Canadense antes de partirem de Aldershot. Jan os admira, acompanhou-os nos lentos dias do acampamento na costa inglesa. Os canadenses são ágeis, não pensam tanto como os ingleses, agem com precisão. Agem com equilíbrio. É para as tropas canadenses que Jan e seus homens e todos os outros comandos do 10º. Batalhão vão abrir estradas, construir pontes, limpar os caminhos e desvendar o emaranhado das sebes normandas.

No mar em derredor flutuam restos dos trajetos que foram demarcados no dia da invasão. Bóias gigantescas passam por eles como se fossem estranhos peixes coloridos.

(Anna agora está na cozinha, aqueceu a água e fez um chá bem forte.

Fica remexendo a colher no líquido âmbar. Perdeu completamente o sono,

mas assim é melhor. Pode controlar a temperatura de Janeczek. Amanhã

vai levá-lo ao hospital. Tira a colherzinha da caneca, joga-a na pia e senta-se à mesa. Vai alinhar o casaco de pani Weryn. Afinal de contas, sempre é bom aproveitar o tempo. E ela gosta das madrugadas, sente-se pacificada nas madrugadas, esse interlúdio entre os dias e seus mistérios.)

Ao largo do navio passam restos de embarcações destruídas, um cantil

balançando na espuma de uma onda. Jan desvia os olhos. Muitos morreram

naquelas cinco praias. “*Gold*”, diz baixinho. Um nome bonito para uma praia. Sorri, pois *Gold* é um bom nome para selar um destino. Mas ele não

vai morrer naquelas areias, ele vai desembarcar em Arromanches e vai seguir em frente. Viu um mapa do capitão Kosalwski. Lá estão os ingleses e

os americanos. A região costeira não guarda problemas, mais um

acampamento, talvez um ataque aéreo ou outro. E depois a marcha para o

interior. Entre as sebes onde um tanque alemão pode se esconder, ou onde

duas fileiras inimigas podem marchar lado a lado sem se encontrarem, até

que... Jan dá de ombros. Estudou durante um ano inteiro. Treinou durante

um ano inteiro em Inverkeilor. Agora sopra um vento frio, e ele puxa as bordas do capote, escondendo as orelhas. No mar, as noites se esquecem do

verão.

Um soldado começa a vomitar. Dois ou três homens gritam: “Sai pra lá,

Skin! O balanço do barco vai espalhar o seu maldito vômito!”

“Não quero desembarcar fedendo feito um szwab, Skin!”, graceja outro.

Jan se aproxima do rapaz — é um jovem alto, loiro e de traços

nitidamente eslavos. Enquanto o observa, o soldado é outra vez tomado por

uma ânsia e se contrai, dobrado sobre o estômago.

“Cadê o seu saco, soldado?”

“Está cheio, sargento.”

Jan lhe dá um tapinha amigável nas costas, garantindo que dará um jeito na coisa; depois atravessa o convés repleto de homens que dormem, conversam e cantam, encontra um balde para incêndio, joga a areia no chão e volta até onde ficou o rapaz. Diz: “Tome, use isto.”

Afasta-se e procura um lugar para se sentar. Tudo o que quer é silêncio.

Ao seu lado, um cabo lê a Bíblia. (A agulha entra e sai do tecido sob a luz vaga da lâmpada. Anna costura pensamentos e flanela. Costura angústias.

Ouve um resmungo vindo do quarto. Com certeza é o menino... Deixa de

lado o trabalho e corre até lá.) Jan espia discretamente as páginas da Bíblia

sob a luz baça da noite enluarada. *Deus. Irmãos. Reino. Salvação.* Sim, gostaria de ler a Bíblia, gostaria de sentir que não estão indo sozinhos para

a faixa de terra que fica além de toda essa água. Pois agora atravessam a

escuridão e tudo que podem ver são barcos menores que seguem o mesmo trajeto, no rumo das praias normandas.

Perto dali, o jovem soldado ainda vomita, abraçado ao grande balde

como se a sua vida dependesse dele. Jan sente pena. Mas o coitado não devia ter comido tanto. Tinham servido pierogi antes da viagem, como um

presente para as tropas. E quando se tem 18 anos... Ele próprio tem 32, mas

já se sente muito velho. Comeu pouco antes de embarcar, porque se

lembrava bem da viagem para Londres, quase dois anos antes. As

Bermudas e as tempestades em alto-mar. A contragosto, mas com pena de

Skin, levanta-se e vai até ele. Tira do bolso um pacotinho e diz: “Tome isto

com um pouco de água assim que ficar uns minutos sem vomitar.”

O outro agarra o pacote com a mão trêmula.

“Dziękuję”, agradece, e seu rosto pálido esboça um sorriso.

Diz Jan: “Não se preocupe, Skin. Quando a gente desembarcar, não vai haver combate. Só começaremos a lutar com o avanço. E logo que você pisar em terra firme, isto passa. Na hora certa você estará pronto.”

Volta ao seu lugar; do céu desce o sereno espesso e frio. Recebe-o com certo prazer. Desanuvia os pensamentos e o faz se sentir mais vivo. Ao seu lado, o cabo fecha a Bíblia e começa a contar ao camarada vizinho que tem uma esposa em Buenos Aires e que ela está grávida de sete meses. “Vai ser um menino”, sentencia. “Sonhei com ele ontem, tenho certeza de que é um menino.” Jan fecha os olhos e tenta dormir um pouco, embalado pelos solavancos ritmados do navio. Tem um comando sob suas ordens e precisa chegar descansado em terra. Quer encolher e diminuir, diminuir até virar alguma coisa que flane, tão leve, tão leve, que possa chegar mais perto das estrelas e, talvez (seria uma bênção!), sonhar com Anna... Mas o sono que lhe chega é entrecortado pelas vozes dos homens ao seu redor; um sono desinquieto como o barco que rasga as águas do Canal da Mancha.

Ajudou o filho a vestir-se, sentindo sob a ponta dos dedos a quentura que fluía dentro das veias. Aquele seu menino era uma perfeição que ela não se cansava de admirar. Um conjunto exato de carne e pele, e aquelas perninhas alvas, tão lisas; os braços longos, delicados, terminando nas mãozinhas rechonchudas que ainda guardavam as últimas covinhas da primeira infância. “Ah, as mãos de um bebê”, pensou ela. Como gostava das mãos dos bebês, aquelas aranhazinhas curiosas e cegas, que tocavam nos olhos, no nariz, na boca e nos peitos das mães, tateando com uma curiosidade inextinguível. Mas as mãozinhas do seu Janeczek estavam crescendo e ganhando certa compostura. Ainda naquele momento, enquanto ela lhe amarrava o cadarço dos sapatos, as duas mãos esperavam sobre o colchão, tão obedientes quanto colegiais em uma escola de freiras. Janeczek sorriu para ela, confiante na sua presença, enquanto ela lhe ajeitava as meias e abaixava a calça de lã até os tornozelos. Tudo vai ficar

bem, diziam os seus olhinhos castanhos. “Tudo vai ficar bem”, repetiu Anna mentalmente. E acrescentou, apenas movendo os lábios: “Por favor, mój

Boze...” Depois deu um tapinha no joelho do menino, um tapinha leve como

um sopro. “Você está pronto, synu. O doutor Olszewski vai achar você muito bonito.”

O menino riu. Seus olhinhos brilhavam por causa da febre, que agora

estava baixa. Mas, tinham tido uma noite ruim: Anna costurara por horas seguidas, primeiro na cozinha, depois sob a luz de um castiçal ao lado da cabeceira do filho, vigiando-o a intervalos de minutos, entre um ponto e outro, metodicamente. Verdade que chorara às quatro da manhã sem saber

por quê. Talvez por Janek. Talvez pela doença do filho e pela sua saúde que

andava tão frágil. E tinha uma dúvida: deveria escrever ao marido contando

que Janeczek vinha tendo aqueles acessos de febre e as inflamações de garganta? Essa dúvida puxava outra: Janek, onde quer que andasse, estaria

recebendo as suas cartas? Então era um eterno desfiar de perguntas para

as quais ela, Anna, não tinha resposta.

Disse o menino: “Vamos, mamusia.”

Anna sentou-lhe um beijo na testa, experimentando o seu calor e concluindo que a temperatura estava um pouco alta, não muito.

“Vamos passear de bonde”, respondeu. “Depois da consulta com o

doutor, vamos à Confeitaria Rocco e vou lhe dar um doce. O doce que você escolher.”

Janeczek aquiesceu. Não que estivesse pensando em doces (e Anna sabia

que não estava). Ajudou-o a descer da cama, e ele foi despedir-se de Milla na cozinha.

(Jan pulou na água. Era fria e cinzenta como a água de um poço. Atrás

dele, os homens sob seu comando também saltaram no mar. Estavam a

uma vintena de metros da praia e as ondas eram altas. Lembrou-se das minas, decerto ainda havia muitas sob a areia. Olhou os homens e fez um sinal. Saíram nadando, movendo-se com certa dificuldade por causa do

excesso de peso dos equipamentos. Ao longe, a praia envolta em brumas esbranquiçadas parece não guardar qualquer estranheza. Os soldados

mortos pelo caminho, porventura não recolhidos por seus exércitos,

apodreciam solenemente sob a bruma do alvorecer. Com duas braçadas

ágeis, Jan tomou a frente dos seus homens e fez um gesto para que

seguissem atrás dele em duas colunas.)

Anna consultou o relógio de pulso e viu que tinham tempo de sobra para

chegar até o consultório, que ficava no Centro. Por sorte não chovia. Apesar

do frio, o ar seco pareceu-lhe benéfico quando ela pisou na calçada levando

o filho pela mão. Brilhava um solzinho fraco. Do portão, Milla falou:

“Quando vocês voltarem, eu já terei terminado de fazer bainha naquelas duas calças.”

O menino segurava sua mão e puxava-a pela calçada em direção ao

ponto do bonde. Anna acenou para a irmã: “Trarei um doce para você, Milla.”

Sentiu-se quase feliz ouvindo o tilintar dos saltos dos seus sapatos pela

rua, enquanto cumprimentava a sra. Olenka, que varria o chão em frente ao

seu sobrado. Por um momento a vida parecia ser apenas o que era: aquele apanhado de minutos que se

dedos, subindo languidamente pelo antebraço direito, como um pequeno

milagre que ela não se cansava de saborear.

O doutor Olszewski ajudou Janeczek com o suéter e deixou que a mãe

terminasse com as meias e os sapatos. Sem fazer barulho, deu alguns

passos, da cama onde examinara o paciente até a mesa de consultas, e passou a fazer rápidas anotações

freqüentado pelas famílias polonesas de Porto Alegre, e também por outras

famílias de imigrantes — tinha boa clientela e era um homem agradável, a

quem convinha perfeitamente o convívio humano e suas pequenas e

miseráveis dúvidas e mazelas.

Ficou esperando que Anna Wierzchowska se acomodasse na cadeira em

frente e, quando ela assim o fez, o doutor Olszewski, notando que estava um pouco pálida, sorriu-lhe mansamente. Depois tirou de uma gaveta um

caramelo e estendeu-o ao menino: “Tome, senhorito. Um bom caramelo para você mastigar enquanto eu e a sua mãe conversamos.”

Janeczek aceitou o agrado e livrou a bala rapidamente do papel.

“Estou com fome”, disse.

Anna Wierzchowska corou levemente. “Comeu muito pouquinho ontem.

Foi por causa da garganta, doutor, que lhe doía muito.”

O doutor Olszewski sorriu em resposta e escreveu mais alguma coisa na sua folha de anotações. Depois passou a mão pelos cabelos repletos de cãs e recostou-se solenemente na cadeira.

“Pani Wierzchowska, vou lhe pedir alguns exames, que podem ser feitos

na Santa Casa de Misericórdia. Vou lhe dar os papéis, a senhora faz os exames e depois volta aqui com o menino.”

Anna cruzou e descruzou os dedos. Outra vez a beleza da vida lhe escorria por algum lugar misterioso, como um furo num belo lençol de cambraia.

“Sim, doutor”, respondeu ela, com uma voz fraca. “Mas o que tem o Janeczek?”

O doutor Olszewski fitou-a. Dele sempre queriam milagres. Mas não podia consertar os desacertos de Deus Nosso Senhor. Com um pouco de sorte, ele os amenizava.

“Ainda é muito cedo para dizer. Pode não ser nada, uma infecção reincidente de garganta. E a febre alta acontece nesses invernos daqui.”

Suspirou. “Ah, os invernos da Polônia é que eram felizes. Se não fossem os meus pacientes, era lá que eu estaria agora.”

“Mas a Polônia está ocupada pelos alemães, doutor”, argumentou Anna.

“Os russos também estão lá, e em Varsóvia a gente se rebelou.”

O doutor abriu um sorriso orgulhoso: “De fato, eu estaria em Varsóvia e valeria a pena. Com um fuzil na mão. E granadas. Depois eu cuidaria dos feridos e teria umas medalhas para exibir aos meus netos... Mas não estou

lá, estou aqui. Com os meus doentes, fazendo o que Deus me mandou fazer.”

Passou-lhe uma folhinha de receituário. “Enquanto isso, dê a Janeczek este medicamento. É um pouco caro, mas, com a guerra, fica difícil para mim consegui-lo.”

Disse Anna: “Dinheiro não há de ser problema.”

“A senhora é uma boa mulher. Seu marido está na guerra, cuide do menino. Ele vai sarar rapidamente.” O doutor fungou alto, abriu a gaveta e vasculhou-a. “Mas me traga os exames em breve. E, Janeczek, tome aqui.

Mais um caramelo. Dois caramelos para os meninos que vêm aqui com fome.” Depois ergueu-se, ainda sorrindo. A consulta estava terminada.

Anna guardou na bolsa os papéis e receituários, apertou a mão morna e úmida do médico; o menino ainda mastigava o caramelo quando saíram para a ruazinha fria e mergulhada nas sombras do entardecer.

(1944, uma semana após os russos

libertarem o campo de Majdanek.)

De repente, o sol surgiu por entre as nuvens e as colunas de fumaça da batalha do dia anterior. Jan não sabia distinguir aquelas formações cinzentas que nublavam o céu para os lados do sul, semelhantes a nimbos tristonhos e preguiçosos, densos reservatórios escuros espriados pelo céu de verão. Mas talvez aquelas nuvens baixas apenas significassem chuva.

No fim da tarde anterior, enquanto marchavam no flanco direito do 2º.

Corpo do Exército Canadense, eles haviam sido surpreendidos por um ataque alemão. Uma coluna de blindados (Jan contara vinte deles), seguida de uma infantaria furiosa, imprensara-os contra uma sebe, uma daquelas sebes que se estendiam a cada

duzentos metros de terreno por toda a Normandia. A fumaça de alguns blindados destruídos, os restos de madeira

incinerados e duas choupanas abandonadas chamuscavam ao amanhecer,

junto com os corpos de uma dúzia de alemães mortos e devidamente

desarmados. Os corpos dos poloneses e dos subordinados do tenente-

general Guy Simonds já haviam sido enterrados na noite anterior.

Pegou o binóculo e deu uma olhada no local, pensando que em outros

tempos ali deveria ser um bom lugar para se viver (imaginou o menino correndo pelo campo com suas perninhas esguias, e rindo, rindo, mas o

barulho longínquo da artilharia inimiga desfez seu pequeno idílio). Na extremidade do extenso campo ainda verde fluía um riacho de águas

azuladas, correndo placidamente entre os despojos como se fosse um

detalhe inserido naquela imagem por uma criança com um lápis de cor. Ele

sentiu uma vontade louca de ir até lá e se jogar na água, com o uniforme e

tudo. Ainda era muito cedo, mas o calor já se fazia sentir. Através do binóculo, viu a alguns metros dali o capelão de uma companhia polonesa orando, com as mãos no alto, em frente ao capô de um jipe com a capota levantada. Talvez benzesse hóstias para os feridos, talvez rezasse pelos mortos da tarde anterior. Jan ficou em dúvida; parecia-lhe extremamente deslocada a figura do padre com sua batina branca. Mais um desenho sem

sentido na imagem triste do campo de batalha. Ao fundo, como

contraponto, uma antiga casa de fazenda mostrava seu esqueleto de pedras

aos olhos do dia. “Um tiro de morteiro”, pensou Jan, lembrando o barulho

ensurdecedor e o cheiro ardente do enxofre misturado ao cheiro doce do sangue de um aldeão que morrera capinando o terreno dos fundos da casa.

Lembrava-se disso com certo espanto: somente agora a imagem do

morteiro explodindo a poucos metros lhe viera à mente — nenhum grito, o

homem se desintegrara sem deixar nada além de algumas marcas de

sangue e retalhos desbotados do que devia ter sido uma camisa. A guerra

era isso: bum!, e desaparecia-se do mundo em um centésimo de segundo.

Como uma palavra arrancada de uma folha de papel.

E então ouviu uma voz: “O problema aqui é que a maioria morre antes de adquirir a devida experiência, sargento.”

O cabo que lhe falara acendeu um cigarro, oferecendo-lhe outro do maço que trazia dentro da bota. Jan aceitou sem dizer palavra, e o outro continuou: “Espero que Deus esteja ouvindo aquele padre, sargento.

Escapamos por pouco ontem. Os alemães tiveram dois anos para conhecer essas sebes e nós chegamos há uma semana. Mas eu já estive aqui, panie kaprale. Lutei com a Brigada Negra. Trabalhei como cozinheiro de uma unidade, mas estive aqui e vi tudo.”

Jan deu de ombros — o que era o tempo, afinal de contas?, quis perguntar ao cabo. Uma semana. Parecia que ele mesmo estava ali havia anos. Jurek morrera nos seus braços quando um tiro de morteiro explodiu

dentro da sua trincheira e lhe partiu os intestinos pelo meio. Tinha conhecido Jurek em Inverkeilor, e ele era um bom camarada que queria montar uma hospedaria em alguma praiazinha americana depois da guerra.

Olhou para o cabo: era um polonês baixinho, de cabelos avermelhados, um corte no sobrolho direito e olhos azuis. Ademais, o padre não o incomodava; ao contrário, apesar da estranheza, sentia algum conforto em mirá-lo ao longe, rezando sabe-se lá pelo quê. Talvez até mesmo por ele, um sargento de Kotarszyn que tinha deixado esposa e filho no Brasil.

O cabo já acabava o cigarro quando Jan finalmente falou: “Vai ver, Deus está ouvindo, cabo. Pelo menos, agora não há o barulho das bombas. Isso deve facilitar as coisas pra Ele.”

“Os malditos hitlerowcy deram no pé, sargento”, respondeu o outro, esmagando com o salto da bota a bagana de cigarro na grama verde.

Jan suspirou. O suor começava a escorrer-lhe pelas têmporas. “Mas eles vão voltar. Pode ter certeza de que eles vão voltar. Os americanos estão em St. Lô e Hitler não vai querer que eles avancem mais, enquanto nós

seguiremos pelo sul. Eles vão nos forçar aqui, e vão forçá-los lá. Eles não querem que as nossas tropas se encontrem.”

Tirou um lenço do bolso e molhou-o na água do cantil, limpando com ele o rosto sujo de fumaça e de poeira seca. Deu um tapinha no ombro do cabo:

“Vamos tratar das nossas obrigações. Marchamos em uma hora no rumo de Caen.”

“Sim senhor, sargento.”

Enfileirados no espaço exíguo entre as sebes, os Cromwell pareciam

imensos bichos de metal (como cães obedientes esperando as ordens do

dono). Jan viu os motoristas examinando seus tanques e o pessoal

especializado abastecendo-os com a gasolina dos imensos galões dispostos ao longo da sebe. A sorte era que os alemães estavam praticamente sem Força Aérea. Todos os aviões estavam ocupados em defender Berlim das

bombas aliadas; porque se um, se apenas um aviãozinho inimigo passasse

por ali e jogasse uma bomba sobre os tanques, era o fim de boa parte da 1ª

Divisão Blindada Polonesa. Mas o espaço aéreo francês era agora território

aliado, e isso era muito mais do que podiam contar as tropas que tinham chegado ali em junho.

Jan foi até o lugar onde alguns soldados distribuía a refeição e aceitou

o que tinha para comer. O sol ardia, com pressa de fazer o seu verão; ele se

sentou sob uma árvore cuja copa tinha sido parcialmente arrancada,

desamarrou o cadarço das botas e pôs-se a comer calmamente. Perto dali,

os homens falavam sobre o Levante de Varsóvia. Fazia dois dias, a rádio de

Londres dera a notícia de que os alemães estavam atacando a cidade com

oito divisões inteiras, e os tanques Tigre alemães atiravam contra os resistentes atocaiados em cada prédio e cada casa da capital polonesa.

Alguns bairros eram inteiramente controlados pelos insurgentes de

Varsóvia, mas a situação não se sustentaria por muito tempo. Ouvindo os comentários dos homens (e reconhecendo entre eles a voz bem modulada

de Leon Hertz), Jan sentiu um aperto nas tripas. A comida parou de descer,

formando um bolo a meia altura do seu esôfago. Já não tinha sequer

esperança de rever os pais e os irmãos, mas durante à noite, no sono agitado de depois da batalha, sonhara com Stach, e ele lhe contava coisas...

(As mãos brancas sovam o pão com energia. O pão que vai alimentar o

seu menino. No rádio, a voz de Lupicínio Rodrigues, que ecoa pela cozinha.

Anna sente um aperto no coração. Mais uma semana sem notícias de Janek.

O filho perguntara e ela lhe respondeu: “O tatus está viajando, mój synu. Foi

ajudar os papais dele.” Então o menino quis saber mais e ela desconversou,

sugerindo que Milla o levasse para brincar com a menina que morava no fim da rua. Por isso estava sozinha, sovando o pão com a barriga encostada

na mesa. Pensando em seu Janek. Pensando em seu Janek sem precisar fingir aquela eterna felicidadezinha que estava acostumada a ostentar

perante os outros.)

A comida não era lá essas coisas e o desespero pela gente que morria em

Varsóvia era quase uma coisa física; mas ele se concentrou em engolir o máximo de alimento possível. Não sabia quando iriam comer outra vez ao

longo do dia (estavam indo para o sul no rumo das forças do general Patton, e os alemães os esperavam no meio do caminho). Recordou com

saudade a mesa servida por Anna e as coisas que ela fazia, o coalho fresco

sobre o pão ainda morno, o chá com duas colheres de açúcar que ele gostava de beber todas as manhãs antes de seguir para a fábrica, mas afastou logo tais lembranças da cabeça. Simplesmente não convinham.

Estava na França e iria lutar. Para ele era a primeira vez, mas muitos daqueles homens que agora se barbeavam sob o sol, que acabavam de

comer, que limpavam suas armas e abasteciam os tanques e distribuíam

mapas, muitos daqueles oficiais, como o próprio general Maczek, já tinham

estado ali anos atrás. Tinham lutado e tinham defendido o recuo das tropas

francesas em Dunquerque. Mas depois a França capitulara e todos foram obrigados a fugir novamente. (Antes já haviam fugido de Varsóvia.) O

tenente Leon Hertz, por exemplo, tinha lutado na Polônia e depois fugira através da Hungria. Deixara em Varsóvia esposa e filha pequena — por isso

acompanhava com tanta atenção as notícias, por isso às vezes se afastava de todos e ficava alguns instantes quieto, mirando o nada. A esposa de Leon

era uma judia batizada católica, e isso era mais um fato que o preocupava.

Todo mundo ali tinha ouvido boatos a respeito do que os alemães estavam

fazendo com os prisioneiros judeus.

Jan pensou em falar com o tenente Hertz, contar-lhe que sua família

também estava na Polônia. A gente de Varsóvia era corajosa, e embora a coragem valesse pouco diante das divisões blindadas alemãs, os russos

ajudariam os insurgentes. Pensou no absurdo da situação. Viu Leon

andando entre os homens, falando com uns e outros; no entanto, não se mexeu. Cada um daqueles soldados tinha a sua dor, e as suas próprias esperanças também. E talvez por isso (somente por isso) a guerra que eles

travavam valia a pena. Nenhum deles haveria de fugir; atravessariam a Baixa Normandia e seguiriam adiante. Sebe por sebe, casa por casa, aldeia

por aldeia, haveriam de empurrar os malditos alemães para a sua terra, e lá

mesmo acabariam com a sua soberba. Jan sabia que todos ali queriam

libertar a Polônia das garras dos szwaby antes que ela caísse nas mãos de

Stalin. A Polônia libertada pelos poloneses, era com isso que eles

sonhavam. Era isso que a gente da A. K. estava tentando fazer em Varsóvia

como um exemplo para o mundo.

Foi até o lugar onde os homens da sua companhia estavam reunidos. O

trabalho para eles começaria hoje. Abrindo pontes, desmontando minas,

cavando nas terríveis sebes (aquelas cercas que mais pareciam paredes, construídas ainda no tempo dos romanos, com quase dois metros de altura,

feitas de terra e argila e cercadas de faias, carvalhos e castanheiras). Boa parte da Normandia, ele sabia agora, era um terrível labirinto de sebes. E

era nesse labirinto que eles teriam de lutar, e era por esse labirinto que as

duas companhias de engenheiros e sapadores haveriam de abrir caminho para o grosso das tropas polonesas e canadenses. Do outro lado das sebes estavam os alemães com suas submetralhadoras automáticas.

Seguiriam para o sul, esta era a ordem. Jan se aproximou dos seus homens, chamou-os pelos nomes. Estavam todos vivos, exceto Jurek. O pobre Jurek tinha 20 anos e viera de Chicago. Falava um polonês arredoio, e no último momento antes de morrer não conseguira se recordar como se pronunciava a palavra Deus na sua língua materna. “*God*”, dissera ele.

“Atenção, homens”, chamou Jan. “Vamos avançar para o sul em duas horas. Não tenham dúvida de que os alemães vão contra-atacar ainda hoje ou amanhã.”

(Anna tirou os pães do forno enquanto Janeczek entrava correndo na cozinha, com as mãos sujas de terra e o rostinho corado e satisfeito. “Estou com fome, mamusia!” E ela, rindo, disse: “É preciso esperar um pouco, mój synu. Pão quente dá dor de barriga.” Mas ficou feliz por vê-lo faminto depois da longa convalescença.)

(1944, cinco dias depois do desembarque

polonês na Normandia.)

A fazenda parecia viver apenas mais um dia de verão: a casa, no alto de uma pequena elevação do terreno, exibia grossas paredes de pedra que guardavam no seu interior um ar fresco mesmo nos dias tórridos. As janelas estavam abertas, e uma trepadeira crescia numa das paredes. Uma menina brincava nos degraus de pedra da varanda sem se importar com o ribombar das artilharias alemã e aliada que se enfrentavam para os lados de Falaise. A uma dezena de metros dali, um homem idoso e dois jovens colhiam maçãs de um pomar. Jan olhou por um instante o movimento dos três homens que trabalhavam nas macieiras. Cada um deles tinha uma escada, uma espécie

de faca alongada e um cesto de palha. Num canto do comprido pomar, organizado em fileiras de macieiras carregadas de frutos, e no limite do pomar com o campo, era possível distinguir outros cestos, dois deles cheios e uma pilha vazia, esperando também a sua cota de maçãs. Ao longo do pomar corria um pequeno curso d'água que se alargava mais ao sul. Aquela água irrigava as árvores, e era uma lei estranha que Jan estivesse ali agora, sob um céu de azul irretocável, suando em bicas dentro do uniforme grosso demais para o calor do verão francês e com ordem de derrubar o pomar inteirinho exatamente por causa daquele rio. Ali a água formava um vau de cinco metros; mais adiante, o rio se aprofundava e ganhava a companhia de um outro riachinho — era lá que eles deveriam construir uma ponte para a travessia dos blindados e dos caminhões. E logo, antes que os alemães os encontrassem na estrada, surgidos de alguma vila com seus morteiros e submetralhadoras.

Um caminhão estacionou ao lado de Jan e o motorista desceu.

“E então?”, perguntou-lhe Jan.

“Os homens estão aí, os machados também. Mais dois caminhões vêm vindo para transportar a madeira.”

Na escada de pedras em frente à casa, a menina parou de brincar. Era miúda, Jan calculou que não deveria ter mais do que cinco anos. Ela olhou o

caminhão e os dois homens que conversavam. Um segundo caminhão com

a carroceria camuflada fez a curva na estradinha de terra e estacionou. A menina correu para dentro de casa. No pomar, um dos homens deixou o serviço e veio caminhando lentamente na direção deles.

“O Babinski fala francês”, disse o motorista, tirando da cabeça a boina negra e passando a mão nos cabelos ensopados de suor. “Maldito calor”, reclamou.

“Vá chamar o Babinski”, pediu Jan.

Babinski apareceu em dois segundos.

Disse Jan: “O homem vem vindo, Babinski. Eu não falo uma palavra de

francês. Explique a ele que precisamos das árvores. De todas elas. Vamos fazer uma ponte dois quilômetros ao sul. Vamos libertar a França. Vamos libertar Paris. Explique que somos poloneses.”

O homem que colhia maçãs se aproximou, olhando-os com um misto de curiosidade e desconfiança. Era um camponês alto, de rosto bem-proporcionado. Quando sorriu, mostrou-lhes uma dentadura amarelenta; seus olhos argutos miravam os dois poloneses e os caminhões logo atrás.

Dentro das carrocerias, dois grupos de sapadores esperavam, com serras e machados, sob o calor ardente do meio-dia.

Antes que o fazendeiro falasse, da casa surgiu uma mulher loira e de ancas largas. Ela veio chorando e resmungando qualquer coisa em francês

que Jan não podia compreender. Limpava compulsivamente as mãos num avental florido e tinha os olhos vermelhos de choro. O homem tentou acalmá-la com duas palavras que não surtiram efeito, depois disse-lhe uma terceira coisa de modo mais ríspido.

Jan baixou os olhos, envergonhado, enquanto Babinski tirava a boina e dava um passo à frente.

“*Anglais?*”, perguntou o homem, tomando a dianteira no assunto.

“*10e. Régiment blindé Polonais*”, respondeu Babinski.

Seguiu-se uma rápida troca de frases entre os dois. Babinski falava num

francês ventilado e trêmulo, e o homem respondia cruzando e descruzando

os dedos. Jan olhou o pomar e viu que os outros dois se apressavam em colher as maçãs das árvores. Talvez já soubessem. Afinal, com os

americanos em St. Lô, com os ingleses e canadenses por ali, e todas aquelas

árvores... Sentiu o perfume das macieiras no ar. Ergueu os olhos e viu a menininha parada no alto da varanda com uma boneca nas mãos, como se

quisesse guardá-la da cobiça dos intrusos.

“Essas árvores são a nossa vida”, disse o homem em francês.

Babinski, nervoso, retrucou: “*Przepraszam.*”

O francês olhou-o sem compreender.

“Babinski, você se desculpou em polonês”, avisou Jan.

“É verdade, sargento.” E corrigiu-se, explicando em francês que aquilo era absolutamente necessário.

Jan olhou o camponês por um momento. Aquele podia ser Stach, que tinha terras arrendadas no norte da Polônia. Sentiu compaixão pelo homem e pela menina; a mulher não lhe inspirava nada, chorava demais e parecia amarga.

“Diga-lhe que de agora em diante essas árvores são propriedade da 1ª

Divisão Blindada Polonesa e do 2º Corpo do Exército Canadense. Mas, em troca, vamos deixar a terra deles livre dos alemães. E logo outras árvores

vão crescer neste chão, mas então ele será livre como o chão de toda a Europa”, pediu Jan.

E depois de olhar o francês nos olhos, seguiu até os caminhões,

enquanto Babinski repetia suas palavras.

Precisavam começar logo com aquilo. Os alemães não ficariam tomando

chá enquanto as tropas polonesas se encurralavam na margem do rio como

um bando de escoteiros perdidos num parque florestal. Chamou os homens

e mandou que eles descessem com os machados e as serras. Aquela ponte

tinha que estar pronta ao entardecer, e o pessoal do 11º. Batalhão estava esperando pelas toras.

Duas horas mais tarde, a plantação de macieiras deixara de existir. Jan

andou sobre a terra revirada, sentindo o cheiro doce dos frutos caídos e pisoteados pelos soldados no afã de cortar a madeira e carregá-la para os

caminhões. Quase tudo já estava acabado e um dos veículos partira com a

primeira leva de toras. Outro caminhão arrancou em seguida, o barulho do

motor ecoando no silêncio azul da tarde.

Nunca tinha comido tantas maçãs na vida, mas elas agora lhe pesavam

no estômago como se tivesse comido pedras. Enquanto os homens

carregavam o resto das toras, Jan abriu caminho entre os galhos que se espalhavam pelo chão e parou para olhar a casa. Parecia nua agora, sem o

pomar verdejante. Do alto da varanda, os três homens observavam

silenciosamente o que tinha sobrado da propriedade, e a mulher, com a criança nos braços, ainda chorava. Jan teve vergonha de despedir-se deles.

Saiu caminhando apressadamente. Se os alemães não fossem expulsos dali, logo aquela família não iria precisar do seu pomar. Os mortos não comiam maçãs.

Montou na carroceria do caminhão prestes a arrancar dividido entre o

sentimento do dever cumprido e a vergonha, uma incrível vergonha,

principalmente por causa da menininha que o olhava da varanda com seu rostinho sério. Mas Jan não lhe podia explicar nada daquilo. Não podia explicar o que, no fundo, nem ele entendia. Fez um gesto, o motorista do caminhão girou a ignição, o motor soltou um ronco, tremeu duas vezes e o

veículo se pôs em movimento na estradinha poeirenta. Jan ficou a postos, segurando o seu fuzil. Nunca se podia ter certeza de quando os alemães iam

surgir do meio das árvores ou detrás de uma daquelas sebes.

Do aparelho de rádio vinha uma valsinha que oprimia o seu coração. Era à

noite que ela se sentia mais só e mais à mercê da vida, da vida com suas tramas secretas, das quais ela era apenas um peão. “Um peão do fundo do

tabuleiro”, concluiu, cortando um fio de linha com os dentes. Não mais do

que isso.

“Eles estão destruindo Varsóvia”, queixou-se Milla, com o rosto enfiado

no jornal.

Uma única lâmpada estava acesa, e era perto dela que Anna costurava e

Milla lia. As contas da casa tinham que ser reduzidas ao mínimo enquanto

não chegasse o dinheiro de Jan, pois, embora ela estivesse costurando para

fora, os preços aumentavam sem parar.

Anna suspirou. Preferia sua valsinha triste às notícias que o jornal

trazia. Morte, era só disso que falavam. Mas a irmã estava com vontade de

comentar as tragédias e prosseguiu: “Parece que os russos não estão

ajudando nada. Morrem civis aos milhares em Varsóvia. Mulheres e

crianças.” Calou-se por um instante, pensando em qualquer coisa. Depois emendou: “Mulheres e crianças, assim como nós. Como se uma bomba

caísse aqui nesta casa agora mesmo.”

Anna olhou-a horrorizada: “Oh, Jezu! Pare de dizer tolices... E não pense mais nisso, Ludmilla. De que nos adianta? Os homens estão na guerra para salvar essas pessoas.” Suspirou longamente, enquanto enfiava uma nova linha na agulha. “Você pensa que não sofro? Mas não posso me dar ao luxo de sofrer por todos que estão lá na Europa; já me custa muito sofrer pelo Janek.”

Milla largou o jornal e pegou uma saia com a bainha alinhavada.

“Desculpe, Anna. Vou ajudar você com essas costuras. São para amanhã.”

Anna agradeceu com um sorriso triste. A casa estava mergulhada num enorme silêncio, e era possível ouvir o ressonar de Janeczek em seu quarto.

Milla agora tinha a atenção fixa no seu trabalho de costura, fazendo subir e descer a agulha que entrava e saía do pano de linho. Anna observou-a por alguns instantes e depois disse:

“Desculpe-me se exagerei, Milla. É que ando nervosa. E a conta da farmácia foi tão alta neste último mês.” Largou por um instante o seu próprio serviço e tocou na perna da irmã: “Vá dormir, não se canse com isso.”

“Oh, não, vou ajudar você. Aliás, estou sem sono. E não quero sonhar com essa história de Varsóvia.”

“Se Janek estivesse aqui, estaria muito triste. Mas onde estiver, creio que sabe o que está se passando na Polônia. Deve estar lutando também por eles.”

“Principalmente por eles”, corrigiu Milla.

Anna se persignou. Depois tomou da linha e da agulha novamente.

Sentia-se irremediavelmente infeliz. Semanas sem notícias do marido, e

aquelas histórias sobre os alemães e a gente de Varsóvia. Mas se fosse apenas isso... O filho não andava bem, ainda naquela tarde notara-lhe um certo abatimento, e ele quase não tocara na comida do almoço, reclamando

de dores na garganta. Era isso que a feria como uma faca cravada bem no fundo da sua carne. Doendo a cada vez que ela respirava.

“Quando será que a guerra acaba?”, quis saber Milla.

A pergunta ficou alguns segundos sem resposta; finalmente, Anna disse:

“Pode levar uns meses, Milla, até um ano. Quando os aliados libertarem Paris, você pode começar a ficar contente... Pelo menos é o que dizem os jornais.”

A outra ergueu os olhos do trabalho: “Precisamos comprar um mapa da França. Eu não entendo nada de distâncias. É incrível que uma moça tenha que olhar um mapa de outro país antes de marcar a data do seu casamento.”

“Como assim?”

“Ora... Stefan quer casar. Mas não se preocupe, Anna. Eu daqui não saio até que Janek volte.”

Anna mirou-a: “Moja kochana, faça como você quiser. Eu aqui me viro muito bem com o meu menino. Mas acho que você devia escrever à matka antes de decidir.”

“De qualquer modo, não caso antes que Janek volte”, disse Milla por fim.

Anna voltou a costurar (se entrasse nas conversas da irmã, certamente o

trabalho atrasaria). Era bem verdade que tinham um arranjo, as duas. Mas

a vida de Milla era algo do qual não podia dispor para o seu bem-estar doméstico, e talvez o pobre Stefan quisesse enfim ter uma casa e montar a

venda de secos e molhados da qual tanto falava. Pegou uma caixinha de botões dentro do cesto e separou cinco deles para prender na camisa na qual trabalhava. Seus olhos doíam por causa da luz fraca.

“Escreva para a matka”, sugeriu. “Talvez vocês possam morar aqui até

que Janek volte.”

Milla olhou-a com uma espécie de horror dentro dos olhos: “Oh, não!

Stefan jamais iria querer. E imagine quando Janek voltasse! Vou esperar o fim da guerra. E talvez amanhã eu compre aquele mapa.”

Anna deu de ombros. A linha, levada pela agulha, entrava e saía do pano

como se tivesse vida própria. O dedal brilhava um pouco na luz difusa, como uma minúscula armadura num mundo de coisas pequenas. Dedos,

fios de algodão e a finíssima haste de aço com um furo. Os botões

redondinhos, de um branco leitoso. E aquele vaivém, a dança dos seus

dedos marcando um caminho no tecido. Um universo perfeitamente arranjado e lógico. Depois de dez alinhavos, uma volta com a linha, um último ponto, e estava preso o botão; ali ele ficaria talvez por anos, manuseado sempre pelas mesmas mãos (as mãos da pessoa que lhe

encomendara aquela camisa). Mas por que a vida não era assim — por que não regia as grandes coisas como regia as pequenas?

O relógio da sala badalou a meia-noite, ecoando pela casa como um aviso.

“Amanhã irei até a Sociedade Polônia”, disse Anna. “Talvez eles tenham notícias. Alguém pode ter escrito ou comentado de Janek.”

“As pessoas sempre falam de outras nas suas cartas”, concordou Milla.

Anna deu o último alinhavo no último botão. Seus olhos pesavam de

sono. Janeczek dormia em seu quarto; os resultados dos exames que o

doutor Olszewski havia pedido chegariam dentro de dois dias. Com sorte, seriam bons.

(O tiro de morteiro caiu a cinco metros dele, iluminando a noite sem lua.

Jan se jogou dentro de uma cova rasa que estava milagrosamente à sua frente. Sua tropa se encontrava do outro lado da ponte recém-terminada, mas ainda não tinha chegado o grosso das divisões de infantaria e artilharia. Eram poucos contra os SS alemães. Ficou ali esperando e

pensando: “logo chegam reforços, logo chegam reforços”. Outro tiro caiu mais perto ainda. Com o rosto enfiado na terra úmida, sentiu o mundo tremer. Sobre seu corpo caíram pedaços de madeira e nacos de barro

ressequido. Talvez os hitlerowcy tivessem derrubado um pedaço da ponte...

Veio outro tiro, mas desta vez o estrondo foi um pouco mais distante. Fez-

se então um tremendo silêncio, como se tudo ao redor tivesse mergulhado

no nada. Jan esperou pelo que lhe pareceu uma eternidade, até que

finalmente ouviu os gritos. Então teve certeza de que o mundo continuava,

de que estava vivo (e inteiro, pois percorreu apressadamente o próprio

corpo com as mãos). Um novo tiro atingiu os homens perto do rio. Jan ouviu a resposta da sua própria artilharia, as metralhadoras polonesas.

Levantou o rosto com cuidado, segurando o fuzil à altura dos olhos —

estava no meio da linha de fogo. Viu dois tanques envolvidos num combate

mortal, um Panzer alemão fazia fogo contra um dos Cromwells. O Panzer atirou e, diante dos olhos de Jan, o Cromwell se transformou numa bola de

fogo. Ele tornou a se enfiar na trincheira pensando no piloto do Cromwell,

que cozinhará até a morte lá dentro.

Eles haviam sido cercados por uma Divisão SS Panzer, e isso era uma das piores coisas que lhes podiam acontecer; mas estavam agüentando

bem a situação e logo receberiam reforços dos poloneses que ainda não tinham chegado ao rio, e também das tropas canadenses. Jan ergueu o rosto

outra vez e viu um alemão correndo entre as árvores, tentando escapar dos

tiros da infantaria polonesa. Ergueu o fuzil e fez mira: o alemão caiu na grama e ficou lá, imóvel. “Pelo nosso piloto”, resmungou Jan, e, nesse instante, levantou-se de um salto e saiu correndo para os lados da floresta,

tomando o cuidado de contornar de gatinhas um caminhão que havia sido

atingido pelos morteiros alemães e que ardia como uma grande fogueira.)

(1944, algum lugar da cidade de Varsóvia,

primeiros dias do Levante.)

Cinco horas da tarde e lá fora o sol brilha sobre os escombros da cidade de Varsóvia, Janek. Eu estou no terceiro piso de um prédio e posso ver os restos de um incêndio fumegando sob o céu de verão, esse céu azul, de um azul tão puro, Janek, que me dá vontade de gritar. Aqui não há escadas, a gente sobe como pode, mas vai aprendendo, vai aprendendo a fazer coisas que jamais sonhou, coisas das quais não se considerava capaz e agora sabe que pode, que nada é impossível ou irrealizável, e que teremos a nossa cidade de volta, a nossa pátria de volta, nem que tenhamos que lutar por cada centímetro, Janek, por cada pedra do calçamento.

A gente tem lutado muito. Tem mostrado a nossa força aos malditos szwaby. Esta cidade é nossa, Janek. São nossos este céu e este chão, e são nossos estes esgotos, os caminhos subterrâneos, Janek, por onde nos esgueiramos como ratos, por onde levamos armas de um esconderijo a outro. Sob os pés deles, desses malditos alemães. E eles não vêem. Eles não sabem de nada. Estamos em todos os lugares e somos fortes. Arriscaremos tudo. A vida, Janek... Eu arrisco a vida, mas estou feliz. Não sou eu quem vai morrer num desses malditos campos, cavando covas, construindo galpões, produzindo matéria-prima para as máquinas dos szwaby. Não como um bicho, Janek, não como um escravo. Mas como um homem. Um homem polonês.

Foi lindo, Janek. Você tinha que estar aqui e ver... Eram dezessete horas e então tudo aconteceu. Como um grande espetáculo, como um balé em que cada um sabe bem o passo a ser dado. De todas as janelas saíram os disparos, matando os szwaby que estavam pelas ruas. Pum, pum, pum,

Janek, de todos os lados. E eles correndo feito baratas, eles correndo das nossas balas, Janek, com aquele medo dentro dos olhos. Medo de nós. De um momento para o outro, a cidade inteira virou um campo de batalha. A

alma polonesa, Janek, saindo das janelas abertas, das portas, das esquinas.

Gritando pela vida. Pum, pum. Um milhão de almas lutando, Janek. Lutando pela nossa Polônia. Pela nossa liberdade. E os alemães correndo,

apavorados, e morrendo, morrendo como qualquer criatura feita de carne,

morrendo no meio do sangue, ah, foi lindo de se ver. Eu pensei em você, Janek. Pensei no pai. Se ele estivesse aqui, teria dito: “Esta é a alma polonesa.” Sim, pois ela estava entre nós naquele instante. A verdadeira alma desta terra, Janek. E é por isso que lhe conto isso, daqui, deste prédio

semidestruído, porque talvez eu morra. Talvez eu morra lutando contra

eles. Mas eu queria que você soubesse. Do levante. Da nossa coragem, Janek. Do sangue deles esparramado no chão. Sangue como qualquer outro,

o sangue de um szwab.

Estou magro, Janek. Talvez você não me reconhecesse. Mas há comida

por aqui. Você ia ficar impressionado com a nossa organização! Temos

cozinhas para os soldados da A.K. e temos cozinhas para a população civil.

Temos farmácias, Janek, e distribuição organizada de comida. Temos até tribunais e oficinas de conserto de armas. Mas onde está tudo isso?

Existimos sem existir, longe dos olhos dos alemães. Só um de nós pode nos

achar. Viramos mágicos aqui em Varsóvia. Viramos gente outra vez. E

vamos seguindo, lutando nas esquinas, nas casas, nos escombros. Vamos

lutando, Janek, e vamos vencer.

De algum lugar eu ouço uma música. Ela sempre me acompanha. Como num sonho vêm as notas da Polonaise de Chopin... Olho minhas mãos,

negras de sujeira e de podridão. Cheiram a merda e sangue e sentem

saudade de um abraço, enquanto a música silencia corajosamente. Eu fugi

de tanques e atirei granadas nos szwaby; eu degolei um tenente da SS e não

lhe bebi o sangue por nojo. Eu fui o cadáver caído em cada palmo dessas ruas destroçadas. Eu, que nunca gostei das palavras, aqui me vejo,

buscando-as como quem escolhe flores enquanto penso em você, kochany

Janek. Penso em você e queria que estivesse aqui ao meu lado para ver tudo

isso. A vergonha e a coragem, Janek. A morte e o renascimento, tudo em Varsóvia. Cadáveres de crianças, e vacas escondidas que dão leite para os

recém-nascidos; sim, pois a vida continua nascendo aqui, Janek. Nós jamais

desistiremos.

Preciso lhe contar uma coisa, Kochany, eu não me lembro mais do rosto

do meu filhinho... É muito triste esse branco na minha mente. Quando eu penso nele, enrolado na manta, no colo da mãe, na última noite em que eu

os vi, antes de ser levado para o campo de trabalhos forçados, eu vejo somente uma mancha esfumada... E dói, Janek. Dói, e eu preencho o rosto

dele com outros rostos, de outras crianças que eu vi por aqui. Escondidas dos alemães em lugares especiais, como num útero, Janek. As crianças são o

futuro, e elas contarão aos outros o que aconteceu em Varsóvia. Lá fora os

canhões rasgam a cidade sem parar, matando mulheres e crianças sob este

sol de fim de verão, sob este céu azul de onde Deus contempla tudo sem fazer nada. Se eu ainda acredito em Deus? Disse a mãe que às vezes ele está

longe demais. O problema não é Deus... Malditos szwaby, malditos

bolcheviques que, estando na fronteira, esperam de braços cruzados que os

alemães, esses filhos-da-puta pestilentos que eu desejaria ver comidos

pelos vermes, acabem com a cidade, acabem com a Polônia. Malditos

russos, que só entrarão aqui quando esta vida já tiver se esgotado.

Mas nós lutaremos, Janek. E eu não vou me deixar levar pelo medo ou

pela desilusão. Nós vamos ter a nossa pátria de volta. Polska Walczaca. A Polônia luta, Janek! A Polônia dentro de cada mulher, dentro de cada homem, seja ele da resistência ou não. A Polônia nos olhos das criancinhas

que choram aos pés dos corpos destroçados dos seus pais. Não vai ser sobre o cadáver deste país que eles erguerão seu sonho bolchevista! E é por

isso que me bato, é por isso que me mato, Janek, e ofereço o meu sangue. Se

eu morrer, que seja pela Polônia.

(1944, arredores da cidade de Caen.)

Estava sentado sob uma árvore e enrolava um cigarro com uma

concentração exagerada, nunca se ocupara com tanto zelo de um pedaço de

papel de palha e um punhado de fumo. Deitado ao seu lado, esparramado sobre a grama como se estivesse num piquenique com amigos, Babinski olhava o céu com seus miúdos olhinhos azuis. Aquele céu de onde viera a morte.

“Ainda não acredito que os malditos idiotas fizeram aquilo, sargento.”

A voz de Babinski parecia queixosa como a de um menino a quem a mãe havia posto de castigo. Jan sorriu, pois gostava dele. Quantos anos tinha?

Talvez 19, 20. Era muito moço para estar ali e ver aquilo; no entanto, a guerra era feita pelos moços. Os generais eram homens experientes e por

isso traçavam planos e metas, olhavam seus mapas e davam suas ordens; mas a guerra, a guerra era feita pelos moços. Os jovens marchavam,

disparavam canhões, morriam sob o fogo dos morteiros alemães. Eram os jovens que guiavam os Shermans destruídos no dia anterior.

Lembrava-se do exato momento em que as bombas começaram a cair

sobre eles. Era a hora mais cruenta da batalha. Os reforços canadenses haviam chegado finalmente, mas os alemães também tinham recebido mais

munição e a ajuda de uma tropa inteira da SS, e estavam botando fogo nas

florestas — os szwaby estavam botando fogo nas florestas! — quando eles ouviram aquele rugido vindo do céu e viram os aviões. Jan se lembrava bem

da sua própria alegria ao ouvir o troar dos bombardeiros cortando o céu da

tarde, aquele céu que a fumaça dos incêndios já começava a confundir em

névoas cinzentas. Tossindo muito, arrastando-se pelo chão, com a cara

cheia de poeira, ele se achegara até onde estava Kozak, o capitão de uma das tropas polonesas, e ambos se olharam com os olhos cheios de

esperança. Não havia mais aviões da Luftwaffe no céu da França, então aqueles só podiam ser aviões aliados. E se eles vinham, era para ajudá-los.

Então Kozak dissera: “Ainda bem que eles chegaram”, e lhe mostrara a perna direita ferida na altura da coxa, sangrando abundantemente e

manchando o verde-oliva do uniforme. Jan arrancara a faca que trazia na cinta e improvisara com um

pedaço da própria camisa um torniquete na perna do comandante. E foi nesse momento, quando ele dava um último nó

na tira de tecido, que Kozak olhou para o céu e gritou: “Eles vêm vindo pra cá! Eles vêm vindo pra cá!” Dois segundos mais tarde, a esquadrilha deixou suas bombas caírem. Sobre eles, os soldados aliados.

“É uma coisa na qual não dá pra acreditar”, disse Babinski, inconformado.

Jan tornou a olhá-lo, e a figura de Józef Kozak se esfumou na sua mente. “Essas coisas devem acontecer todos os dias por aqui... Um erro de rota, talvez.”

Por causa das bombas, Jan saíra correndo para o abrigo das árvores na parte da floresta que ainda não queimara. Naquele momento, a fumaça até ajudava, pois os pilotos não queriam largar suas preciosas cargas sobre um inimigo nebuloso (mesmo que esse inimigo fosse, na verdade, o exército amigo). Na fuga, tentara trazer Kozak consigo, mas o capitão perdera o equilíbrio e caíra, rolando alguns metros numa pequena ribanceira que contornava o abrigo das árvores. Um segundo apenas, uma pedra, um tropeção, e Kozak escapulira dos seus braços como uma xícara que cai das mãos de um menino.

Babinski balançou a cabeça desconsoladamente. Parecia muito indefeso sentado ali, com a faixa em torno da testa ferida e suja de poeira e sangue coagulado.

“Todo mundo pode errar”, disse Jan. “Lá de cima...”

Babinski sorriu amargamente: “Não quando se tem um rádio e radares e todas aquelas porcarias que os caras colocam nos aviões. A gente aqui embaixo, sargento, entre o incêndio e os szwaby, e eles largando bombas nas nossas cabeças!”

Jan sentia um cansaço imenso derrear seus membros e até mesmo desbotar a própria raiva. De que adiantava? Kozak tinha morrido, Maciej tinha perdido uma perna,

Jaroslav tinha morrido. Dezenas deles tinham

morrido, e canadenses também, até que um dos pilotos se dera conta de que estava fazendo errado a lição de casa. Até que os bombardeiros

partiram, ilesos, de volta para a base. E eles? Eles tinham ficado mais quatro horas lutando com os alemães. Haviam perdido vinte e seis tanques!

E a ponte que ele passara um dia inteiro construindo fora por água abaixo, literalmente.

Agora pensava na menina com sua boneca, olhando-o no dia anterior

com seus olhinhos acusadores. Talvez ela já soubesse que haviam

derrubado suas macieiras em vão. Mas também, consolou-se Jan, o fogo se espalhara bastante. Para onde olhavam, estava tudo queimado e retorcido.

As belas casas de fazenda estavam abandonadas, algumas fumegavam sob o céu. Talvez as chamas tivessem alcançado a fazenda da menina — dois quilômetros não significavam nada para um fogaréu como aquele.

“Você lembra pra que lado soprava o vento ontem, Babinski?”

O rapaz pensou por um momento. “Para o norte, acho eu.”

Jan concordou em silêncio. Nada mais fizera do que antecipar a desgraça

daquela gente. Esperava que tivessem fugido para alguma aldeia para além

de Bayeux. Mas não seriam tão burros de correr para os lados de Falaise,

não com os alemães espalhados por lá e os americanos se aproximando por todos os lados.

O sol surgiu por trás das nuvens brancas. Talvez chovesse durante a

noite; o vento trazia um olor de chuva, de limpeza e renovação.

“Você acha que alguém fugiria para os lados de Falaise, Babinski? Você

acha que alguém seria tolo a esse ponto?”

Babinski olhava o médico atendendo um prisioneiro alemão a poucos

metros dali. O alemão tinha uma perna parcialmente estraçalhada e estava

na cara que iria morrer. Não havia emoção nos olhos azuis de Babinski.

Disse ele: “Acho que uma guerra deixa todo mundo tolo, sargento. Só isso explica o que aconteceu ontem aqui com aqueles aviões.”

Jan assentiu. Puxou a mochila que usava como encosto e afofou-a para que ficasse mais confortável. Precisava dormir um pouco, talvez sonhar.

Uma hora longe daquele inferno era o que necessitava. Aquelas mortes todas faziam doer ainda mais dentro dele a saudade de Janeczek. Deitou-se

e buscou no bolso esquerdo da camisa o pequeno retrato do menino e de

Anna. Ambos olhavam para a câmara com os semblantes serenos. Longe

das bombas, dos aviões, do fogo inimigo. Jan depositou um beijo leve em cada um daqueles rostos de papel (o rosto do menino tinha tanta vida que

tudo ao redor de Jan parecia apenas uma grande mentira de mau gosto).

Por fim, guardou o retrato no bolso, virando o corpo para o lado direito a

fim de evitar que a preciosa fotografia se amassasse durante o sono.

Avançavam rumo ao sul.

Agora a paisagem era tão bonita que fazia doer. Ao longe, confundindo-

se com o céu azul, o verdor secreto das íngremes montanhas que subiam dos vales prometiam uma paz inviolável. Não se lutava naquelas

montanhas, e lá, o que sucedia na planície devia parecer um simples

pesadelo. Talvez só a fumaça negra que subia dos tanques destruídos e das

casas atingidas pelos morteiros e bombas dos alemães é que revelasse o

que se passava no vale. Talvez, pensou Jan, mas ele não tinha certeza de nada.

Seguiam a oeste do rio Dives. A estrada estava atravancada de homens,

caminhões e tanques, pois todas as rodovias em bom estado agora só

funcionavam no sentido norte-sul, e era preciso seguir atrás do avanço dos

jipes e caminhões. Em outros tempos, quando os hitlerowcy ainda tinham

aviões, aquilo seria impossível: andar por uma estrada sem receber uma bomba na cabeça; porque as estradas eram constantemente bombardeadas

pelos Stukas alemães.

Na noite anterior, haviam trabalhado até muito tarde. Depois da perda

de quase cinquenta tanques, os dois batalhões de engenheiros tinham

passado horas soldando trilhas adicionais no casco dos Shermans para

reforçar sua blindagem. E agora Jan marchava numa espécie de torpor, com

os pés latejando dentro das botas de couro. Marchava, e seu pensamento parecia escorrer dele como um rastro invisível. Um pé na frente do outro, o

barulho dos tanques avançando e, às vezes, o ribombar estrepitoso das bombas em alguma vila dos arredores. Lutava-se em todos os lugares da Normandia. Os alemães tentavam desesperadamente atravessar o Sena,

destruindo o que podiam à sua passagem, perseguidos pelos exércitos

aliados, que tentavam contornar-lhes a marcha e cercá-los, liberando assim

a passagem para Paris.

Um pé na frente do outro. Às vezes sentia-se quase leve. Como se

estivesse diminuído do seu peso, parecia flutuar; noutros momentos

movia-se pesadamente, ruidosamente, atirando-se inteiro no imenso

esforço de entrecruzar as pernas e fazê-las voltar ao seu lugar de origem,

primeiro a esquerda, depois a direita. Um, dois, um, dois, como faziam nos

treinos em Inverkeilor. Porém, nada daquilo era brincadeira. Eles

avançavam para encontrar os hitlerowcy, e ele se perguntava quantos dias

poderia permanecer vivo até que pisasse numa mina, ou uma granada

explodisse dentro da sua trincheira, ou o fuzil de um szwab mirasse entre

suas têmporas e cuspsse sobre ele o seu beijo negro.

Acamparam ao meio-dia e comeram a ração. Não havia pressa; quando o

sol da tarde começasse a declinar no céu, eles seguiriam no rumo das tropas alemãs, conforme uma trinca de altos comandantes havia traçado

em seus escritórios, em algum lugar muito distante dali. As tropas polonesas e canadenses teriam que romper as linhas inimigas, bloqueando a sua comunicação e o recebimento de suprimentos e munição. Não era uma tarefa fácil encontrar 10 mil alemães e cair sobre eles como chuva; para isso pretendiam contar com a escuridão da noite. Não era uma empreitada para se pedir a qualquer um, mas aqueles poloneses tinham todos uma alta conta para cobrar dos hitlerowcy, e Jan julgou ver um certo regozijo nos grupos reunidos sob as poucas árvores àquela altura do caminho. Todos falavam baixo, mas pareciam excitados. Alguns, os que já tinham acabado de comer, examinavam suas armas, pintavam o rosto de graxa e revisavam os Shermans e Cromwells.

Sob o sol causticante, a maioria dos soldados poloneses se ocupava das suas pequenas tarefas; eram homens comuns com necessidades mundanas e que precisavam fazer sua higiene pessoal, trocar um par de meias ou fumar um cigarro à sombra de uma árvore. Depois disso, seguiriam para o ataque da maneira mais organizada possível. Lutariam como a gente de Varsóvia estava lutando naquele momento. Cada um dando de si tudo o que tinha para dar. Mas eles estavam no meio da França — não na capital polonesa semidestruída. Eles tinham mais condições de vencer do que os homens e mulheres da A.K., esmagados entre a violência dos homens de Hitler e a demagogia dos russos, que esperavam pacientemente às margens do Vístula que os alemães terminassem o serviço sujo.

Jan tirou um chocolate do farnel, afastando os pensamentos que teimavam em assombrá-lo. Varsóvia sob fogo cerrado. Os belos prédios, o Castelo Real, a praça do Mercado, nada disso existia mais. Contava-se de famílias inteiras que se abrigavam sob os escombros dos prédios ou andavam em fuga pelos subterrâneos da cidade. Os tanques alemães explodiam um a um os edifícios de Varsóvia. Era isso que ele tinha ouvido ainda na noite anterior. Piotr e Babinski haviam conseguido captar uma transmissão de Londres. Fora bastante difícil ali no meio da planície, e o sinal era fraco, mas, entre chiados, eles puderam ouvir o

locutor londrino.

Ele lia o depoimento de alguém que conseguira telegrafar de Varsóvia.

“Tanques no meio das ruas, barricadas feitas com o concreto das casas destruídas, crianças mortas nas esquinas.” A voz sem rosto enumerava em

inglês uma série de horrores, enquanto Babinski traduzia tudo. Enquanto Babinski reproduzia as palavras com lágrimas nos olhos, chorando como o

menino que ele era. Como o menino que Jan fora um dia, tantos anos atrás,

quando em Varsóvia estudara e vivera, e tornara-se um homem. Agora o passado da sua pátria (e o seu próprio passado também) transformava-se

em poeira. Mas Varsóvia não era a primeira cidade que Hitler decidira apagar do mapa; antes dela, Belgrado pagara um preço terrível pela

ousadia de rebelar-se.

Desembrulhou o chocolate, fez uma bolinha com o papel e atirou-a

numa brenha a poucos metros da estrada com uma precisão que o fez

sorrir. Comeu o tablete com duas dentadas e sem saborear. Não que

gostasse daquilo, ardia na garganta por causa do açúcar, mas era melhor do

que a ração. Enquanto acabava de mastigar, pensou em escrever uma carta

para Anna... Mas teria de seguir para a luta com a carta dentro do bolso. E

se morresse? Imaginou-se morto, seu corpo recolhido e seus pertences

enviados para o Brasil, para a casinha que dividia com a esposa e o filho, e

achou melhor não escrever nada. Não queria deixar palavras para trás. Não

queria empurrar a guerra para dentro do cotidiano da sua família, deixando

uma carta que Anna guardaria pela vida afora, relendo-a cada vez que sentisse saudade ou nostalgia. Se era para morrer, concluiu ele, que fosse em silêncio.

Pensou na mulher e sentiu a saudade brotando súbita e violentamente, como um espasmo da sua própria carne. Anna em sua cadeira predileta, costurando à luz do abajur... Queria vê-la ainda uma vez, mas era

impossível. Não havia prazo para o fim daquela guerra. Os alemães ainda tinham Paris e continuavam jogando bombas sobre Londres. Ouviu o ruído

dos blindados avançando pela estrada, chiando mais e mais alto. Estavam

se posicionando para partir no rumo de Falaise. Jan guardou suas coisas dentro da mochila, examinou a pistola e o fuzil, abotoou o uniforme e foi reunir seus homens.

Perto dali viu Leon e seus soldados, que também se preparavam para o

avanço. “Eles não vão cruzar o Sena sem antes nos encontrarmos”, disse Leon Hertz a um subordinado. E alguns dos homens deram gritos de

alegria, como crianças que saíam para um passeio.

Jan parou e ficou olhando o tenente com seus óculos pendurados no

peito, o rosto oblongo, o bigodinho fino e castanho. Os homens andavam ao

redor dele preparando as coisas para partir, e pareciam até mesmo alegres.

Um deles operava um aparelho de rádio. Outro assobiava uma canção

enquanto colocava bagagens num jipe camuflado.

Leon o viu e se aproximou, estendendo-lhe a mão: “Boa sorte, meu

amigo.”

Sorriram um para o outro. O toque da mão de Hertz era firme e seguro.

A guerra era uma coisa estranha... Poucas vezes se tinham visto, cada um

deles chegara até ali por caminhos absolutamente diversos, mas havia

entre ambos certa cumplicidade. Jan sabia que Leon, como ele, tinha esposa

e filha pequena. As duas crianças, a menina de Leon e seu Janeczek, tinham

nascido em 1939, no ano em que a Alemanha invadiu a Polônia.

Disse Jan: “Cuide-se bem, tenente.”

Leon sorriu outra vez. Seus olhos escuros brilhavam. “Você também,

sargento. Não vá meter o pé numa mina. A sua senhora não iria gostar de

perder a companhia para as valsas.”

Jan bateu continência. “Eu nunca dancei muito bem, tenente.”

Disse Leon: “Pois só com um pé dançaria pior ainda.” E acrescentou,

comovido: “Polska Walczaca.”

“Polska Walczaca”, respondeu Jan.

(Anna tirou o menino da banheira. A água tépida exalava um leve odor de sabonete. Passando a toalha pelo pequeno tórax, pelos braços pálidos, cuja pele fina rebrilhava de segredos inverniais, correndo as mãos pelas coxas rígidas e alongadas como frutos ainda por madurar, notou com tristeza que seu Janeczek estava mais magro. “Mamusia, canta uma música pra mim”, pediu ele. Abraçou a morneza daquele filho, vestiu-lhe uma camiseta de malha e um blusão grosso de lã e começou a cantar para ele uma música sobre uma velhinha que atravessava uma floresta numa noite de inverno.

Era uma canção antiga que a mãe cantara para ela em menina, e Anna a cantava em polonês porque só costumava cantar assim, repetindo as

palavras da mãe, as mesmas de tantos anos atrás... Anna cantou a música até o fim; quando Janeczek já estava vestido e com os cabelos penteados, disse-lhe: “Agora vamos para a cozinha, mój synu. A mãe preparou um

caldo para você. Vamos tomá-lo juntos, e você vai se sentir melhor.”)

(1944, no rumo de Falaise.)

Todas as coisas respiravam silenciosamente na noite morna, sob a lua

que brilhava no céu. Jan tinha a sensação de estar num sonho que já fora sonhado noutras tantas noites, um sonho gasto em que tudo o que sucedia

era do seu conhecimento e se repetia, alheio ao seu desgosto, com igual crueza e precisão. Os alemães estavam entrincheirados na vila, mas o que

ele enxergava eram as estrelas espalhadas, cintilando distraidamente sobre

sua cabeça. O ar cheirava a cidra e, talvez, a medo. Impossível definir a combinação adocicada que lhe subia às narinas enquanto avançava na

frente de seis soldados por uma rua deserta.

Uma rua deserta.

Dentro das casas, as pessoas dormiam. Ou talvez estivessem mortas.

Difícil dizer; mas o silêncio, o silêncio que reverberava dentro dos seus ouvidos era angustioso demais para ser verdadeiro. Aproximavam-se

lentamente, metro por metro, arrastando a sarja dos uniformes no chão de

pedras.

Numa esquina, cruzaram com o corpo de um civil caído no calçamento, os braços abertos. Uma sacola arreventada à altura da sua mão direita revelava que o homem tinha ido buscar mantimentos em algum lugar e

morrera sem retornar à casa. Talvez ainda o esperassem, concluiu Jan,

olhando as duas laranjas perfeitamente maduras que aguardavam num vão entre os paralelepípedos esbranquiçados de luar. Passou por cima do

morto porque não era o momento de abrir uma cova e fazer um gesto

cristão. Em vez disso, queria chupar as laranjas. Lembrou com ânsia o gosto

do sumo, e o sentiu descendo pela sua garganta como se estivesse num momento ulterior, uma manhã de sábado, e o sol, o sol entrando pela janela

da cozinha...

O estrondo de vidros estilhaçados arrancou-o sem doçura da sua réstia

de sol. Estava de novo ali, agachado sobre as pedras, ultrapassando um morto e suas laranjas. Os tanques e a artilharia vinham pelas laterais da estrada fazendo o mínimo de barulho possível, mas mesmo assim tinham

sido detectados pelos alemães que estavam escondidos na vila. Quantos

seriam? Duzentos, dois mil? Jan imaginou os olhos e os fuzis postos nele. Os

tanques saindo detrás de cada casa, de cada parede e desvão. Não seria a primeira vez que os hitlerowcy se multiplicariam diante de seus olhos.

Depois do estrondo, o silêncio voltou ainda mais pesado. Jan fez um

gesto e os homens recomeçaram a avançar pela noite. No sigilo da rua escura, dava para ouvir as batidas do coração dentro do seu peito, e Jan se

ouvia, tentando acreditar naquele *tum-tum*, naquele aviso de que estava realmente ali. Nada era um sonho. Nem o sangue sendo bombeado dentro

do seu peito, nem as laranjas caídas no chão. Os alemães aquartelados nos

prédios ao redor da praça também eram matéria real. Sentia a boca seca porque a água do seu cantil tinha acabado, mas, pelo menos, não sofria mais com o calor. O ar da noite era ameno, glicosado e imóvel.

Quando estavam a poucos metros da praça central da vila, uma bateria

alemã começou a disparar do alto de um prédio semidestruído. Dentro dele, algum dispositivo misterioso disparou também: agora o sangue tamborilava nas suas têmporas, correndo velozmente.

Uma metralhadora automática cravou suas balas no chão de lajotas que contornava a praça e fez pedrinhas brancas saltarem como pipocas sob a

luz de um poste que luzia solitariamente. Jan se ergueu, viu que os tiros vinham da igreja, sinalizou para os soldados e saiu correndo para trás de uma casa de esquina. Os tiros caíram ao seu redor, mas sem acertá-lo.

Pensou em Anna rezando na igreja para Nossa Senhora do Monte Claro. As boas rezas de Anna...

Atrás da grossa parede de tijolos, contou os homens. Faltava um.

“Piotr ficou para trás, panie kaprale”, respondeu Babinski.

Jan encheu os pulmões de ar. Alguns blindados poloneses já surgiam nas esquinas adjacentes, e agora o fogo alemão parecia nascer de cada janela ou abertura do entorno.

“Piotr foi alvejado?”

“Não sei, sargento. Ficou para trás.”

Jan olhou a praça por uma fresta no muro esburacado. O poste não

brilhava mais e o pequeno coreto exibia-se sob a luz pálida da lua. O ar perdera o seu cheiro adocicado, agora fedia a pólvora e era mais quente.

Sentiu o suor escorrer-lhe pelo pescoço, molhando a gola do uniforme sujo de terra. “Vou buscar Piotr. Se foi ferido, não resiste dois minutos lá.”

Disse Babinski: “Mas a coisa está podre.” Seus olhinhos azuis brilhavam,

ressaltados pela camuflagem negra. “Ele deve ter ficado perto do morto, sargento. Vai ver foram as laranjas...”

Jan se agachou e deixou o abrigo do muro, enquanto Babinski lhe dava

cobertura. Levava o fuzil carregado e arrastava-se com cuidado. Como um

bicho, pensava ele, arranhando os cotovelos nas pedras. Como um bicho procurando outro.

Da igreja disparavam com uma metralhadora automática. Dois tanques

Sherman se postaram perto do coreto e fizeram mira. Um segundo depois,

tudo vibrou e ardeu. Jan enfiou a cabeça no abrigo dos braços, esperando.

Agora a lua não tinha mais qualquer papel naquela cena. Nem as estrelas.

Elas observavam como figurantes, como platéia sentada no fundo do teatro,

enquanto a igreja ardia sob o céu da noite, elevando suas chamas

cintilantes, púrpura e alaranjadas como as línguas dos dragões dos velhos contos de fadas.

Mas ali não havia fadas. Jan seguiu engatinhando, tentando se abrigar atrás de uma árvore quando uma nova rajada de balas varou a rua por onde

avançava. Passou por um corpo despedaçado e suas calças ficaram sujas de

sangue. Um Sherman ardia perto de uma esquina. Ergueu-se e saiu

correndo. A noite lambia-lhe o rosto com sua língua febril.

Era aqui. Era aqui. Era aqui. Tinha plena certeza. As pedras

esbranquiçadas do calçamento e um rombo no chão, um rombo fundo onde

antes havia um morto e duas laranjas. Pelo menos não perdera seu tempo

providenciando uma cova. Mas onde estava Piotr?

Ao redor dele, tanques avançavam. Um alemão surgiu detrás de uma

árvore e veio correndo em sua direção. Gelatina. Movia-se em gelatina, e foi

muito lentamente que puxou o gatilho e disparou. Viu a mão que

empunhava a pistola ir caindo, caindo, derreada de qualquer vontade,

enquanto um fio de sangue descia pela têmpora do soldado alemão e ele escorregava para o chão. Sem ruídos. Sem dor nem nada. Só a morte livre

de qualquer espetáculo.

Agora um morto ocupava o lugar de outro.

O segundo andar de um prédio explodiu. Gritos vararam o ar, mas tão longe, tão longe, que Jan mal pôde defini-los. Do prédio em chamas, um alemão saiu correndo e não tinha rosto, apenas uma massa sangrenta

que o

impedia de ver. Ele deu mais dois passos e *bum*, um tiro o alvejou. Jan olhou ao redor e concluiu que podia correr alguns metros. Encostou-se numa

parede. Uma pilha de tijolos unidos por argamassa, e ele se sentia tão feliz de estar ali. Como um filho no colo da mãe.

Na outra quadra, um grupo de poloneses invadia uma casa. Dava para

ouvir os gritos se destacando no meio do turbilhão da artilharia polonesa e

da alemã que lutavam nas esquinas e nas ruas para além da praça. O grupo

de poloneses procedeu à ação: primeiro a vidraça quebrada, alguém rompia

o lacre de uma granada com os dentes. (Era como se ele pudesse ver no escuro, era como os exercícios em Inverkeilor, pensava Jan, agachado

contra a sua parede.) A granada estourando lá dentro. Jan contou-os,

porque agora a luz das chamas subitamente os iluminava como num palco.

Um, dois, três, seis homens invadiram a casa atirando, atirando...

Então tudo tremeu e se desencaixou, como se um solavanco fizesse o

céu trocar de lugar com o chão. E nada mais ele ouviu, nada mais ele viu. A

noite mergulhava outra vez na sua morte fingida e rapace, ecoando um vazio entre os escombros da vila. Em algum lugar muito longe dali, pensou

Jan com o último fio de discernimento, Anna devia estar pondo o filho deles

para dormir.

(1944, um ano antes do anúncio

da capitulação japonesa.)

Ela saiu do quarto na ponta dos pés.

Deitado na cama, Janeczek dormia tranqüilamente. Tão tranqüilamente,

pensava ela, que tudo podia ser um simples engano; pois não se contavam

tantas histórias sobre exames errados e doenças que não existiam, e toda

sorte de coisas acontecidas nos consultórios médicos e hospitais? Ela

mesma só acreditava naquilo se pudesse tocar ou pôr os olhos, e o seu menino estava bem. Não tinha reclamado de dores nem tinha feito febres,

aquelas malvadas febres noturnas que algumas horas depois o punham

ensopado de suor (e era preciso trocar-lhe o pijama e os lençóis e ainda contar-lhe uma história).

Foi até a sala pisando bem devagar. Sabia que Milla estaria lá e haveria

de perguntar sobre a consulta com o doutor Olszewski. Durante o jantar e

até mesmo depois, Anna tinha podido dar a volta no assunto, pontuando seus silêncios com as renovadas atenções ao seu filho, servindo-lhe a sopa

(que ele, surpreendentemente, comera), espremendo as laranjas para o

suco, contando uma história de algum outro menino que nunca deixava

comida no prato. Mas agora, não; agora, lá na sala só havia o silêncio, Milla,

e uma pilha de pedaços de tecidos que ela haveria de juntar uns aos outros

pedalando a sua máquina. Bem, era preciso dar conta dos três.

A sala recebia a luz do único abajur, junto ao qual Milla pregava botões

em um vestido de lã. Anna correu os olhos pelo quadrado com suas paredes

alvas e os móveis que ela conhecia tão bem e sentiu um estremecimento.

Tudo parecia velado por um esmalte opaco. Parou perto da porta da

cozinha, consciente de que a irmã a fitava, esperando apenas. Conferiu com

o olhar a lenha no fogão. “Faz frio aqui”, disse em voz baixa.

“O rádio avisou que vai nevar na serra.”

A voz da irmã parecia angustiada. Anna sorriu, mostrando-se

imensamente grata por aquela neve que haveria de cair numa cidade

desconhecida, a algumas centenas de quilômetros dali. Tocou na fímbria do

vestido no qual ela trabalhava, examinando a bainha. “Ficou excelente, Milla.”

A luz do abajur desenhava arabescos de sombra no seu rosto cheio e

vivaz, enquanto ela inclinava o corpo para a frente, como se quisesse ficar

mais perto de Anna.

“Você está bastante estranha. Voltou do médico no meio da tarde e ainda não me contou nada.”

Anna deixou-se cair na cadeira que ocupava todas as noites. Num canto da sala, a máquina de costura esperava; havia duas camisas sobre o pequeno console aguardando suas mãos, seus olhos e seus pensamentos.

Era preciso dizer alguma coisa, embora ela mesma não tivesse entendido bem o que o médico lhe explicara.

“Os exames de Janeczek não foram bons.” Seus olhos pequenos cresceram ao fitar o semblante da irmã. Mas estavam secos os seus olhos quando ela prosseguiu: “Vieram alterados, foi isso que o doutor Olszewski falou.”

Ludmilla largou o vestido no colo e um dos botões de madrepérola, que ainda não fora pregado, rolou pelo chão e sumiu num nicho escuro.

(Nenhuma das duas se ateuve a isso, embora os botões estivessem cada vez mais caros e fosse uma vergonha comprá-los por unidade e não por dúzia.)

“Mas o que ele tem, afinal? O que poderia ter um menino de cinco anos que não seja uma gripe ou uma dessas infecções de amígdalas?”

Anna suspirou longamente. Pensava em seu Janek. Era bem verdade que tinha recebido uma carta dele. Amassada como uma roupa comprada numa feira, mas lacrada e cheia da sua letra vigorosa. Uma carta como um beijo; agora era preciso responder-lhe, e ela não sabia se falava ou não do menino.

“Anna!”, chamou a irmã com firmeza.

Ela pôs o indicador sobre os lábios: “Psiu... Janeczek pode acordar.”

Ludmilla pareceu muito segura quando disse: “Você está estranha. Pare de dar voltas e conte tudo o que o doutor falou.”

Deu-se por vencida. Imaginou Jan na guerra cercado por um grupo de alemães. Imprensado contra um muro. Olhou a irmã e disse: “Você conhece o doutor Olszewski, ele falou-me de índices... Mas parece que Janeczek tem os linfonodos muito aumentados, que é por isso que não come, e é por isso que tem febres e tudo o mais.”

“Linfonodos?”

“Ínguas”, explicou Anna. “Os linfonodos de Janek que ficam nas amígdalas estão muito maiores do que o normal, e isto pode significar muitas coisas.”

“Como o quê?”

“Bem, desde uma simples infecção”, baixou a voz, respirando fundo e olhando Milla nos olhos: “Até câncer.”

Pronto. Estava dito. A tenebrosa palavra. A palavra ficou entre elas, dura e terrível, no silêncio de alguns instantes. Anna achou que a irmã empalidecia, mas talvez fosse apenas a vagueza da luz que escorria do abajur.

“Câncer?”, ouvia-a perguntar.

E então respirou fundo, como um nadador prestes a se atirar na piscina e ganhar a competição. Disse firmemente: “Mas não é isso. Eu tenho certeza. E faremos mais exames, conforme o doutor pediu.” Sua voz tremeu um pouco. “Faremos mais exames e o Janeczek não terá essas febres, nem as dores, nem nada.”

A irmã estendeu-lhe os braços, segurando-lhe as mãos entre as suas. O relógio da sala soou as horas, assustando-as.

“Sim, você tem razão. Ele é apenas um menininho. Ele não tem nada disso.”

“É só ir lá dentro e vê-lo em sua caminha. Como dorme bem o meu Janeczek... Foi só um susto passageiro que ele nos pregou, o danadinho.”

As mãos de Ludmilla, um pouco úmidas, escorregaram de volta para o

seu colo amplo. “Só um susto, Anna. Para que contemos ao Janek quando ele voltar.”

Anna olhou para ela sem saber o que dizer. Sentia-se dividida em dois,

trespassada por uma lâmina. Podia até mesmo ver-se: a Anna de outrora, aquela que acreditara na vida e que se apaixonara numa tarde quente de outubro, e a Anna de agora, uma mulher discreta com seus medos e suas esperanças, a mãe do menino que dormia a poucos metros dali. Correu os

olhos de relance pelas coisas que eram dela e tudo lhe pareceu inóspito.

Somente a pálida luminosidade que vinha do quarto do filho é que lhe aquecia a alma.

Disse baixinho: “Vou lá vê-lo.”

Ludmilla aquiesceu. Alguma coisa em seu rosto havia perdido, de um

momento para outro, a eterna vivacidade. “Está se tornando uma adulta”, pensou Anna tristemente, enquanto caminhava até o quarto do filho.

(Uma viga de ferro é afastada com esforço, e dois pares de mãos recolhem

Jan do meio do entulho. Homens caminham ao redor procurando os feridos,

juntando as armas dos mortos. Pilhas de escombros ardem, e de algumas casas semidestruídas sobem filetes esguios de fumaça que se dissipam

preguiçosamente no céu róseo do alvorecer.

Um dos soldados toca a fronte de Jan. Com um semblante

compenetrado, ele abre suas pálpebras e conta os batimentos do seu

coração. Sorri antes de retirar os dedos do pescoço de Jan. *Está vivo o sargento. Tem um corte na perna esquerda, uma bala que passou de raspão.*

O outro soldado sorri. *Deve ter levado uma pancada na cabeça.* Vendo o rosto do sargento assim coberto por essa poeira esbranquiçada, ele mesmo

não poderia dizer se vive ou se morreu. “O coração está batendo bem direitinho”, diz o cabo que presta socorro no batalhão médico. “Vamos levá-

lo para a enfermaria lá na igreja.” Os dois tornam a segurar Jan, duas mãos

nos ombros, duas mãos nas pernas, e seguem com ele através da praça semidestruída. Agora todas as igrejas servem para isso, para abrigar os feridos, pensa o segundo deles enquanto se equilibra para subir os

primeiros degraus da escadaria de mármore que milagrosamente não foi afetada pelos morteiros.)

(1944, sete dias antes do vigésimo oitavo aniversário de Anna.)

Abriu os olhos e viu o teto por onde a luz penetrava com agudeza através dos vitrais quebrados. Era uma luz amarela, cegante e cruel, e ele fechou os olhos outra vez, sentindo que sua cabeça doía como se lutassem dentro dela. Ao seu redor, gemidos se elevavam das macas improvisadas, das bocas dos homens deitados sobre os bancos de madeira envernizada onde havia décadas as mulheres se sentavam para rezar. Havia homens acomodados pelo chão com pequenos ferimentos na cabeça ou no peito; alguns conversavam, outros apenas miravam o nada, esperando. Os feridos graves faziam ir e vir os médicos com seus aventais sujos de sangue. E mais soldados chegavam em busca de analgésicos, de fios e tesouras e milagres. Deitado perto de uma parede, Jan não enxergava nada disso. Apenas um pedaço de teto com suas clarabóias nuas, o reboco rachado e o ângulo da parede que exibia um mural pintado em cores desbotadas, descascado, marcado de balas adiante, onde um piedoso Cristo se ajoelhava nas águas de um rio, talvez o Jordão. Ele fechou os olhos novamente. O rio pintado na parede lembrou-lhe que tinha sede, uma sede terrível. Sua cabeça, amarela e quente da explosão, ardia, quando sentiu duas mãos tocando-lhe a fronte. Eram mãos macias e frescas como se viessem do passado, de algum daqueles dias perdidos.

Ele abriu os olhos e viu a moça de cabelos castanhos. Um lenço sujo cobria seus cabelos, mas uma mecha grossa, sedosa e perfumada (sim, Jan podia adivinhá-la perfumada, imune ao cheiro acre de pólvora e ao cheiro adocicado do sangue), aquela mecha teimava em balançar sobre sua fronte

rosada e bonita.

“Mas o que foi, meu amigo?”, ela perguntou baixinho.

E Jan respondeu: “A minha cabeça parece que vai explodir.”

Ela sorriu. Tinha uns dentes brancos e parelhos que alvoreciam seu sorriso. Perdeu-se em contemplá-la num misto de dor, encantamento e confusão. Estranho era vê-la ali, tão delicada, no meio de toda aquela tragédia.

“Você levou uma boa pancada. Estava sob uma viga de ferro quando o encontraram. E tomou uns pontos na perna. Mas amanhã já estará bom.” A voz dela tremeu um pouco: “E seguirá com os outros para Trun ou Chambois.” Sorriu-lhe, e só então Jan notou que ela falava em polonês.

“Você teve sorte, meu amigo. Muitos morreram hoje.” Sua voz era triste e assobiava as palavras.

Jan fez um esforço. A luz ainda queimava seus olhos, fazendo nascer pontos luminosos no rosto da enfermeirinha. “Você é daqui?”

Ela deu de ombros enquanto mergulhava um pano num balde de água e o retorcia energicamente. Pôs o pano sobre a testa de Jan, e a súbita frescura trouxe um suspiro aos seus lábios.

“Muito bem”, disse a moça. “É que você tem um pouco de febre.”

Ele fez menção de falar, mas ela pôs um dedo sobre seus lábios. “Psiu...

Você precisa ficar quieto. Aproveite agora para descansar.”

“Tenho sede.”

“Vou trazer água pra você. A água do balde não presta para beber.”

Jan estava deitado numa padiola a poucos centímetros do chão. Ela trocou-lhe a compressa e seus olhares se cruzaram.

“Você tinha me perguntado se sou daqui. Meu pai veio pra cá quando eu era menina, e vivíamos em Sassy. Mas eu nasci em Lodz. Desde junho

engajei-me na Cruz Vermelha. Agora vou aonde precisam de mim... Se você

não morrer em uma batalha e nenhum obus cair sobre a minha cabeça, então nos veremos no *front*. Estou indo para o sul para cuidar de vocês.”

“E sua família?”

“Foi levada pelos alemães há cerca de um ano; eu consegui me esconder e não me acharam. Mas creio que não estou pior do que a maioria.”

Jan quis acariciar-lhe o rosto, mas não ficava bem e, de todo modo, seus braços pareciam de chumbo. Mas fazia tempo que não via tão de perto uma mulher, e aqueles olhos bonitos, azulados e tristes... Ela tinha pestanas longas e sua pele luzia de suor e de vitalidade.

Alguém gritou perto deles, e o grito, longo e dolorido, transformou-se num gemido agônico.

“Por alguns, nada há a fazer”, disse ela em voz baixa, enquanto trocava-

lhe a compressa. “É preciso acostumar-se com isso... Mas a notícia boa é que você logo estará de pé outra vez. Amanhã mesmo”, e esforçou-se para parecer alegre.

As mãos dela tocaram seu rosto outra vez. Ele a sentia, e era feliz por um momento, apesar da dor que agulhava seu crânio e de um leve ardor na coxa direita. Então um grande estrondo sacudiu a pequena igreja, fazendo o ar dançar e levantando uma nuvem de poeira que esbranquiçou o pedaço de céu recortado pela clarabóia.

Ela caiu sobre ele, talvez de medo, talvez de susto, enquanto pedaços do reboco se descolavam do teto e se espatifavam no chão. Por um instante, tudo ficou quieto e expectante. O homem perto deles parara de gemer

(mais tarde souberam que havia morrido), e os outros feridos apenas

esperavam o próximo ribombar; porém, nada mais aconteceu. A enfermeira

se recompôs e recolheu seus panos. Sorriu para Jan, dizendo que logo alguém viria trazer-lhe água. Ele desejou que mais uma bomba caísse ali

perto só para sentir outra vez o sopro dos seus cabelos escuros, a leve pressão daquele rosto contra o

pano do seu uniforme. Mas nenhuma outra

bomba veio.

Em vez disso, ela disse: “Eu me chamo Katryna, e foi um prazer conhecê-lo. Mas agora é preciso que eu cuide dos outros.”

“Fique, por favor.”

Como explicar que se ela ficasse ele se sentiria mais vivo? Como contar que ia alcançar Piotr com suas mãos, e quando o tocou, quando virou seu

rosto e viu a face esburacada, então a viga de metal caiu sobre eles, soterrando-os num monte de calça e de escuridão, prendendo-o junto com

aquele homem sem rosto que fora Piotr algumas horas antes?

Ela ajeitou o avental. Já estava em pé, pronta para atender o soldado da próxima padiola.

“Ah, meu amigo, os feridos não param de chegar. Vocês estão

encurralando os alemães e eles reagem, eles sempre reagem. É preciso que

eu vá tratar dos outros, somos só dez enfermeiras aqui. Mas a sua água já

vem.” Jan pôde sentir o toque diáfano dos seus dedos ainda uma vez, quando ela acariciou-lhe a face.

“Depois eu venho trazer um analgésico”, disse, e sumiu no burburinho dos feridos espalhados pelo chão e pelos bancos da igreja.

Outra vez Jan se viu com seu retângulo de teto. Os pensamentos que o

assediavam pareciam pássaros prestes a fugir pelas clarabóias sem vidro, deixando entrever aquele insidioso e soberbo céu outra vez resplandecente

de azul.

Dormiu. Depois despertou com um toque. Abriu os olhos, assustado; por um momento não conseguiu se lembrar de onde estava, e já escurecia lá fora. Pelas aberturas do teto, viu o céu se mesclando numa

cinzenta, onde nasciam as primeiras estrelas.

Lembrou-se de tudo, do ferimento na perna, da pancada na cabeça, de

Piotr. Tentou se sentar, e fê-lo com dificuldade, porque sua cabeça ainda doía muito. Surpreendeu-se quando viu Babinski ajoelhado ao seu lado,

com um sorriso naquele rosto matreiro e sujo de poeira.

“Você precisa de um banho, Babinski. Quase me matou de susto, parado aí com essa sua cara suja de barro.”

O jovem sorriu: “Sargento, posso garantir que a sua aparência não está melhor. Mas o olho inchado até que assentou bem.”

Jan levou a mão ao rosto, sentindo a protuberância no olho direito e uma dor que se espalhou pela sua face como se a água vazasse subitamente

de um cano. “Foi o melhor que eu pude fazer. Ou era o olho ou o meu pescoço.”

Babinski entregou-lhe o cantil. “Parece que o senhor dormiu bastante,

panie kaprale. A mocinha ali me disse”, e indicou um vulto esbelto que atava a mão de um tenente com um rolo de gaze branca. “Até que não é mau de todo estar aqui... Não há tão boa companhia lá fora.”

Tomou a água com sofreguidão, deixando a frescura escorrer-lhe pela

garganta e descer, descer apagando o incêndio da sua carne. Depois largou

o cantil sobre a padiola e disse: “Piotr morreu.”

Babinski baixou os olhos. “Eu sei. Tivemos três baixas, panie kaprale.

Piort, Jude e Andrzej.”

“Jude e Andrzej”, repetiu Jan.

“E um outro grupo foi cercado perto do rio”, prosseguiu Babinski fitando

o chão. “O tenente Hertz e dez homens. Todos eles, sargento.”

Jan se recostou na parede. A cabeça doía . *O tenente Hertz e dez homens.*

Piotr, Jude e Andrzej.

“Eles estavam cercados, lutaram o quanto foi possível. Mas os alemães

tinham blindados e conheciam melhor o terreno. Depois nos vingamos,

panie kaprale. Um comando veio por trás, com Shermans e dois canhões 17.

Eu não estava junto, mas me contaram. Mataram uns cinqüenta hitlerowcy.

E estamos com uns cem no acampamento. Disseram que vinham correndo,

jogando suas Schmeisser no chão e pedindo piedade. Pedindo piedade lá naquela maldita língua deles.”

Ele absorvia lentamente as palavras. As palavras precisavam avançar

naquela dor que comprimia o seu cérebro. Ele ficou quieto, ouvindo

Babinski falar. E pensava. Pensava em Piotr, naquele rosto esfacelado. Na boca vermelha e arreganhada. Pensava em Leon. Na mulher e na menininha

que ele deixara em Varsóvia. Podia ter sido ele, era tão fácil que tivesse sido ele. Mas, não. Piotr e Leon Hertz. Não sabia se Piotr tinha filhos.

Babinski continuava: “Agora estão lá, alguns bem furados. O médico

salvou uns vinte, mas uns trinta alemães morreram.”

Jan tocou-lhe o braço: “Diga, Babinski: Piotr tinha filhos?”

“Acho que não, sargento. Ele era noivo de uma moça de Cracóvia, mas eles não se viam desde 39. Depois que ele fugiu da Polônia, eles nem se escreveram mais... Piotr estava lutando contra os alemães desde a invasão.”

Jan concordou, olhando as botas ainda sujas de barro ressecado.

Vieram-lhe à mente antigas noites, quando Anna lavava seus pés, e depois o

jantar e a conversa amena, o fogão a lenha... O menino dormindo em seu

berço, um menino que Piotr jamais chegara a ter. Disse: “Sabe Babinski, às vezes fico pensando se Deus existe. E se existe, o que pensa de tudo isso?”

Por que não faz algo por Varsóvia, algo por esses homens?” Fez um gesto abarcando o salão: “Provavelmente, a maioria deles morrerá de septicemia.

Ainda estamos longe dos americanos, e vamos seguir adiante e deixá-los aqui, separados do mundo por oito quilômetros de *front* alemão.”

Babinski sorriu tristemente. “Acho que Deus anda ocupado demais,

panie kaprale.”

A noite descia suavemente sobre o mundo, penetrando no salão da

igreja por todas as janelas destruídas e pelos buracos no teto. Era uma noite morna de verão com um céu estrelado, mas Piotr estava morto, e Leon Hertz, e Jude e Andrzej. Eles e muitos outros. Jan mastigou as palavras

de uma oração. Quando a guerra acabasse, gostaria de contar à esposa de

Leon e à noiva de Piotr que seus homens haviam se comportado como

bravos. Gostaria de contar-lhes pessoalmente, e ririam juntos de alguma lembrança tola, das coisas que eles costumavam dizer ou fazer; e assim, pelo breve sopro de um instante, eles estariam vivos novamente.

O barulho da artilharia recomeçou, ressoando como um ronco distante e

terrível. Provavelmente, ele também não chegaria a ver o fim daquilo tudo,

e essa possibilidade (tão viva e tão concreta) trouxe-lhe náuseas. Recostou-

se outra vez na padiola, sentindo que sua cabeça se punha a girar. Então fechou os olhos e dormiu, enquanto Babinski se retirava sem fazer ruído, procurando, no meio da igreja semi-escurecida, o vulto gracioso da

enfermeirinha com quem tinha falado ao chegar.

Não sabia ao certo quanto tempo se passara. Levantou-se com esforço, enfiando as botas nos pés inchados e amarrando os cadarços com dois nós.

Todas as juntas do seu corpo reclamavam e a ferida na coxa latejava um pouco, embora pudesse lembrar vagamente que ao alvorecer lhe haviam

aplicado sulfa e que tomara uma dose de analgésicos. Mas enfiou o casaco

do uniforme, tentando desfazer-lhe as dobras, e sentiu-se um pouco melhor

depois de vestido. Ergueu os olhos e, pelas aberturas do teto, pôde ver que

nuvens baixas encobriam o céu. Logo estaria chovendo exatamente ali,

naquele recanto da igreja onde passara a noite.

Consultou o relógio, eram nove horas. Tinha de se apresentar ao

comando em quinze minutos e podia dizer que se sentia bem. A dor de cabeça sumira, deixando um leve rastro angustioso, uma lembrança de

horas maldormidas e de pesadelos. Antes de sair, pegou a sacola que havia

trazido consigo. Olhou dentro dela e encontrou uma garrafinha pequena de

vodka, já pela metade (presente de Babinski, ele tinha certeza). Abriu-a com

um sorriso e sorveu um trago grande; o líquido desceu ardendo pela sua garganta ressecada. Logo se sentiu mais lúcido, a perna agora se

acomodava numa silenciosa aceitação do seu destino, e ele atravessou a nave da igreja atulhada de feridos.

Passava por cima dos homens como podia. Alguns dividiam bancos, outros estavam em macas, camas improvisadas, velhos colchões. Dormiam, gemiam, olhavam o teto com olhos vagos. Um deles, muito lúcido, disse à passagem de Jan: “Vá com Deus, amigo.” Estava deitado num colchão e faltava-lhe o pé direito, e a perna terminava num grotesco emaranhado de gaze escurecida de sangue.

Jan olhou para ele como que sonhando. Era um homem de uns 50 anos, com bigodes muito escuros e o rosto sanguíneo e vivaz. “Dziękuję”, agradeceu.

Avançou atordoadamente, sem olhar mais para baixo, sem querer ver, excluindo-se mentalmente daquela massa humana avariada e posta de lado. Não, ele não. Ele voltaria com os dois pés e a cabeça em cima do pescoço. Exatamente como seu pai voltara da Primeira Guerra.

Abriu a pesada porta com esforço, sentindo uma ligeira tontura e um calor nas têmporas. Quando pôs o pé na rua e o bafio do dia lambeu seu rosto, foi que ouviu a voz atrás de si:

“Parte sem despedidas, meu amigo?”

Viu-a então parada a um metro dele, os cabelos presos à nuca e o rosto lívido de cansaço. Seus olhos, porém, estavam ainda mais brilhantes. Sentiu urgência de tirá-la dali e levá-la para um local seguro, mas disse apenas:

“Devo me apresentar em alguns minutos, Katryna.”

Ela se aproximou sorrindo, e parecia incrível que pudesse sorrir apesar do avental sujo de sangue e dos gemidos que vinham do fundo da igreja.

“Mas ia sem se despedir de mim, e isso não se faz... Saiba que eu gostei

de você. Até mesmo lhe dei mais analgésicos do que seria correto com os outros... Os alemães interceptaram uma coluna que trazia comida e

remédios, e agora estamos quase sem nada.” Deu de ombros: “Mas é

preciso distinguir quem foi eleito para sobreviver e quem vai morrer aqui mesmo.”

“Agradeço-lhe muito”, disse Jan.

Para além da igreja, alguns homens começavam a levantar acampamento na praça deserta. Um prédio bombardeado no dia anterior ainda fumegava sob as nuvens escuras que pesavam no céu. Não havia rastros de alemães além de dois Panzers destruídos entre os canteiros desfolhados do que outrora fora um belo jardim.

Ele se voltou: “Quis me despedir, mas não a vi.” Baixando a voz, disse:

“Essa noite, sonhei com você, Katryna...”

Ela riu. “Não foi um sonho. Eu passei a noite ao seu lado, velando. Como eu disse, é preciso ajudar os eleitos. E tenho certeza de que você vai até o fim, e que volta para a sua terra... Fico muito feliz de sabê-lo.”

Sem pensar, Jan segurou-lhe a mão. “Isso também vai lhe acontecer, kochana.”

Ela balançou a cabeça negativamente e as mechas escuras dos seus cabelos se desprenderam do elástico, caindo numa cascata sobre seus ombros. Jan sentiu um súbito calor nas entranhas.

“Não tenha tanta certeza disso, meu amigo, eu tive um sonho...”

Ele levou o dedo aos seus lábios: “Não fale nada, por favor. Agora, sou eu quem lhe pede. Certas coisas merecem o silêncio.”

As nuvens que se equilibravam no céu começaram a pingar mansamente, uma chuvinha miúda e morna caía sobre eles. Katryna ergueu os olhos: “Ai, Jezu... Agora, onde vou acomodar os meus feridos? Metade desta igreja está destelhada.”

Jan hesitou, olhando o relógio: “Ainda tenho dez minutos.”

Katryna se achegou a ele, esquecida da chuva. Sorriu e seus olhos

aveludados brilharam. Um pingo caiu sobre seu narizinho arrebitado.

“Acho que eles podem esperar mais um pouquinho. Uma chuva de verão...”

Disse Jan: “Venha comigo, kochana.” Eles contornaram a igreja e desapareceram silenciosamente sob as árvores de um pomar abandonado.

Quase duas horas depois, seguiram em marcha para Chambois.

Antes de partir, os poloneses receberam a notícia de que os canadenses haviam tomado Trun no dia anterior, deixando aos alemães um corredor de

16 quilômetros como via de escape. Lutava-se ferrenhamente no Monte

Ormel, a *Maczuka*, e lá duas unidades Panzer SS pelejavam com os poloneses pelo controle do monte. Também os hitlerowcy tinham

garantido uma ponte em St. Lambert, e por ali as tropas vazavam

lentamente, fugindo do avanço aliado como podiam, deixando um rastro de destruição e morte atrás de si.

Às onze horas da manhã, as tropas ganharam comida, gasolina e

munição. Avançavam sob a chuva que caía abundantemente, despenteando

árvores, escorrendo através dos destroços das casas bombardeadas, dos

carros esquecidos pelos civis à beira da estrada, dos cavalos mortos e tanques queimados, virados e inutilizados em combates anteriores — e a chuva seguia vertendo interminavelmente do céu e passando por cima e

pelos entranhas de toda a destruição até formar um borrão de poças de lama.

Ainda não eram três horas da tarde, e de todos os lados vinham os sons

da batalha, os ruídos distantes da artilharia aliada e das tropas alemãs encurraladas disparando os canhões dos seus Panzers contra os

canadenses e poloneses que estavam alguns quilômetros à frente. Aquilo era música de outro mundo. Os vilarejos pelos quais cruzaram durante a

marcha eram um amontoado de ruínas fumegantes onde apenas uma ou duas casas ainda permaneciam em pé — seus moradores tinham morrido

ou conseguiram fugir a tempo. Alguns desses vilarejos haviam sido

simplesmente pulverizados pela aviação aliada no afã de destruir tropas alemãs que porventura estivessem escondidas ali. Tudo dependia de um

mapa riscado por cotas. Um “x” em vermelho era o fim de uma aldeia inteira.

Eles seguiam marchando o mais depressa possível. A estrada lamacenta,

obstruída por veículos destruídos, corpos e carroças, era um obstáculo permanente ao avanço. Por causa do céu nuvioso, momentaneamente os

aviões aliados não serviam para nada, e Jan se dividia entre lamentar a ausência daqueles grandes insetos de metal e amaldiçoá-los por todas

aquelas casas destroçadas, e ruas e praças e recantos que já não existiam mais. No entanto, o barulho da luta que se travava adiante era um aviso de

que a morte não vinha somente do céu. Ela se fazia, segundo após segundo,

ali mesmo — talvez na próxima curva da estrada.

Homens de várias nacionalidades se batiam com os alemães, morrendo

às centenas, caindo e perecendo sem um túmulo — pois as batalhas na região eram tão furiosas, e era tão premente sufocar a retirada dos

hitlerowcy rumo ao Sena, que não havia tempo para os soldados, eles

ficavam à beira dos caminhos, nas encruzilhadas, sob as pontes e ruas e praças destruídas, apodrecendo tristemente sob a chuva. O avanço ficava mais difícil a cada milha. A estrada havia sido gradativamente destruída nas

longas batalhas dos últimos meses, e agora jazia sob a tormenta de verão,

esburacada pelos tiros e esfaqueada pelas explosões dos morteiros.

Grandes crateras impediam a passagem dos blindados, e era necessário

efetuar complicadas manobras; além do tempo perdido, os tanques

atolavam constantemente no barro e precisavam ser rebocados.

O trabalho cansativo ocupava a parte lúcida da mente de Jan. A toda hora era preciso montar e desmontar pequenas pontes, feitas com chapas

de metal, que facilitavam o avanço dos blindados por cima das crateras abertas no chão. Às vezes, improvisavam com a madeira disponível nos

campos, cortando as árvores caídas, quebradas pelos blindados alemães em

fuga. Depois de pouco mais de um quilômetro, outras dificuldades: Panzers

destruídos abarrotavam a estrada e era preciso rebocá-los, arrastando-os pelo barro para fora do caminho palmilhável. Sob a chuva, o trabalho triplicava. Mesmo assim, um recanto da alma de Jan se horrorizava com tudo que seus olhos viam. No meio dos destroços havia cadáveres, dezenas

deles. Era necessário removê-los também. Pisoteavam esse corpos quando

o avanço se fazia urgente, e como a música da guerra aumentava mais e mais, e como estavam indo ao encontro de uma das tropas da SS naquela cota ou na próxima, tudo era urgente. Centenas de jipes e milhares de homens precisavam ir em frente sem perda de tempo. Assim, Jan e seus homens, todos os outros sargentos e tenentes e cabos do Batalhão dos Engenheiros, andavam atordoadamente sobre o barro e suas botas faziam

plac, plac na lama pegajosa.

Sentia-se como num pesadelo. Às vezes a náusea lhe subia pela

garganta, tocava-lhe o palato com seu sopro arrepiante, e temia vomitar ali

mesmo, na frente dos seus homens, sob a chuva. Era preciso controlar-se,

era preciso respirar fundo e seguir o procedimento à risca. Sabia que se sentisse pena ou medo estava morto. Era apenas uma questão de horas, tinha visto aquilo outras tantas vezes desde o começo do mês: um

camarada chorava ou vomitava ou gritava de horror em meio a uma

batalha. Ele era afastado por um dia ou dois, levado para a costa, onde descansava num daqueles acampamentos, para voltar ao *front* livre do horror; mas o horror não ia embora e o soldado morria em seguida. Por um

descuido, por uma distração. Ou uma granada, ou um tiro de morteiro bem

no meio da sua trincheira — não importava se morria por um desleixo ou

pelo inevitável, mas sempre morria.

Era preciso, mais do que tudo, esquecer os corpos espalhados pelo

caminho. Olhá-los como um todo, fossem corpos de soldados alemães ou de civis. Pelo menos a chuva afastava as moscas e apaziguava a fetidez. Ele não

queria se impregnar daquela morte assim tão cedo, pois o terror era uma

forma de condenação, como um micróbio que entrasse dentro da carne.

Enquanto trabalhava, tratou de evocar o gosto dos beijos de Katryna. Com

algum esforço, também o perfume dela se sobrepunha ao cheiro da morte, pois Katryna recordava-lhe o cheiro fresco das maçãs nos pomares — assim, pensou nela segundo após segundo daquelas horas terríveis.

Iam para o confronto com os alemães. Uma grande coluna deles tentava abrir caminho em direção ao Sena, rumo à linha Siegfried. Porém, encurralados num estreito corredor, os hitlerowcy esperavam para lutar e abrir caminho por qualquer lado e escapar da junção das tropas canadenses, polonesas, inglesas e americanas.

As horas passavam. A coxa lhe doía, mas Katryna garantia que o ferimento estava limpo e logo cicatrizaria (mais uma vez, aquela fada de cabelos escuros vinha salvá-lo do medo). Passaram por outra aldeia destruída. No centro de um quadrilátero de escombros daquilo que devia ter sido uma praça, apenas um Jesus preso em sua cruz ainda estava em pé contra o céu cinzento. Mas da cruz restava apenas uma das quatro arestas, de modo que o Cristo parecia estar em pleno vôo, tentando se livrar da haste que o prendia. Corpos apareciam na soleira de casas destruídas; à beira da estrada, um grupo de cadáveres havia sido esmagado pelos

Panzers em retirada e formava uma massa amorfa e avermelhada (da qual sobressaía um crânio feminino perfeitamente inteiro) que a chuva desfazia com lentidão.

Jan fechou os olhos para não ver. *Katryna. Katryna.* Pensar em Anna era complicado demais: era necessário evocá-la em toda a sua grandeza, resgatá-la de dentro dos silêncios mais recônditos da sua alma; Katryna, ao contrário, era parte daquilo, estava inteira sob suas pálpebras se por um instante cerrasse os olhos.

“Merda, merda”, gemeu um dos homens atrás dele.

Jan se virou e viu um rosto pálido, os lábios trêmulos. Ele fitava o monte de corpos esmagados e avançava virando a cabeça, incapaz de se desligar

da terrível imagem daquele rosto feminino de olhos esbugalhados.

Deu um passo atrás e o pegou pelo braço: “Está louco, meu amigo?”

O outro fitou-o com um olhar esgazeado. “Merda, sargento. Isto tudo é pura merda.”

Jan sacudiu-o, e o soldado se empertigou: “Desculpe, sargento.”

“Não peça desculpas a mim. Peça a si mesmo.” Apontou sua cabeça: “Se você deixar o inferno entrar aí dentro, está morto. Ouça o que eu digo. É aí que se morre primeiro. O tiro vem depois.”

E seguiu andando sob a chuva que começava a rarear, enquanto a palma da sua mão formigava.

Mais duas léguas. Carros enguiçavam constantemente, atravancando a estrada, e um canhão se perdeu no atoleiro. Numa curva do caminho, perto de um celeiro incendiado, Jan viu o corpo coberto de sangue de uma mulher

jovem e, a poucos metros, um bebê que jazia semi-enterrado no barro. A criança, enrolada numa manta azul e encoberta pela folhagem de um

arbusto, tinha metade da face mergulhada na lama. Ele vira centenas de mortos naquela maldita estrada, mas ainda nenhum bebê. Engoliu em seco,

sabia muito bem que era preciso usar todo o seu autocontrole. Pensou no

Cristo preso por um toco de madeira, tal qual um passarinho atado por uma

pata. Não, aquilo era demais. Pisotear cadáveres alemães era uma coisa; aquele bebê morto no meio do barro era outra bem diferente. Um dia, seu

Janeczek tinha sido um bebê como aquele... Talvez Anna até mesmo lhe tivesse tecido uma manta azul naquelas noites esquecidas do passado.

Parou no meio da estrada, e os homens passavam por ele marchando

sob a chuva, os olhos fixos à frente, atentos ao surgimento das tropas inimigas ou de alguma patrulha extraviada que surgisse por trás das

árvores. Então, tomou o rumo contrário e avançou até o pequeno cadáver.

Enfiou a mão no barro e tocou o minúsculo rosto frio. Tinha plena consciência de que estava se expondo. Não aos tiros inimigos, mas ao micróbio da morte, aquele ímã interno. Mas ele não haveria de deixar uma

criança largada no meio do nada. Olhou para os lados; os homens

continuavam a marchar e era possível ver a última coluna de Shermans fazendo uma curva à direita. Ponderou rapidamente: enterrar o bebê

levaria cinco minutos.

Correu até onde marchava a sua unidade; eles avançavam unidos, e a

água escorria por seus rostos silenciosos e preocupados. Ninguém

duvidava do tamanho da batalha que haveriam de travar dali a alguns

quilômetros, e a exaustão e a chuva começavam a cobrar seus tributos. Os

homens estavam pálidos e cansados, enquanto se espalhava entre as

fileiras a notícia de que os operadores de rádio recebiam avisos de terríveis

lutas pela ocupação do Monte Ormel e em Chambois.

Quase ritmadamente, as bombas explodiam ao longe. Jan se lembrou de

que precisava enterrar o bebê. De repente, dar uma sepultura à criança parecia ser a sua salvação. Talvez estivesse com febre, tantas horas sob a chuva, e havia o ferimento na perna... Porém, nada mais havia a fazer. Só mataria os seus alemães depois que o menininho ganhasse a sua cova.

Atravessou a estrada como pôde, abrindo caminho entre os homens e

aproximou-se de um cabo que guiava um jipe. Para ser ouvido acima das detonações, gritou: “Eu preciso de uma pá grande!”

O jipe se arrastava pelo caminho esburacado, caixas de material

sacolejavam no seu interior. O cabo desligou a ignição (o avanço era tão tumultuado que alguns homens contornaram o veículo e seguiram pelo

caminho lamacento) e perguntou: “Precisa do quê, sargento?”

Jan o reconheceu. Tinha estado em Inverkeilor junto com ele. “De uma

pá, Marian. Uma pá para enterrar um cadáver.”

O outro não fez perguntas, embora enterrar um cadáver ali fosse uma

inutilidade impraticável. Se enterrassem todos os cadáveres que

encontravam, não teriam avançado um quilômetro desde o café da manhã.

Mesmo assim, levantou uma lona grossa, retirando da traseira do jipe uma pá de cabo longo, bateu-lhe continência e tornou a girar a ignição, pondo o jipe em movimento. Não iria discutir com uma patente mais alta, por mais absurda que fosse a situação.

Nesse instante, um tiro de canhão caiu exatamente no meio da coluna

que marchava na frente. Gritos se elevaram no ar, e uma confusão de homens e de veículos que tentavam retomar o prumo ziguezagueou pelo

caminho lamacento. Jan sentiu o coração subir-lhe até a boca. Tocou no seu fuzil sem saber muito bem por quê, só para se certificar de que estava ali.

Depois tomou da pá e, apertando o cabo entre os dedos, seguiu no rumo que recordava. O ruído da artilharia aumentou (guerreava-se na cota 262),

um barulho metálico e agudo. Estavam chegando perto dos alemães.

Mesmo sem olhar o mapa, tinha certeza de que faltava pouco para encontrar a divisão da SS.

Levando a pá, seguiu no contrafluxo dos enfermeiros que acorriam para

auxiliar os feridos. Os ruídos da batalha aumentavam e já se podia ouvir a

explosão dos morteiros, que espalhavam sua fumaça negra no ar carregado

de umidade. “Só desta vez, só desta vez”, pensou Jan, avançando na

contramão dos soldados. Começou a correr. “Só desta vez.” E escorregava no barro macio. Parou uma dezena de metros depois: guardara a imagem

de um celeiro. Olhou para os lados, tinha plena certeza de que a criança estava por ali. Por um momento ficou confuso. O celeiro ele podia ver, recortado contra a luz plúmbea do céu, deixando escapar um filete de fumaça negra, mas não via o corpo do menino... Talvez um dos Shermans tivesse esmagado o pequeno cadáver. Essa idéia o encheu de horror.

Misteriosamente, teve consciência de que enterrar aquele menino era

salvar sua própria alma de toda aquela podridão.

Então, lá estava ele, à direita do celeiro incendiado. A folhagem baixa, suja de fuligem, e a ponta azulada de uma manta. Saiu correndo com a pá

numa das mãos e o fuzil na outra; precisava trabalhar depressa e voltar para junto dos seus homens.

Enfiou a pá na terra macia. *Anna teceu uma manta para Janeczek*. Duas agulhas, horas e horas. Terçando espadas com o tempo. A pá afundou mais uma vez. E outra, e outra, num barulho surdo que se perdia no trovoar das bombas.

(Anna veste o menino e conta-lhe que um pássaro fez ninho no limoeiro do quintal. Ele não dormiu bem à noite. Teve pesadelos e chorou, depois se queixou que a garganta doía, que era difícil engolir. Mais uma noite; a repetição dessas vigílias afinava o seu ouvido; agora ela pode, enquanto as

madrugadas transcorrem lentamente, evocar todos os ruídos do mundo. O

angustioso cicio das árvores lá fora, sopradas pelo minuano. O trabalho dos

cupins dentro da madeira. *Siss, sass, siss, sass*. Os cupins comendo a madeira, como aquela absurda doença come a carne do seu filho. Mas

amanhã é sexta-feira e ela fará um buraco no quintal. Ela cavará aquela terra como se cavasse a própria alma. Sorri para Janeczek. *Siss, sass*, faz o ruído do fecho eclair puxado pelos seus dedos hábeis. Ela ajeita a calça de

veludo azul-marinho que esconde as pernas finas do seu filho e diz com um

sorriso nos lábios: “Como você está bonito, mój synu!”)

Finalmente a chuva parou. Era uma hora indefinida do anoitecer, quando tudo parecia se confundir numa única mancha cor-de-rosa; mas ali o céu era mais escuro por causa da fumaça dos moinhos. Somente ao longe, como um rasgão de sonho, uma nódoa vermelha indicava que em algum

outro lugar o sol se punha.

Não havia sol, e a lembrança de dias anteriores era difusa e parecia uma

brincadeira de mau gosto. Os restos da batalha se espalhavam

desconjuntamente por todos os lados, como um cenário tétrico que

algum contra-regra maluco esquecera de mandar desmontar. A estrada,

agora quieta, exibia suas entranhas destroçadas.

Jan deu alguns passos, contornando a beira da elevação de terra que

acompanhava um dos lados da estrada entre Chambois e Vimoutiers, e

olhou para baixo, espantado. Cavalos mortos, carroças incendiadas e blindados estripados cobriam o chão de terra batida. Porém, o que mais o impressionava eram os soldados, centenas deles, talvez mais de dois mil cadáveres de alemães ao longo daquele trecho de caminho. A rota de fuga frustrada. Somente uns poucos tinham conseguido vazar para o leste; a maioria morrera ou era agora prisioneira.

Mas não tinha pena. Era impossível sentir pena, bastava pensar em Varsóvia. Bastava olhar as fazendas saqueadas, queimadas, os civis que fugiam, o moinho ao longe, inerte contra o céu cinzento da tarde, queimando, como queimaria, até as cinzas.

Ouviu um ruído estranho que vinha da estrada a seus pés. Correu os olhos sobre as pilhas de escombros e cadáveres caídos no barro, e então o

viu sob a gigantesca roda de uma carroça destruída. Era um soldado alemão que gemia; encontrava-se três metros acima da estrada (e aqueles três metros eram tudo: a diferença entre a vida e a morte); olhou-o por um instante sem saber o que fazer — um longo instante em que pôde perceber nitidamente que o alemão ferido lá embaixo era jovem e devia ter sido um tipo bonito, apesar do barro e do sangue que lhe cobriam a face. Talvez aquele homem fosse a única coisa viva na estrada. Do meio da morte vinha

aquele gemido, um pedido de ajuda. O homem virava o rosto ferido, balbuciando palavras ininteligíveis. Jan se sentia capturado em uma outra dimensão onde nada mais havia (nem os destroços e a estrada atulhada de mortos, nem o barulho metálico dos Shermans aliados que seguiam para Chambois por um caminho paralelo e desimpedido, nem as conversas atrás dele e as vozes dos socorristas que atendiam centenas de feridos). Só ele e aquele homem. O alemão sob a roda.

Mas não se moveu do lugar. Como se suas botas estivessem enterradas no lodo e as solas dos seus pés coladas a elas, não se mexia; fixava os olhos

no alemão, pensando em coisas impossíveis de serem verbalizadas,

lembrando cenas aparentemente tolas. *Anna tricotando uma manta azul. O*

ruído da pá na terra, pac, pac. Se descesse pelo barranco até lá embaixo, talvez pudesse libertar o alemão com a ajuda de uma cunha. Alguns dos socorristas poderiam ajudá-lo, ele mesmo tinha visto homens em estado

pior serem salvos pelos socorristas da Divisão. Mas sua cabeça fervia de ódio. . *Uma cabeça de mulher sob os escombros. Pilhas de cadáveres nas esquinas de Varsóvia.* Sua cabeça fervia por causa da febre. Calafrios desciam-lhe pelas costas, dirigindo-se para a ferida na coxa . *Uma bomba destruiu aquela igreja, você teve sorte, panie kaprale.* Sim, ele podia se lembrar disso. Cobas não lhe havia dito poucos momentos atrás? “Como

você sabe, Cobas? Foda-se, diga-me como você sabe. Não faça brincadeiras

com isso!” *O rádio. Os aviões aliados. Uma brigada alemã fugitiva. Katryna...*

Katryna. Não, ele não podia sair do lugar. Era um bom lugar, com uma vista esplêndida do sofrimento.

Uma rajada de vento sacudiu seu uniforme sujo de sangue e poeira, mas

Jan não se abalou. Era de pedra. *Katryna, Katryna. Metade dessa igreja está destelhada. Onde vou acomodar meus feridos?* A febre queimava nas suas têmporas, ajeitou a boina, apertou os braços em torno do corpo e

permaneceu olhando a estrada lá embaixo e, sob a roda, o alemão que morria.

Como num jogo, o alemão virou o rosto para ele. Subitamente, e de tal

modo que pensou tê-lo chamado sem perceber, Jan pôde ver seu rosto em

detalhes e notar que da sua testa escorria um rubro filete de sangue. Mas

não se moveu. *Por Cracóvia. Por Varsóvia. Por Leon Hertz.*

“Está olhando o quê, sargento?”

Virou-se e viu Babinski e um tenente do regimento dos Dragões. Ambos

contemplavam a estrada lá embaixo, assim como ele próprio havia feito minutos antes.

“Por Deus, isto parece o inferno”, gemeu Babinski. “Pegamos os

hitlerowcy de jeito. O chefe deles não vai gostar nada disso, no seu *bunker* lá em Berlim.”

O tenente disse, sorrindo: “Não há nada vivo aí embaixo. Nem um

maldito motor de um maldito carro deles. Quem tinha sangue nas veias nós

já botamos na fila para marchar.”

Jan olhou-os sem dizer nada. *Uma bomba. Não sobrou nada da igreja.*

Você teve sorte, panie kaprale... Ergueu a mão e apontou o soldado ferido sob a grande roda desconjuntada. O alemão ainda olhava para ele e parecia

adivinhar. Mas não; não havia ajuda possível.

Jan indicou: “Vejam, aquele ainda está vivo.”

Babinski correu os olhos pela estrada até ver o local exato que Jan lhe apontara.

Disse ele: “Não deve ser nada agradável estar lá.”

Sem fazer comentários, o tenente tirou sua arma do coldre, mirou e disparou um único e excelente tiro. Uma fração de segundo depois, o alemão esmoreceu suavemente. Seus olhos já não fitavam mais o rosto de Jan. O tenente guardou a arma.

“Menos um”, disse. “Já nos bastam as centenas que teremos que levar até o Maczuka e depois entregar aos americanos.”

Babinski e Jan ficaram em silêncio. O tenente se afastou para voltar ao acampamento, seguido em silêncio por Babinski. Ele ficou ali por mais um momento. Precisava de um antitérmico qualquer. *Sulfanilamida... Mas a sua perna vai ficar boa.* A voz dela ainda ecoava nos seus ouvidos, como uma estrela morta há milhões de anos. *Sulfanilamida.* E na voz dela, era como um poema.

“Jezu...”, gemeu, e se afastou da beira da estrada de Chamois-Vimoutiers, no rumo do acampamento. O que queria mesmo era uma boa garrafa de vodca.

(1944, marchando para Chambois.)

Os prisioneiros seguiam pelo lado direito da estrada em filas de três.

Marchavam sob o sol, levando os casacos nos braços. Pareciam abatidos e

infelizes. Fazia bastante calor e quase não havia água; a marcha era penosa

e o pó entrava pelas suas gargantas e narinas. No fim da extensa fila seguiam os feridos. Alguns mancavam, os que não podiam caminhar

sozinhos eram ajudados por outros. Havia um clima de camaradagem no

deprimente grupo de homens com ataduras sujas de barro e de sangue,

exibindo braços enfaixados e pernas duras que se arrastavam pela estrada.

Os soldados mais feridos haviam ficado para trás, no acampamento, e seu

destino era incerto. Durante a noite, alguns haviam escutado os tiros no escuro, mas, de modo geral, os prisioneiros deviam ser entregues aos

americanos e enviados a um campo.

Os prisioneiros sabiam que estar sob a mira dos fuzis polacos era um risco, mas não havia alternativa. Teriam preferido os canadenses, cujo sentimento se restringia ao desejo de que a guerra terminasse. Muitos dos

oficiais e soldados poloneses que seguiam pelo outro lado da estrada

tinham vindo da Polônia em 39, e estavam ali para vingar a sua pátria.

Tinham lutado em Cracóvia, em Katowice, em Varsóvia.

Era uma viagem estranha. Centenas de alemães marchando

silenciosamente, às vezes, quando menos se esperava, de uma curva do caminho surgia uma patrulha de hitlerowcy com as mãos para cima,

jogando as armas no chão. Eram dissidentes das tropas que estavam em St.

Lambert. Pareciam famintos e desesperados, com os uniformes

esfarrapados e sem sombra do seu lendário orgulho. Assim, a longa corda

de prisioneiros se distendia mais e mais. Caminhões, Shermans e jipes passavam, apressando-se para chegar a Chambois. Tropas maiores tinham

sido enviadas mais para o sul, para os subúrbios, à procura dos americanos

liderados pelo capitão Waters. Por cima das cabeças zuniam os aviões, as bombas explodiam ao longe, no centro da cidade e nas encostas do Monte

Ormel.

Jan seguia a ordem. Sua perna doía e a febre, que o assediara durante toda a noite, queimava sua

garganta. Bebeu do cantil, economizando a

pouca água, e limpou o suor do rosto. Alguns homens fumavam, mas ele sabia que isso não enganaria sua sede. Às vezes pensava em Anna. Não que

fosse fácil pensar nela, tão distante dali, mas a imagem de Anna era um consolo que as bombas e os morteiros não podiam destruir.

Não gostava daqueles alemães. Às vezes tocava no fuzil, a absurda

vontade de dar um tiro num deles fazia cócegas nos seus dedos; mas nada

traria Katryna de volta. *Sabe, eu tive um sonho...* Ainda podia ouvir a voz dela. Mas não havia sido coisa dos alemães. A bomba viera de um avião canadense. No entanto, que diferença fazia? Não estavam todos ali, metidos

naquele inferno, por causa dos hitlerowcy?

Concentrou-se atentamente na desgraça daqueles homens que

marchavam em filas triplas... Tão miseráveis quanto quaisquer outros,

agora que não tinham seus Panzers, suas minas S e suas metralhadoras automáticas. Agora que a Luftwaffe já não existia mais. Porém, aos

pensamentos se misturavam certos rostos. Quase fantasmas... O pai. A mãe.

Stach lavrando a terra. Os alemães seguiam marchando; eram muitos e

talvez pudessem fugir. Oitocentos prisioneiros, tinha ouvido um coronel

dizer. Mas eles não queriam fugir, queriam sobreviver, e o melhor modo era seguir por aquela estrada e ser entregue aos americanos. Cinco anos sem notícias da família: esse vazio na alma empurrava-lhe a mão para a pistola. Mas era preciso seguir em frente e manter a cabeça fria. Talvez a visão de um general o deixasse furioso, um general alemão; mas ali só havia

capitães, tenentes, alguns majores esfarrapados, uns trinta sargentos e uma

pilha de soldados exaustos arrastando-se sob a soalheira.

A maioria dos soldados poloneses seguia a pé. A estrada, no entanto, era

regular e o tempo bom havia secado a lama, deixando a passagem fácil para

os blindados e veículos de carga, de modo que o trabalho pesado os

esperava em Chambois. Babinski apressou o passo e juntou-se a Jan. “Como

parecem mansos agora, implorando por suas vidas. Lembro quando eles

chegaram na Polônia como deuses.”

Disse Jan: “Não gosto de vê-los. Algo de ruim surge em mim.”

“Quer matá-los, panie kaprale. Mas não é o único, ou não ouviu durante a noite?”

“Ouvi.”

“Muitos dos nossos perderam esposas e filhos. Famílias inteiras.”

Os blindados passavam por eles levantando poeira do chão.

“Não sei o que aconteceu com a minha gente lá na Polônia, Babinski.”

“Eram muitos?”

“Pai, mãe e quatro irmãos. Um cunhado, uma menina, minha sobrinha. E

meu irmão Stach era casado e tinha filho pequeno. Depois havia a avó e alguns tios.”

Centenas de botas estalavam no chão, provocando um ruído tenso e

contínuo como o de uma máquina. Jan contou mentalmente: jeden, dwa,

trzy. Jeden, dwa, trzy. Um, dois três, um, dois, três.

Disse Babinski: “Pelo nome, vocês não são judeus.”

“Nie.”

“Tanto melhor, sargento. Pode haver uma chance. Não digo todos, as

peessoas idosas e as crianças, para elas foi mais difícil. Mas os outros... Os outros talvez sim.”

Disse Jan: “Varsóvia está caindo.”

O outro se empertigou: “Nem fale nisso, panie kaprale. Sou capaz de

fazer uma bobagem. Descarrego minha munição nos miolos desses

desgraçados.”

Jan segurou-o pelo braço. “Babinski, há leis proibindo essas coisas.”

“Mas a noite vai chegar, sargento.”

Seguiram marchando em silêncio enquanto caminhões passavam por eles, apartando-os momentaneamente do grupo de alemães. Do outro lado da estrada, dava para ver uma vala cheia de cadáveres. Jan desviou os olhos para uma pilha de destroços e viu, sem curiosidade, alguns canhões e dois Panzers incendiados, esquecidos ao lado da estrada. Enquanto marchava, podia sentir o mau humor de Babinski se misturando à sua tristeza. Pensou em contar-lhe sobre Katryna, mas abandonou a idéia e mergulhou no silêncio como quem entra sob as cobertas de uma cama. Passaram-se alguns minutos. Havia o distante troar dos canhões, mas isso não contava mais. Às vezes, algumas explosões soavam perto. Os homens paravam instintivamente para retomar a marcha em seguida; de quando em quando, esquadrilhas de *Spitfires* cobriam o céu e tornavam a desaparecer.

À primeira hora da tarde eles pararam. Não havia rações para os prisioneiros, somente um pouco de água, que foi distribuída sem muito cuidado. Sob uma árvore, Jan os observava. De quando em quando, algum

dos soldados alemães olhava o céu, com medo das bombas lançadas pelos

Cancasters e *Hallifaxes*. Para o sul, o céu parecia pesado e cinzento de fumaça: eram os incêndios.

A coluna descansou por uma hora. Antes que a marcha fosse retomada,

Jan correu para o meio do mato e aliviou-se atrás de uma árvore. Na volta,

para alcançar seus homens, precisou cortar pelo meio das filas de

prisioneiros. Às vezes, durante a noite, os operadores de rádio podiam

captar os sinais de Londres, e então as notícias sobre Varsóvia estouravam na cara dos poloneses como tapas (os milhares de mortos, os bairros

destruídos sistematicamente, as lutas nas esquinas). Jan se lembrou disso e atravessou a coluna de alemães o mais depressa possível; a proximidade física com aqueles homens causava-lhe uma sensação estranha. Os prisioneiros baixaram os olhos à sua passagem, nenhum o olhara nos olhos. Ele deu dois passos em direção aos poloneses que se preparavam para marchar, mas um grupo de Shermans avançava pela parte central da estrada e foi preciso esperar ao lado da coluna de prisioneiros. Foi então que ouviu. Chamavam-no. Janek! Janek!

Achou que estava sonhando. Seu nome, *aquela* modo de chamar seu nome, e um carregado sotaque alemão. O ruído dos blindados se misturou à palavra outra vez repetida: “Janek.” Ele virou o rosto e olhou para trás. Viu que um prisioneiro com as insígnias de capitão olhava para ele. Era o primeiro homem daquele grupo com quem cruzava os olhos, o primeiro a ter coragem de mirá-lo daquele jeito; por um breve instante Jan sentiu-se envolvido por aquele rosto pálido e emaciado, com seus tristes olhos verdes. Um rosto aristocrático, bonito até. E os lábios, aqueles lábios secos, moveram-se sob o sol: “Janek.”

Pôde ouvi-lo com clareza então, e a súbita curiosidade se desfez. Voltava a ser um polonês olhando para o inimigo, e o sangue subiu-lhe às faces. Sem pensar direito, movido por um ódio que até então desconhecia, movido por uma ânsia animal que habitava dentro dele, caminhou até o alemão e bateu-lhe com a coronha do fuzil na altura da têmpora esquerda. Bateu com força, mas o alemão não reclamou, apenas baixou os olhos, esquivando-se, e levou a mão à testa, de onde o sangue escorria. Da sua boca não escapou mais uma palavra. Os outros prisioneiros não se moveram, enquanto Jan sentia uma onda de repulsa e constrangimento nascer dentro dele. No meio da confusão das tropas, foi dado o sinal de partida. Confuso e

envergonhado de si mesmo, Jan seguiu até onde marchavam os seus homens e pulou na traseira de um jipe. Doía-lhe a cabeça, doía-lhe a perna,

e mais alguma coisa o incomodava, alguma coisa vaga e triste — a sua covardia. Deixou-se levar como se não tivesse alma, um punhado de carne

sacolejando pela estrada; quando ergueu o rosto e olhou para a longa fila

de prisioneiros, ainda pôde ver o capitão alemão com os olhos postos nele.

Uns olhos verdes, macios e desprovidos de rancor.

Um grupo de *Spitfires* passou voando baixo, o rastro de fumaça esbranquiçada desenhando arabescos no céu. Provavelmente estavam a

caminho de bombardear as tropas inimigas para os lados de St. Lambert.

Jan pensou nas bombas caindo sobre os homens e sobre os blindados. A estrada cheia de alemães em fuga. O desespero da corrida para os bosques

enlameados em busca de mais algumas horas de sofrimento antes do fim.

Antes da morte. A morte.

Sentado na traseira do jipe, sacolejando molemente, sem se importar

com o calor e com os mosquitos, nem com o uniforme duro de pó, as meias

úmidas, todo aquele eterno constrangimento da carne, os cheiros, a dor, as

secreções e emanções do corpo que a vida cotidiana, com seus banhos, talcos e pomadas, apagava da memória do homem, mergulhou num sono

leve e trepidante. Um sonho roçou-lhe a alma: ele ainda jovem, andando pelas ruas de uma cidade grande. E as pessoas bem-vestidas. Limpas e alimentadas, as pessoas daquele sonho. Havia risos e havia um futuro, uma

confiança inata nas coisas, manifestada por um caminhar de passos largos,

decididos. Alguém falava com ele numa voz macia. E em outra língua... O

jipe passou por um buraco na estrada e deu um pulo. Jan abriu os olhos, assustado. A guerra. O caminho poeirento, o ruído dos aviões, tudo se misturava à sensação daquele sonho rápido. Mas ele ainda podia ouvir a voz: “Janek. Janek.”

E então se lembrou: a voz de Alfred. No sonho, era Alfred quem estava

ao seu lado. A voz do amigo voejando em torno dele como um pássaro, indo

e vindo, subindo e descendo no céu afogado de calor e de fumaça, desaparecendo nas montanhas ao longe, no verde pacificado das

montanhas. Alfred estava ali; era um daqueles oitocentos, assim como ele,

Jan, era um dos quinze mil homens da 1ª. Divisão Blindada. Fazia muitos anos, quase vinte; mas era verdade que aqueles olhos permaneciam iguais.

E a voz... “Janek”, ele tinha dito. Talvez o tempo todo, desde a captura, Alfred estivesse esperando por ele, esperando reencontrar seu amigo

polonês, Jan Wierzchowski, a quem acolhera em sua própria casa. Sua única

chance. Sim, podia lembrar-se com detalhes muito vívidos da casa de Alfred

como se tivesse estado lá ainda no dia anterior: um sobrado estreito e bem-

acabado que cheirava a uma mistura de manteiga, ovos batidos e hortelã.

Lembrava-se dos armários impecáveis, das suas roupas íntimas passadas a

ferro pelo direito e pelo avesso... A mãe de Alfred, e os pães que ela assava

todas as tardes.

O passado caiu como uma pedra sobre ele. Junto com o calor, com o

cheiro horrível dos corpos que apodreciam para além da estrada, junto com

tudo isso vinha um desespero enorme. Alfred não era um hitlerowiec. Ele

não odiava os judeus, não era nacional-socialista, não desprezava a Polônia.

Lembrava-se bem, como se o tempo não tivesse passado — todos aqueles

anos e tragédias e acontecimentos —, lembrava-se perfeitamente das

conversas que haviam tido, horas inteiras, madrugadas inteiras à luz do candeeiro, sussurrando sonhos e projetos... Mas o tempo passara e a vida

seguira seu rumo. Agora estavam ali, os dois. Os grandes amigos de horas

inesquecíveis. Um era o algoz, o outro, o prisioneiro. E todo o resto não importava, não naquele caso.

Nem Varsóvia, nem os milhares de mortos, nem Paris, nem merda nenhuma. Ele precisava ajudar Alfred, o capitão

Alfred Schlemmer, com quem outrora fizera planos de futuro.

Jan fez um gesto para o motorista e pulou do veículo em movimento.

Nova leva de aviões passou zunindo sobre as cabeças, cortando as nuvens

macias que agora começavam a aparecer no céu de um azul esbranquiçado;

para os lados da cidade e do Monte Ormel, as nuvens se espalhavam, cinzentas. Sentiu que precisava soltar Alfred a qualquer custo. Mas isso só

podia ser feito à noite, e então estariam em Chambois.

Saiu andando até o lugar onde marchavam os prisioneiros. Caminhava

rapidamente, em busca daquele rosto do passado. Os olhos verdes. A voz macia. Vinte anos tinham se passado, e Schlemmer poderia ser outro, um seguidor fiel dos preceitos de Hitler. Mas ainda assim, pensou Jan. Era preciso... Era preciso soltá-lo de um modo ou de outro, soltá-lo era ainda ser gente. Era o seu livre-arbítrio. Era a sua vitória sobre tudo aquilo, a morte, o horror e a fome, e as horas infindáveis enfiado como um bicho nas

trincheiras de terra nua. Ele não era apenas o número 29301; apesar da banalidade de tudo, da fugacidade que era viver ali, ele não era um animal,

e isto significava dar uma chance a Alfred Schlemmer. Uma chance, por menor que fosse.

Era noite fechada e as bombas explodiam no limite da cidade de Chambois,

iluminando o céu como um show de fogos numa quermesse do interior; os

prisioneiros alemães, reunidos na praça central, olhavam ao longe, e talvez

alguns — era isso que Jan pensava ao contornar o perímetro da praça em

busca de Alfred Schlemmer —, talvez alguns daqueles homens se

lembrassem mesmo de alguma antiga festa na sua aldeia ou cidade. Por um

instante, era fácil acreditar que os clarões eram fogos de artifício. Bastava

tapar os ouvidos; eliminando da cena os gritos de horror, o ruído da artilharia e as detonações, dava para se pensar que naquela praça haveria

uma festa. Uma festa cheia de gente. Mas será que conseguiria encontrar Alfred no meio daquela multidão de soldados exaustos, espalhados pelo

chão, reunidos em grupos ou simplesmente dormindo? Era preciso focar a

lanterna em cada rosto, em cada cabeça que ostentasse cabelos castanho-

escuras, e isso não era uma grande pista.

Sem aviso, uma salva de tiros de morteiro caiu no canto esquerdo da

praça, e o desespero tomou conta dos prisioneiros ao redor dele. Todos começaram a gritar e a correr de um lado para outro. Se aquilo era uma festa, tinha acabado. Um lado da praça agora ardia em fogo, e alguns feridos

vinham de lá se arrastando. Era como se estivessem saindo do centro de uma fogueira. Um homem sem um braço caiu aos seus pés, enquanto um

grupo de poloneses tentava controlar o desespero dos alemães, dando

ordens que se perdiam na confusão. “Mas esses malditos!”, gritou alguém.

Era impossível saber se havia sido fogo amigo ou inimigo, mas, de qualquer

modo, a conta fora errada. Um grupo de enfermeiros começou a abrir

espaço para socorrer os feridos e Jan saiu apressado. Embora Alfred não tivesse morrido, era melhor achá-lo de uma vez, porque as coisas estavam

ficando cada vez piores.

Tinha visto Schlemmer ao cair da tarde, quando os prisioneiros haviam

sido colocados ali. Mas era impossível pegar um alemão pelo braço e levá-lo

assim, sem mais nem menos. De modo que tivera de esperar a noite. Mas a

batalha se acirrara mais e mais nos limites da cidade e começava a invadir a

área urbana; agora defendiam Chambois em cada quarteirão dos bairros

limítrofes, dentro de cada sobrado. Dizia-se que mais uma tropa da SS fazia

pressão contra eles para poder escapar rumo ao Sena. E a rota de fuga era

por ali. “Como uma rolha numa garrafa”, pensou Jan. E eles eram a rolha.

Eles tinham que segurar os alemães a todo custo, ali em Chambois e no Monte Ormel. Jan atravessou o resto do que fora um laguinho, as pedras brancas que o delimitavam tinham sido transformadas em farelo pelas

lagartas dos blindados, a água escorrera e tudo aquilo nada mais era do que

uma grande poça suja, cheia de detritos e com dois corpos caídos no meio

da lama. Jan passou por cima de um cadáver e o fecho de luz da lanterna fez

surgir uma divisa de tenente. Faltava-lhe a cabeça.

Buscava o lugar onde tinha visto Alfred pela última vez, perto do coreto.

Uma casa ardia na confluência de duas ruas em frente à praça, e ele gastou um instante olhando aquela fogueira. Os alemães corriam de um lado para outro, e não havia sinal do velho coreto além de um rombo fumegante no chão. Um capitão polonês deu dois tiros para cima, numa tentativa inútil de acalmar o pânico dos prisioneiros na praça. A igreja havia sido destruída e, de qualquer modo, eles eram muitos: não havia um teto para os oitocentos prisioneiros na cidadezinha bombardeada. Jan esbarrou em um cabo que chorava de medo. Gritou-lhe: “O capitão Alfred Schlemmer! Alfred Schlemmer!” O rapaz abriu os braços desoladamente. “*Help, help!*”, dizia.

Jan o empurrou para o lado e caminhou por entre a confusão de homens, correndo pelos rostos o facho da sua lanterna. Mas a balbúrdia era terrível, o fogo crepitava em vários pontos ao redor do quadrilátero, lançando suas luzes avermelhadas e tornando ainda mais sinistros os estrondos das bombas e os tiros da artilharia a poucos quilômetros dali. Era uma tarefa impossível, talvez Alfred tivesse mesmo morrido. Começou a olhar os corpos espalhados no chão, verificando suas divisas. O facho amarelado iluminava faces sangrentas, uma mão solta na relva pisoteada, um capitão com as tripas para fora. Mas não era Schlemmer. “Boze, Boze”, gemia sozinho, passando a luz pelo chão, porque precisava salvar Alfred Schlemmer. *Boze, Boze*. Mas os mortos eram todos absurdamente parecidos, e às vezes o sangue nem deixava reconhecer um uniforme ou um rosto. E então uma mão tocou seu ombro. Ele se virou, assustado. As bombas zuniam a poucos metros dali, e agora não era mais uma quermesse, agora era o inferno. Jan focalizou a lanterna e viu a testa ferida, um pouco inchada, e aqueles olhos. “Venha comigo”, disse. Puxou Schlemmer para uma ruazinha lateral, empurrando quem atravancasse o seu caminho. Já não se preocupava com os olhares, sabia que na hora do desespero ninguém olhava, porque era preciso salvar a própria pele.

Pararam sob a proteção de um muro de pedras. Não havia tempo para desculpas ou para recordações. Jan agarrou-o pelos ombros e disse: “Estamos cercados. A cidade virou uma fortaleza e não dá para sair. Venha comigo e não faça perguntas.” Falou em polonês, e o outro concordou serenamente. Alfred Schlemmer o seguiu em silêncio. Jan tinha vasculhado Chambois ao entardecer. Era o seu trabalho. Iluminando as ruas cheias de dejetos, avançou, dobrando duas esquinas, até uma casa relativamente intacta. Deu um chute na porta e ela se abriu. Disse ele: “No fundo da sala tem um porão. É bem construído e tem víveres para uma semana. Provavelmente alguém bastante precavido andou se escondendo aqui. Espere uns cinco dias, depois saia. Até lá, quem teve sorte já atravessou o Sena. Os outros terão morrido ou virado nossos prisioneiros.” Alfred Schlemmer sorriu, parecia o mesmo jovem de outrora, embora a magreza salientasse seus maxilares, e a testa larga demais. Ainda se lembrava de uma palavra, e disse-a com a voz embargada: “Dziękuję.” Jan apertou-lhe a mão, comovido porque ele agradecera em polonês. Tirou de uma sacola que trazia cruzada no peito uma garrafinha e entregou-a ao capitão: “Tome, Alfred. É vodca. E fique também com a minha lanterna.” Olharam-se por um momento, depois trocaram um rápido aperto de mãos. As bombas continuavam caindo. Disse Jan: “Sei que isso não é muito, mas é o que posso fazer. Depois de cinco dias, siga pelos campos, talvez você encontre algum compatriota. Agora não é o melhor momento para ser prisioneiro.” “Os tiros à noite”, disse Schlemmer em alemão, e fez o gesto de quem puxava um gatilho imaginário contra a própria cabeça. Jan assentiu sem dizer palavra. Enquanto Schlemmer sumia no escuro da casa abandonada, procurando com o facho de luz a tampa do alçapão, Jan se virou e atravessou correndo a ruazinha sinuosa, às vezes colorida pelo clarão das bombas na encosta. Precisava juntar-se ao seu destacamento e seguir com

os outros para ajudar na defesa do setor americano, onde os SS estavam forçando um avanço.

(1944, algum lugar na cidade de Varsóvia,

um mês após o começo do Levante.)

Ontem ouvimos um comunicado na rádio de Varsóvia: a voz do general

Bor pedindo luta. O ruído seco crescia do nada e se espalhava pela noite. O

estrondo dos canhões lá fora e a voz de Bor enchendo o velho porão onde

uma dúzia de homens acreditava. Você deveria ter visto, Janek, os olhos deles... Quanta vida havia ali, quanta esperança!

Mas preciso dizer uma coisa, Janek, seu irmãozinho vai fazer uma

confissão: é que às vezes receio. Perco o equilíbrio. Duvido, Janek... Às vezes acho que perdemos. Os malditos szwaby podem dar conta de nós, será

questão de umas semanas? Ou venceremos, apesar da fome que começa a

nos rondar, apesar do medo, das covas abertas às pressas, apesar do

escuro? Talvez seja somente a febre, Janek, mas é que tenho pesadelos.

Sonho que sou um fantasma a andar pelas ruínas de Varsóvia — e é tão triste, tão vazio não ter carne ou voz, não ter descanso... Andar e andar para

sempre entre os escombros. Você já teve um pesadelo assim, Janek?

Mas deixe eu lhe contar como vamos indo por aqui, Janek. À noite,

circulamos como ratos. Dentro dos esgotos, com merda até a cintura.

Estamos levando armas do Zoliborz para a Cidade Velha. Essas armas

vieram da selva, Janek, os homens da RAF jogaram elas lá. E elas foram

trazidas para Zoliborz de noite. A minha patrulha vem pelos esgotos e busca essas armas, e depois as levamos para a Cidade Velha. Essas armas

são o nosso futuro. E esses esgotos, se você visse... Sim, eles cheiram como

esgotos, mas funcionam como um escritório, Janek. É preciso um passe

especial para descer aqui, somente os escolhidos podem pisar na merda.

Mas este é um trabalho importante, porque essas armas defenderão a

cidade. Tudo muito organizado, Janek, as armas sendo transportadas sob as solas dos sapatos hitlerowcy.

Esta é a minha vida, Janek, meu irmãozinho. Não é muito perfumada ou

linda, hein? Mas eu faço o que posso. Majdanek jamais me pegará, eu prefiro os esgotos e a ruína da Cidade Velha... E você lembra quantas vezes

tive que dormir na sua cama, com medo do dragão de Wawel e de outros

bichos das velhas histórias que a matka contava? Oh, Janek, Janek... Eu sou

um velho seco e podre que tem a ridícula idade de 22 anos. E mesmo que a

nossa gente ganhe esta guerra, mesmo que cada maldito szwab seja morto,

ainda assim eu já não tenho salvação. Nem da carne nem da alma. Porque

meus olhos estão cheios, Janek, estão cheios de morte como uma latrina, como uma cova gigantesca igual a essas onde jogam milhares de corpos poloneses. Eu sou uma cova, Janek, escalavrada em cada centímetro pelos

alemães. Dentro de mim vivem todos os mortos em que eu pus meus olhos,

minha mulher e filho, e ainda agora, enquanto me recosto aqui neste dente

de parede, enquanto me encolho a ponto de ficar menor do que a minha sombra, há uma menina morta que dança para mim. Terá vivido aqui essa

menina? Tem ela somente um olho, o resto da face é um buraco

sanguinolento do qual escapam uns fiapos de pele e de músculo. Tem ela uns cabelinhos loiros como os de Hela e umas perninhas muito brancas, muito finas, feitas de pura luz. Menininha sem braços, tão triste, tão triste,

dançando ao som dos aviões que cruzam o céu... É ela quem me faz

companhia, Janek. Ela e as outras crianças fantasmas. Você já viu uma menininha morta por bomba, Janek?

Só alguns bairros são controlados por nós; os outros estão em poder dos alemães. Aqui onde me escondo até que o sol se ponha é muito perto dos

lados do velho gueto. Ali, sim, é que vivem fantasmas, e sempre um homem

pode ouvir o choro fino que vem dos restos fumegantes do que um dia foi

um bairro. Dizem que alguns ainda vivem ali mesmo depois da revolta, uns

mortos-vivos, pobres judeus, pobres de todos nós, Janek, cada criatura sobre este chão, cada morto insepulto e cada mãe enlouquecida que vaga pelos destroços e pelas ruas abertas de crateras com seu filhinho morto nos

braços. Nem mil anos, Janek, apagarão isso que meus olhos viram. Nem mil anos.

E os russos não vêm. Filhos-da-puta, esses russos. Morrerão todos, no fim. Eles, tão poderosos, estão do outro lado do Vístula esperando que esses malditos hitlerowcy terminem o serviço sujo. Eu mataria um russo agora com as minhas mãos. Eu o mataria por essa menininha que dança na minha frente pisando no seu sangue, com sua boca arroxeadada e aberta feito uma flor, com seu único olhinho cheio de lágrimas.

Eu estou enlouquecendo, Janek...

Talvez tenham sido os choques elétricos, aquele ano inteiro perto de Oswiecim, e os trabalhos forçados, e depois as fugas; foram tantas, Janek...

Eu estou enlouquecendo, mas também pode ser a fome, ou o medo. E sinto saudades da matka, porque, no fundo, eu ainda sou um menininho que tem medo de dragões.

Fiquei muito tempo sem me ver num espelho. Olhando para dentro de

mim dias inteiros, noites sob bombardeio, olhando para dentro de mim e esperando o momento de matar um szwab. Mas preciso lhe contar uma

coisa engraçada, Janek: eu estou com os cabelos brancos! Você acreditaria

nisso, no seu irmãozinho de cabelos da cor da neve? Talvez seja de tanto esperar que os ingleses joguem do céu todas as armas que nos

prometeram. Mas seus aviões nunca vêm. Sim, é verdade que muitos deles

caíram pelo caminho, Janek. Aviões que vieram da Itália, mas que agora não

vêm mais... E eu com os cabelos brancos como os de um velhinho. Nem o pai deve tê-los como eu. Uma moça me disse ontem que eram lindos, e então nos enfiámos sob os escombros do que fora um prédio e ali mesmo

nos amamos, enquanto troavam sobre nossas cabeças as bombas alemãs.

Mas depois nos perdemos, Janek. Mas creio que ela virá me ver esta noite, e

talvez nos amemos uma última vez, se Varsóvia agüentar por nós dois mais

algumas horas.

Não há mais calçadas na cidade, Janek; todas as pedras arrancadas do chão formam trincheiras nas esquinas, e é ali que os soldados da A. K.

morrem sob o fogo alemão. Mas morrer levando um dos deles já é uma vitória... Aí onde você está come-se e vive-se, imagino. Os hitlerowcy terão

por acaso derramado sua peçonha nessa sua terra nova? Você vê os vagões

saindo à noite, repletos de judeus que vão para os fornos? Aqui, por toda a

Polônia, o cheiro da morte é o cheiro que se respira. Mas, Janek, você sempre foi corajoso, meu irmão mais velho. Você é soldado, Janek? Se você

for soldado, um avião há de passar aqui neste pedaço de céu que meus olhos contemplam. Um, dois, três. Você é soldado, Janek. Eu sabia...

Dividiremos nossos mortos, Janek, todos os mortos empilhados nas ruas de

Varsóvia, de Cracóvia, de Hrubieszów, nas ruas dinamarquesas e

holandesas, todos os mortos tchecos, os judeus e os ciganos, os mortos gregos e as crianças e os velhos, a vovó Anna e a tia, meu filhinho e minha

kochana, os mortos queimados vivos e os mortos de bomba, Janek...

Carregaremos tudo juntos, e um dia, quando eu tornar a vê-lo, quando eu

puder abraçá-lo com essas mãos sujas e feridas e saudosas, nós não

precisaremos falar de nada disso.

(1944, cinco anos depois de a

Alemanha invadir a Polônia.)

O doutor Olszewski olhou as sombras que se projetavam na parede

branca atrás da cama do menino. Era um quarto de hospital como qualquer

outro, um dos muitos que ele freqüentava diariamente; afinal, era médico, e

médicos tinham que, tal qual os caixeiros-viajantes, gastar algumas horas do seu dia batendo de porta em porta, exortando seus clientes a comprar

certas idéias, se não em nome da praticidade, em nome da vida. Mas aquela

porta estava entreaberta quando da sua chegada. Do corredor, ele pudera

ver a mãe e o menino, ambos olhando pela janela.

“Aqui é triste”, disse o pequeno, e como estava magrinho, pensou o

doutor, sentindo a mesma velha raiva crescer dentro dele. Aquela luta cotidiana contra o inevitável. Era isso a sua vida. Mas a vida daquele menino, o que era?

Viu pani Wierzchowska sorrir tristemente e esfregar as mãos na renda

do seu vestido escuro. As sombras pareciam ter fugido da parede para se refugiarem dentro dos seus olhos cor de mel. Assim, ele também forçou um

sorriso. No seu catálogo de sorrisos, havia certamente algum propício à ocasião.

Disse então: “Você não deve pensar assim, senhorito. Aqui as pessoas

ficam boas, é para isso que elas vêm ao hospital. E ficar bom não é triste, kochany. Ficar bom é uma alegria.”

O menino, sentado na cama sob os lençóis e a cobertura verde, pareceu meditar por alguns minutos, enquanto o doutor aproveitava para examinar

seu pescoço. E estava muito inchado. Os linfonodos tinham crescido

bastante.

“Aqui é muito quieto”, disse ele então, ajustando seu pensamento ao

gosto do médico de cabelos grisalhos. “Talvez as pessoas fiquem alegres quando saem daqui. Aqui elas falam baixo e andam sem fazer barulho.”

“Foi por isso que ele pediu a porta aberta, doutor”, disse Anna

Wierzchowska, falando pela primeira vez. “Para ver as gentes que passam

no corredor. Os passos delas não fazem ruído.”

O doutor Olszewski retrucou: “São as chinelas, senhorito. Elas têm sola

de feltro, por isso não fazem barulho.” Correu os olhos pelo quarto

pequeno, onde havia uma cama vaga, duas cadeiras e uma mesa encostada

à parede. “Sua matka não trouxe chinelas para você?”

“Ela comprou um par ontem pra mim”, disse o menino.

“Então ganhou um presente, senhorito?”, e foi tirando da caixinha o

termômetro de vidro.

“Ganhei também um pirulito de açúcar. Vou comer quando ficar bom.”

Ele viu os olhos da pani Wierzchowska se desviarem para a janela

semicerrada. Enquanto colocava o termômetro sob a axila do menino,

disse: “Isso não vai demorar muito. Se você obedecer e tomar os remédios

direitinho, isso não vai demorar muito, senhorito.”

E até sua voz tremeu nas últimas sílabas. Mas toda profissão tinha os seus enguiços, os seus desacertos. Assim, depois de três minutos olhou a temperatura do menino (que continuava elevada), recolheu suas coisas na

maleta e, desejando-lhes boa-noite, retirou-se do quartinho com aquela sua

velha e conhecida tristeza. Sim, o pequeno tinha lá as suas razões. Correu a

buscar uma janela por onde deixar evadir seus maus pensamentos, e vendo

um pássaro a brincar nos galhos de uma árvore, recordou muito tardiamente que não perguntara a pani Wierzchowska como seu marido

estava se saindo na guerra.

(1944, três anos depois das primeiras

mortes por gás em Auschwitz.)

Jan caminhava lentamente à beira do rio. O outono parecia estar em

todos os lugares de Londres, nas árvores de folhas amarelecidas, no céu de

um azul mais tênue. Era um dia em nada parecido com os famosos dias londrinos — o sol brilhava, iluminando as ruas, e algumas nuvenzinhas pálidas pareciam flutuar calmamente no azul. Era um dia seco e bom de ser

vivido. Agora a perna já estava quase boa (e nisso Katryna tivera razão), apenas uma leve fisgada às vezes vinha lembrá-lo de Chambois. Não que tivesse passado muito tempo desde então. Uma quinzena desde a grande

batalha em Chambois e em Monte Ormel. Mas ele ganhara um passe e um

lugar num dos aviões do exército que evacuavam os feridos mais graves.

Agora estava em Londres e tinha três dias de licença pela frente, e isso parecia um sonho, uma curva de 180 graus na sua vida... Mas logo voltaria à

França, marchando em direção à fronteira meridional da Holanda. Porém, Paris estava livre e as coisas pareciam melhores e mais promissoras do que antes. Era bem verdade, pensava ele enquanto caminhava às margens do Tâmis, bebendo a claridade atordoante da tarde outonal e deixando-se misturar às gentes que seguiam suas vidas na cidade semidestruída, era bem verdade que haviam morrido dois mil poloneses naqueles quinze dias inesquecíveis. Isso era uma notícia ruim; a boa, concluiu ele recolhendo um pedregulho do chão e atirando-o na superfície prateada da água depois de sentir seu peso, a boa notícia era que estava vivo. O pedregulho deu um rasante de pequenos pulos e submergiu depois de uns três metros e meio.

Proporcionalmente, calculou Jan, tivera chances iguais de viver ou morrer naqueles dias. Como num jogo, suas fichas tinham sido apostadas na carta certa. E ele estava ali. Com seus problemas. Com aquela carta queimando em seu bolso. Mas vivo e em Londres, sob aquele céu misteriosamente azul.

“Você está ficando bom nisso, sargento.”

Olhou para o lado e viu que Babinski o alcançara, depois de ter parado para conversar com um oficial polonês que eles haviam conhecido. Quase se esquecera de que não estava sozinho naquele passeio. Afastou o pensamento da carta que tinha recebido no dia anterior e disse: “A guerra serve para muitas coisas, Babinski.”

Ao lado de Babinski estava o sargento Racwicz. Pelo jeito, concluiu Jan, ambos tinham resolvido acompanhá-lo na caminhada. O sargento Racwicz deu de ombros e zombou: “A guerra serve também para que a gente conheça Londres.”

Era um homem baixinho e atarracado que parecia estar na casa dos quarenta anos. Gostava de dizer que tinha nascido na mesma cidade que o general Maczek e que tinha lutado na mesma brigada que ele em 39. Tadzio

Racwicz também lutara em Monte Cassino, sob as ordens do general

Anders. Por causa de um ferimento grave no braço esquerdo (um tiro de obus o jogara contra as ferragens de um Sherman e ele acabara com uns vinte estilhaços enfiados sob a pele) e de uma infecção grave, Racwicz fora

transferido para um hospital londrino depois da tomada da cidade de

Cassino. A guerra já cobrava um tributo alto demais para que os aliados pudessem prescindir dos homens que morriam de septicemia nos mal-ajambrados hospitais de guerra. Assim, o sargento Racwicz tinha vivido alguns meses em Londres e visto as bombas voadoras, disparadas pelos

alemães a partir do norte da França, passarem pelo hospital, cujas janelas estavam, havia anos, cobertas de madeira e concreto. Trabalhara nos

escritórios até sua completa recuperação, e agora estava apto a retornar ao

front.

Os três homens seguiram caminhando sob o sol. O trânsito corria

suavemente e as esquinas ainda mostravam as placas sem nome, cobertas

de tinta negra. Tudo preparado para despistar os alemães que nunca

havam chegado. Pensando assim, Jan sentia orgulho daquele povo

corajoso. A Inglaterra fora o único país da Europa a resistir. Embora não fossem muito ágeis no campo de batalha, pois ele apreciava mais lutar ao

lado dos canadenses e australianos, os ingleses eram merecedores da sua admiração. Bandos de enfermeirinhas com seus uniformes brancos e

engomados andavam apressados rumo ao hospital que ficava nas

redondezas, algumas quadras adiante, às margens do rio. Ali, Racwicz tinha

passado três meses, Jan, cinco dias. A perna boa o levava sem reclamações

ao longo do rio cinzento, e era um prêmio merecido, depois daquelas duas

semanas no inferno, poder andar assim e respirar um pouco de civilidade,

ver as senhoras com suas crianças e os homens que atravessavam a rua rumo aos seus escritórios.

“E você, Babinski? Ganhou a viagem por quê? Eles não andam

exatamente fazendo caridade com os poloneses”, brincou Racwicz, batendo

a sola das botas no chão.

Tinham se conhecido havia menos de vinte e quatro horas, e partiriam juntos para a frente no dia seguinte. Jan ouviu o amigo dizer: “Tive uma crise nervosa.”

Jan sorriu para Babinski, que, por sua vez, apanhou uma pedrinha e jogou-a também no rio.

“Dois metros e meio, panie kaprale. Você continua imbatível.”

Disse Racwicz: “Essas crises nervosas são piores do que a gangrena. Elas passam de um soldado a outro como se fossem vírus.”

“Quem lhe contou?”, perguntou Jan.

O outro respondeu: “Quando se fica três meses sendo lavado por uma mulher, a gente descobre muita coisa, Wierzchowski. E até se diverte...”

Pode ser muito instrutivo, aliás.” Tirou uma foto do bolso: “Vejam: é Maria.

Não é bonita?”

“Muito bonita. É enfermeira?”

Racwicz riu: “E tem umas mãos...”

Jan desviou os olhos da fotografia. Às vezes a lembrança de Katryna

ainda surgia como um fantasma. E mais forte do que outras, centenas de outras lembranças cruéis, os soldados feridos, as covas, as bombas. Katryna

se insinuava, crescia, vibrava dentro dele. Se fechasse os olhos poderia vê-

la, os longos cabelos... Mas trabalhar naqueles antros no meio do *front* era bem diferente de trabalhar ali, num hospital limpo, com elevadores, abrigo

antiaéreo e medicamentos etiquetados por ordem alfabética.

Disse Babinski: “Eu já estou bom. Você não sabe o que foi Chambois, sargento.”

O outro deu de ombros: “Estive em Monte Cassino, meu amigo. Não

sugiro que comparemos impressões.” Olhou o céu e sorriu: “Um dia tão bonito, não vale a pena. Faríamos bem em ir beber alguma coisa.”

E assim foram. Sem mais uma palavra.

Meia hora mais tarde, os três estavam sentados num *pub* tomando uísque. Bem verdade que Jan preferiria

vodka, mas ainda havia o

acionamento e era uma sorte poder contar com aquela garrafa de bom

escocês por vinte e cinco *shillings*. Mas a garrafa se esvaziou rapidamente, de copo em copo. Bebiam em silêncio, mastigando umas batatas fritas, e às

vezes alguém soltava um suspiro de tristeza ou saudade. Cada um imerso

nos próprios pensamentos, e o *pub* estava vazio àquela hora da tarde, decerto porque os cidadãos londrinos tinham muito o que fazer e vidros para trocar e tanto serviço nas repartições; somente os soldados de folga podiam se esconder num bar e fugir das suas lembranças sangrentas por meia hora que fosse.

Jan não se gastava em lembranças sangrentas, mas sentado ali sob o teto

baixo, encostado na cadeira estofada de veludo verde, rememorou a carta

que recebera de Anna dando-lhe conta de que o filho estava doente. De qual

doença sofria, isto a mulher não explicara. Mas contava de uma passagem

pelo hospital e de um tratamento. Sem esforço, lembrava as palavras

escritas em tinta azul: “não se preocupe, mój kochany Janek...” Bem, ele não

se preocupava, dilacerava-se por dentro. Porque durante os dois últimos anos havia se preparado para ver seus amigos perfurados de bala, e os obuses, e a fumaça e o horror dos morteiros. Cidades inteiras viravam pó, e

ele era incapaz de chorar. Estava preparado para a carne podre e a terra fria, tinha cavado dezenas de covas. Para tudo isso estava preparado, considerou Jan enquanto se servia da terceira dose de *scotch*. Mas não para a breve carta de Anna.

Babinski e Racwicz engrenaram uma conversa que lhe escapava aos

ouvidos. Lembrou-se de Janeczek dando seus primeiros passinhos e da

última noite antes da partida para o Rio de Janeiro, quando o encontrara no

chão, dormindo à porta do seu quarto. Disse Babinski: “Podíamos achar alguma mulher. Dizem que é um bom tratamento pra esse troço que eu

tive.” Fazia dois anos que ele não via o filho, que não o pegava em seu colo.

Decerto estava crescido e sabia contar até cinqüenta. Estaria parecido com

Anna? “Quem lhe disse isso?”, perguntou Racwicz. Mas, pensando bem,

talvez fosse parecido com ele, porque os Wierzchowski tinham sangue forte. “Não foi um médico, imagino.” E o riso de Babinski: “Os médicos não sabem de nada.” Racwicz respondeu: “Parece uma boa idéia. Deve haver mulher por aqui. Para limpar as mesas, lavar os copos, essas coisas.” Um barulho de ambulâncias varou a rua lá fora, entrando furiosamente pelas frestas das venezianas protegidas com papelão. Nenhum dos homens ali dentro lhe fez caso, e o ruído da sirene foi morrendo mansamente em uma esquina qualquer. Jan fez as contas novamente: Janeczek tinha já cinco anos e meio e em breve estaria na escola. Imaginou-o com os cadernos e a roupa azul-marinho e sentiu a garganta doer de emoção. Esvaziou o terceiro copo, e o calor dourado escorreu-lhe suavemente para o estômago.

“Quer ir com a gente, sargento?”

Ocorreu a Jan que o filho, desde pequenino, sempre tivera aquelas febres estranhas, mas isso não era coisa do sangue dos Wierzchowski. Não se lembrava de doenças infantis. Todos os irmãos tinham sido saudáveis.

Babinski cutucou-o: “Quer ir com a gente, sargento?”

Era difícil afastar a imagem do rosto do filho, mas com algum esforço empurrou-o para o fundo da memória, e então viu os olhos expectantes de

Babinski.

“O que foi que você disse?”

O outro sorriu: “Vamos pegar umas mulheres, sargento.”

Disse Racwicz: “Lá na cozinha deve haver algumas.” Falava baixo para que o garçom que cabeceava de sono no balcão não os ouvisse. “Uma despedida, Wierzchowski. Vamos lá, isso é o tipo de coisa que faz bem pra saúde de um soldado.”

“Para a saúde e para o moral”, completou Babinski.

Um alarme soou ao longe, a sirene ficou cantando lá fora no azul, depois

uma explosão cortou a calma da tarde. Ali dentro, tudo continuou quieto e viscoso, apenas o garçom pareceu despertar do seu cochilo, guardando uns copos que estavam em cima do balcão, enquanto resmungava de mau humor: “Se quebram, o patrão os desconta de mim. Imagine. Como se eu tivesse culpa da guerra e desses aviões-bombas alemães.”

“Vai ou não vai, panie kaprale?”, perguntou Babinski, já de pé, colocando a boina para impressionar as cozinheiras.

E Jan respondeu: “Espero vocês aqui.”

Racwicz deu de ombros, mas Babinski falou: “Deve estar doente para não querer ir conosco. Vai ver, a perna não ficou boa.”

E assim desapareceram os dois por uma portinhola que ia dar nas entranhas do bar. O garçom, irritadíssimo com aquela intrusão, deixou os copos de lado e seguiu atrás dos dois poloneses. Talvez temesse outros descontos no seu salário, pensou Jan ao se servir da última dose que havia

na garrafa. Não tinha apetite para estar com mulheres. Por causa de Janeczek, seu menino. Seu menino doente.

E então outra bomba explodiu, agora mais perto. Uma detonação ainda maior fez tremer o teto do bar. Aquela tinha caído perto. Jan sorriu e tapou o copo com a palma da mão, para evitar que o pó do reboco viesse estragar a sua última dose de *scotch*.

Algumas pessoas começaram a gritar na rua, e os gritos entravam abafados na pequena sala vazia. Mais uma explosão fez tremer as paredes, e desta vez um quadro caiu no chão, espatifando a moldura e o vidro. Eram os malditos foguetes V2. Porém, seriam os últimos. A França estava quase livre, os aliados estavam para entrar na Holanda e os hitlerowcy iam perder seu campo de disparos... Jan ficou esperando o surgimento do garçom e seu dissabor pelo quadro arruinado, mas ninguém veio lá de dentro. Decerto Racwicz e Babinski estavam

dando mais trabalho do que o esperado.

Voltou a conjecturar sobre o fim da guerra. Não havia muita saída para os alemães. Em breve, Londres retiraria as tábuas das janelas, descobriria as placas de sinalização e voltaria a vender mapas. Como uma princesa de conto de fadas, a cidade despertaria de seu prolongado sono. Faltava pouco, ele sabia disso. Bebia seus últimos goles de *scotch* em homenagem a isso. À vitória. Mais alguns foguetes e logo tudo estaria acabado. As últimas armas de retaliação número 2 caíam sobre a capital inglesa, mas ele não tinha receio. Vasculhou sua cabeça e seus conhecimentos de alemão:

Vergeltungswaffe 2. Outra explosão, desta vez mais próxima, cortou seus pensamentos. Dentro do bar, uma prateleira inteira se despreendeu da parede, fazendo barulho e derramando uma cascata de vidro no chão. Jan tomou o último gole e jogou o copo no chão. Um estrago a mais não tinha a mínima importância. Já não estava gostando daquilo... Secou a boca com as costas da mão e levantou-se para chamar Babinski e Racwicz quando uma nova e violenta detonação jogou-o longe. Mesas, cadeiras e copos voaram no ar numa algaravia de ruídos e cores que os olhos de Jan não puderam captar. Estava no olho de um furacão, no vértice de uma hélice. Voando junto com a madeira, a calça e o concreto, ele ainda pôde pensar no prejuízo do dono do bar e na raiva que devia estar sentindo o garçonzinho do balcão. Aquilo não deixava de ser engraçado, Babinski rolando com uma cozinheira enquanto tudo explodia...

Finalmente caiu, batendo a cabeça e o lado direito do corpo contra a dureza do calçamento. Apagou por um tempo indefinido, sem dores nem ansiedade nem nada. Depois, muito lentamente, como se estivesse nascendo em uma outra dimensão, abriu os olhos. A claridade do dia o incomodava, enquanto ele tentava desanuviar a mente, buscar a realidade

no meio de uma dor aguda que se refletia da sua escápula direita. Deu-se conta de que estava no meio da rua, e que dois passantes o olhavam apavorados enquanto se fazia silêncio outra vez, e não muito longe dali o Tâmsa corria mansamente, alheio aos foguetes teleguiados alemães.

Sentou-se, tentando desembaraçar seus pensamentos, e o sangue que lhe

escorria do sobrolho direito era uma coisa quente que turvava sua visão.

Precisava chamar Babinski. Moveu a mão, buscando alguma coisa em que se apoiar, e encontrou um pedaço do balcão. Um pedaço do balcão onde o garçom dormitava alguns minutos antes estava ali do lado dele, no meio da rua. Que coisa estranha... Ouvia as sirenes e as buzinas. Viu as pessoas correndo no meio dos escombros do bar em busca de feridos. Ergueu-se com dificuldade, sem entender o que lhe dizia um senhor de terno escuro

que falava com ele numa voz serena. “*I don’t speak...*” Não sabia juntar as palavras. “*I’m polish...*” Quem falava inglês era Babinski. E onde estava Babinski, aquele malandro? O senhor deu-lhe um lenço de cambraia.

Levou-o ao ferimento na testa e sentiu que se umedecia, que o tecido bebia

o seu sangue, libertando por alguns instantes o seu olho direito daquela

inconveniência viscosa. De resto, parecia inteiro. Contou dois braços e duas pernas. Uma sirene de bombeiros disparou a tocar a alguns metros dali e se

aproximava mais e mais. Ainda era um dia bonito... Ele deu alguns passos,

cambaleando pela rua. As pessoas andavam rapidamente agora, sempre

podia vir outra bomba e era melhor correr até os abrigos. Não havia mais

mães com seus filhos pequenos nem árvores com suas folhas amareladas

de outono — até o outono havia sido ofuscado pelo cheiro ácido e pelo soar

das sirenes. Jan parou a dois passos da calçada onde as lajes se levantavam

do chão como velhas tábuas empenadas. A fumaça subia dos escombros

daquilo que havia sido o *pub*. “*Vergeltungswaffe 2...*”, a odiosa palavra escapou dos seus lábios atônitos. Ele apertou os olhos para ver alguma coisa no meio da bagunça de canos e ferros retorcidos, de restos de móveis

calcinados. Metade do prédio tinha voado pelos ares, e no lugar da cozinha,

com suas quatro paredes em ângulo e seu teto de vigas aparentes, Jan viu

somente uma imensa, uma gigantesca pilha de escombros fumegando sob o

céu azul.

(Na sala vazia, Anna acende o abajur e recomeça sua costura de onde a interrompeu. Pedala a máquina

com destreza, costurando linha e

pensamentos. Linha e pensamentos. *Os alemães. Sistema linfático. Vômitos.*

Londres. Caldo de galinha. Desacelera o movimento, e o pedal vai serenando, serenando... Lá fora, um cachorro ladra tristemente na rua

vazia. No dia seguinte, o menino irá ao Hospital São Francisco. A voz do médico ecoa na sua alma. *Radioterapia.* Será preciso acender uma vela para a Virgem. Uma vela das grossas, daquelas de sete dias. Recomeça a pedalar

a máquina de costura, que range sonhadoramente. Será preciso escrever

para Janek. *Quando o menino sair do hospital, aí sim.* Escrever-lhe boas notícias. O pedal sobe e desce, sobe e desce, num movimento incessante como o tempo.)

(1944, ruínas da cidade de Varsóvia,

últimos dias do Levante.)

Oh, irmãozinho, tenho medo. Sentir medo é mais triste do que sentir

fome e, no entanto, eu não como há dois dias. Você me imaginaria, Janek?

Aqui é escuro e fede. Enquanto eu avanço, rezo para que um maldito

alemão não jogue uma granada neste túnel de merda e de horror. Estou tão

magro, Janek, que precisei amarrar minhas calças com um pedaço de couro

para que elas não caiam. São as únicas que tenho, essas calças. Poderia ter

pego as calças de um desses cadáveres que estão permanentemente

esperando para serem enterrados nas covas. Eles ficam alinhados ali, tão desesperançosos, destroçados e magros, Janek, esses cadáveres, até que a turma designada para o serviço de enterro venha e acabe com o espetáculo.

Depois tudo se repete, Janek. Mais cadáveres e outras covas a serem

escavadas neste chão. Mas o mais triste, Kochany, o mais triste foi quando

os alemães tomaram o Wola... Tantos mortos, Janek, quarenta mil mortos,

homens, mulheres e crianças. Tínhamos sido expulsos de lá, nenhum

soldado da A.K. no bairro, e eles mataram quarenta mil civis, e mais tarde

os malditos szwaby atearam fogo nos corpos todos, Janek, uma imensa

fogueira cheirando a carne humana, queimando sob o céu de Varsóvia.

Com estas mãos, eu mesmo coloquei uma vintena de anjinhos numa

cova grande. Uma bomba. Pum! E as criancinhas foram pro céu (existe um céu sem aviões dos hitlerowcy, Janek?) Eu ouvia o piano enquanto cavava...

Chopin tocando dentro da minha carne. Sabe o que eu pensava? Que eu precisava de um par de calças novas, bem frisadas. Mas as calças de um morto? Jamais. Esses malditos alemães teriam que me humilhar para além

da morte a fim de que eu fosse roubar as calças de um defunto.

Na noite passada, os bolcheviques lançaram suprimentos para nós. Eles

vinham em seus pequenos aviões, deslizando do alto com seus motores

fechados, e quando estavam bem embaixo, Janek, eles jogaram os

suprimentos de armas e comidas. Sem pára-quadras, Janek. As armas se

estragaram e os sacos de kasza se rasgaram, espalhando a comida toda pelo

chão. A gente comia o que encontrava, catando do chão feito cachorros, Janek... Eu me lembrei da matka mandando a gente lavar as mãos antes de

sentar à mesa, porque era pecado comer de mão suja a comida que Deus nos dava. Mas a comida dos russos a gente pode comer de mão suja, não é,

Janek? Afinal de contas, os russos não acreditam em Deus.

Mas aquilo não foi bonito. As mulheres chorando, as mulheres com seus

filhinhos famintos, com seus meninos doentes de tifo, agarrando-se às latas

estraçalhadas que os russos deixaram cair do céu, e as crianças lambendo o

chão, lambendo o chão, Janek! Você tem um menininho, Janek... Lembro

ainda da carta que o pai leu para a gente, fazia frio naquele dia, e ainda esperávamos que a guerra não viesse. Onde estará seu menininho, Janek?

Rezo sempre a Deus para que ele esteja bem, para que durma numa

caminha limpa sob os olhares amorosos da cunhada. Longe, bem longe dos

hitlerowcy, Janek... Porque as crianças daqui, as criancinhas polonesas, ah,

como seus olhinhos são tristes. A maioria delas não conseguiu escapar, mesmo aquelas que não levavam a estrela bordada (essas morreram, Janek,

quase todas, umas poucas, contrabandeadas do gueto dentro dos sacos de

batata vazios é que sobreviveram para ver este inferno, para ver Varsóvia

arder a céu aberto, dia e noite, há um mês, como um enfermo

desenganado). Todo um futuro para a Polônia enterrado nos quintais. Mas para o seu menininho Deus foi bom. Uma questão geográfica, Janek, mas seu menininho vai crescer e vai virar um homem, e você vai contar-lhe da

Polônia, Kochany Janek, vai dizer que é um lugar lindo, de belos prados, de

ruas de pedra e de catedrais onde reis foram batizados, vai falar-lhe do som

doce dos cavalos pisando nas ruazinhas de Cracóvia... Por favor, faça isso por mim, mantenha viva a verdadeira pátria dentro do coraçãozinho do seu

filho, Janek. Nunca lhe conte, nunca lhe mostre, nunca deixe que ele veja as

fotografias dessa cidade desaparecida, condenada pelo desejo de um único

homem, nunca.

Estou dentro de um esgoto, Janek. Andando no lodo imundo que me vem

até a cintura. Sinto os ratos passando sobre as minhas mãos enquanto eu

avanço no escuro. Uma bomba, uma granada, e bum! Eu já não existirei mais, Janek... Eu serei a própria Varsóvia, essa cidade que morre. Ontem, os

szwaby fizeram uma grande movimentação para matar a nossa gente, casa

por casa, atirando sem nem mesmo pedir os documentos. Os alemães não

têm mais tempo para perder com o nosso orgulho, Janek. Eles usam os poloneses como escudos humanos, eles fuzilam pessoas nas ruas e matam

os feridos nos hospitais. E os bolcheviques riem, eles estão em Praga e riem

de nós. A carcaça dessa cidade será o prêmio deles.

Estou saindo de Varsóvia, Janek... Tinha vergonha de contar-lhe isso.

Durante todos este tempo estive aqui, lutando nas ruas, matando e vendo

morrer. Polska Walczy, Janek. A Polônia vive. Você deve conhecer o nosso

lema. Mas agora estou fugindo. É preciso ir embora e lutar em outros lugares; eu não quero ser levado como prisioneiro de guerra. Eu não quero

isso. Eu prefiro arriscar a vida e seguir lutando pela Polônia. Então reze por mim, irmãozinho.

Não sei se você sabe, e eu conto tudo tão rápido, eu falo com você dia e noite, Janek. Não sei se eu já lhe disse, mas a verdade é que a nossa gente está por tudo; onde estiver um alemão, lá estaremos nós, matando e morrendo. Talvez eu volte para Lublin, onde estão o pai e a matka. Ah, vê-

los ainda uma vez... Hela, Wladek, Mietek, Józek. Mas isto é apenas um sonho, Janek. Nem sei se você sabe que a babka foi queimada viva. Agora,

Janek, penso nisso com serenidade; naquele ano, não pude dormir tantas noites... Hoje eu conheço cada tipo de morte, Janek. Todos os outros da minha brigada morreram. Cobas, 24 anos, uma bomba explodiu sua casa.

Maciej, 16 anos. Maria Lepecka, 21 anos, era loira e falava alemão

fluentemente, queria ser violoncelista. Andrzej, 30 anos, a mulher e o filho

foram levados para Treblinka. Jacek era de Cracóvia, seu pai morreu

naquele famoso dia na universidade, tinha 20 anos. Faya, 17 anos. Todos, Janek... Stanislaw, 40 anos, tinha uma prensa, fazia os folhetos, abriram-lhe

a barriga com uma baioneta. Anna, 29 anos, seus filhos foram usados como

escudos pelos alemães. Józef, 18 anos.

Não quero lembrar, guerra é guerra. Mas eu me pego pensando por que

não morri também. Stach, 21 anos, sua avó e suas tias foram assassinadas,

estive num campo de trabalho por dois anos, sua casa foi queimada. Tinha

uma mulher e um filho, mas os hitlerowcy também fizeram o serviço neles.

Seria esse o meu resumo, kochany Janek... Mas eu não morri. Eu sigo neste

maldito esgoto, uma ratazana gigante e sem alma. Um homem em fuga.

Varsóvia pereceu, Janek. A cidade dos reis, a cidade da sereia Sawa, pobre

sereia devorada pelo Führer. Chore por Varsóvia, Janek. Eu já não tenho lágrimas.

(1944, seis meses antes de Hitler se

suicidar com um tiro na cabeça.)

Axel. Hulst. Terneuzen. Merxplas. Baarle-Nassau. Alphen. Trezentos e

oitenta e cinco soldados poloneses mortos no primeiro ataque a Alphen, e

os alemães fugiram para o campo, de lá investindo contra a zona urbana durante um mês. *Um mês.* Dizendo assim parecia muito pouco. Mas as lembranças daquele último mês não cabiam mais dentro dele. *Setecentas e*

vinte horas. O tempo gasto para que a cidade se transformasse num gigantesco aglomerado de ruínas. Já estava bastante destruída quando

chegaram lá junto com os ingleses, mas desde então se decompusera como

um cadáver sob o sol. *Alphen...* Este, sim, era um nome que doía nele. Trinta dias defendendo o perímetro de uma cidade morta. Sem combustível e

quase sem comida, porque as linhas de abastecimento não conseguiam

chegar até lá. Mas o inverno sim, o inverno se anunciava a cada hora daquele outono gélido, e Jan contara aqueles dias terríveis, entrando em sua conta até as entranhas do mês de outubro. E qual era o ano mesmo? Ah,

era 1944. Poderia jurar que tinha nascido lá, naquela maldita guerra.

Limpando terrenos, defendendo-se atrás de escombros, abrindo passagem

para os blindados. Construindo pontes. Explodindo pontes.

Em um determinado alvorecer (e parecia que fazia tanto tempo!)

recebera a tarefa de escolher cinco homens e seguir para o campo. Era preciso começar a abrir terreno e expurgar os alemães de lá. Todos sabiam

que logo as tropas receberiam combustível suficiente para seguir até

Oosterhout. E havia um campo minado à frente, como se tivesse sementes

esperando para florescer. Era essa a sua missão: desativar as minas, limpar

o terreno para a passagem das tropas. Lembrava-se de ter perguntado a um

soldado em que dia estavam. “Vinte e um de outubro, panie kaprale.”

Muito, muito tempo depois, concluiria que tivera certeza desde o

primeiro instante. Um impulso de dizer não. De retroceder no tempo.

Instinto, diria seu pai, caso estivesse falando de algum animal de Terebin.

Mas a palavra para um homem polonês não era instinto, era honra. Por isso

engolira seu medo, até porque não havia outro remédio. Mas ainda assim podia pressentir o perigo, o terrível perigo que latejava atrás de cada instante. Talvez alguma coisa na luz branda daquela manhã... Era como se

andasse quase sem tocar o chão, ainda se lembrava bem. Mas era estranho

que se lembrasse disso... A terra macia da chuva recente, um homem com

uma criança no colo atravessando um cruzamento entre duas ruas

destruídas, e a criança chorava. Espantara-se ao vê-los, era como se o mundo não guardasse mais civis... Então o oficial Jezierski dera-lhe a

ordem. Ele e mais cinco. Seis ao todo. “Ainda se fôssemos sete”, pensou. O

sete era um número que lhe trazia sorte, mas o seis? Um numerozinho tolo

que nunca chegava a dar em nada. Gostava, porém, do número cinco, o que

talvez significasse que alguém deveria morrer para equilibrar aquela conta.

E talvez esse alguém fosse ele, mas desde quando se tornara um homem supersticioso?

Podia rever aqueles momentos como um filme. Um homem esguio vai

caminhando à frente dos outros cinco. O território alemão começa atrás das

árvores. Seiscentos metros de campo. Ele se deita na grama e sente seu cheiro úmido. Ele se arrasta na terra, e a terra entra nas suas unhas.

Adiante começa o campo minado. Dois caça-minas foram destruídos ao

varrer o terreno, e ele enxerga os seus destroços contra o céu nublado. A tarefa agora é quase um artesanato. O detector, o sondador, o blaster.

Varrer e assinalar as minas, identificar o material, escolher a carga explosiva, preparar o lançamento do fogo. Essas coisas todas são

considerações e cálculos na cabeça dele. Ele é um sargento e está magro demais. Diz para um dos soldados: “Vou começar pela primeira faixa, vocês

me dão cobertura.” Para os lados do poente, uma ação diversionista ocupa

os alemães escondidos na mata. É pura sorte. Ele sabe que é pura sorte, mas na cena dá para ver o seu rosto tenso, os maxilares salientes, o cenho

franzido. E ele segue. Passa o detector nos primeiros metros de terreno, e

até aí, tudo bem.

Então, a certa altura o filme chega ao ápice. Ele já varreu duas faixas de

terra e então... Bum! Por alguns segundos, tudo desaparece na fumaça

negra e espessa. O sargento está caído numa vala de terra crua. O perigo das minas é que elas estouram, todo mundo sabe disso. O sargento é

arrastado para a proteção das árvores e um dos homens examina sua

cabeça, que está suja de sangue e tem a face cortada em vários pontos, mas

parece intacta. Nem sinal de estilhaços. Ele toma seus batimentos. Pulso fraco. A mão esquerda é uma massa de sangue e carne exposta. “Caralho.

Merda.” Um nervo branco e fibroso fica pendurado da palma da mão, como

um fio que alguém se esqueceu de arrematar. A perna também tem uma

ferida grande, do tamanho de uma laranja sangrenta. “Ele precisa de ajuda.

Sargento Wierzchowski! Abra os olhos, sargento Wierzchowski!”

(1944, quatro anos após o confinamento

de 350 mil judeus no gueto de Varsóvia.)

Fazia mais de duas semanas que ele estava ali, deitado naquela cama.

“Sargento Wierzchowski” era o que estava na ficha dele. Tinha sofrido duas

cirurgias, mas não corria mais perigo de perder a mão. A enfermeira Grant

cuidava dele no turno da noite. Não que ele pedisse muitos cuidados; era um homem calmo, quase taciturno, que não exigia atenção. Reservado,

diziam dele as outras moças da enfermaria.

Desde o começo da guerra, muitos soldados haviam sido tratados

naquele hospital. Ingleses, franceses, canadenses, australianos. Belgas.

Poloneses. Os franceses faziam charme para as moças e às vezes diziam poemas. Os canadenses eram respeitosos e práticos, gostavam de

conversar sobre as manchetes dos jornais. Os poloneses eram alegres e sanguíneos. Sempre havia um deles paquerando uma enfermeira, e sempre

contavam histórias em seu inglês confuso. Contavam histórias tristes e histórias alegres, e a enfermeira

Grant admirava-lhes o senso de humor e a

impensável alegria.

Mas não podia dizer isso do sargento Wierzchowski. Não que fosse um

homem agressivo, era apenas calado. E jamais contava sobre o passado a nenhum dos vizinhos de leito. Ela só sabia que ele tinha sido ferido por uma

mina, nos arredores de Alphen, na última quinzena de outubro. Que era da 1ª. Divisão Blindada Polonesa. Essas informações constavam da ficha dele,

e a enfermeira Elizabeth Grant tinha lido a ficha do sargento várias vezes. E

várias vezes criara contextos imaginários como que para preencher o vazio

que o cercava. Era viúvo. Tinha perdido toda a família na Polônia. Era um

nobre que perdera a fortuna para os nazistas. Tinha atravessado as

montanhas até a França... Gostava de criar esses enredos e de floreá-los noite após noite, juntando a eles pequenos detalhes que ela recolhia das frases curtas, dos sorrisos, dos agradecimentos comidos do sargento

Wierzchowski.

Com o passar dos dias, desfiando aquela rotina de estar com os homens

da enfermaria do segundo andar das nove horas da noite até as quatro e quarenta e cinco da manhã, recolhendo-se quando o céu começava a

adquirir seus primeiros matizes de luz, Elizabeth Grant foi juntando

indícios de que o silêncio do sargento era mais do que silêncio. Coisas poucas. Pequenos gestos ou olhares macios que recebia com um

estremecimento interior, e que depois ela ficava dissecando, antes de se entregar a um sono exausto. Na enfermaria não havia tempo e nem

permissão para longas conversas; somente os homens mais expansivos é

que se atreviam a entabular diálogos enquanto as moças passavam as

comadres, davam o banho e trocavam as ataduras dos ferimentos. Mas essa

rotina parecia inibir o sargento Wierzchowski... Ele estava num setor cujo

atendimento lhe cabia, de modo que à noite, antes de se apagarem as luzes

do teto, era Elizabeth quem lhe dava a comadre para as últimas

necessidades. Aquele ritual, capitaneado por ela, incomodava-o

visivelmente. No fim, o sargento dizia um “*boa noite*” ligeiro como um sopro. E nesse momento os olhos dele jamais cruzavam com os seus.

Certa vez, trocaram seu turno porque uma das moças da manhã estava

com rubéola, e assim Elizabeth se viu banhando o sargento. Deitado na cama, nu sob os lençóis que ela ia escorregando à medida que seu trabalho

avançava, ele permanecia calado, olhos postos no teto branco, onde várias demãos de tinta encobriam as rachaduras feitas pelas bombas alemãs. Mas

as mãos de Elizabeth eram macias e a carne do sargento, morna. Ela

calculava que ele não tinha mais de trinta e cinco anos, e seu corpo era de

consistência firme, um tronco de ombros largos, braços fortes. Porém, o que mais gostava nele eram os olhos. De um tom que escorregava do

dourado para o castanho. Uns olhos ansiosos e fugidios incrustados no rosto magro, de pômulos salientes. Naquele dia, movida por um impulso incontrolável, Elizabeth demorou dando o banho alguns instantes a mais do

que o necessário. O sargento se deixava lavar com desconforto, e seus olhos

aquosos espreitavam atentamente o movimento das mãozinhas brancas

que passavam a esponja e a toalha sobre a sua pele.

No fim, enquanto lhe vestia o pijama e ele se virava de lado para ajudá-la

no trabalho de abotoar o casaco, Elizabeth viu a ponta de um envelope pardo escapando por baixo do travesseiro, e não resistiu a dizer: “Estamos

amassando a sua carta, sargento.”

Ele a olhou com surpresa e uma certa cautela. Talvez não estivesse

esperando que ela desse *aquele* passo, mas então sorriu e retrucou: “Eu ainda não a li, enfermeira Grant. Estou criando coragem.”

Ela sentiu sua face arder. Tinha ido longe demais e estirado a corda que

os unia, mas não queria que a corda rebentasse, não queria o silêncio do sargento outra vez, nem seus enredos malucos, nem o jogo de adivinhação

que não levava a nada. Queria conhecê-lo, e quem sabe, quando ele

finalmente tivesse alta, pudessem os dois sair numa das folgas dela.

Embora isso acontecesse freqüentemente no hospital, enfermeiras saindo com soldados que tiveram alta, era a primeira vez que Elizabeth se pegava desejando uma coisa dessas. Sempre mantivera certa distância dos

soldados que atendia; a guerra era cruel demais para que ela a levasse a instâncias tão íntimas da sua própria vida. Mas Jan Wierzchowski abalara

suas convicções. Agora queria estar com ele passeando pela cidade, queria uma longa tarde no Hyde Park. Queria esperar suas cartas e rezar por ele.

Jan Wierzchowski era um homem e ela, uma mulher, de modo que a guerra, afinal de contas, não podia importar tanto assim.

Elizabeth enfiou o último botão na casa e disse baixinho: “Oh, perdoe-me, sargento. É que a carta...” Ela enrubesceu ainda mais: “Eu só queria preservá-la.”

Ele pegou o envelope embaixo do travesseiro e ficou girando-o entre os

dedos. Estava amassado, e o subscrito manchado a um canto formava um ininteligível borrão azul-escuro. Disse: “Veja”, e sorriu de repente, fazendo

algo dentro dela ceder. “Você tinha razão. Pingou água no envelope. E

mesmo que o papel se dissolva aí nessa sua bacia, mesmo assim isso não muda o que está escrito aí dentro.”

A enfermeira Grant sorriu. “As cartas demoram muito a chegar aqui,

sargento. Seja o que for que esteja escrito nestas linhas, por certo já se resolveu.”

Ele pousou nela seus olhos mutantes: “O que você quer dizer com isso?”

E depois acrescentou: “Me chame de Jan, por favor.”

Elizabeth achou graça do seu inglês trôpego, certamente aprendido

durante o treinamento. Estava ali há tempo suficiente para saber que a 1ª

Divisão Blindada Polonesa tinha ficado na Escócia durante um ano ou

pouco mais. Ele ainda segurava a carta um pouco longe do corpo, como se

tivesse medo do seu conteúdo.

“Bem, o que eu queria dizer é que talvez, se essa carta traz alguma notícia ruim, talvez o tempo já tenha resolvido a situação. Talvez a coisa já

tenha passado...” E experimentou mentalmente o nome dele. *Jan*.

Disse ele: “Há coisas que não passam.”

Ela começou a recolher seus apetrechos de trabalho; se a enfermeira-

chefe a pegasse de conversa, seria inevitável um dia de serviço lavando latrinas ou trabalhando na roupa do hospital. Porém, enquanto dobrava

a toalha úmida, sussurrou: “Mas algumas coisas podem ser consertadas,

Jan... Há duas semanas, quando você chegou, temi que perdesse o braço direito. Agora ficou tudo bem. Você perdeu um dedo, como sabe, mas

salvou o braço e logo terá alta. Em vista das circunstâncias, é uma boa notícia. E seriam duas cartas diferentes, a de duas semanas atrás e a de hoje.”

Pegou a bacia e acomodou-a ao lado do corpo. Os olhos do sargento

luziam. Mas de que cor eram aqueles olhos?

“Você tem razão, enfermeira Grant. Quando a gente sai da guerra é que descobre como é covarde.”

Disse ela: “Mas eu pensei...”

Ele fez um gesto vago com a mão boa e acrescentou: “Lá não. Não dá tempo.”

Então a voz anasalada da enfermeira-chefe se fez ouvir no canto do

salão: “Srta. Grant, preciso de você lá embaixo.”

Ela se aprumou, acenando um adeus discreto com a mão que lhe

sobrava. Com a outra, segurava a bacia ainda cheia de água morna. O

sargento olhou-a longamente. Parecia então que era a primeira vez. A corda não se tinha rompido.

Disse ele: “Ainda não sei o seu nome, enfermeira Grant.”

“Elizabeth”, ela respondeu, já se afastando pelo corredor e batucando o saltinho das suas botinas negras.

Depois daquela primeira vez, as conversas entre os dois se amiudaram.

Quando estavam mais ou menos sozinhos, chamavam-se pelo nome; às vezes, contavam uma ou outra reminiscência, mas não acontecia nada além disso. Elizabeth ainda não sabia se o sargento era um nobre empobrecido ou se era um viúvo que fugira para apaziguar suas lembranças na guerra.

Os dias passavam iguais, divididos em rotinas de serviço. Viu que ele lia um livro grosso de um autor com nome difícil. “É um livro polonês”, dissera ele, repetindo o nome do autor: Henryk Sienkiewicz. “É sobre o quê?”,

perguntara-lhe. “Sobre uma guerra. Toda a história da Polônia é sobre guerras.” Ganhara o grosso volume de presente de um outro sargento

polonês que tivera alta na ala de queimados. E Jan contou-lhe que recebera o livro com um bilhete, pois ele e o sargento haviam lutado juntos em Falaise.

Uma noite, pouco antes do Natal, Elizabeth Grant estava aplicando uma

injeção de morfina em um jovem americano ferido em Ardenas. Ele tinha sido operado e estava num canto da enfermaria, num reservado para os casos mais graves. Ao vê-lo pela primeira vez, Elizabeth não conseguira imaginar como ele resistira à viagem desde um hospital de campanha no meio da floresta congelada até ali. Faltava-lhe uma perna e tinham

costurado seu intestino numa cirurgia de muitas horas, e o prognóstico não era bom. Depois do procedimento, Elizabeth saiu do reservado com o coração batendo forte. Era impossível acostumar-se à morte, por mais que a convivência entre elas se estreitasse a cada dia naquele hospital onde não paravam de chegar homens retalhados por granadas e morteiros. Na época da invasão da Normandia, a coisa fora ainda pior: Elizabeth Grant recordava aqueles dias como um borrão sangrento, como uma mancha nebulosa e dolorida na sua existência; mas então ainda acreditava no próprio sacrifício. Agora não acreditava mais. Estava cansada de ver tanta

morte, de limpar tantas feridas. Estava cansada de sulfanilamida, de éter, de morfina, de soros, suor e desinfetantes.

Saiu andando pelo extenso corredor, pisando de leve para não acordar

os homens que dormiam na fileira de camas ao longo da parede e rezando

para que aquele rapaz morresse logo. Rezando para que ela mesma

pudesse sair dali e passar umas noites tranqüilas no apartamento, talvez até voltar aos seus estudos de secretariado. Que a guerra acabasse, que a frente ocidental alemã se rompesse de uma vez por todas e Hitler caísse em

mãos aliadas. Estava deprimida. Primeiro porque o pai lhe escrevera de Gales dizendo que sua mãe andava doente dos pulmões; depois porque vira

num semanário umas fotos tiradas por oficiais russos de um suposto lugar na Polônia onde matavam os judeus... As pessoas morriam por todos os

lados, para cada homem que saía andando do hospital outros trinta se acabavam nos bombardeios, nos campos de trabalho forçado ou no *front*.

Além de tudo, recebera a informação de que o sargento Wierzchowski teria

alta logo depois do Natal. Quando ele partisse, se perderiam para sempre.

Era provável que Jan voltasse para a guerra; ela prosseguiria trocando ataduras, limpando feridas supuradas e consolando moribundos. E nunca

mais ouviria falar de Jan Wierzchowski. Nunca mais.

Diminuiu a velocidade dos seus passos e parou no corredor perto do

leito dele, espiando-o na ponta dos pés. O sargento dormia serenamente, e

ela sorriu na semi-escuridão. Sorriu da sua própria tolice, como se não tivesse vivido suficientemente aquela rotina. Ele era apenas mais um, era assim que devia pensar. Tinha tratado de centenas de homens, eles ficavam

bons e voltavam ao campo de batalha. Ou então morriam ali mesmo, como

haveria de morrer aquele rapaz destroçado nas Ardenas. Pelo menos Jan tivera sorte. “E eu espero que a sorte prossiga ao lado dele”, pensou Elizabeth, seguindo seu caminho. O corredor, ladeado de leitos com seus corpos imóveis, dava-lhe uma sensação ao mesmo tempo opressiva e

acolhedora. Fazia já alguns anos que aquele hospital era a sua casa.

“Enfermeira Grant...”

A voz sussurrou seu nome. Ela parou de andar. Uma porta bateu ao

longe e uma lufada de ar frio lambeu seu rosto, enquanto ela via sua sombra dançando na parede distante,

descendo até o chão de lajotas.

Virou-se para o lugar de onde viera a voz, o leito dele. Segurava ainda a bandeja com a seringa vazia e os restos de algodão. Notou subitamente que

tinha um rastro de sangue nos dedos, e limpou a mão no avental como se

aquilo fosse um pecado. “Pensei que você estivesse dormindo, sargento”, disse, aproximando-se.

“E estava mesmo.” Ela viu seus olhos miméticos e nublados de sono.

“Mas aí acordei e vi você. Foi uma bela coisa. A luz dessa lampadazinha que eles deixam acesa corou sua cabeça como um halo. Você estava parada no

lugar certo, srta. Grant.”

Disse ela: “Parei um instante para vê-lo dormir.”

“Sabe, li a carta.”

Sem saber por quê (se fosse pega tomaria séria repreensão), ela largou a

bandeja sobre uma mesinha de apoio e aproximou-se de Jan. No silêncio da

noite, podia ouvir sua respiração, mais rápida e mais viva do que a dos outros, as dezenas de outros que dormiam ao longo da extensa enfermaria.

“E então?”

“Não era uma boa carta, srta. Grant.”

“Mas o tempo...”

Disse ele: “Espero que você tenha razão. Quando se tem um filho e esse filho está muito doente, imagino que seja normal sentir medo de abrir uma carta.”

Ela sentiu um baque. “Uma carta da mãe desse filho, contando-lhe da saúde da criança.”

“Exatamente, senhorita.” E os olhos dele se derramaram nela.

Ouviram um relógio badalar as duas horas. Do lado de fora, a madrugada fria lambia as venezianas fechadas com tábuas.

“Está ficando tarde. Preciso ver os outros pacientes.”

“Srta. Grant?”

Recolheu a bandeja com as mãos trêmulas e se aproximou do leito outra

vez. “Sim?”

“Faz dois anos que eu não os vejo. Minha mulher e meu filho.”

“Desde que você veio para a guerra.”

“Naquela época, ele ainda era um menino saudável, meu Janeczek.”

“Ele vai ficar bem, sargento.”

Duas lágrimas deslizaram pelo rosto de Jan, deixando um caminho

úmido e untuoso na sua pele outrora queimada de sol. Elizabeth desviou o

rosto, tentando focar a atenção no paciente que se remexia num leito do outro lado do corredor. Como uma deixa, o homem começou a gemer.

“Acho que estão precisando de mim...”

Jan Wierzchowski aquiesceu. Passou o braço pelo rosto, secando as

lágrimas com a manga do pijama. Disse: “Eles mantêm essa luzinha acesa para impedir que um homem chore demais; não deixa de ser uma boa

tática... A senhorita deve ter escutado pelo menos uma vez na vida que um

homem não chora. Pois eu acrescentaria um detalhe: um homem não chora

com a luz acesa, srta. Grant. Todos aqui têm motivos para chorar. Mas os poloneses têm mais, srta. Grant.”

Ela não resistiu e perguntou: “Por quê, sargento?”

“Srta. Grant, os russos estão vazando para dentro da nossa pátria como

água de uma represa rachada. E eles nunca mais vão sair de lá. Nunca mais.

Há homens aqui que lutaram durante anos, desde o começo da guerra, por

uma Polônia livre. Homens muito melhores do que eu.”

“Ora”, disse ela na semi-escuridão.

Mas ele parecia nervoso: “Não, senhorita. Tudo o que eu digo é verdade.

Esses homens lutaram durante cinco anos e nunca mais vão poder voltar para casa. Ou a senhorita pensa

que os russos gostam dos poloneses? Que

eles gostam de Churchill ou até mesmo de Roosevelt? Os russos foram

aliados dos alemães, e se tivessem ganhado alguma coisa com isso, ainda seriam aliados dos alemães.”

“Não entendo por que você está tão triste.” Deu dois passos até tocar-lhe

a testa, que estava fresca. “Não é preciso ser tão pessimista. E o seu menino

vai ficar bom. As crianças costumam curar-se muito facilmente, sargento.”

“Recebemos uma carta do *front*. Um comunicado do nosso oficial

comandante, o general Maczek. Eu li o comunicado... E dava para perceber

a tristeza do general. Nós estamos lutando por uma pátria que não será mais nossa, srta. Grant.”

Ela não se deu por vencida: “A Polônia é uma questão de honra para a

Inglaterra, sargento. Churchill não vai deixar as coisas ficarem assim.”

“A senhorita é uma boa mulher, vem se gastando neste hospital para

ajudar os outros... Porém, veja: Churchill é um grande estadista, mas a prioridade dele são os ingleses. E não há um polonês que tenha voz hoje, srta. Grant. Depois da morte do general Sikorski, creio que estamos

perdidos. E eu nunca mais verei meus pais e meus irmãos.”

“Sargento!”, ela o repreendeu em voz baixa. Começou então a juntar

seus apetrechos, estava ali havia tempo demais, e a enfermeira-chefe

poderia aparecer. A questão polonesa por certo não haveria de comovê-la a

ponto de perdoar os erros das moças sob a sua tutela.

Jan compreendeu que ela partia: “Ficarei bem, srta. Grant. Essas

madrugadas são longas. Um homem tem muito tempo para pensar aqui. E

um homem polonês, bem, não há muita coisa que possa alegrar um homem

polonês hoje em dia... Varsóvia caiu, os russos já atravessaram o Vístula e

vão tomando posse de cada vilarejo em que põem seus pés. E com essa luzinha permanentemente nos olhos. Enfim, tenho cá comigo uma coisa.”

“Diga-me”, pediu ela.

“Essa luz é coisa do Churchill. Para manter os homens controlados... Veja

bem, srta. Grant: quase ninguém chora aqui, a não ser os moribundos, mas

esses não contam. Eles não estarão vivos para as próximas eleições. E os poloneses, por sua vez, não estarão vivos para ver que a Polônia não terá

eleições por muitos anos. Os russos não gostam disso, de liberdade.

Principalmente de liberdade para os poloneses.”

“A mim, só o que importa é que você vai sair vivo desta guerra. O resto

há de ficar bem. É por isso que eles fazem as tais conferências de Estado.

Para resolver as coisas democraticamente.”

“Stalin é tudo, menos um homem democrático. E quanto a sair vivo da

guerra, ainda tenho muita coisa pela frente, srta. Grant. Os alemães estão brigando pela Antuérpia. E nós precisamos cruzar o Reno.”

Disse ela: “Tudo há de ser feito. Agüentamos até aqui, não foi? Você vai

voltar para casa e ver seu filho de novo. E vai rever seus pais e seus irmãos, talvez não agora, mas em breve.”

A voz dela, serena, exercia certa autoridade sobre ele. Era como a voz da

sua mãe, aquela voz perdida no tempo, a voz que o mandava dormir

quando ele ainda era um menino com energia demais, com perguntas

demais, cujo espaço em branco das respostas que desconhecia o impedia de

se entregar ao sono. Ele aquiesceu àquela sentença, por mais vaga e sem fundamento que lhe parecesse, e deitou-se outra vez, deixando as pernas se

esparramarem no colchão, afundando a cabeça no travesseiro coberto com

a fronha numerada.

Elizabeth reorganizou suas coisas e ainda ficou ali por alguns

momentos. Apertava com força a bandeja e as juntas dos seus dedos

começaram a ficar esbranquiçadas. Enfim, ela não precisava mais inventar

para si mesma aquelas histórias mirabolantes. A vida real era mais simples

e mais efetiva. Ele era casado, tinha um filho doente e sentia saudades da família na Polônia. Era um homem amargurado, que viera de um país sofrido. E talvez a Polônia acabasse mesmo nas mãos dos russos, embora ela tivesse ouvido dezenas de discursos e comunicados nos quais Churchill afirmara que o Reino Unido entrara na guerra pela Polônia. Mas isso fora antes. Ninguém agüentava mais aquela guerra, e talvez a Polônia e alguns outros países da Europa do Leste tivessem que pagar a conta. Olhou o sargento deitado em sua cama, os olhos semicerrados. Apesar de tudo, precisava continuar seu trabalho, ainda tinha cinco injeções para aplicar... Sorriu para si mesma: afinal de contas, era uma mulherzinha patética. Ela e suas histórias. Ela e aquela esperança.

Finalmente, achou que ele dormira, talvez para se dedicar aos seus sonhos angustiados e escapar daquela luz amarelenta. Seguiu pelo corredor, disposta a ir até o próximo homem. Porém, não tinha dado dois passos quando a voz do sargento a chamou: “Srta. Grant?”

Aquilo já estava ficando perigoso. Imaginou a fúria da enfermeira-chefe se soubesse daquele colóquio noturno. Voltou rapidamente até a cama, a tempo de ouvi-lo dizer: “Quando eu tiver alta, e não vai demorar muito, gostaria de convidá-la para dar um passeio comigo. Para agradecer-lhe por tudo. A senhorita tem sido, definitivamente, muito boa comigo.”

Elizabeth sorriu no escuro. Era uma boba. Quantas vezes já vira esta cena se repetindo com as outras? Sobre isso não era necessário fabular: ela podia narrar a história inteirinha, de tanto que vira acontecer ali mesmo.

Soldado casado se envolve com enfermeira. E depois a guerra, e depois o nada. Nunca mais uma carta, pouco importava o que acontecesse com a Polônia... Quando Hitler caísse, todos os homens voltariam para suas casas do outro lado do mar, e na Inglaterra ficariam centenas de enfermeiras viúvas de amores impossíveis.

Disse: “Oh, não há nada a agradecer, sargento. Eu faço somente o meu trabalho.”

Mas a resposta dele chegou até seus ouvidos como um sopro: “Mesmo assim, srta. Grant. Mesmo assim...” E era uma voz tão vívida que ela sentiu um certo calor no peito, e saiu voando pelo corredor pegajoso de sono.

(Sob a árvore de Natal repousa o postal com a letra dele, miúda grafia de vogais arredondadas. No verso — Anna pára tantas vezes ali, ajoelhando-se ao pé do pinheiro com os enfeites coloridos, e ao pegar o retângulo de papel entre os dedos, emociona-se como se aquilo fosse um reencontro —

no verso Anna vê José e Maria, com um halo sobre suas cabeças, debruçando-se sobre a manjedoura onde dorme o Menino; três soldados, de três nacionalidades diferentes (reconhece pelo uniforme como sendo um inglês, um canadense e um polonês), observam a cena sagrada. *Gloria in*

Excelsis Deo diz uma fita acima da imagem. E isso é tudo que tem dele, do seu kochany. Um retângulo de papel. E seis linhas escritas em tinta azul por

este Natal de 1944. Foi isso que ela mostrou para o filho e é para isso que

ela vai olhar ainda à meia-noite, antes de seguir para a Missa do Galo. Um pequeno pedaço de papel colorido em vermelho, azul e amarelo. E as seis

linhas escritas em tinta azul.)

(1945, seis anos depois do nascimento de Janeczek.)

Na manhã de inverno, a cidade era um contraste entre a paz e a

devastação. O centro e o East End haviam sido quase completamente

destruídos pela *blitz* do começo da guerra, e quando o ônibus passara pelas ruas devastadas, ele tivera aquela conhecida sensação de transitoriedade: tudo podia acabar no próximo minuto. Mas Londres vivia; depois de alguns

quarteirões, a cidade arrasada dava lugar a uma outra, uma cidade pulsante

e corajosa, onde as pessoas andavam apressadamente rumo aos seus

postos de trabalho, encolhidas sob os pesados agasalhos de inverno,

atravessando ruas e avenidas, obedecendo ao relógio sem se importar, pelo

menos aparentemente, com os bombardeiros e os foguetes V2 que às vezes

ainda caíam sobre a cidade, trazendo fogo e morte.

Londres estava ali, inteira. Tinha perdido suas refinarias, muitos dos seus prédios haviam virado pó, mas sua alma permanecia intacta. Ela

existia. Ao contrário de Varsóvia, pensou Jan, andando pela alameda do parque de braço dado com Elizabeth, Londres respirava e se mexia. Havia

sido divulgadas algumas fotos de Varsóvia nos jornais, e tudo o que se podia ver naqueles pedaços de imagens eram montes e montes de

escombros, um território inóspito e cinzento onde antes houvera uma das

mais belas cidades do mundo. Ele sorriu, os olhos velados de lembranças

agradáveis e doloridas. *Um chá açucarado ou dois sem açúcar...* Não, não queria pensar nisso. Não podia. Sobre a sua cabeça, o céu azul da manhã de

inverno se estendia para todos os lados e por fim se equilibrava sobre o Tâmis como um outro rio que flutuasse nas alturas. As gaiivotas voavam em círculos, cortando o ar frio com suas asas e espalhando seus gritos no

azul. Ali em Kensington Gardens havia tanta paz... Ele quase podia ouvir o

suave ruído da respiração de Elizabeth, que caminhava ao seu lado

evitando os montículos de neve derretida, os cabelos castanho-dourados

brilhando sob a claridade do dia, finalmente livres da touca branca que ela

usava diariamente no hospital. No meio das árvores, trilhando os caminhos

verdes e úmidos, era possível esquecer a guerra. E esquecer as fotografias

de Varsóvia. Bastava olhar para Elizabeth.

“Em que você está pensando?”, perguntou ela, quando contornavam

lentamente o palácio de Kensington.

Ele apertou sua mãozinha branca e macia; a pele dela tinha um perpétuo

cheiro de remédio misturado com hortelã. Era um odor que ele jamais

haveria de esquecer, e desde que tivera alta, desde que seguira com

Elizabeth para o apartamento perto de Battersea, gostava de enfiar o rosto

nas suas roupas, nas roupas que atulhavam as gavetas da cômoda do

quarto, e ficar aspirando aquele cheiro de mulher. Lia, bebia e cheirava suas roupas íntimas — assim esperara por ela naquela semana,

aproveitando, pela primeira vez em tanto tempo, o conforto de uma casa.

Também escrevera para Anna e tentara descobrir se ela estava recebendo

seu soldo no Brasil e se o menino melhorava com o tratamento. Enquanto

isso, Elizabeth conseguira negociar uma folga com uma colega, e eles

puderam passar duas noites inteiras rolando na cama estreita, cujo colchão

de molas cantava como um violão desafinado, cortando a escuridão da

madrugada dentro daquele quatinho aquecido pela estufa. Mas essas duas

noites tinham sido o paraíso.

“Em que você está pensando, Jan?” Ela repetiu a pergunta com um

sorriso no rosto, e ele admirou por alguns instantes as duas covinhas que marcavam os cantos daquela boca miúda. Um levíssimo traço de angústia

se fazia entrever no movimento dos seus lábios rosados. Mas era sempre assim numa guerra. O tempo andava depressa demais, e quase nunca a

favor dos amores. Um rápido lampejo de outra vida passou pelos seus

olhos: quase pôde enxergar Anna com o menino no colo, anos atrás. Uma cena nítida que ele não conseguia encaixar nas suas lembranças

desbotadas.

“Jan!”, ela já estava perdendo a paciência.

“Moja kochana”, disse ele, acarinhando o seu rosto macio. “Desculpe, eu estava pensando...”

“Na sua casa”, cortou ela, arrependendo-se imediatamente daquele

deslize.

Ele sorriu. “Não, Elizabeth. Eu pensava em Varsóvia. Vi umas fotos no jornal de ontem.”

Atravessaram um caminho entre trincheiras montadas em frente ao

palácio de Kensington, e lá estava a guerra outra vez, conspurcando a beleza serena e atemporal do Hyde Park. Elizabeth pulou um buraco

cavado no meio da grama, blasfemando silenciosamente contra si mesma.

Não precisava de mais do que cinco minutos para dar mostras da sua

vulnerabilidade. Era uma fraca e, de certo modo, estava jogando sujo.

Porque ele sempre deixara claro que tinha família. E um filho doente. Era

verdade que o Brasil lhe parecia distante demais, exótico demais, para que

pudesse assumir ares de realidade; mas bastava um adeus para pôr um

ponto final na história entre os dois. Ele não lhe devia nada; ah, como repetia isso para si mesma. E como se sentia envergonhada quando Jan a olhava com aqueles olhos ao mesmo tempo ternos e fugidios. Agora mesmo

eram olhos quase verdes, talvez influenciados pelas cercas vivas e pelas árvores que resistiam ao rigor do inverno londrino.

Disse ela: “Perdoe-me, querido. Eu estou ficando uma boba. E tanto que

prometi.”

Jan cingiu sua cintura. Tinham menos de uma hora e era difícil dizer adeus. Ela se ocupava em sentir ciúmes de Anna e do menino, mas ele não

partia para casa, e sim para Kapelsche Veer. Para o meio da neve, do horror

e das bombas. Os poloneses estavam passando um mau pedaço lá. Abraçou-

a, aconchegando-se ao calor da sua carne e sentindo mais uma vez aquele

seu perfume inusitado.

“Elizabeth...”

Ela forçou um sorriso: “Diga, querido.”

“Vou sentir saudades suas.”

A claridade incide diretamente sobre o rosto dela, e um raio de sol que

escapara entre dois galhos banhou seus cabelos. Ela era uma mulher

bonita, definitivamente bonita. E se fosse em outros tempos... Era uma mulher pela qual valia a pena pagar o preço. Mas ele estava no limbo da sua

vida, dividido entre duas existências: a família na Polônia, e sua completa ignorância a respeito do destino deles, e a esposa e o filho em Porto Alegre.

Puxando pela memória, ainda podia ver cada palmo da cozinha aquecida pelo fogão a lenha e recordar os ruídos que o piso de madeira fazia sob a sola dos sapatos. Podia até mesmo sentir o cheiro de Anna — um perfume adocicado que recendia a rosas e, talvez, a leite. Elizabeth era uma ponte entre aqueles dois mundos e a sua própria sanidade mental.

Ela pareceu visivelmente emocionada depois que ele lhe garantira aquele último prêmio: a saudade. Viu seus olhos azuis se umedecerem, e o rosto adquirir o brilho característico. Elizabeth apertou-se mais contra ele.

“Vou ficar esperando por você, Jan.”

“Se um obus ou uma granada não me pegarem, eu voltarei. Todos os caminhos passam por aqui.”

Ela ignorou a verdade contida naquelas palavras. Afastou-se do abraço a custo, e secando os olhos, disse: “Você já perdeu a sua chance de morrer, meu querido.” Depois, afastando-se um pouco, tomou-lhe a mão esquerda, que levava um curativo no qual ela pusera todos os seus conhecimentos e todo o seu amor. Faltava um dedo ali, mas, no conjunto, não era uma mão grotesca, e ele recuperara oitenta por cento dos movimentos. “Não se esqueça de cuidar bem disto.”

Ele sorriu. No extenso jardim que se espalhava adiante deles, os balões de camuflagem brilhavam presos em seus fios, escondendo pedaços de céu.

Parecia algo festivo, se não fosse tão óbvio. Mas talvez Janeczek gostasse, pensou. Janeczek, que não sabia nada daquela guerra... A lembrança do

filho deixou-o subitamente melancólico.

Disse: “Ainda sirvo para dar ordens e empunhar uma arma. Já é o bastante para chegar até a Alemanha. Acho que o exército não precisa mais do que isso agora.”

Elizabeth estremeceu ao ouvir aquele nome. “A guerra está perdida para os alemães, não está?”

Jan abraçou-a. Seus cabelos cheiravam bem e eram tão sedosos... Sim, sentiria falta de toda aquela beleza delgada e alva. “Cuide-se, Elizabeth.”

Ela arregalou bem os olhos, surpresa com aquela despedida intempestiva. “Mas Jan, você não respondeu à minha pergunta!”

Ele sorriu. “Bem, Hitler sempre diz que tem uma arma secreta na manga.”

Deu de ombros, sentindo-se subitamente cansado. Sabia que precisava ir. Aquilo era o certo, e não acabar como desertor apenas porque se apaixonara por uma jovem inglesa bonita que o havia revirado pelo avesso, primeiro profissionalmente, depois (e muito ardorosamente) por prazer.

Lembrou-se ainda uma vez daquelas duas noites na casinha acanhada e deliciosa que ela possuía. Então acrescentou: “A verdade é que falta pouco agora, kochana. Se você rezar um pouquinho, talvez eu esteja de volta nos próximos meses.”

Ela sorriu e seus olhos claros brilharam, úmidos. “Bem, isto não será um problema. Nunca acreditei tanto em Deus como agora.”

Despediam-se no meio do parque. Era um bom lugar para dizer adeus, e não na estação, onde centenas de soldados seguiam para a frente de

batalha e tudo parecia tão grave. Ali, embalados pelo canto dos passarinhos nas galhadas das árvores ressequidas pelo inverno, olhados pelas dezenas de balões gigantes, eles eram como duas crianças levadas que desobedeciam aos adultos e quebravam as normas preestabelecidas pelo

mundo, ali o adeus foi quase doce. Por um segundo, eles quase podiam vislumbrar, talvez entre os canteiros, a fímbria de uma rotina. Um lugar que

fosse deles e estivesse sempre ao alcance de um braço estendido. Mas depois de um último beijo (e o

gosto dela era como o gosto da amêndoa),

Jan foi esfriando como uma pedra que recebe o sereno da noite. Era hora de ir, o tempo era uma faca pendendo sobre sua cabeça.

Assim, Jan se foi cinco minutos mais tarde. Caminhando pela vereda no rumo da avenida, sentia-se pesado, como se viajasse com mais bagagem do que antes. Era verdade que Elizabeth cabia dentro dele, com sua pele branca e seus olhinhos da cor de um céu de verão. Ela agora dividia espaço nas suas entranhas com sua Anna e com Janeczek, com os pais e os irmãos, e até mesmo com a pobre Katryna...

Não olhou para trás, mas podia imaginá-la parada no meio do parque, salientando-se contra a figura rígida do palácio, com seu uniforme e o casaco de lã azul-marinho. Elizabeth Grant. Toda a luz do dia se refletindo nos seus cabelos, como se os seus cabelos fossem de ouro. E com essa imagem na alma, Jan acelerou ainda mais o passo, até desaparecer na aléia varrida pelo ar gelado.

(1945, dois anos depois que Himmler decidiu exterminar o gueto de Varsóvia.)

Mais um verão. Esfregar a roupa sob o sol, o corpo apoiado no tanque.

As pontas dos dedos se molhando na água gelada que enche o balde de lata.

Depois pôr a roupa lavada no varal, prender as peças uma a uma,

encostando o rosto no tecido deliciosamente úmido da bainha de um

vestido. Mais dois prendedores para uma calça de pijama, depois uma

camisola com um furinho na altura da cava direita (que ela não pode esquecer de cerzir), duas toalhas e as cuecas do menino — três retalhos de

pano colorido. Um vestido de Milla. E isso a faz pensar que em breve não

lavará mais as roupas da irmã, porque o casamento está marcado para abril

desse ano. Stefan tem razão, conclui Anna, borrifando um pouco da água do

balde no rosto e pendurando uma toalha de mesa descolorida pelo uso; sim, não há sentido em esperar o fim da guerra. Milla não é um país invadido pelos hitlerowcy, nem ele é um governante no exílio, impedido de

tomar posse daquela terra de carne farta e daquela almazinha inquieta e um pouco egoísta que a irmã ostenta.

Por fim, encosta o rosto no pano da camisa de Janek e persegue na sua trama fria (a trama daquela peça que ela lava só para matar a saudade) o resto de algum odor esquecido. “Não só por isso”, pensa enquanto, *plact-plact*, prende as pontas da camisa no varal. Não é só por isso que ela lava as roupas dele.

Lava as roupas de Janek porque ele voltará em breve. E, quando voltar, é melhor que encontre tudo arrumado esperando por ele; cada camisa e cada

calça em seu cabide, como se Janek tivesse saído de casa ainda no dia anterior. Ela leu no *Correio do Povo* que os aliados atacaram Berlim com três mil toneladas de bombas. Impossível imaginar como fica uma cidade depois de um ataque desses... Não que ela saiba quanto exatamente

significam três mil toneladas de bombas, mas pelo texto do jornal dava para entender que os alemães estavam com a corda no pescoço, se é que ainda tinham pescoço; assim, ela decidira lavar aquelas camisas, uma por dia — um jeito de esperar por Janek.

Termina de pendurar a roupa lavada, e é com alívio que deixa no pátio o sol de fevereiro ardendo nas lajotas. Sofre muito com os verões, os longos e úmidos verões. Por hábito, na soleira da casa ela faz o sinal-da-cruz com a mão úmida e cheirando a sabão. E geme “Oh, Jezu...” entrando na cozinha, onde o piso de ladrilhos, na sua frescura azulada, parece concordar que o verão é um mau capricho de Deus Nosso Senhor.

Senta-se numa cadeira e estica as pernas, aproveitando a frieza do chão contra a sola dos pés. É verdade que o calor lhe faz mal, mas ela sabe que vai se lembrar desse verão como uma época boa. O último verão da srta.

Ludmilla Richter. Ela sorri: no próximo inverno, Milla será pani

Machadinsky. Talvez por isso ela não se importe tanto assim em suar, nem reclame muito das tonturas, do mal-estar ou das moscas que rondam as bananas, pois as bananas em

fevereiro amadurecem de uma hora para

outra. Este será o último verão sem Janek. Ela tem certeza disso, porque quando Berlim virar farinha sob o bombardeio americano, Hitler vai

capitular, e então, então começará o lento movimento das coisas de volta à

normalidade. Os jornais exibirão manchetes de paz. As famílias se

reencontrarão e os soldados voltarão para suas casas lotando navios e

trens. As amigas dizem que em julho os homens estarão de volta. Anna sorri; que importa se será em julho ou em setembro? O mais importante de

tudo é que o doutor Olszewski lhe garantiu que a saúde do filho está melhor.

Ela apóia o cotovelo na mesa e a cabeça na palma da mão; vê o pátio através da janela, e o céu explodindo de azul. Aquele céu parece estar olhando para ela. Quando Janek voltar (e talvez seja um dia ameno, ou uma

tarde nublada de meados de junho), quando Janek voltar o filho deles estará em casa.

O relógio badala e ela se ergue. Não pode ficar assim, gastando os

minutos a olhar pela janela, esfriando os pés na pedra. Seu filho voltará e há

muita coisa a fazer. Sorri olhando ao redor; embora tudo pareça em ordem,

Anna sabe que um exame minucioso haverá de apurar uma série de tarefas

domésticas pendentes. Porque tudo tem de estar perfeito para a volta de Janek e do menino. *Blem, blem*, termina de cantar o relógio. E já são quatro horas. Fecha a janela da cozinha, deixando o sol do outro lado, e depois passa o ferrolho na porta de madeira. A casa escurece sensivelmente, a radiância do dia ficou do lado de fora.

Segue para o banheiro e tira a roupa metodicamente, dobrando peça por

peça. Milla a espera no hospital, pois ficou com Janeczek para que ela pudesse dar um jeito na casa e terminar a encomenda de um vestido. A torneira é aberta e a água corre pelo seu corpo. Terá ela se esquecido de alguma tarefa? Anda tão atrapalhada que deixou o arroz queimar duas

vezes na última semana. Mas tem certeza de que fez tudo, o vestido está empacotado sobre a mesa da sala e, no caminho, ela o deixará na residência

dos Mieczkowski. Ensaboa-se com agilidade. Com um pouco de pressa,

ainda pode tomar o bonde das quatro e trinta.

(1945, quatro anos após a capitulação

da Iugoslávia e da Grécia.)

O caminhão seguia seu rumo na noite chuvosa, sacudindo ritmadamente na estrada esburacada pelas bombas. Pelas frestas da lona, o frio entra na carroceria dando voltas em torno dos homens apertados nos dois bancos de madeira presos às paredes. Embora aquele mês de abril estivesse no fim, a primavera não aparecia. Talvez, pensou Jan, a primavera nunca mais voltasse à Alemanha. Tudo parecia morto ou era ele que só pensava na morte? Essa idéia o perseguia... Como poderia viver com aquelas imagens dentro dele? Durante meses acumulara seu ódio como um avaro junta as suas moedas. À noite, quando dormia, passava em revista suas mágoas, sua própria fúria, acarinhando seu ódio pelos alemães, adjetivando-o e inflando-o com novos motivos para o rancor, novas mortes, mais amigos desaparecidos, mais miséria... Mas estava ali, e a coisa era completamente outra. A Alemanha agora era apenas um punhado de cidades destruídas pelos bombardeios americanos. Quase nada estava de pé, e à medida que avançavam, era possível pensar que a Alemanha do Führer jamais existira.

Tinha visto centenas de alemães mortos, mas como era possível odiar civis?

Jan estava sentado perto da porta do caminhão e puxou a lona, espiando o campo varrido pelo mau tempo. Lá fora, tudo era negror e vazio. Não havia luzes nas casas de fazenda, não havia trigo crescendo nas plantações queimadas. De que tinha adiantado tudo aquilo? Às vezes, passavam por uma casa à beira da estrada, mas a maioria delas estava abandonada ou danificada. Havia pouca gente nos campos e filas de civis vagando pelas rodovias semidestruídas. A Alemanha era um país arruinado. Na tragédia, a Europa enfim se igualava.

“Dê-me um general”, disse Jan para si mesmo, mordendo a ponta do lápis. “Um general só, e eu nem preciso de arma para fazer o serviço.” Na semi-escuridão, olhou suas mãos calosas e sujas de poeira. Estava acostumado a falar sozinho; mesmo assim, ouviu alguém dizer: “Pois a mim basta um soldadinho raso. Um defunto com divisas ou um defunto sem

divisas valem o mesmo para os vermes.”

Era Kazimierz Góral. Reconhecia aquela voz, bem modulada. O alegre Góral. E ainda alegre mesmo depois de tudo aquilo, pensou Jan. O caminhão deu um solavanco e ele apertou o caderno e o lápis contra si. Viu a luz da sua lanterna dançar sobre o couro esfolado de uma dezena de botas, depois buscou com ela o rosto de Góral.

“O que você está fazendo, Wierzchowski?”.

Góral estava encolhido dentro do sobretudo de lã, mas, como sempre, havia a sombra de um sorriso naquele rosto. Era um alívio saber que alguns sairiam ilesos. Góral era um deles, nunca o tinha visto chorar. Nem em Kapelshe Veer, e quase todos tinham chorado em Kapelshe Veer. Nem quando souberam que a Polônia havia sido traída pelos ingleses e pelos americanos. Não, nem naquele dia Góral chorara.

Disse Jan: “Escrevo coisas.”

Góral parecia entediado. O frio varava a carroceria do caminhão como uma faca afiando-se numa pedra; lá fora não havia nada, somente noite e vento. Alguns mortos, talvez, nos campos negros sem estrelas. Jan pensou no Führer; diziam que estava escondido num *bunker* em algum lugar de Berlim. Como uma toupeira, enquanto os russos cercavam sua cidade.

“Escreve o quê?”, perguntou Góral. “Uma carta de amor para a namorada?”

“Coisas. Escrevo coisas.” Calou-se por um instante. “Você esteve conosco em Oberlangen, Góral?”

Roncos se elevavam no silêncio. Alguns daqueles homens tinham aprendido a dormir nas trincheiras congeladas; comparada com isso, a carroceria coberta de lona do caminhão era quase um quarto de hotel; fedia um pouco a uma mistura de suor e amoníaco, mas era um luxo de qualquer modo.

Disse Góral: “Ajudei a soltar as mocinhas, sim. Encontrei até uma conhecida dos tempos de Varsóvia. Foi colega da minha irmã, Fayga. Acho que ela se chama Marysia. Esteve naquele campo por sete meses, foi presa na Polônia junto com outras três militantes da Armia Krajowa. Apesar dos piolhos, estava bem de saúde.” Deu de ombros, sorrindo: “De qualquer modo, foi um bom encontro, se é que você entende o que eu quero dizer.

Ela não estava tão traumatizada assim pra não gostar também.”

Jan riu. Sem dúvida, Góral sobreviveria. Disse: “Você vai até o fim.”

“Evidentemente”, retrucou o outro. “Afinal, cheguei até aqui. Eu tinha certeza de que, se pisasse na Alemanha, eu iria até o fim. E fiz uma promessa: se eu chegasse vivo aqui nesta terra nefasta, eu me casaria.”

“Com quem?”

Góral riu: “Bem, com uma polonesa. Mas agora que os russos não nos querem de volta, acho que eu poderia casar com uma holandêsinha...”

Considerou por alguns instantes a idéia. “Sim, uma holandêsinha de Breda.

Ou quem sabe uma belga?”

Disse Jan: “Eu não estive em Breda. Fui ferido uns dias antes.”

“As holandesas são bonitas”, retrucou o outro. “Muito agradecidas a nós, porque deixamos suas casas em pé.”

Jan voltou-se para suas anotações e focou a lanterna na página da caderneta que levava no colo. Viu sua letra tremida e apressada. *Auschwitz.*

Dachau. As palavras dançavam na folha branca. Havia ali uma reportagem de jornal dobrada em oito pedaços sobre os campos que os alemães tinham

construído na Polônia. Lembrou-se dos pais, mas logo se forçou a pensar em outra coisa, porque conhecia as armadilhas.

“Vai escrever um livro sobre toda essa merda?”, quis saber Góral.

“A única coisa que eu quero é esquecer.”

O frio agora congelava suas pernas; dentro das botas, os pés estavam dormentes e úmidos. Fez um esforço para mexer os dedos, e suas veias latejavam como cordas tensas. Góral se calou também, mas seu silêncio durou apenas alguns segundos. Estava com vontade de falar:

“Certas imagens são como um câncer, Janek. A gente não se livra delas. É preciso fazer piada. Humilhá-las. Recordações idiotas, é isso que elas são.

Eu me recuso a pensar nelas.”

“Você tem sorte”, concluiu Jan.

“Não tenho família. Tinha minha irmã, Fayga. Nossos pais morreram num acidente em 1932, então éramos Fayga e eu.”

“O que aconteceu com ela?”

Disse Góral: “Foi fuzilada por um nazista. Isso foi em Turim. Quando a guerra acabar, nunca mais vou pensar nisso. Nunca mais. Vou para Breda procurar minha holandêsinha.” E riu: “Anote isso aí no seu caderninho.

Depois da guerra irei viver na Holanda, ou talvez na Bélgica.” Deu de ombros: “Um homem sempre precisa ter uma segunda opção. Uma carta na manga, não é mesmo?”

Alguém pediu silêncio com um grunhido, mas Góral mandou que calasse a boca. “Que mais queriam, afinal? Ovos mexidos?”, bradou ele. Jan olhou-o de soslaio. Afinal de contas, todo mundo tinha um passado. Lambeu a ponta do lápis e anotou na agenda: “12 de abril.”

“Como se escreve Roosevelt?”, perguntou a Góral. “Com dois “o” e dois “t”?”

“Com dois os”, respondeu o outro. E acrescentou: “Maldito canalha. Morreu para não dar explicações aos poloneses.”

“Acho que ele não se preocupava muito com isso”, ponderou Jan.

Perguntou Góral: “Quais são seus planos para quando esta guerra acabar?”

“Voltar para casa. Para minha mulher e meu filho. O resto da minha família está perdida na Polônia. Faz anos que não tenho notícias deles, talvez estejam mortos.” E Góral baixou os olhos, engolindo um último sorriso.

O caminhão guinchou, derrapando na lama que recobria a estrada. Um dos soldados caiu do banco e ergueu-se sem reclamar. Provavelmente alguma bomba tinha aberto uma cratera bem ali, no meio do caminho das tropas.

Lá fora a chuva aumentara; o barulho da lona açoitada pelo vento cortava as palavras e as frases pelo meio. Jan desistiu de falar; a família na Polônia era a grande incógnita na sua alma. E estava tão perto, tão perto...

Seria simples tomar um trem e seguir até lá assim que a Alemanha capitulasse. E a Alemanha capitularia em breve, qualquer um deles podia ter certeza disso. Sempre havia lugar para os soldados nesses trens cheios de refugiados e de gente que voltava para suas cidades destruídas... Mas com os russos. Com os russos era impossível.

Jan ouviu os roncões do motor soando sob o barulho da lona. O caminhão não se movia. Talvez tivesse atolado na lama ou quebrado alguma peça com o solavanco e a saída da estrada. Fechou a agenda e enfiou-a no bolso interno do casaco. Alguém disse que havia um buraco gigantesco logo à frente na estrada. Tudo em volta era lama e destruição. Teria que sair para

a chuva junto com seus homens e pensar num modo de levar o caminhão até o outro lado do buraco. Mas primeiro era preciso desimpedir a estrada para que os outros veículos pudessem continuar o avanço. Os americanos tinham transformado a Alemanha numa gigantesca cratera fumegante, e todos os caminhos estavam retalhados. Escolheu mentalmente alguns

homens para o serviço. Ao seu lado, Tadeusz dormia; cutucou-o uma, duas vezes. O rapaz abriu os olhos embaciados de sono e resmungou alguma

coisa em polonês.

“Trabalhinho noturno”, disse Jan. Ergueu-se, abotoando o agasalho.

Acendeu a lanterna e correu o facho de luz pelos rostos. “Tadeusz, venha comigo.” Apontou dois outros homens: “E você, e você. Você também,

Góral.”

A lanterna iluminou aqueles olhos verdes gozadores. “Está de

sacanagem comigo, panie kaprale?”

Disse Jan: “Só estou testando seu senso de humor.” Puxou a cortina de

lona e desceu para o frio congelante e para a chuva, esperando um instante

para que os outros o seguissem. Pelo que dizia o seu mapa, estavam perto

de Winschoten.

Londres, 10 de maio de 1945.

Meu querido, meu querido Jan!

Com que alegria eu lhe escrevo esta carta! É bem verdade que tenho rezado dia e noite para que esse horror termine... Mas faz tempo, meu querido, tanto tempo que rezo e peço que me pareceu inacreditável que a guerra tenha chegado ao fim e que nada mais reste daquele desprezível homem que pôs o mundo em semelhante catástrofe. Agora mais do que nunca, Jan, tenho certeza de que vamos nos encontrar. É bem verdade que os

japoneses ainda não abaixaram as armas, mas é para isso que existem os americanos... Afinal, os ingleses já fizeram a sua parte, lutando desde 1939

sem nunca desistir. Assim, eu não vejo inconveniente em que os americanos resolvam a questão lá na Ásia. Aqui já se diz que logo os soldados começarão a voltar para casa, e na rua a gente vê as pessoas sorrindo, Jan, e é tão bonito de ver esse sorriso e até a esperança, depois de todo o tempo que Londres viveu sob o medo. Acabaram as bombas e as blitz. Nunca mais as noites no escuro, nunca mais o racionamento de manteiga. Repolhos nunca mais, meu

querido Jan! Eu mesma já ando pelo hospital me despedindo dessa vida (ela me foi muito cara, porque graças a ela conheci você, meu adorável sargento).

Logo estarei outra vez levando uma sossegada existência civil e finalmente terminarei meu curso de secretariado, ou, pelo menos, logo que eles encontrem outro prédio onde ministrar as aulas, porque o velho, onde comecei a aprender taquigrafia, esse já não existe mais.

Mas, meu querido, preciso contar-lhe de uma estranha coincidência: é que

tive sob meus cuidados no hospital um jovem que disse ter estado na mesma

tropa que você. Ele me contou que foi ferido na travessia de um canal chamado Küsten (ou alguma coisa parecida, pois anotei o nome num pedaço

de papel e depois o uniforme foi para a desinfecção com o papelzinho dentro do bolso). Bem, ele foi ferido em algum lugar da Alemanha que não posso imaginar onde fica, mas o importante (além do fato de que o cabo, esse rapazinho tão alegre, passa bem e terá alta em breve) é que eu soube que você está inteirinho, meu Jan. Inteirinho e saudável, e sempre quieto, como quando eu o conheci. Lembra-se daqueles dias, meu Jan? Ah, sabe que guardo

saudades deles, porque então você estava ao meu alcance e sob as minhas ordens, um menininho de pijamas que tinha muita vergonha na hora do banho... Você não mudou nadinha, meu querido sargento? Ainda continua aquele homem que mastiga silêncios, sempre olhando para a gente com esses

seus olhos profundos como um lago perigoso demais para que alguém ouse atravessá-lo a nado? Ainda é o mesmo, meu Jan? O que o nosso amigo cabo

contou me permite imaginá-lo igualzinho, querido... Se você quiser saber mesmo o nome do jovem em questão, um rapazinho de cabelos negros e olhos

pretos como duas azeitonas em conserva, acho que o nome dele é Wasilewsky

ou qualquer mistura de consoantes semelhante, porque nunca vi uma língua

tão difícil quanto o seu idioma polonês! (Ah, mas eu também o adoro, esse palavreado ininteligível que, se porventura escuto aqui no hospital, sempre me causa um tremor e uma absurda saudade de você!)

Mas você mudou numa coisinha, meu querido, e senti muito orgulho dessa

sua mudança. É que na última carta que você me mandou (a segunda que eu

recebi nesses meses, e que guardo dentro do bolso do meu uniforme, andando

com elas para cima e para baixo nesse hospital onde nos conhecemos); enfim, notei uma coisa na sua última carta: o seu inglês melhorou bastante! E eu fiquei muito orgulhosa. Você tem tomado lições com algum sargento meu conterrâneo ou encontrou um livro na minha língua que seja mais curto para

ler do que aquele gigantesco apanhado de páginas sobre a história da Polônia que você lia e relia deitado na sua cama aqui na enfermaria? Ah, querido, conte-me depois (e como seria bom se fosse pessoalmente!) com que

instrumentos você tem se aprofundado na língua inglesa, porque eu, toda contente, considero isso uma prova de atenção a mim — oh, não ria, não ria!

As mulheres, quando distantes, costumam desenvolver certos hábitos que talvez se aproximem de uma superstição... De qualquer modo, junto com esta

carta mando a sua, corrigida, para que você veja os erros que cometeu.

(Por exemplo, quando você escreve “to wipe off tears”, você deveria escrever “to wipe off one’s tears”. E quando você diz que “todos os nossos esforços foram em vão”, seria melhor “all our efforts were in vain”.) Mas você vai ver todos esses pequeninos erros assinalados na sua carta, com um bilhete anexo explicando os tópicos um por um.

Enquanto você estiver longe, serei uma professora dedicada, desde que você prometa cuidar muito bem das suas “minhas” cartas, pois eu as quero todas de volta assim que você estiver em Londres outra vez, o que, acredito, não vai demorar muito. Logo as tropas vão se dispersar, e você voltará para esta ilha festiva e em estado de graça. Você nem imagina: estamos pobres, dormindo em malditos abrigos úmidos e comendo repolhos nos últimos cinco

anos, mas nunca um país foi tão alegre quanto somos hoje. As pessoas cantam nas ruas, e ontem, com que emoção retiramos as proteções das janelas da nossa enfermaria, você precisava ver. As meninas choravam arrancando as tábuas que cobriam os vidros, e na calçada, aos poucos, enquanto os serventes trabalhavam, foi surgindo por entre os sacos de areia a velha e boa fachada do hospital! Enfim, já não vivemos numa maldita toca, mas num prédio que recebe a luz do sol e onde podemos abrir as janelas e

dizer aos pacientes: “Que lindo dia!” Bem, esses dias só não são mais lindos para mim porque falta você. Mas nos anos que fiquei trabalhando

incessantemente aqui nesta enfermaria, uma das boas coisas que aprendi foi

ter paciência. Assim é que eu o espero desde o dia do armistício, e o nosso pequeno ninho segue intacto, esperando por você!

Um p.s.: meu querido, das coisas que você me contou quando estivemos juntos, compreendi o bastante para lamentar a situação que a sua pátria está vivendo com os soviéticos. Isso é muito injusto, mas é preciso acreditar que a diplomacia ainda tem poderes suficientes para resolver essa questão.

Acredite que agora as minhas orações serão direcionadas para isso, Jan.

Talvez o nosso Churchill, que tanta visão mostrou ao longo dessa guerra, ainda possa fazer alguma coisa. Ah, eu tenho fé, meu querido, que toda essa história ainda possa se ajeitar...

Bem, com a glória de Deus, a guerra acabou. Mas a enfermeira-chefe precisa mais do que um discurso do Churchill para se acalmar, e exatamente

agora ouço a voz dela sibilando meu nome pelo corredor. Vou-me, meu querido sargento! Fique com Deus e saiba que o adoro imensamente,

Assinado Srta. Grant

(sua-sua-sua Elizabeth!)

(1945, um ano depois da libertação do

campo de Majdanek pelos russos.)

Pela janela, Elizabeth olhava a rua silenciosa. As pessoas tinham finalmente voltado ao trabalho cotidiano, e havia tanto para reconstruir, tanto para esquecer, tanto para esperar. Enquanto estava ali vendo o sol passar pelas partículas de pó que pairavam na pequena sala do seu apartamento, fazendo com que esses corpúsculos de sujeira parecessem farelos de ouro puro, ela própria tinha bastante a fazer. A casa precisava de uma faxina completa depois de meses de esquecimento. As gavetas dos armários continham peças reviradas de roupa íntima, camisas e vestidos, antigas cartas, revistas amareladas. Velhos romances, que ela vinha lendo havia meses e dos quais nem guardava mais o enredo, estavam espalhados pelo quarto, esperando. Intimando-a. Encostada no parapeito da janela, sentindo o sol de verão pinicar sua pele branca, pensou em recolher os livros (ela toda ainda cheirava a hospital e éter, mesmo que agora o trabalho parecesse ameno e tivesse ganhado uma manhã e uma tarde de folga por semana). Aqueles livros a desafiavam. Mas o que fazer se punha-se a lê-los e só pensava em Jan? Era mais modesto da sua parte deixar-se ficar ali, olhando a calçada onde uma menininha fazia desenhos com um pedaço de giz, do que se jogar às páginas de um Stendhal, cujas palavras passavam por ela feito moscas rumo a um balcão de confeitaria.

Olhou em volta. Encostado numa das paredes, o sofá de veludo verde desbotado exibia uma pilha de jornais velhos, nos quais ela andara buscando notícias sobre os poloneses. Com o recuo das tropas britânicas e americanas, os soviéticos tinham se instalado no coração da Europa. A soberania polonesa era um assunto que rondava as páginas dos jornais londrinos, juntamente com a eleição e tristes matérias sobre as hordas de refugiados que enchiam as estradas européias, seguindo o recuo das tropas. Nada havia que não fosse devastação, pensou ela tristemente.

Aquele sol que brilhava lá fora não servia de grande consolo, afinal de contas. Sem querer, esbarrou com

a ponta da botina numa garrafa de vinho

vazia, fruto de uma solitária noite de sábado longe do hospital; empurrou-a delicadamente, e ela rolou fazendo um ruído diáfano até encostar nos pés de uma cadeira. No rádio, a voz masculina chiava notícias sobre uma moça que havia sido encontrada morta dentro de um Rolls-Royce negro nos arredores da Tower Bridge. Elizabeth deu de ombros, olhando a paisagem da casa. Um Rolls-Royce era um lugar estranho para se morrer. “Parece que uma bomba caiu aqui”, disse em voz baixa, observando a desordem da sala. Perto da porta da cozinha, uma pilha de latas de sopa esperava que alguém as levasse para o lixo. Elas também eram fruto de um crime passional.

Nunca comera sopa na vida, mas sopa fazia com que ela se lembrasse de Jan, e agora aquelas sopas enlatadas (já que ela sabia pouco mais do que fritar um ovo) tinham virado uma espécie de obsessão rancorosa. Como

que para incitá-la, o locutor se calou, e uma polonaise de Chopin encheu o espaço ensolarado da salinha em desordem.

“Ai, meu Deus”, gemeu Elizabeth. “Assim não é justo.”

Afastou-se da janela, pegou uma vassoura que estava encostada à

parede e pôs-se a varrer o chão de maneira frenética. Uma vez, aquela sala tinha sido palco da sua felicidade. Mesmo com as V2 caindo lá fora, aquelas paredes haviam testemunhado momentos de pura perfeição. Cimento e cal,

e podiam abarcar tanto. Ainda era capaz de vê-lo ali, esparramado no sofá de segunda mão que o pai lhe comprara certa vez. A voz enchendo o

ambiente, como faziam agora as notas de Chopin. Abraçou o cabo da

vassoura e deu dois passos de dança. De novo, uma felicidadezinha parecia brotar dentro dela, uma frágil semente, pois podia sentir que ele voltaria...

Sorriu; quando acabasse a limpeza, iria comprar flores. As floristas deviam estar vendendo bastante em Londres nos últimos tempos. Muitos voltavam

da guerra, e havia também as flores para os mortos.

Fazia dois meses que ela não recebia notícias de Jan; ele sequer

respondera à sua última carta. No entanto, parecia impossível que seu *sargento* tivesse morrido logo no fim daquela maluquice. Parecia-lhe realmente impossível: se fechasse os olhos, poderia tocá-lo e receber o calor que emanava dos poros da sua pele. Se aspirasse o ar com cuidado, sentiria seu perfume, alguma coisa como verbena. Alguma coisa masculina.

Mas é claro que havia uma ínfima possibilidade, ouviam-se histórias...

Lembrou-se de um cabo que baixara ao hospital depois de perder uma

perna num campo minado às margens do rio Eems. O coitado estivera em

Eems no começo de abril e ajudara a limpar o terreno, mas, no retorno, em

junho, tivera o azar de pisar numa mina, e *bum!* Era o destino, pensou ela.

Talvez o próprio cabo tivesse esquecido de desativar aquela mina. Como um animal selvagem que é ferido por um caçador inexperiente (onde

mesmo lera qualquer coisa sobre isso?), a mina ficara esperando o retorno

do cabo. Era um cabo polonês; mas não; apesar dos reiterados esforços de

Elizabeth, ele jamais ouvira falar do kapral Wierzchowski. Eram 16 mil homens na 1ª. Divisão Blindada Polonesa, como todos haveriam de se

conhecer?

Recolheu a garrafa vazia e levantou as três cadeiras que tinha,

apoiando-as sobre a mesa redonda de tampo envernizado. Correu a

vassoura pelo chão, ouvindo as cerdas estalarem contra o piso. Dois meses.

Alguém estava brincando com ela. Suspirou. Espirrou. O pó entrava pelas

suas narinas, e não era mais ouro, era apenas pó. De qualquer modo, não havia muito esperando por ela, a não ser um final. Jan voltaria, tinha certeza. Mas voltaria para dizer-lhe adeus. Ali seria o seu fim. Como o pobre

cabo polonês, ela não desativara aquela bomba. Ao contrário, dentro do seu

peito a bomba simplesmente esperava a hora de explodir.

No rádio, o locutor voltou a falar, agora sobre as eleições. As urnas com

os votos dos britânicos estavam trancadas em algum lugar secreto, e

Churchill viajara com sua esposa e a filha para Bordéus. Disse o locutor que

dentro de alguns dias Churchill se encontraria com o presidente americano,

enquanto ainda se lutava contra os exauridos e teimosos japoneses.

Elizabeth botou a língua para os japoneses e desligou o rádio. Não estava interessada nas férias de Churchill. Queria ouvir alguma coisa sobre a Polônia, qualquer coisa promissora. Sabia que os Estados Unidos e a Grã-

Bretanha haviam reconhecido a formação de um governo provisório

polonês. Lendo sobre isso no jornal, parecia até uma solução justa, porém o

hospital estava cheio de soldados poloneses que bradavam contra o

absurdo da situação sacudindo seus braços cheios de curativos. O governo

reconhecido pelos líderes mundiais não passava de gente da mesma turma

que Bierut, o líder do grupo comunista de Lublin — Elizabeth aprendera a

pronunciar aquele nome, sempre repetido com asco pelos soldados

poloneses, enquanto trocava ataduras e redigia cartas que não mais

chegariam ao seu destino. Os poloneses estavam furiosos, tristes,

desolados. O novo governo não queria saber dos dezesseis mil homens que

tinham lutado durante toda a guerra ao lado dos ingleses, franceses e americanos. As deportações e mortes aconteciam às pencas na Polônia, e quem podia — todos aqueles que tiveram algum envolvimento com a

Resistência Polonesa e que não haviam morrido nas mãos alemãs — agora

tratava de fugir para não morrer nas mãos dos soviéticos. Elizabeth

empurrou a sujeira para um canto, mas o pó teimava em fugir por entre as

cerdas da vassoura. Onde havia uma pazinha? Não era boa nessas coisas.

Antes da guerra, uma moça angolana vinha limpar a casa uma vez por semana. Mas a moça sumira, talvez uma bomba tivesse acabado com ela

naquele ataque à estação de metrô de Balham, e a carestia tinha acabado com suas reservas econômicas. Afinal, onde tinha enfiado a maldita pá de

lixo?

(1945, cinco anos antes da morte de Janeczek.)

Abriu e fechou as portas do roupeiro. Não, não estava ali. Nem dentro da gaveta da cômoda, nem no armário dos lençóis. Saiu do quarto apressada. O

filho tinha consulta e perderiam o bonde. Mas onde é que Milla tinha deixado os exames de Janeczek? “Oh, Boze”, gemeu Anna.

Desde que a irmã se casara, havia começado a fazer coisas esquisitas.

Era como se andasse com a cabeça nas nuvens. “Entre os lençóis, entre os lençóis”, dizia Milla toda vez que vinha vê-la, resplandecendo daquela nova

vida, os cabelos ainda molhados do banho. Milla e Stefan viviam a duas quadras dali, numa casa alugada. Anna achava graça nos modos airados da

irmã caçula, mas dava para ver que no fundo daquilo havia uma genuína ponta de felicidade. Stefan estava se saindo bem com Ludmilla, mas o caso

é que precisava mesmo encontrar os exames do menino, senão perderiam a hora com o doutor Olszewski.

Abriu as portas da cristaleira, procurando entre as taças e o vaso de cristal. Não, ali não estava. Alguns papéis enrodilhados se refletiam no cristal de um rosa pálido. Ali estavam os documentos do banco e os carnês

de compra do terreno. Essas contas iam atrasadas em dois meses, mas

Anna tinha economizado uma boa soma nos últimos tempos, por conta de

um casamento para o qual costurara uma série de trajés, incluindo o

vestido da noiva; antes que Janek voltasse, quitaria todas as dívidas. Agora era uma boa costureira, requisitada na vizinhança e até em outros bairros.

Pani Wierzchowska fez isto, diziam as mulheres com orgulho, e mostravam

seus bordados, suas bainhas invisíveis, seus vestidos de caimento perfeito.

Noites e noites em claro sob a luz da lâmpada, e talvez agora tivesse adquirido uma leve miopia, mas tinha valido a pena.

“Achei!”, gritou ela ao abrir a caixa do faqueiro. Mas por que diabos Milla

teria guardado os exames do menino logo ali? Não importava, afinal. Talvez

chegassem a tempo, e não chovia mais: através das cortinas, podia ver a paisagem da rua deserta, úmida

e leitosa com seu calçamento de pedras desbotadas. Somente uma brisa indolente fazia balançar os jacarandás

desfolhados, derramando esquecidos pingos de chuva no chão.

“Janeczek, Janeczek!”, chamou Anna, guardando dentro da bolsa o

envelope dos exames. “Estamos atrasados, mój synu...”

Bateram à porta nesse instante. Ela ajeitou os cabelos, chamando mais

uma vez pelo filho, depois foi ver quem era. Enquanto destrancava o

ferrolho, Janeczek surgiu, vindo do quarto. Sorriu ao vê-lo. Um menino magro e alto, de olhinhos vivos e sorriso tímido; usava os cabelos muito curtos. Tinha perdido quase todo o cabelo com o tratamento, mas o pior já

passara. Uma blusa de gola tapava um pequeno orifício aberto na altura da

garganta, e assim ele parecia em tudo um menininho igual a qualquer

outro. O doutor Olszewski alimentava suas esperanças e até lhe dissera que

no ano seguinte o filho poderia começar a escola.

“Vista o casaco, mój synu”, pediu ela, abrindo a porta.

Ludmilla entrou na sala como um vento. Seu rosto redondo estava

corado pela caminhada e seus cabelos, despenteados.

Anna sorriu ao vê-la. “Você está toda desarranjada, Milla.” Mostrou-lhe a

bolsa e os exames do filho: “Estamos atrasados para a consulta do

Janeczek.”

Milla devolveu-lhe um olhar atônito e disse: “Jogaram uma tal bomba

atômica sobre o Japão. Ouvi no rádio agorinha mesmo.” Encostou-se na parede e suas pernas roliças arriaram um pouco. “Uma coisa horrível,

Anna... Boze, mój Boze... A cidade tem um nome estranho. Zagazagi,

Agazagui ou coisa parecida. O locutor disse que essa bomba tem o maior poder destrutivo já visto, que *derrete* coisas e pessoas. Os japoneses não deram ouvidos aos comunicados americanos, e eles soltaram a bomba.”

Anna se persignou e segurou o menino pela mão. Era uma mãozinha

descarnada. Olhou-o. Janeczek não parecia assustado. Ouvir falar em bombas e morte não era coisa que o impressionasse. Tinha crescido ouvindo aquilo. Pensou em dizer para a irmã que ficasse ali ouvindo o resto das notícias no rádio da sala, pois ela e Janeczek precisavam tomar o bonde.

O doutor Olszewski tinha muitos pacientes e uma agenda cheia. Mas quando abriu a boca para falar e viu o rosto de Milla, então entendeu. A irmã *cogitava*. Afinal, elas não tinham muitas notícias concretas de Janek.

“Não...”, sussurrou ela. “Os americanos não largariam uma coisa dessas sobre os seus próprios soldados. Janek está na Europa, eu tenho certeza disso.”

Milla ainda estava encostada à parede. “Deus é pai”, disse ela. “Pobres dos inocentes que morreram.”

Janeczek puxou a mão da mãe: “Matka, vamos nos atrasar.”

Ela acarinhou-lhe a penugem dos cabelos: “Já vamos, meu menino responsável. Já vamos ver o doutor.” Ergueu o rosto para a irmã e sua voz

era doce: “Não pense em tolices. Os poloneses lutaram sempre contra os alemães. Agora que o maldito Führer deles morreu, os poloneses

terminaram seu serviço. Janek está bem. Eu tenho certeza. Ele deve estar em Londres, junto com os outros soldados.” Olhou o menino. “Não é, mój synu? O tatus logo vem pra casa ficar com a gente outra vez.” Janeczek apenas sorriu e concordou.

Disse Milla: “Foi um medo repentino, você tem razão. Mas pessoas derretidas, Anna? Alguma vez você já ouviu falar disso?”

Anna colocou a chave na fechadura e convidou os dois a saírem para a rua úmida. Disse à irmã: “Você deve ter entendido mal.”

“Sorvetes é que derretem, titia”, acrescentou o menino, achando graça.

“Pessoas, não.”

“Exatamente”, disse Anna. “Agora vamos indo.” Trancou a porta e

guardou a chave na bolsa, depois segurou a mão do filho. Na calçada, Milla

olhava-a com certa dúvida. “O que você faz agora, Milla?”

A outra deu de ombros. “Acho que vou ao armazém. Estou sem farinha

em casa, e prometi ao Stefan que teríamos kluski para o jantar.”

“Pois vá em paz, irmã. E não se preocupe com Janek, a guerra dele já acabou. Ele deve estar em Londres agora, mas logo vai voltar para casa.

Todos os soldados estão começando a voltar, não é mesmo?” Despediu-se

com pressa, dando um beijo no rosto morno de Milla. Minutos depois,

enquanto corriam até o bonde e ela ouvia os seus passos e os passos do menino cantando nas lajes retangulares do calçamento, concluiu que

estavam irremediavelmente atrasados para a consulta. Por certo teriam

que esperar um bom tempo na minúscula ante-sala do consultório do

doutor Olszewski até que Janeczek pudesse, enfim, ser examinado.

(1945, numa das celas de um castelo em Zamosc.)

Faz dois meses que estou aqui com mais vinte companheiros. Jogados

em celas imundas, onde correm as ratazanas, e de cujas paredes a água escorre nos dias mais úmidos. Às vezes eles ligam uma espécie de registro e

deixam a água entrar para o porão até que nos alcance os joelhos. Ficamos

assim durante dias. Os pés dentro da água, todos enfiados neste velho castelo. Filhos-da-puta, corja de russos ajudados pelos homens da

Bezpieka. Será que você acreditaria, Janek, que, depois de tudo o que passamos nas mãos dos alemães, ainda não acabou o sofrimento?

Ora, Janek, eu não tenho medo da água, do gelo que me sobe pelas veias.

Woda, woda, o que é isso para quem andou dias enfiado na merda? Esses

idiotas da A. L. que agora obedecem aos russos, eles fizeram o quê? Eles têm tanques, têm armas, têm o dinheiro da NKVD. Não sabem o que é matar

com as próprias mãos. Bombas feitas com garrafas de gasolina. A morte na

alma, todos os dias. O que eles sabem disso, Janek? Eles sequer estiveram

em Varsóvia enquanto os szwaby faziam o serviço sujo.

Ontem me levaram para interrogatório. Nas primeiras semanas, comida

e água, um hotelzinho de luxo depois de tudo o que eu passei. Mas a merda

não demorou a chegar, Janek. Oh, Janek, me perdoe os palavrões... É que eu mudei tanto desde a última vez. Quantos anos eu tinha, 12, 13? Agora eu tenho 100 anos e tudo está longe demais. Tudo e todos. O ontem, Janek, é uma espécie de tempo pré-histórico na minha mente... Nem do pai nem da mãe eu sei o que foi feito, Janek, e talvez pan Wierzchowski não se importasse, afinal, de ouvir o filho dizer umas barbaridades, pois que agora tenho os cabelos da cor da neve e já fiz a minha guerra.

Fui para interrogatório ontem, Janek... Faltam-me dois dentes, não tenho as unhas dos pés. A pele dos meus pulsos está ficando negra por causa dos choques elétricos. E eles querem nomes, eles querem nomes, idades e rostos. Eles querem apagar da Polônia a sua identidade, Janek, e estão mandando todos para o meio do nada, para aqueles malditos gulags de Workuta ou então para a Sibéria. Depois de seis anos de lutas, depois das gentes torradas naqueles fornos alemães, da fumaça negra de Auschwitz (você sabia que quase me levaram para Auschwitz, Janek?), de Treblinka, ah, depois de tudo isso — sem padres, sem crianças, sem mulheres, sem escolas, sem bibliotecas — eles nos mandam para a Sibéria.

Diria os nomes de quem, Janek? Todos os meus amigos morreram. E eles querem nomes!

Cuspi na cara de um desses patifes. Achei que você gostaria de saber, que teria orgulho de seu Stach... Na última vez que vi a matka, ela me contou que sonhou com você. Numa noite de outubro, e fazia tanto frio, entrei pela janela, comi do pão deles. Um abraço, as lágrimas da mamusia, Janek... Nada mais. Ah, sim, teve ainda a fala do pai: “Tenho certeza de que Jan está lutando pela nossa pátria.” Você é um soldado, kochany Janek? Eu gostaria de saber isso. De saber de você. Se matou algum maldito szwab. Eu matei o meu punhado de szwaby, Janek, e agora serei morto por uma corja de poloneses que não merecem a pátria cujo solo seus pés pisam. Os hitlerowcy foram para o buraco, todos eles. Dizem que Berlim caiu. Berlim caiu com seus edifícios elegantes, com suas ruas cheias de hitlerowcy e suas bandeiras. E daí? Onde estão todos os outros, Janek? Onde está a babka, a tia Helena? Queimadas vivas. Onde está o meu

menininho, Janek?

Onde está Jacek, onde está Jaroslaw, onde está Marian? Eram meus amigos, Janek. Dois poloneses, um judeu. Cuidavam da terra, não queriam saber de

mais nada, nem na resistência eles lutavam. Mas foram mortos, os três.

Jacek, lembra dele em Hrubieszów?, morreu com um tiro nas costas,

fuzilado em represália pela morte de um tenente alemão. Jaroslaw morreu

em setembro de 39. Marian foi para Birkenau. Marian e toda a sua família,

enfiados num trem de carga com mais uma porção de judeus apavorados,

usando as malditas estrelas amarelas.

Eu não aceitei o meu destino. Você não sabe o que foi estar em Varsóvia

durante o levante. Você não sabe o que foi viver na Polônia ocupada, Janek.

A vida ficou difícil para todos. Não havia mais aulas e as escolas fecharam.

Fui expulso da terra em Mietkol, jogaram minha gente num campo de

concentração. Foram tempos horríveis, Kochany. Proibia-se o ensino de

história e polonês, e quem o fizesse era condenado à morte. A carne, a boa

farinha, o leite, tudo ia para os szwaby. Saqueavam casas e queimavam bibliotecas. A mãe ficou doente e não havia um médico para vê-la nem que

tivéssemos zloty. Nunca morreu tanta gente como naqueles anos. Todos os

dias as notícias chegavam. Cidades inteiras, vilas queimadas. As listas de poloneses coladas nas portas das igrejas: para um szwaby morto, dez

fuzilados. Uma tabela de preços, Janek. E gente desaparecendo naqueles malditos trens.

E é por tudo isso, irmãozinho, é por tudo isso que estou aqui. Doente do

pulmão e tendo pesadelos. Trancafiado numa prisão, carregando pedras

seis horas por dia. Foram-se os szwaby, e agora vivemos sob o terror russo.

É por isso que eu cuspo na cara desses lacaios, Janek. Sei que foram os russos que soltaram Józek de Majdanek. Não vou dizer que eles não fizeram

nada de bom; eles livraram meu irmão de um inferno, mas o jogaram em outro. No fundo, não tem muita diferença, Janek. Eles mataram milhares em

Katyn — se você não tivesse partido, talvez também acabasse naquela cova no meio da floresta. Você era do exército, Janek, e eles teriam matado você com um tiro na nuca.

Mas eu não ficarei aqui. Eu preciso confessar-lhe uma coisa. Confesso-a

para você, que come três vezes ao dia — dizem por aí que os aliados, a gente de Londres trata bem os seus soldados, e eu sonhei que você era soldado, Janek, que você era um deles. Janek, por favor, não conte para ninguém! Falarei mais baixo, falarei com a mente, igualzinho àqueles velhos

jogos de adivinhação que gostávamos de fazer lá em Terebin... Fugiremos,

Janek. Está tudo combinado. Hora e dia. Fugiremos deste maldito castelo mal-assombrado! Alguns morrerão na fuga, e sempre há a possibilidade de

que um desses mortos seja eu. Uma morte brusca, mas não morrer nas

mãos desses traidores da pátria. Polska Walczaca! A Polônia ainda vive, Janek! E Deus nos abençoe.

(1945, oito anos depois do primeiro

encontro de Anna e Jan.)

O outono era então uma realidade, pois o sol que banhava as calçadas londrinas quase não guardava o antigo calor. Aquele exato fim de dia, com

um vento fresco fazendo voar as folhas enrodilhadas nas esquinas,

lembrava a Elizabeth que o inverno estava chegando. Assim ela caminhava

pela ruazinha quieta, carregando a sacola de compras com os ingredientes

para o jantar. Não era muita coisa; o dinheiro dava para pouco e era preciso

contá-lo todos os dias, mas logo encontraria um emprego de secretária e tudo haveria de melhorar. Nunca mais usaria roupa branca na vida, pensou

enquanto, segurando com uma das mãos a sacola de papel e com a outra a

saia de sarja azul que o vento teimava em levantar, ela subia os quatro degraus sob o portal do prédio em que morava. Uma senhora saía com o cachorro nesse exato momento, o que lhe proporcionou a bênção de não precisar procurar as chaves de casa dentro da bolsa. Não era justo que uma

moça que durante quatro anos limpava feridas e ouvira lamentos de

soldados agora precisasse gastar um dia inteiro em busca de um emprego

decente. Seus pés doíam dentro dos sapatos de couro.

“Boa noite, minha querida”, disse a velhinha. Seus cabelos eram rajados de cãs, mas seus olhos azulados brilhavam no centro de um ninho de rugas macias. “Bob sempre passeia a esta hora. Mas hoje precisei voltar e pegar um casaco.”

Elizabeth sorriu-lhe. Dando espaço para que Bob passasse seu preguiçoso corpo de bassê para o degrau seguinte, ela disse: “Foi-se embora o verão, *miss Chaucer*.”

“O primeiro outono sem bombas em quanto tempo, minha filha?”

“Cinco anos, *miss Chaucer*.”

A velhinha suspirou: “Tempo demais... Achei que não chegaria viva até aqui. Meu coração não é muito confiável”, disse ela sorrindo. “Todas aquelas bombas... As noites nos abrigos. Não foi fácil.”

Elizabeth se encolheu, lembrando-se das explosões. As janelas lacradas, o medo. Mas a rua era outra vez uma rua serena; crianças voltavam da escola fazendo algazarra, e o bassê da senhora Chaucer a olhava com seus

grandes olhos remelentos, ansiando por trilhar a calçada. Num raro impulso de afeição por bichos, Elizabeth soltou a mão da saia e, abaixando-se um tanto, afagou a cabeça do cachorro.

“Tudo isso já passou, *miss Chaucer*.”

“Tenho saudades do Churchill”, suspirou a velha senhora. “Ele teve muita coragem. Graças a ele, eu estou viva.” Elizabeth não compreendeu, e *miss Chaucer* explicou: “Minha mãe era judia sefardita. Uma mulher muito linda, filha de um rabino.”

“Não pense mais nisso, *miss Chaucer*...” Ajeitou a sacola de compras e, segurando a porta do saguão com o corpo, Elizabeth acrescentou: “Preciso

entrar agora. Passei o dia todo procurando emprego e meus pés estão arruinados. Boa noite, *miss Chaucer*.”

“Todas essas calçadas destruídas, e o metrô numa confusão...”,

comentou a velha. E quando Elizabeth já sentia o bafio úmido do pequeno corredor penumbroso, *miss* Chaucer chamou-a: “Ah, minha querida, ia me esquecendo de avisá-la...”

Elizabeth virou-se: “Aconteceu alguma coisa?”

Pensava na mãe doente em Gales, mas a outra disse: “Parece que a zeladora tem um recado. Alguém veio vê-la ou coisa parecida.”

Atônita, Elizabeth deixou cair uma lata de sardinhas de dentro da sacola.

A lata rolou pelo piso de linóleo fazendo um barulho exagerado. Ela a apanhou, agora segurando a porta do saguão com o pé. Acomodando tudo

outra vez no pacote, agradece a *miss* Chaucer, avisando que iria ver a zeladora. A velhinha finalmente saiu com Bob, e a porta da frente fechou-se

devagar, rangendo com preguiça. Durante toda a guerra, ninguém devia ter se lembrado de engraxar suas ferragens, pensou Elizabeth.

No minúsculo saguão, ficou durante um segundo absorvendo aquela

notícia, até que seu corpo, como se pudesse entender o real significado daquele aviso antes mesmo da sua mente, teve uma tremedeira. Ela se

encostou à parede, apoiando a cabeça no velho papel florido e descascado pelo tempo. Alguma coisa ia e vinha junto com a sua própria respiração.

Esperança, pensou ela. Era esperança. Pois quem viria vê-la senão ele? O pai era um homem cansado da vida e costumava mandar telegramas

quando ocorria alguma emergência. E se o velho Grant tivesse mesmo ido até Londres, seria natural que esperasse a filha em casa. A senhora Fleming, a zeladora, tinha uma chave extra do apartamento de Elizabeth, assim

como de todos os outros apartamentos do prédio. Não se lembrou de largar as compras, e desceu com elas a escadinha que levava às dependências da

zeladora no subsolo. Muitas vezes, as pessoas idosas do prédio passaram suas noites ali, espremidas na pequena saleta da senhora Fleming, por causa das bombas alemãs.

Sua mão tremia um pouco ao bater à porta do número 1. Ouviu o ruído

de uma cadeira sendo arrastada e uma música que silencia. Segundos

depois, o rosto comprido e afável da senhora Fleming surgiu no vão da porta. Seus cabelos castanhos estavam escondidos sob um lenço florido e ela usava uma blusa de lã desbotada que lhe subia pelo pescoço.

“Oh, desculpe-me, querida”, disse ela, abrindo inteiramente a porta e

fazendo surgir seu corpo magro, os pés enfiados em ridículas pantufas vermelhas. Disse ela: “Estava fazendo um bolo para o George. Ele ganhou um quilo de manteiga e outras iguarias do seu chefe lá na alfândega.” Havia

farinha salpicada na sua calça escura, e a senhora Fleming começou a se limpar, um pouco sem jeito. No prédio, tinha fama de ser a mulher mais asseada de Londres, pois mantinha os velhos corredores brilhando.

“Não se incomode, por favor”, pediu Elizabeth. “Não queria atrapalhá-la.”

A zeladora cortou-a: “Você não incomoda, minha querida. Lembra

quando bati à sua porta naquela noite, às três horas da madrugada? O

George estava ardendo em febre por causa de uma amigdalite, e todas

aquelas bombas caindo em Coventry, e as terríveis notícias no rádio...” A senhora Fleming encheu os pulmões de ar e continuou: “Era sua noite de folga, coitadinha. Os hospitais já estavam se enchendo de civis feridos nos

bombardeios, mas você veio e examinou o George. Foi muita delicadeza

sua.”

Atrás do vulto esguio da zeladora, Elizabeth podia ver um vestíbulo

pequeno e atulhado de móveis desconjuntados. No centro da peça, umas

caixas cheias de mantimentos esperavam para ser guardadas. Deviam

constituir parte do presente de George, pensou ela, trocando a sacola de compras de braço, porque já estava começando a sentir algumas câibras.

Disse Elizabeth: “Aquilo não foi nada, senhora Fleming.”

“Ah, foi sim. Eu nunca vou esquecer. Quando o bolo estiver pronto, vou

mandar um pedaço para o seu apartamento, minha querida.”

Antes que a mulher desandasse a falar outra vez, Elizabeth perguntou:

“Veio alguém me ver hoje? Encontrei *miss* Chaucer à porta, e ela me disse...”

A outra pareceu se recordar de repente: “Ah, sim. Veio vê-la um homem.

Usava um uniforme com insígnias de sargento.” Ela pensou um pouco,

talvez em dúvida quando à sua teoria: “Ele parecia eslavo, tcheco ou polonês. Usava uma boina negra e perguntou por você.”

O coração de Elizabeth batia com força dentro do peito.

“O que a senhora disse?”

“Que você tinha saído, minha querida. E que voltava à noite.”

Ela sentiu a quentura tingindo seu rosto. A senhora Fleming sorriu,

dividida entre o constrangimento de participar daquele provável romance

de guerra e uma certa nostalgia da sua própria mocidade, quando George

começara a galanteá-la, e ia vê-la lá em Coventry.

Elizabeth perguntou: “Ele deixou algum recado?”

A senhora Fleming soltou um longo suspiro e acrescentou: “Disse que

voltava mais tarde.”

“Hoje ainda?”

“Se eu tivesse esse rostinho, minha querida, acreditaria que sim. Por que

ele perderia tempo? A guerra acabou e os soldados estão voltando para casa.” Fez um gesto de desdém balançando a mão, com as pontas dos dedos

brancas de farinha: “Suba e tome um banho. Vou mandar para vocês um pedaço duplo de bolo.”

Num arroubo de felicidade, Elizabeth beijou o rosto da zeladora, depois

subiu os três andares até o seu apartamento. De repente, sentia-se

recuperada de tudo. Do longo dia vagando pela cidade atrás de emprego, dos pés doloridos, da solidão. Jan estava de volta. Será que ainda tinha uma

garrafa de vinho guardada no fundo do armário?

Passava das nove horas quando ele bateu à porta.

Elizabeth estava usando seu melhor vestido, mas passara tanto tempo sentada no chão mirando a porta cerrada e silenciosa que a roupa já estava toda amassada. Também descalçara os sapatos, e não podia apostar uma moeda na aparência dos seus cabelos. A garrafa de vinho jazia aberta a um canto, no chão, ao lado de um prato com o bolo da senhora Fleming. Duas taças (suas únicas taças) esperavam também. Quando ele bateu à porta, Elizabeth deu um pulo tão desajeitado que empurrou um dos sapatos sobre uma das taças, e ela se quebrou em dois pedaços. Não era lá um cristal muito bom, pensou ela, trêmula, enquanto estendia a mão direita para o ferrolho.

A folha de madeira se abriu parecendo demorar uma eternidade, mas no fim ele estava lá, parado no corredor. Inteirinho. Mais magro, mais corado, mas ainda o mesmo homem do qual ela se despedira nove meses antes num recanto do parque. Seus olhos brilhavam como duas pedras de âmbar, pensou ela.

“Moja kochana!”

Ouviu a voz escandindo as sílabas naquele seu jeito tão peculiar, enquanto ele abria os braços, tanto para chamá-la para si como para indicar que tinha voltado como prometera. Sem um ferimento aparente, esguiu no uniforme do exército polonês.

“Oh, Jan!” Elizabeth se atirou sobre ele sentindo seu perfume, que era um misto de verbena e de tabaco. Era ainda o mesmo tórax forte, o mesmo calor, e o mesmo lugar entre a omoplata e o pescoço, onde ela havia aninhado o rosto nas duas noites mais importantes da sua vida. “Oh, Jan”, repetiu, beijando-o em todo o rosto, quase sem acreditar que ele tinha voltado. Jan sorria docemente, mas havia alguma coisa naqueles olhos, alguma coisa dolorida e viva, que às vezes se coloria de felicidade e às vezes se contraía até doer. Era um brilho intermitente. Ela o beijou na boca, e ele retribuiu. Por fim, disse: “Você, você, seu malandro... Não respondeu a nenhuma das minhas últimas

cartas. Eu cheguei a pensar...”

Jan pôs o indicador sobre os lábios dela: “Srta. Grant! Onde eu estava não havia correio. Onde eu estava não havia nada que remetesse à vida, a

não ser as lembranças.”

Ela o puxou para dentro da sala e fechou a porta atrás de si. Não queria

os vizinhos a bisbilhotá-la. Deu um passo atrás para olhá-lo melhor, para abarcá-lo inteiro, tão bonito quanto um soldado de filme numa guerra de brincadeira e, sem querer, empurrou a segunda taça com o calcanhar

descalço. A taça tombou, bateu contra a parede e trincou-se.

“Ah, meu Deus”, gemeu Elizabeth. “Quebrei as duas. Que desastrada que eu sou... E agora?”, perguntou-lhe, rindo.

Jan buscou com os olhos as taças quebradas, viu a garrafa de vinho

aberta num canto. “Não se preocupe”, disse ele rindo. “Beberemos no

gargalo. Mas não agora... Depois. Não esperei nove meses para fazer um brinde com você.”

“Esperou para quê?”

Jan tomou-a nos braços. “Vamos lá para dentro que eu mostro. Você

ainda tem aquela cama?” Ela aquiesceu. “Vazia?”, perguntou ele.

“Você foi o primeiro e será o último, kaprale.”

“Vou levá-la no colo. Não quero que você pise num caco de vidro e

estrague tudo. Chega de ataduras entre nós.”

Ela se deixou levar alegremente. Pouco lhe importava o mundo lá fora.

Os russos controlavam Viena e Berlim, a Bulgária, a Romênia e a Polônia, mas naquele instante ela não daria um trocado para mudar a situação na Europa. Tudo que lhe interessava estava ali, entre aquelas quatro paredes.

Tinham sido nove meses intermináveis, e seria muita imprudência da sua

parte gastar um instante que fosse daquela noite pensando no dia de

amanhã e em tudo de irremediável que ele lhe traria.

O velho na fotografia:

Como tudo nesta história termina ou deriva de um retrato, entre dois retratos pode caber uma vida. Foi assim com o primogênito de Janek. Um

retrato em 1939, outro retrato em 47; depois outro, já com a pequena Irenka no colo da sua mãe. E, por fim, aquela carta vazia de imagens, apenas

um envelope pardo e a letra trêmula do meu filho voejando sobre a linha azul, como um pássaro sem coragem de pousar.

Guardei por muitos anos os retratos de Janeczek numa caixa de papel, até que eu mesmo desapareci da vida e as minhas coisas, que eram tão poucas, provavelmente foram parar naquela mesma caixa, brigando por

espaço com a fotografia de um menininho loiro e um pouco triste, que talvez sempre soubesse o destino de todos nós.

Então que eu mesmo virei um retrato lá no Brasil, na casa de dois

andares que o Janek construiu quando voltou da guerra. Um retrato com uma tarja preta num aparador da sala de estar; um retrato diante do qual

meu filho rezava, obrigando suas crianças a fazerem o mesmo, embora hoje

eu possa imaginar que elas deviam ter tanto carinho por mim quanto por

uma esponja. Por que me guardariam afeto se jamais me conheceram?

Presentes, nunca os mandei. A Polônia na qual consumi os dias da minha velhice era um lugar triste, que transformou seus velhos em mendigos. Nas

cartas que eu escrevia ao meu filho, nunca pude me esquivar de certos pedidos — se não para mim, para a matka. Quisera eu ter mandado alguma

coisa para aqueles netos, alguma coisa além da minha bênção, que de muito não valeu. Mas um mar inteiro é muita água, e nem toda a vontade do mundo poderia com os escritórios e a burocracia bolcheviques: aos

poloneses, a Polônia. Estávamos presos na nossa garrafa, condenados a

morrer de asfixia, enquanto no Brasil os netos cresciam num mundo novo

em folha, pasmados de futuro, sem desconfiar de onde tinham vindo. Sem

desconfiar que atrás deles havia um precipício de histórias para sempre perdidas.

Tudo aqui nestas páginas faz parte de um mundo que se acabou. Nunca

mais um homem deixará para trás a sua pátria de forma tão irreversível como os poloneses deixaram a Polônia no século XIX e no começo do século

XX. Naquele tempo, as partidas eram sem volta: ia-se com a alma, as roupas

enfiadas numa trouxa de pano e o coração dividido entre esperança e

medo. Ia-se para sempre, em busca de um futuro, em busca, se não de riqueza, de dignidade. Não que os homens de hoje estejam parados num único lugar. Ao contrário, mesmo aqui desta caixa onde me escondo, posso

vê-los, apressados todos, em seus trens transcontinentais e seus aviões supersônicos, cruzando o mundo em horas, ligados aos seus computadores,

celulares e *bips* e *paggers* — bichos eletrônicos como este em que esta história se vai tatuando, imprimindo-se na tela luminosa como uma estrela

vivendo numa gaiola de plástico. Eu sou uma fotografia sobre a mesa e, daqui, desvendo a topografia desse milagre eletrônico. No meu tempo,

usava-se a caneta e ainda a pena, quando eu era menino. Mas o meu tempo,

como eu disse, findou-se. As pessoas desapareciam na bruma das distâncias

invencíveis, e anos inteiros se passavam sem que uma única palavra nos chegasse. Hoje, não; hoje os homens viajam, vão e vêm carregando suas almas extenuadas e seus corpos vitaminados, pobres anjos que não sabem

mais voar sem o auxílio do metal e da tecnologia.

A viagem que Janek e tantos outros fizeram era um precipício a dividir a

vida em duas partes para sempre desencaixadas. Não havia retorno...

Semanas no mar, centenas de criaturas enfiadas num navio rumo ao desconhecido. Não havia folhetos, *folders*, fotografias. O dinheiro não era devolvido no caso de um incidente, só havia os riscos. Assim Janek partiu

em busca de semear seu futuro nas terras brasileiras, e então veio a guerra

e piorou ainda mais as coisas. Ah, isso tudo faz muito tempo... Eu mesmo sou uma criatura pré-histórica impressa aqui nesta fotografia, e meu

tataraneto, quando me vê, ri das minhas vestes e imagina que sou um boneco caolho, uma brincadeira, um fantoche sem palco. Seu julgamento

não está tão longe assim da verdade: eu não passo de um títere esquecido

pelos anos, amarfanhado pelas gavetas, sujo de pó, pisoteado pelos

nazistas, humilhado pelos russos e ignorado pelos americanos. Eu sou

parte de uma cifra nos livros de história, eu sou o nome que já não se pronuncia mais. Eu sou a sombra. A raiz sob a terra... Eu já nem sou, esta é

a verdade.

Mas acho graça dos sorrisos do tataraneto, da sua curiosidade, herança da própria mãe, cuja mão desenhava teimosamente estas linhas, colorindo-as de invenção.

Eu acho graça do tataraneto e o bendigo, esse menino inquieto como o sol. Alguma coisa dele começou a se formar ainda muitos anos atrás, quando meu primogênito entrou na nossa casa em Terebin e anunciou solenemente que estava de partida para o Brasil. Alguma coisa desse menino loiro, de graúdos olhos negros, nasceu naquele derradeiro instante, na nossa pequena sala em Terebin. Eu ainda me lembro bem... Era verão, e o ano, 1936. Fazia sol, estávamos todos em casa, e Aniela sovava o pão. Mas disso eu não guardo qualquer retrato, e vocês terão de acreditar na minha palavra.

Hrubieszów, 5 de maio de 1946.

Querido filho!

Hoje recebemos tua carta, que esperamos ansiosamente durante sete anos em busca de alguma informação. Por isso estamos respondendo imediatamente. . Enfim, tuas notícias vieram como um céu estrelado.

Agora moramos em Hrubieszów. Nossa colônia foi completamente

queimada em 43. Em 4 de outubro, às onze horas da noite, ucranianos cercaram a nossa colônia armados de metralhadoras e imediatamente

atearam fogo em tudo. Quem procurou fugir, eles mataram. Assim, mataram

o filho do Turek. Na nossa casa, mataram a avó (sic) e Aniela — ambas foram queimadas, porque justamente estavam em visita à nossa casa devido ao que

aconteceu com Stach em Mietko, que ainda em março foi expulso da colônia

pelos alemães. Eles expulsaram todos os poloneses, entregando tudo aos ucranianos. Stach, com a esposa e o filhinho, a avó e Aniela, estiveram atrás do arame farpado durante treze semanas.

Foi um milagre que os tenham soltado em vez de levá-los para Auschwitz,

onde teriam morrido. Em vez disso, mandaram Stach trabalhar para um alemão perto de Zamosc, e lá ele trabalhou, ganhando pão e água, durante

um ano. A avó e Aniela foram queimadas porque estavam de cama e não puderam fugir. Na colônia, muitas outras pessoas morreram queimadas.

Mataram o Ignacy e a sua filha casada com Kalbarczyk. Mataram a esposa de

Józef, a nora de Janek e tantos outros. .

Na nossa família (sic). . Nós fugimos para Hrubieszów, mas nem aqui podíamos ficar, porque os ucranianos nos matariam. Então fugimos para Lublin. No caminho, fui muito machucado e perdi um olho, agora tenho os nervos totalmente destruídos e não posso trabalhar. Estive no hospital em Lublin por cinco meses, sendo alimentado por sonda, pois lá, no hospital, os médicos decidiram tirar os dentes que não haviam sido quebrados pelos ucranianos. Agora já falo, embora pouco seja compreensível. Em Lublin, ficamos até a chegada dos exércitos russo e polonês. Agora voltamos para Hrubieszów, onde procuro trabalho no que dá e faço um pouco de comércio,

apenas para sobreviver. Em Terebin, tudo foi completamente queimado, até

as ferramentas e os animais que nós tínhamos.

Józek e Wladek, meu genro, estiveram presos em Majdanek, que era o campo de concentração que os alemães usavam como campo de extermínio

— lá, a cada dia, havia centenas de cadáveres para serem queimados. Józek e Wladek ficaram lá durante sete meses e, com eles, também Wladek Sobarek,

Stefan Wilczek, Ignacy Gesla e muitos outros. Józek, Wladek e Gesla voltaram vivos; os outros morreram lá. Morreram também Novorek, Skiba e Janek Kalbarczyk. Além do campo de Majdanek, outro ponto de extermínio foi no Castelo, onde mataram e torturaram centenas, até milhares de pessoas.

Semelhantes locais de morte havia na Polônia às centenas.

Wladek Szewczyk, teu cunhado, foi mobilizado em 39. Foi ferido e preso pelos alemães e levado para a Alemanha, onde trabalhou para um alemão por dois anos e meio. Nós fazíamos todo o possível junto às autoridades alemãs para conseguir a sua libertação, alegando que não tínhamos ninguém

para trabalhar no campo. Primeiro os alemães mandaram outro homem, mas, finalmente, libertaram Wladek. Ele esteve conosco algumas semanas, e

novamente o levaram para Majdanek, onde consegui sobreviver. Agora, ele e tua irmã Helena moram perto de Zamosc, têm uma filha de sete anos, Danusia, e um menino de dois anos e meio, Tadzio. Lá

também moram Turki,

Sobaszek Wladek, Stefan e Matyjaskowa, porque o Matyjaszek morreu antes

da guerra, e o filho deles morreu na guerra, no norte da Polônia, onde o nosso Wladek esteve e foi ferido. Józek e Mietek estão conosco agora — eles haviam sido levados pela polícia; Mietek foi solto após alguns meses, depois Józek.

Stach foi preso faz algumas semanas, e no fim de maio haverá um julgamento em Zamosc.

Tua mãe ficou muito abalada com esses acontecimentos todos, tem

problemas principalmente nas pernas e no coração. Preocupamo-nos muito com Stach, mas quando recebemos a tua carta, nós choramos todos de alegria, porque estás vivo. A mãe, depois da carta, parecia ter recebido do céu um grande tesouro, e reviveu.

Querido filho, perguntas se não precisamos de ajuda, que tu podes nos ajudar. É verdade que agora não temos nada e precisamos trabalhar para viver, mas não queremos ser um peso para ti, que podes te ver prejudicado com isso. Fazes como achares melhor. . Da colônia não nos sobrou nada. O

mato cobriu tudo, exatamente como depois da Primeira Guerra Mundial.

Durante a ocupação alemã aqui na Polônia, metade da população

pereceu, todos mortos pelos alemães e ucranianos. Por isso, vamos indo como dá. Teus irmãos Stach e Mietek vão um pouco melhor do que nós, mas Helena

também não vai bem de vida.

Nosso endereço é: Polonia, woj. Lubelskie — Hrubieszów, plac Wolności, 38.

Com isso terminamos nossa carta, querido filho, nós te abraçamos e beijamos, entregando-te nas mãos de Deus, e de todo o coração agradecemos

a Ele porque tu estás vivo. Carinhosas saudações para tua esposa e filho. Eu já escrevi para tua esposa, só não sei se ela recebeu a minha carta. Também Stach, Mietek, Hela com os filhos e seu marido, Wladek, enviam abraços. Teus

pais, Jan e Aniela, te abençoam e abraçam.

Tua mulher não nos escreveu nem uma vez, embora escrevamos para ela em

cada carta para ti. No que se refere aos pacotes, soube que tem gente que os recebe da América. Então, se achas possível, manda um pouco de roupas. Mas

faças como achares melhor.

Mais uma vez, abraços de Jan e Aniela.

(1950, sete anos depois de os alemães

invadirem a colônia de Mietko.)

Da janela por onde Janeczek mira a ruazinha deserta, tudo parece se perder num calor brumoso que prenuncia chuva. Ele ouviu a mãe dizer que a chuva virá. O pai, quando voltou do trabalho à hora do almoço, tinha dito que a chuva viria. No pátio, a roupa está suspensa no varal como uma fileira de enforcados. Nenhuma brisa passeia pela tarde, somente este céu de um nebuloso azul que se vai tingindo de chumbo para os lados do poente. As pedras do calçamento coruscam por causa do calor, esse calor que o confunde, que o entristece, que o desarma. As outras crianças tomam banho de balde, de tanque, de piscina. Mas ele não, ele não pode. Enfermiço, magro e cansado, Janeczek não sabe o que é ser criança. Ah, sim, conhece o amor e a doçura dos adultos, conhece também a piedade. Tudo que lhe chega é travestido de piedade. As outras crianças, quando as vê na rua, riem e brincam e recebem ralhos dos pais. Ele, não. Só ele trilha as calçadas pela mão da mãe. Obedientemente vivendo seus dias de menino doente. As outras crianças vão à escola, Janeczek vai ao hospital. Todas as tardes, faz já um ano. Hoje não foi ao hospital. Não sabe bem por que deixaram-no em casa, e em casa ele não sabe bem o que fazer. A mãe o pusera para dormir e depois foi ninar a irmãzinha, mas Janeczek fugiu de sob os lençóis. Fugiu e está aqui, com esses olhos grandes, tristes, esses olhos como os de um gato que vacila diante da presença de um cachorro. Desobedeceu à mãe e tem vergonha disso. Sim, queria ir à rua procurar outros meninos, jogar bafo ou bolinha de gude. Mas a rua está deserta. Brumosa. Lacônica. As pedras do calçamento coruscam por causa do calor. Reluzem dentro dos seus olhos. Ele pisca. Abre e fecha as pálpebras riscadinhas de veias, e

suas pupilas da cor de ouro velho vêm através e além do vidro da janela.

Através e além da ruazinha silenciosa.

Vêm um outro menino. Um menino parecido com ele.

Não pode explicar como, mas conhece esse menino. Ambos têm o

mesmo nome e sorriem um para o outro. Este Janeczek olha através do vidro. O outro Janeczek olha por trás de uma tela de arame farpado. E se acenam. Duas mãozinhas brancas, de longos dedos. “Sou Janeczek, de

Mietko”, diz aquele. “Seu primo.” Seus lábios não se mexem. “Sou Janeczek, de Porto Alegre”, diz este, o filho de Anna. “Não sei se somos parentes, mas temos os olhos iguais. Os olhos do meu pai.” O outro ri. “Os olhos do meu pai”, ele repete. “Os olhos da nossa avó Aniela.”

O nome fica retumbando dentro de Janeczek. Aniela. Aniela. Aniela.

Aquela que manda cartas. Aquela que recebe casacos, pacotes de chá, que seguem pelo correio. A avó que ele nunca viu. Ele repete em voz baixa:

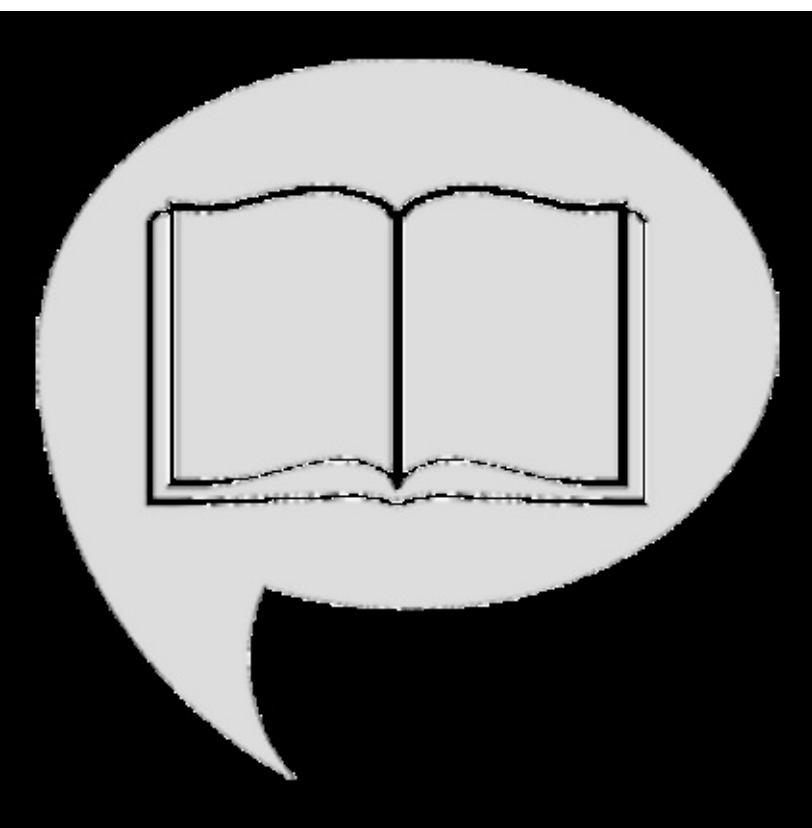
“Aniela.” As nuvens de chumbo se aproximam cheias de preguiça de fazer a chuva. Rebrilha a ruazinha com um sol fraco e, no quintal, as roupas jazem

penduradas no arame à espera do ferro de passar. No quarto de Irenka, Anna acorda de um sono leve. Ela calça as chinelas e desce os degraus da

escada bem devagar para não acordar as crianças. Mas ao chegar à sala, encontra Janeczek olhando pela janela. Sorri, complacente na sua surpresa.

“O que você faz aí, mój synu? Eu não tinha deixado você na sua cama?”, pergunta ela.

O menino se sobressalta ao ouvir a voz macia da mãe, e nesse momento



tudo ganha os velhos contornos de outrora. Para além do vidro, para além

da rua quieta e do Tempo, *o outro* lhe acena e desaparece. Janeczek não sabe dizer por que, mas sabe que *o outro* se foi. Não se encontrarão mais nos sonhos, nem através dos vidros da janela. Porque ele, Janeczek,

também vai fazer a travessia.

Lá fora, no mundo, somente as lajes se estendem ao sol pálido da

modorrenta tarde de março.

FIM

Pequeno glossário

A.K. (Armia Krajowa) — exército polonês de livre resistência, formado durante a ocupação alemã, que lutou ativamente durante a Segunda Guerra,

e em conjunto com o governo polonês no exílio, para libertar a Polônia das garras do invasor.

A.L. (Armia Ludowa) — exército popular favorável aos russos, formado pelo proletariado e adversário da A.K.

babka — avó

Bezpieka — uma combinação das palavras *bezpieczeństwo* e *opieka* — a primeira palavra era uma parte

do nome do Urząd Bezpieczeństwa, ou UB

(Serviço de Segurança soviético); já *opieka* significa “proteção”. Mas a palavra *bez* significa “sem”. Ou seja, sem proteção. Assim, a *Bezpieka* era um comando formado, em grande parte, por oficiais russos e controlado pela NKVD, mas seus soldados eram, na maioria, poloneses arrebanhados como

voluntários nos *gulags* da Rússia ou antigos praças da *Armia Krajowa* que

eram forçados a participar do comando. A *Bezpieka* mantinha a ordem na Polônia ocupada pelos soviéticos.

Bóg — Deus

Boze mój Boze — Deus, meu Deus.

Dziękuję — obrigada

dwa — dois

hitlerowcy — nazistas

jeden — um

Jezu — Jesus

kochana — querida

kochany — querido

mama — mãe

mamusia — mamãezinha

matka — mãe

mój/moja — meu, minha

pá — tchau

pan — senhor

pani — senhora

Polska Walczaca — Polônia na luta. O símbolo desta frase, pichada em todos os lugares onde os membros da A.K. efetuavam suas ações, era uma

combinação das letras P e W, que formavam uma espécie de âncora, o

símbolo da esperança.

szwaby — termo polonês pejorativo usado em relação aos alemães; equivalente a *boches*, em francês. No singular, *szwab*.

tata — papai

tatus — papaizinho

trzy — três

woda — água

wojna — guerra

Uma explicação

As palavras e os nomes próprios que constam deste romance mantêm a

grafia original polonesa, mas foram eliminados certos acentos e cedilhas que não fazem parte da língua portuguesa. O mesmo acontece com nomes

de cidades e regiões da Polônia.